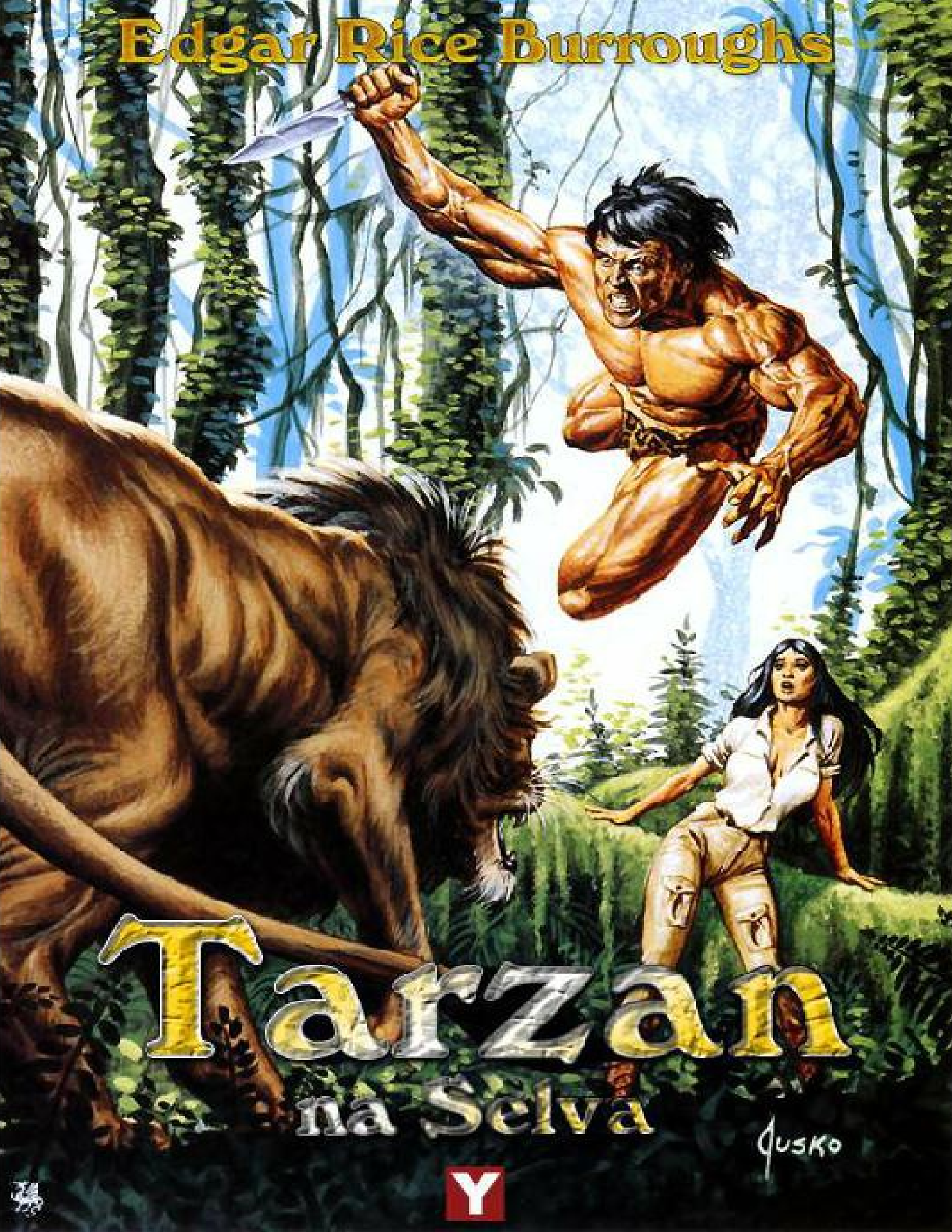


Edgar Rice Burroughs



Tarzan

na Selva

QUSKO





Edgar Rice Burroughs

Tarzan
na Selva

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tradução de

AZEVEDO AMARAL

“CODIL” COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS

SÃO PAULO

Do original norte-americano:

JUNGLE TALES OF TARZAN

1959

CAPÍTULO 1

Primeiro amor de Tarzan

TEEKA, voluptuosamente estirada à sombra da floresta tropical, oferecia por certo um quadro vivamente provocador de formosura feminina e moça. Assim pelo menos ela se afigurava a Tarzan dos Macacos que, de cócoras em um galho oscilante e rasteiro de uma das árvores próximas, a espreitava atentamente.

Vendo-o assim a balançar-se suavemente naquele ramo da gigantesca árvore tropical, com a pele morena e cravejada de manchas douradas que o fulgurante sol equatorial sobre ela lançava pelas frestas da verde cúpula de folhagem, o corpo liso e musculoso em elegante abandono, a cabeça bem esculpida meio voltada na contemplação de alguma coisa, sobre a qual se fixavam, como querendo devorar o seu alvo, aqueles olhos azulados, sonhadores e inteligentes, alguém bem poderia tomá-lo por um semideus antigo.

Não se adivinharia que ele na infância mamara ao peito de uma hedionda e peluda macaca e que, desde que perdera os pais em um casebre à beira da enseada que as terras apertavam lá pela orla da floresta, a sua consciência só registrara idéias despertadas no convívio com os macacos e macacos rabugentos da tribo de Kerchak, o grande macaco. E se alguém pudesse ler os pensamentos que atravessavam aquele cérebro vibrante e sadio, ou conhecesse os desejos, as aspirações e as ânsias que a contemplação de Teeka nele despertavam, bem pouco inclinado se sentiria a aceitar como verdadeira a história do homem-macaco. Nem se poderia dos seus pensamentos ter um vislumbre da verdade sobre a sua origem, nascendo de uma fidalga senhora inglesa e tendo como progenitor um nobre também inglês cuja linhagem podia ser acompanhada em um longo e honroso passado.

Mas para o próprio Tarzan dos Macacos se perdera a verdade da sua origem. Não sabia que era John Clayton, Lorde Greystoke, com direito a uma cadeira na Câmara dos Lordes, e, se viesse a sabê-lo, ficaria sem entender o que isso significava.

Sim, Teeka era realmente bela!

Sem dúvida, Kala também fora bela, as mães são sempre belas para os filhos. Mas Teeka tinha uma beleza peculiar, os seus encantos apresentavam-se sob uma forma inconfundível, que Tarzan começava a perceber de um modo muito vago e confuso.

Durante anos Tarzan e Teeka tinham brincado como bons camaradas. Teeka continuara brincalhona, enquanto os macacos machos de sua idade se tornavam rapidamente macambúzios e briguentos. Se Tarzan raciocinasse sobre o seu afeto por

Teeka, certamente o atribuiria ao fato de terem ambos permanecido alegres e travessos, ao passo que os seus companheiros de infância não mostravam mais desejo de brincar. Mas naquele dia Tarzan reparava na beleza das formas e das linhas de Teeka, o que nunca fizera antes, por isso que elas nada tinham a ver com a destreza de Teeka a correr pelas baixadas da floresta quando brincavam de pegar ou de esconder, jogos primitivos que a imaginação de Tarzan espontaneamente inventara.

Tarzan mergulhou os dedos na vasta cabeleira preta que lhe caía pelos lados da face juvenil e bem modelada, cocando a cabeça e suspirando. A beleza de Teeka, que ele acabava de descobrir, fazia-o chegar quase ao desespero. Invejava-lhe o lindo pêlo que cobria o seu corpo. Com um rancor feito de ódio e de desprezo detestava a sua pele morena e glabra. Anos antes, acariciara a esperança de que o seu corpo se viesse também a cobrir de pêlos espessos, como o dos seus irmãos e irmãs, mas afinal fora obrigado a renunciar ao seu sonho delicioso. E Teeka também tinha aqueles grandes e fortes dentes, menores sem dúvida que os dos machos, mas diante dos quais faziam triste figura os seus dentinhos brancos e frágeis. E Tarzan pensava na fronte proeminente de Teeka, no seu nariz achatado e largo e na sua boca ampla e arredondada. Muitas vezes ele tentara arredondar a sua boca, inchando as bochechas, ao mesmo tempo que piscava rapidamente os olhos. Mas desolado teve de reconhecer que nunca o faria com aquela graça irresistível que Teeka sabia dar àquele gesto.

Naquela tarde enquanto Tarzan observava Teeka e assim divagava, um grande macaco que estivera preguiçosamente escavando a terra úmida junto à raiz de uma árvore em busca de alimento, encaminhou-se desajeitadamente para Teeka. Outros macacos da tribo de Kerchak vagavam como que distraídos ou deitavam-se preguiçosos ao calor da selva equatorial. De quando em quando, um deles passava junto a Teeka e Tarzan não se preocupava com isso. Por que teria ele então franzido a testa e cerrado os lábios, quando Taug se aproximou dela e veio acocorar-se ao seu lado?

Tarzan sempre gostara de Taug. Desde a infância brincavam juntos. Um ao lado do outro iam agachar-se à beira do regato, com os seus dedos ágeis e vigorosos prontos para agarrar Pisah, o peixe, se porventura aquele cauteloso habitante das águas frescas do fundo do riacho sucumbisse à tentação de apanhar os insetos que Tarzan lançava à superfície da água.

Juntos haviam dado dentadas em Tublat e se divertido em perseguir Numa, o leão. Por que então sentiria ele arrepiarem-se-lhe os cabelos até a nuca, somente porque Taug se ia assentar ao lado de Teeka?

É verdade que Taug já não era mais o macaco brincalhão de outros tempos. Agora

quando Taug arreganhava os beijos com os seus músculos possantes, pondo à mostra a formidável dentadura, ninguém veria nele o companheiro alegre de Tarzan a divertir-se na relva com o homem-macaco em combates simulados. Hoje, Taug era um enorme macaco, rebarbativo, sombrio e rabugento. E contudo ele e Tarzan nunca haviam brigado.

Por alguns minutos o homem-macaco observou atentamente Taug que se encostara a Teeka. De repente Taug acariciou com a manopla robusta o ombro escorregadio da macaca e Tarzan súbito saltou ao chão em um pulo de gato, encaminhando-se para os dois que bem juntinhos pareciam não contar com aquele inesperado aparecimento. E Tarzan, arreganhando o lábio, deixou à mostra a fileira alva dos seus dentes afiados, enquanto um profundo ronco de cólera irrompia do seu peito. Taug fixou sobre ele os seus olhos congestos, que piscavam nervosamente. Teeka empertigando o corpo encarou Tarzan, quem sabe se compreendendo o motivo da agitação que empolgava o homem-macaco. Fosse como fosse ela era bem feminina e, mostrando apreender a situação, pôs-se a cocar com os seus dedos rijos a nuca de Taug, acariciando-lhe o dorso da orelha achatada.

Teeka produziu sobre Tarzan o efeito que ela poderia esperar do seu gesto, se porventura a situação provocasse no seu cérebro o desenvolvimento de um raciocínio. O homem-macaco, ao vê-la assim a amimar a cabeça do grande mono, sentiu que ela se transfigurara, não sendo para ele mais a antiga companheira de brinquedos, mas alguma coisa de maravilhoso, para cuja posse ele agora se sentia disposto a combater, enfrentando até a morte, Taug ou qualquer outro que se atrevesse a disputar-lhe a propriedade daquela deliciosa criatura. Encurvando com a boca tensa e os músculos contraídos, Tarzan dos Macacos avançou para o felpudo macho, aproximando-se vagarosamente dele em atitude agressiva. O seu rosto voltado para a terra era quase invisível ao adversário, mas os olhos vivos e azulados fixavam-se insistentes sobre o macaco e do seu peito partiam roncoss mais profundos e fortes, à medida que ele se aproximava do inimigo.

Taug levantou-se sobre as pernas curtas e em um súbito movimento elástico. Com os dentes prontos para o combate, esgueirou-se também com os músculos rijos, soltando surdos e raivosos roncoss.

— Teeka é de Tarzan, murmurou o homem-macaco nos baixos acentos guturais em que se comunicavam os antropóides.

— Teeka é de Taug, respondeu o macaco, cada vez mais excitado pela perspectiva do combate.

Despertando da sesta em que cochilavam, Taka, Nungo e Gunto voltaram-se ainda meio sonolentos, ao pressentirem a luta dos dois machos, que vinha quebrar a monotonia enfadonha da vida na selva.

Enrolada ao ombro trazia Tarzan a sua longa corda de cipó e a sua mão empunhava a faca de caça que pertencera a um pai para ele desconhecido. O pequeno cérebro de Taug entreteinha um mal definido mas terrível medo da ponta acerada de metal, que o adolescente homem-macaco sabia manejar com tanta destreza. Com aquele pedaço de ferro Tarzan havia morto Tublat, o seu feroz padrasto e também havia dado cabo de Bolgani, o gorila. Taug sabia muito bem disso e aproximou-se muito cautelosamente do homem-macaco, rodeando-o à espreita de um momento propício para o assalto. Tarzan por seu turno, cômico da inferioridade do seu porte e dos seus meios naturais de combate, observava cautelosamente os movimentos do adversário.

Por algum tempo pareceu que o incidente acabaria como em geral acontecia em brigas entre os membros da tribo, que depois de se aprestarem para o combate não chegavam afinal a vias de fato, acabando os contendores por se separarem, como que desinteressados da luta e indo cada um cuidar da sua vida. Isto teria provavelmente acontecido, se outro fosse o *casus belli*. Mas Teeka ficara lisonjeada pela atenção de que se tornara centro e por ver aqueles dois jovens machos prontos a pelejar por causa dela. Tal coisa nunca lhe sucedera na sua vida de macaca adolescente. Assistira a combates travados entre outros machos por causa de fêmeas mais velhas que ela e no íntimo do seu pequenino coração acariciara sempre o desejo de ver a grama da selva avermelhada pelo sangue derramado em um combate mortal, em que ela fosse o objeto disputado.

Agora chegara o momento tantas vezes ambicionado, e acorada majestosamente sobre as pernas, Teeka ia apreciar o combate e incitava os contendores, insultando-os com displicente imparcialidade. A ambos vociferava imprecações, acusando-os de covardia e insultava-os, chamando-os de Histah, a serpente, e de Dango, a hiena. Ameaçou-os de ir chamar Munga para castigá-los. Era a suprema ofensa aos beligerantes indecisos, porque Munga era uma macaca tão velha e tão fraca, que não podia trepar às árvores e por falta de dentes era obrigada a reduzir o seu repasto a bananas e minhocas.

Os macacos que assistiam à cena puseram-se a rir. Taug ficou furioso e deu um bote sobre Tarzan. Mas o homem-macaco destramente escapou ao assalto e com a rapidez de um gato pulou imediatamente para o lado inimigo, vindo colocar-se de novo junto a ele, pronto para o ataque. Com a mão levantada empunhando a faca, Tarzan visava o pescoço do macaco para desfechar-lhe um golpe mortal. Mas Taug escapou célere, abaixando-se ágilmente, de modo que a faca, em vez de atingir o alvo, lhe feriu apenas o ombro de raspão.

O esguicho do sangue provocou um grito de prazer de Teeka, que parecia exclamar: “Ah! afinal consigo alguma coisa que vale a pena!” E com um olhar de

triunfo certificou-se de que os macacos que assistiam ao combate haviam testemunhado aquela prova do seu prestígio. Helena de Tróia por certo nunca tivera um momento de maior soberba.

E não estivesse Teeka tão absorvida pelo seu triunfo e certamente teria notado o sussurro das folhas da árvore, a cuja sombra se achava. E não podia ser o vento que assim agitava a folhagem, pelo motivo muito simples de que o ar estava completamente parado. Bastaria que ela olhasse de relance para cima e teria reconhecido uma forma flexuosa que se agachava sobre um galho e dois olhos amarelo-esverdeados e maus, que vorazmente a encaravam com ameaçadora fixidez. Mas o combate dos dois rivais absorvia completamente a macaca.

Taug, ferido, batia em retirada, uivando horivelmente. Tarzan perseguia-o, proferindo roncões guturais de insulto e brandindo ameaçadora a lâmina ensanguentada com que o golpeará. Teeka afastou-se da árvore, para poder apreciar mais de perto os movimentos dos duelistas. Então o grande galho sob o qual ela estivera assistindo ao combate, moveu-se em uma oscilação mais forte ao peso do outro espectador, que ali estava à espreita. Taug estacou e preparava-se para voltar à carga ao adversário. Os seus lábios espumavam e pelos cantos corria a saliva que lhe molhava as fortes maxilas. Esticando os braços longos, o macaco estava evidentemente preparando um ataque decisivo a Tarzan. Conseguisse ele pôr aquelas formidáveis manoplas na pele macia do inimigo e a batalha estaria ganha. O macaco considerava desleais os métodos de combate de Tarzan. Este não se aproximava do adversário, compreendendo a inferioridade em que se colocaria, se chegasse ao alcance dos braços longos e dos dedos temíveis de Taug.

Era a primeira vez que o homem-macaco media forças com um mono em luta séria. Até então os combates em que se empenhara eram simples simulacros no curso dos brinquedos juvenis. Não tinha, portanto, confiança na força dos seus músculos para contar com eles em uma luta de vida ou de morte. Sem dúvida Tarzan não estava com medo, porque não sabia o que era medo. Mas o instinto de conservação o tornava prudente. Arriscava-se apenas até o ponto em que o exigiam as circunstâncias da luta e nessas ocasiões não recuava diante do perigo.

O seu processo de luta era o mais apropriado ao seu corpo e às armas de que dispunha. Os seus dentes, apesar de fortes e afiados, não podiam medir-se em capacidade ofensiva com a formidável dentadura do antropóide. Dançando ágilmente em redor do inimigo, Tarzan podia atingi-lo em um momento propício com a ponta da sua comprida faca de caça, evitando ao mesmo tempo os terríveis ferimentos que certamente receberia, se fosse apanhado pelas mãos vigorosas do macaco.

Taug, curvado, arremessou-se como um touro e Tarzan saltitando elegantemente recuava e avançava, proferindo insultos grosseiros contra o inimigo que, de quando

em, quando, tocava com a ponta da sua faca. Havia pausas no combate e os adversários ficavam um diante do outro ofegantes e a planejar um novo golpe, aguardando o momento para renovar o assalto. Foi em uma dessas pausas que Taug, levantando os olhos e vagueando o olhar pela copa das árvores, subitamente mudou de aspecto. Os sinais da raiva dissiparam-se e a fisionomia do macaco passou a exprimir simplesmente terror.

Com um grito que toda a tribo percebeu logo o que significava, Taug disparou em fuga. Não havia necessidade de interrogá-lo, o seu brado de alarma bastava para anunciar a presença do velho inimigo dos macacos.

Tarzan também partiu às carreiras, procurando abrigo, como faziam todos os outros membros da tribo. Mas de repente houve um grito lancinante em que se exprimia o pavor da macaca. Taug também ouviu o mesmo grito, mas não interrompeu a sua fuga. Tarzan parou, impelido por um instinto de que não compartilhavam os macacos, e voltou-se para ver se algum dos membros da tribo estava em perigo iminente de ser atacado pela fera. E o que os seus olhos viram, encheu-o de horror.

Fora Teeka quem gritara ao atravessar a clareira para buscar refúgio nos altos ramos de uma árvore próxima, enquanto Sheeta, a pantera, a perseguia em saltos ágeis, e graciosos. Sheeta não parecia estar apressada. O seu bocado estava garantido. Mesmo que a macaca conseguisse chegar ao pé da árvore antes dela, não poderia trepar em tempo de escapar às suas garras.

Tarzan viu que Teeka ia morrer. Chamou Taug e os outros macacos para que viessem em socorro dela e correu para a pantera, ao mesmo tempo que desenrolava a corda de cipó suspensa ao seu ombro. Tarzan sabia muito bem que, quando os antropóides se decidiam a lutar, nenhuma criatura da selva, nem mesmo Numa, o leão, mostrava desejo de medir forças com eles. Se aqueles que por acaso ali se achavam presentes se dispusessem a uma carga resoluta contra Sheeta, o terrível gato selvagem certamente daria as costas e fugiria assustado.

Mas Taug e os outros macacos não pareciam inclinados a vir em socorro de Tarzan, nem a salvar Teeka do perigo que a ameaçava. Sheeta aproximava-se cada vez mais da sua presa.

O homem-macaco compreendeu instantaneamente a situação e dando um pulo na direção da fera gritou em voz forte, a fim de sobressaltá-la e fazê-la voltar-se ou pelo menos distrair-se por alguns momentos, dando tempo a que Teeka trepasse para os galhos mais altos, até onde a pantera não podia subir. Dirigiu insultos à fera, concitando-a a que viesse lutar com ele, mas Sheeta, sem prestar-lhe atenção, prosseguiu firme no encalço do bom-bocado, que se achava já quase ao alcance das suas garras.

Tarzan não estava longe da pantera, mas esta se aproximara tanto da macaca, que ele pouca esperança podia entreter de chegar até a fera, antes de ela ter apanhado Teeka. Com a mão direita levantada acima da cabeça Tarzan corria, atirando a corda de cipó em um movimento destro, para laçar a pantera. Temia errar a laçada, porque nunca dantes tivera ensejo de usar a corda a uma distância tão grande. Separava-o do animal todo o comprimento da corda e do sucesso do golpe dependia a situação, porque nada mais havia a fazer. Não lhe era possível chegar a tempo de enterrar a sua faca no flanco de Sheeta, antes de ter ela agarrado a macaca. A laçada era a única esperança.

Exatamente quando Teeka saltava ao galho baixo de uma das árvores e a fera armava o bote final para apanhá-la, a corda de Tarzan, arremessada com um movimento ágil, estendeu-se como uma serpente, ao mesmo tempo que o laço em que ela terminava pairou por um instante sobre a cabeça redonda e mandíbulas arreganhadas de Sheeta, vindo cair ao redor do pescoço musculoso do temível inimigo dos macacos. Com um rápido movimento de pulso, o homem-macaco apertou o laço, preparando-se logo para enfrentar a pantera, quando ela voltasse a si da surpresa.

As garras cruéis do felino estavam a roçar as ancas luzidias da macaca, no momento em que a laçada de Tarzan sustou o bote de Sheeta, que por vim momento ficou imóvel, perdendo logo o equilíbrio e caindo de costas, enquanto Teeka se ia colocar em lugar seguro na ramagem alta da árvore.

Mas imediatamente o grande gato estava de novo sobre as patas, agitando a cauda, os olhos faiscando de raiva, a boca entreaberta e a rugir em tons roucos, que bem exprimiam a raiva e o desapontamento pela perda da presa que já julgava sua.

O homem-macaco que lhe causara aquela desagradável surpresa, ali estava a pouco mais de uma dúzia de metros e Sheeta, sem vacilar, arremeteu contra ele. Tarzan, relanceando o olhar pela copa da árvore em que Teeka escapara por um triz do bote da pantera, verificou que a macaca estava a bom recato em um dos ramos mais altos, até onde debalde o felino tentaria chegar. Célere, Tarzan compreendeu toda a situação, reconhecendo que seria inútil medir forças com a fera em uma luta desigual, cujo desfecho não lhe poderia ser favorável. Mas conseguiria ele escapar ao temível inimigo que o atacava? Tarzan sentiu que a sua situação era séria. As árvores onde poderia procurar abrigo estavam a uma distância que não conseguiria vencer antes de ser apanhado pela pantera. Não lhe restava, pois alternativa senão preparar-se para enfrentar o assalto. Empunhava na mão direita a faca de caça, que não era entretanto mais que um instrumento inofensivo diante dos formidáveis dentes que se enfileiravam nas mandíbulas de Sheeta e das garras agudas, que ele bem sabia estarem escondidas traiçoeiramente nas suas patas aveludadas. Mas do íntimo

do jovem Lorde Greystoke irrompeu então alguma coisa indistinta e remota e, sem trepidar, preparou-se para receber a carga furiosa do adversário tão esmagadoramente superior com a mesma corajosa resignação com que alguns dos seus longínquos antepassados se haviam precipitado para a derrota e para a morte pela encosta de Senlac Hill, nos arredores de Hastings.

Em lugar seguro, no cimo das árvores, os grandes antropóides assistiam ao espetáculo, soltando uivos de ódio contra Sheeta e procurando guiar Tarzan, porque naturalmente aqueles ascendentes do homem não eram destituídos de muitos traços humanos. Teeka, da copa da árvore em que se refugiara, gritava desesperadamente, concitando os macacos a socorrerem Tarzan. Mas os espectadores preferiam dar conselhos ao combatente e fazer horríveis caretas à pantera furiosa. Afinal de contas Tarzan não era um autêntico Mangam' e por que haviam então eles de arriscar a vida para socorrê-lo?

Sheeta estava a tocar o corpo delicado e nu do rapaz, mas quando atingiu o alvo, Tarzan já não estava ali. O grande gato era rápido nos seus movimentos, mas o homem-macaco era ainda mais ágil nos seus saltos. Exatamente quando a garra da fera ia apanhá-lo, pulara para o lado, desapontando o inimigo, que se arremessou para diante, enquanto Tarzan corria para a árvore mais próxima.

Mas a pantera sem demora se recompôs e partiu de novo no encalço do rapaz, arrastando atrás de si a corda de cipó com que o seu adversário a laçara. Na carreira em perseguição de Tarzan, Sheeta passou ao redor de um pequeno arbusto. Seria um obstáculo insignificante para qualquer habitante da selva com o corpo e a força da pantera, se esta não arrastasse a corda do laço, que se emaranhou no arbusto, forçando subitamente a fera a estacar. Em poucos segundos o homem-macaco estava são e salvo nos altos galhos de uma árvore próxima, onde Sheeta não podia ir apanhá-lo.

Empoleirado no seu posto de segurança, Tarzan começou a proferir impropérios, provocando e insultando a pantera. Então os outros membros da tribo romperam um bombardeio terrível, arremessando sobre Sheeta cocos e galhos secos. A fera, cara vez mais irritada, agitava-se freneticamente sem poder escapar, até que conseguiu arrebentar a corda de cipó. Ao ver-se livre enfim, Sheeta encarou raivosamente os seus apedrejadores e, parecendo ter compreendido que a batalha estava perdida, fez meia-volta, pondo-se a correr e desaparecendo no meio da intrincada vegetação da selva.

Meia hora mais tarde toda a tribo descia das árvores e voltava a procurar alimento, como se nada tivesse ocorrido para quebrar a rotina da sua vida monótona. Tarzan, que encontrara a sua corda de cipó, aproveitava a maior parte que dela restava para fazer um novo laço, quando Teeka a ele se chegou com um gesto que

não deixava dúvida sobre a escolha que fizera. De longe Taug os encarava emburrado. E quando o grande macaco passou uma vez por perto deles, Teelca arreganhou-lhe os dentes e uivou e Tarzan também lhe mostrou as presas em gesto de provocação, mas Taug não aceitou o desafio e foi-se sem querer brigar. Evidentemente, em conformidade com as praxes da tribo, ele se resignava à sorte do combate, em que disputara as preferências da fêmea. Estava vencido e parecia considerar o caso liquidado.

Mais tarde no correr do dia, tendo preparado de novo o seu laço, Tarzan foi trepar às árvores à espreita da caça. Precisava muito mais de carne que os seus companheiros de tribo. Enquanto estes se satisfaziam comendo frutas, ervas e insetos, Tarzan sentia a necessidade de uma alimentação mais forte reclamada pelo seu estômago, para nutrir os rijos músculos, que de dia para dia se intumesciam cada vez mais sob a sua pele lisa e morena. Assim, enquanto os macacos encontravam a refeição sem grande trabalho vagueando pela selva, ele era obrigado a um esforço muito mais penoso na caça dos animais, cuja carne lhe era indispensável.

Taug vira Tarzan afastar-se e, continuando na sua busca de alimento, aproximara-se muito casualmente de Teeka e, olhando-a de relance, verificou que a macaca não dava sinais de entreter sentimentos hostis para com ele. Então Taug aos saltos e arfando o peito enquanto dava roncões, mostrando a sua dentadura, avizinhou-se da fêmea. Os dentes do grande macaco eram incontestavelmente esplêndidos e Teeka não podia deixar de reconhecê-lo. Os seus olhos pousavam cheios de admiração sobre a bela fronte fugitiva do macho e depois se compraziam em apreciar o seu pescoço musculoso. Taug era por certo uma bela criatura.

A atitude de Teeka animou Taug que, orgulhoso ao ver tanta admiração nos olhos da fêmea, se empertigou vaidoso como um pavão. Dentro em pouco o macaco estava a recapitular mentalmente os seus atributos de beleza comparando-os com os do seu rival e, depois de ter completado o balanço, chegou à conclusão da sua indiscutível superioridade. Realmente, quem poderia comparar o seu belo pêlo com o hediondo couro glabro e liso de Tarzan? Quem seria capaz de achar encanto no mesquinho nariz do Tarmangani, depois de ter visto as largas narinas de Taug? E os olhos de Tarzan? Que coisa horrível, a mostrarem o branco, sem um risco de sangue! Taug sabia como eram lindos os seus olhos avermelhados, porque muitas vezes os contemplara envaidecido a refletirem-se na superfície lisa das poças d'água em que ia matar a sede.

E assim pensando, o grande macaco chegou-se a Teeka, indo acocorar-se ao lado dela. E quando Tarzan voltou mais tarde da caça, deparou-se-lhe o quadro dos dois macacos bem juntinhos e Teeka a cocar carinhosamente as costas de Taug.

Tarzan ficou enojado. E sem que tivesse sido percebido pelo par amoroso,

desapareceu rápido por entre as árvores, dirigindo-se para uma clareira da selva. Dali ainda observou pelo meio do arvoredo o casal de macacos e depois, com uma contração de tristeza, meteu-se por sob a abóbada verde, abrindo caminho através das franjas de vegetação, onde pouco antes ele andara a caçar.

Tarzan queria estar longe da causa dos seus pesares. O homem-macaco sofria o seu primeiro desapontamento de amor e entretanto não compreendia o que nele se estava passando. Acreditava estar zangado com Taug e não compreendia por que tinha fugido, em vez de ir enfrentar em uma luta mortal o destruidor da sua felicidade.

Parecia-lhe também estar zangado com Teeka, contudo os seus traços de beleza obsedavam o seu espírito e ele só pensava nela com um sentimento de amor, considerando-a a coisa mais desejável que existia no mundo.

O homem-macaco sentia uma fome de afeto e de carinho. Até o momento em que a seta envenenada de Kulonga lhe varara o peito, Kala havia sido para o inglesinho, desde os seus primeiros dias de vida, o único objeto de ternura que ele conheceu. A seu modo bravio, Kala amara o filho adotivo e Tarzan correspondera ao seu afeto, embora as manifestações que lhe fazia não fossem diferentes das que se poderiam esperar de qualquer outro animal da floresta. Somente depois de havê-la perdido, Tarzan compreendera como fora grande a afeição que dedicara à sua mãe, porque assim pelo menos ele sempre a considerara.

No correr das últimas horas o homem-macaco vira em Teeka a sucessora de Kala. Alguém por quem ele teria de combater, alguém para quem ele iria caçar e a quem acariciaria nas horas de lazer. Mas o sonho tinha-se desfeito. Sentia uma opressão no peito e, pondo sobre ele a mão, interrogava-se perplexo sobre o que se estava passando. Vagamente percebia que Teeka era a causa da sua angústia. E quanto mais pensava em Teeka, recordando-se de que a vira animar Taug, mais dolorosa se tornava a sensação que lhe oprimia o peito.

Tarzan sacudiu a cabeça gemendo e pôs-se a vagar pela selva. E à medida que se afastava e pensava mais profundamente no mal que lhe haviam feito, ia-se tornando um incurável inimigo das fêmeas.

Passaram-se dois dias e Tarzan, que andava à caça, sempre desgostoso e rabugento, mantinha-se firme no propósito de não voltar mais ao convívio da tribo. A idéia de que teria de ver Teeka e Taug sempre juntos lhe era positivamente intolerável. E quando uma vez estava a balançar-se em um grande galho, viu Numa, o leão, e Sabor, a leoa, passearem por baixo dele, um bem encostado ao outro, Sabor fazendo carícias e batendo com a pata no focinho de Numa. Tarzan suspirando atirou uma noz sobre eles.

Mais tarde Tarzan descobriu na selva um grupo de guerreiros negros de Mbonga e já se apressava para lançar o seu laço ao pescoço de um deles que se distanciara dos outros, quando começou a interessar-se em ver o que eles estavam fazendo. Os negros armaram uma gaiola com alçapão e em seguida a disfarçaram com folhas, de modo a torná-la invisível.

Tarzan eslava perplexo sem poder adivinhar o que pretendiam os negros com aquilo e porque, depois de terminado o trabalho, haviam voltado para a sua aldeia, parando de vez em quando para observarem de longe o que haviam feito.

Havia já algum tempo que Tarzan costumava aproximar-se da aldeia de Mbonga, escondendo-se nas árvores próximas à paliçada, para observar o que os negros faziam. O homem-macaco os odiava, porque dali saíra o matador de Kala.

Mas, apesar disso, interessava-o muitíssimo a vida que eles levavam na aldeia. Atraíam-no particularmente as danças em que à noite os negros, ao clarão das fogueiras que se refletia nos seus corpos nus, faziam movimentos ágeis, imitando os seus gestos de guerra e simulando combates que despertavam em Tarzan um sentimento que, sem ele saber porque, o aproximava mais dos terríveis inimigos da tribo de macacos, com que vivera desde a primeira infância. Foi, por certo, na esperança de assistir mais uma vez a essas danças que tanto o fascinavam, que ele acompanhou de longe os negros até às árvores mais juntas da paliçada. Mas teve um desapontamento, porque nessa noite não houve danças na aldeia.

Do seu esconderijo, em vez de assistir às danças com que contara, o homem-macaco não viu mais que grupos conversando e provavelmente discutindo os casos do dia, enquanto pelos cantos ficavam isolados pares que riam e cochichavam. Todos esses pares eram formados por um rapaz e uma rapariga.

Tarzan repousou a cabeça e começou a pensar. Antes de ter conseguido conciliar o sono, agachado na forquilha de um galho da grande árvore à beira da paliçada da aldeia de Mbonga, Tarzan tinha o espírito absorvido pela imagem de Teeka, que depois lhe viria encher os sonhos, em que com ela se misturariam também as figuras dos jovens negros conversando e rindo com as mulheres moças da sua tribo.

Taug, adiantando-se na caçada, afastara-se do resto da tribo. Assim, viera cair em um trilho de elefante, pelo qual foi seguindo até esbarrar em um obstáculo que lhe tomava o caminho e parecia formado por vegetação rasteira. Taug, que acabava de atingir a maturidade, era um animal de maus bofes e sujeito a crises de raiva. Quando alguma coisa se lhe opunha, a sua única idéia era vencer a resistência por meio da força bruta e da ferocidade. Assim, pois, deparando-se-lhe um obstáculo, sem hesitação arremeteu pela folhagem e avançou até ir esbarrar em outro e este decididamente intransponível. Vendo que não podia continuar a caminho, Taug voltou-se e grande foi a sua surpresa ao verificar que a retirada estava cortada. Os

esforços desesperados que fizera para avançar haviam feito cair o alçapão e o macaco estava agora prisioneiro. Não se conformando com a situação, começou a investir furiosamente em todas as direções, mas a gaiola armada pelos negros era forte e a musculatura de Taug não conseguiu restituir-lhe a liberdade. Afinal, exausto, resignou-se ao inevitável.

Ao amanhecer um grupo de negros deixou a aldeia de Mbonga, dirigindo-se para o lugar onde na véspera haviam colocado a armadilha. Escondido entre a ramagem das árvores um jovem gigante acompanhava vivamente o que faziam os selvagens, movido pela curiosidade intensa que caracteriza os seres bravios. Manu, o mico, tagarelava e ao ver Tarzan passar dirigiu-lhe gritos de mau humor. Apesar de não ter medo da figura -já tão familiar do homem-macaco, o mico agarrou-se fortemente ao corpinho castanho da sua companheira. Tarzan sorriu, mas logo que os seus olhos se fixaram sobre o casal de símios uma tristeza súbita o empolgou e um suspiro profundo emergiu-lhe do peito.

Um pouco além, um pássaro de plumagem viva saltitava ao redor da companheira que o admirava, como se estivesse a comparar com o fulgor das suas penas as tonalidades muito mais sóbrias da sua indumentária natural. Parecia a Tarzan que tudo na selva conspirava para lembrar-lhe a perda de Teeka. E contudo tantas vezes ele vira esses mesmos quadros da vida da floresta, sem ligar-lhes a mínima importância.

Quando os negros se aproximaram da armadilha, Taug começou a ficar vivamente emocionado. Agarrando-se às barras da sua prisão, sacudia-as freneticamente, berrando e uivando em um tom terrível. Os negros estavam deliciados. Não haviam por certo feito a armadilha para apanhar um felpudo antropóide, mas estavam encantados com aquela presa inesperada.

Tarzan, ao escutar o grito que lhe era tão conhecido de um macaco da tribo, pôs o ouvido alerta e começou a andar à roda, até encontrar uma posição, em que o vento, soprando do lado da armadilha, lhe permitisse sentir o cheiro do prisioneiro. Não tardou em que as suas delicadas narinas verificassem a identidade deste com tanta certeza como se tivesse Taug diante dos seus olhos. Não havia dúvida, Taug estava preso na armadilha e Tarzan não tinha mais rival.

O homem-macaco trazia na face um sorriso maldoso ao imaginar o que fariam os negros do seu prisioneiro. Sem dúvida, eles dariam cabo de Taug imediatamente. E ao pensar nisso Tarzan continuava a sorrir com um prazer ainda mais perverso. Agora Teeka seria dele só e ninguém mais no mundo lhe disputaria a sua posse.

Entretanto os guerreiros negros não mataram logo Taug. Em vez disso, amarraram cordas à cobertura da gaiola e começaram a arrastá-la pela selva na direção da aldeia.

Tarzan ficou observando a marcha, até que o grupo desapareceu, ouvindo-se ainda ao longe os uivos e as ameaças de Taug sempre agarrado furiosamente às grades da sua prisão. O homem-macaco apressadamente foi caminhando pelos galhos das árvores na direção da tribo e na ânsia de encontrar Teeka o mais depressa possível. Enquanto caminhava reparou que, em uma clareira cheia de vegetação rasteira, Sheeta repousava em família. A pantera estirava-se ao comprido em uma atitude de abandono, enquanto a sua companheira acariciava com uma das patas o focinho feroz do seu senhor e lambia carinhosamente o veludo branco do seu pescoço.

Tarzan correu ainda mais, atravessando quase que em um vôo a mataria, chegando sem demora à tribo dos grandes macacos. Tarzan os viu primeiro que eles o percebessem, porque entre os antropóides nenhum sabia correr tão suave e silenciosamente como o homem-macaco. Lá estavam Kama e sua companheira comendo juntos e esfregando-se um ao outro em carinhosa languidez. Teeka também comia, mas estava sozinha. Mas assim não ficaria ela por mais tempo, porque Tarzan logo estaria ao seu lado.

A tribo sobressaltou-se e exprimiu em um coro zangado o susto que Tarzan lhes pregara com a sua súbita aparição. Mas não fora apenas o choque da sua brusca chegada que perturbara a tribo. Mesmo depois de se terem recomposto da surpresa, os macacos continuavam agitados, com o pêlo do pescoço eriçado, dando inequívocos sinais de inquietação e desconfiança. Não era a primeira vez que isso sucedia. Tarzan verificava sempre que, quando voltava de uma excursão mais longa, a tribo permanecia por algum tempo nervosa, como se não lhe bastasse reconhecer a sua figura familiar. A calma só se restabelecia depois de terem os antropóides se aproximado cautelosamente do homem-macaco, farejando-o muitas vezes, até se convencerem de que era realmente o filho adotivo dos Manganis.

Tarzan abriu caminho por entre os antropóides e foi ter diretamente a Teeka, mas quando se aproximou ela também se afastou, movida pela mesma desconfiança.

— Teeka, é Tarzan! gritou o homem-macaco. Você me pertence e eu venho para ficar em sua companhia.

A macaca criou então coragem e chegou-se prudentemente, cheirando-o repetidas vezes, até certificar-se bem da sua identidade.

— Onde está Taug? perguntou ansiosa a Tarzan.

— Os Gomanganis o apanharam e vão matá-lo, respondeu ele.

Nos olhos de Teeka relanceou uma expressão inteligente, em que a perturbação se associava a uma nuvem de tristeza. Teeka compreendera a sorte de Taug e fora empolgada pelo pesar. Mas tudo isso foi rápido e poucos momentos após Teeka aconchegava-se a Tarzan em uma atitude carinhosa. E ele, Lorde Greystoke, passou-

lhe o braço em afetuoso amplexo.

Mas no momento em que abraçava Teeka, Tarzan teve um sobressalto e no seu espírito delineou-se vivamente a idéia da incongruência daquele braço glabro e moreno a acariciar a negra pele felpuda da sua estranha dama. Lembrou-se da fêmea de Sheeta a mimar com a pata o focinho da pantera. Nisso não havia nada de chocante. Veio-lhe à memória o quadro do pequeno Manu abraçando a sua companheira e pareceu-lhe que um fora feito para o outro. Mesmo entre os pássaros de cores brilhantes e a sua esposa de plumagem tão mais sóbria havia uma semelhança muito grande. E Numa, o leão, se não fosse a sua juba, seria um complemento perfeito de Sabor, a leoa. Os machos e as fêmeas eram certamente diferentes, mas não havia entre eles um contraste tão profundo como entre Tarzan e Teeka.

Tarzan via-se em face de um enigma. Havia naquilo uma coisa que não estava direita. Deixou cair o seu braço do ombro de Teeka e afastou-se vagarosamente dela. A macaca olhou-o com a cabeça inclinada. Tarzan firmou-se nos calcanhares e, dilatando o peito, desfechou sobre ele um forte golpe com o punho. Levantou a fronte para o céu e, escancarando a boca, arrancou do fundo dos seus pulmões o bravio grito de vitória dos grandes machos da tribo.

Os macacos voltaram-se curiosos para observá-lo. Tarzan não matara animal algum, nem havia ali nenhum adversário que ele estivesse desafiando. Não havia, portanto explicação para aquele grito. E os antropóides voltaram ao seu repasto, mas um tanto desconfiados e relanceando de quando em vez o olhar para o homem-macaco, com se estivessem receosos de que ele de repente começasse a fazer loucuras. Entretanto, pouco depois Tarzan subia a uma árvore e desaparecia na selva. Os macacos não pensaram mais nele, nem em Teeka.

Os negros guerreiros de Mbonga iam penosamente arrastando pela selva a gaiola em que Taug continuava a vociferar raivosamente contra o seu destino. A caminhada os fatigava e eles faziam freqüentes paradas, demorando assim a chegada à sua aldeia. A monotonia da viagem era apenas quebrada por Taug que, cada vez que o grupo se punha em movimento arrastando a gaiola, recomeçava os impropérios, uivando horivelmente e nunca desistindo de fazer esforços frenéticos para despedaçar as grades da prisão, em que tão desastradamente fora cair.

Os negros tinham quase completado a jornada e paravam para o último repouso, antes de chegarem à grande clareira em que se levantava a paliçada da sua aldeia. Mais alguns minutos de marcha, e estariam eles fora da selva e não teria por certo acontecido o que veio a suceder.

Uma figura silenciosa movia-se pelas árvores por sobre os negros que descansavam. Do alto da copa frondosa dois olhos vivos examinavam a gaiola e

contavam quantos guerreiros negros ali se achavam. Um cérebro ativo calculava as probabilidades de êxito de um certo plano que ia organizando.

Tarzan observava os negros estirados preguiçosamente à sombra. Estavam evidentemente exaustos. Alguns deles já dormiam. Tarzan gatinhava pelos galhos das árvores exatamente em cima deles. Nenhuma folha sussurrava à sua passagem furtiva. Aguardava o momento com a infinita paciência de um animal de presa. Dentro em pouco somente dois dos negros estavam acordados e um destes já começava a cochilar.

Tarzan preparou-se para agir e precisamente no momento em que o fazia, o negro que ainda não estava dormindo levantou-se e foi colocar-se atrás da gaiola. O homem-macaco achava-se em um galho justamente sobre a cabeça do negro. Taug olhava para o guerreiro e continuava a vociferar e a agitar-se. Tarzan receava que o antropóide acordasse os negros adormecidos. Em um murmúrio inaudível ao negro, chamou por Taug e ordenou-lhe que ficasse quieto. O macaco cessou imediatamente a gritaria.

O negro aproximara-se da gaiola para verificar se as amarras estavam sólidas e achava-se absorvido com esse exame, quando da árvore acima a fera invisível caiu em cheio sobre as suas costas. Dedos de aço apertaram-lhe a garganta, afogando o grito que ia irromper dos lábios do homem aterrorizado. Dentes vigorosos cravaram-se nos ombros do negro e pernas robustas comprimiam-lhe os flancos.

O negro, possuído de um pavor frenético, tentava desvencilhar-se da criatura silenciosa que se agarrava terrivelmente a ele. Atirou-se ao chão, rolando de um lado para outro, mas as mãos formidáveis lhe apertavam cada vez mais a garganta. A boca do negro espumava, a língua intumescida saía-lhe dos lábios e os olhos saltavam das órbitas, e os dedos implacáveis iam aumentando sempre e sempre a pressão constritora.

Taug assistia silencioso à luta. No seu cérebro rudimentar, ele por certo procurava indagar que motivo podia levar Tarzan a fazer aquilo com o negro. O antropóide não se esquecera ainda do seu combate com Tarzan por causa de Teeka. Acompanhando a luta, Taug viu de repente a espuma que saía da boca do Gomangani tornar-se fluida ao mesmo tempo que o seu corpo era agitado por fortes convulsões. O negro ficou imóvel.

Tarzan largou a sua presa e correu para a gaiola. Com os dedos destros desamarrou as presilhas que ligavam a porta, levantando-a cerca de meio metro, de modo a dar bastante espaço para que Taug, que até então assistia perplexo ao que se passara, pudesse engatinhar para fora da sua prisão. O antropóide mostrou desejo de ir tirar a sua desforra dos negros que dormiam, mas Tarzan não consentiu.

Em vez disso, o homem-macaco arrastou o cadáver do negro para dentro da gaiola, encostando-o às grades. Em seguida abaixou a porta e amarrou de novo as presilhas, deixando-as tais quais as encontrara.

E enquanto completava a execução do seu plano, Tarzan sorria maliciosamente, porque um dos seus divertimentos prediletos era pregar peças aos negros da aldeia de Mbonga. Imaginava o terror que se apoderaria dos negros ao descobrirem na gaiola o companheiro morto em lugar do macaco que ali haviam deixado prisioneiro alguns minutos antes.

O homem-macaco e Taug treparam céleres à galhada das árvores e puseram-se a caminho da tribo dos antropóides. E os dois atravessaram a selva primitiva lado a lado, o pêlo áspero do antropóide roçando a pele macia do jovem Lorde Greystoke.

— Taug, exclamou Tarzan, volte para Teeka, ela é tua, eu não a quero.

— Tarzan teria encontrado outra fêmea? perguntou o macaco.

Sacudindo os ombros, o homem-macaco retrucou:

— Para o Gomangani há uma Gomangani para Numa o leão, há Sabor, a leoa, Sheeta tem uma fêmea da sua raça, Bara, a corça, Manu, o mico, todos os animais e pássaros da floresta têm a sua companheira. Mas para Tarzan dos Macacos não há quem possa ser sua companheira. Taug é um macaco. Teeka é uma macaca. Vá viver com Teeka, Tarzan é um homem e viverá sozinho.

CAPÍTULO 2

Tarzan capturado

Os GUERREIROS negros labutavam na sombra abafadiça da floresta quente e úmida. Com os seus chuços de combate revolviam e esfarelavam a tabatinga, disposta em espessas camadas por sob o tapete de folhas e paus apodrecidos. Esgaravatavam a terra remexida com os dedos armados de grandes unhas e iam atirando para os lados os torrões e assim descobrindo o fundo da velha pista de caça. De vez em quando paravam o trabalho e de cócoras, à beira do buraco Que estavam abrindo, começavam a tagarelar, mexericando e rindo gostosamente.

Aos troncos das árvores próximas encostavam-se os seus longos escudos ovais de couro de búfalo e também os chuços dos que estavam esgaravatando a terra e limpando o buraco. O suor tornava-lhes reluzente a pele lisa de ébano, por sob a qual se percebiam os músculos rotundos e flexíveis, patenteando a saúde ainda não contaminada na vida pura em plena natureza.

Um veado que caminhava cautelosamente pela pista à procura d'água, estacou subitamente ao ouvir sobressaltado uma estrepitosa gargalhada. Por alguns momentos o animal permaneceu imóvel como uma estátua, mas as suas narinas sensíveis lhe revelaram logo a aterradora presença do homem, e, voltando-se célere, pôs-se a correr sem fazer ruído.

A uns cem metros além, mergulhando no emaranhado impenetrável da selva, Numa, o leão, levantou a possante cabeça. Numa tinha tido uma esplêndida ceia, que durara quase até o amanhecer e dormia tão profundamente que por certo somente um grande ruído o despertaria. Arrebitando o focinho e farejando em várias direções, Numa percebeu o cheiro acre do veado e a catinga forte do negro. Mas o leão estava saciado. Com um ronco de aborrecimento, ergueu-se e afastou-se dali.

Pássaros de plumagem brilhante voavam de uma árvore para outra soltando gritos ásperos. Os micos balanceavam-se nos galhos mais altos da copa verde da floresta por sobre os negros, na sua tagarelice confusa e parecendo empenhados em viva troca de reprimendas. Entretanto, todas aquelas criaturas estavam isoladas, porque a selva, apesar da exuberância de vida que nela palpita e com todas as suas vibrações que lembram a agitação de uma grande metrópole, é uma das coisas mais solitárias que existem em todo o universo.

Mas estariam sozinhos?

Acima deles, trepado em um dos últimos galhos de uma árvore oscilando suavemente, um rapaz esbelto e forte fixava os seus olhos azulados sobre o grupo de

negros, acompanhando atentamente todos os seus movimentos. Um ódio intenso ardia no coração do moço, recalcado pela sua curiosidade em descobrir o que estavam fazendo os guerreiros selvagens. Aqueles negros pertenciam à tribo de que também fazia parte o assassino de Kala, a sua adorada mãe de criação. Para essa gente ele não podia ter senão inimizade. Contudo, observava os inimigos, concentrando a atenção, a fim de aprender deles mais alguma coisa dos costumes dos homens.

Do seu posto de observação, o rapaz seguiu os trabalhos até ver que o buraco se aprofundara e se alargara, podendo conter no seu bojo os seus escavadores e escancarando-se por forma a tomar toda a largura do caminho. Tarzan não conseguia atinar porque se entregavam os negros a um tão pesado trabalho. E quando eles cortaram pedaços de paus e os afilaram no extremo superior, indo depois fincá-los no fundo do buraco, a surpresa e a perplexidade do homem-macaco atingiram o auge. Nem pôde Tarzan encontrar uma explicação para o que se passava, quando viu os negros cruzarem galhos de árvore sobre o buraco, formando uma espécie de grade e cobrindo depois tudo com folhas, de modo a ocultar inteiramente qualquer indício do trabalho que haviam feito.

Depois de tudo acabado, os negros examinaram atentamente e com evidentes sinais de satisfação o que haviam feito. Do alto Tarzan também observava, procurando descobrir a razão de tudo aquilo. Mesmo aos seus olhos tão exercitados, era impossível descobrir qualquer sinal de que o velho caminho de caça fora revolido e que por sob ele estava disfarçado o buraco preparado pelos selvagens.

E tão absorvido se achava o rapaz pela preocupação de descobrir o fim da escavação feita pelos negros, que os deixou irem-se embora, sem pregar-lhes os sustos que o haviam tornado o terror dos selvagens, e que representavam para Tarzan um modo de satisfazer o seu desejo de vingança e ao mesmo tempo um dos seus prediletos divertimentos. Intrigado, não podia decifrar o mistério do buraco disfarçado, porque os costumes e o pensamento dos negros eram ainda coisas estranhas a Tarzan. Eles haviam aparecido na sua selva pouco tempo antes, desafiando a supremacia imemorialmente desfrutada pelos animais que ali tinham o seu domínio. Para Numa, o leão, para Tantor, o elefante, para os grandes antropóides, para os macacos menores e para a infinidade de criaturas daquela floresta, os hábitos do homem eram desconhecidos. Todos os antigos habitantes da selva tinham muito a aprender com aquelas criaturas negras e sem pelo, que caminhavam eretas sobre os pés e essa aprendizagem era vagarosa e feita à custa de duras lições.

Logo que os negros desapareceram Tarzan desceu célere da árvore, escorregando até o caminho. Farejando suspeitosamente, aproximou-se do ponto onde os negros

havam cavado o buraco, afastou a folhagem que o encobria até achar um dos paus atravessados, cheirou-o e palpou-o, ficando com a cabeça inclinada a observá-lo durante muitos minutos. Depois deixou tudo como estava, coberto com as folhas, tal qual o haviam feito os negros. E trepando de novo às árvores, foi-se de galho em galho até os seus companheiros, os grandes macacos da tribo de Kerchak.

Antes de chegar ao seu destino, passou pela pista de Numa, o leão, e não perdeu a ocasião de atirar uma fruta madura ao seu inimigo, dirigindo-lhe insultos, chamando-o de comedor de carniça e irmão de Dango, a hiena. Numa voltou-se, fixando sobre Tarzan os seus olhos esverdeados que faiscavam de raiva. Rugidos surdos faziam vibrar a sua forte queixada e a excitação de cólera agitava a sua cauda em sinuosos movimentos nervosos. Mas a longa experiência de inutilidade de se medir a distância com o homem-macaco dissuadiu-o de prosseguir nas ameaças. Numa, ainda cheio de raiva, foi esconder-se no meio da vegetação, para escapar ao seu inatingível perseguidor. Este, fazendo uma careta e proferindo mais um insulto do vocabulário da selva, continuou o seu caminho.

Tinha andado de árvore em árvore mais uns dois quilômetros, quando o rondar do vento lhe trouxe às narinas sensíveis o odor forte que lhe era bem conhecido e que assinalava a vizinhança de um dos mais importantes moradores da selva. Momentos após surgia-lhe por entre a folhagem um vulto corpulento de um cinzento escuro, movendo-se pausadamente pela mata. Tarzan quebrou um pequeno galho e o estalido fez parar instantaneamente o vulto, donde se destacaram projetadas para diante duas enormes orelhas, enquanto a longa tromba se agitava no ar, procurando farejar o cheiro de algum inimigo e dois olhos pequenos e lânguidos perscrutavam debalde as circunvizinhanças à procura do causador daquele estranho ruído, que tão desagradavelmente interrompera a tranqüilidade do seu passeio.

Tarzan deu uma gargalhada e debruçando-se bem por sobre a cabeça do paquiderme, gritou-lhe do alto da árvore:

— Tantor! Tantor! Bara, a corça, é menos medrosa que você. O gigante da selva, como você, Tantor, que é tão forte quanto tantos Numas juntos, como os meus dedos dos pés e das mãos, você, o elefante, capaz de arrancar grandes árvores, fica a tremer de medo com o ruído de um quebrar de galho.

Um ronco surdo que podia ser um sinal de desprezo ou um suspiro de alívio, foi a única resposta do elefante. O paquiderme voltara à calma. E tranqüilo sobre a causa do incidente, deixou cair a tromba, encolheu as orelhas e abaixou a cauda. Mas os seus olhos ainda procuravam Tarzan. Não precisou, entretanto, muito tempo para saber onde ele estava porque o rapaz, em um segundo, se precipitava da árvore sobre a larga cabeça do seu velho amigo. Esticando-se sobre o dorso do elefante com os pés firmados sobre os seus flancos e acariciando com as mãos o couro mais

macio por baixo das suas grandes orelhas, Tarzan começou a contar ao paquiderme as notícias da selva como se ele pudesse entender todas as suas palavras.

Sem dúvida Tantor entendia muita coisa do que lhe ia dizendo, mas quem o visse a piscar os olhos e a oscilar vagarosamente a tromba, diria que ele estava apreciando com a maior atenção todas as palavras do homem-macaco. A verdade era que o elefante manifestava por aquela forma o prazer que lhe causavam as carícias que o rapaz lhe fazia às orelhas e a sonoridade da voz a que ele se habituara, desde que Tarzan, ainda criança, saltara uma vez, destemido, ao dorso da grande belonave da floresta, mostrando-lhe a mesma cordialidade que o paquiderme também espontaneamente sentira pelo menino.

No correr dos anos Tarzan descobrira possuir um inexplicável poder de governar e dirigir o seu poderoso amigo. Onde se encontrasse e desde que aos seus ouvidos aguçados chegavam os gritos de Tarzan a chamá-lo, Tantor imediatamente obedecia e apressava-se a ir encontrar o homem-macaco. E quando este montava à sua formidável cabeça, o paquiderme documente tomava a direção que Tarzan lhe ordenava. Era o poder do espírito do homem sobre o animal que se exercia, como se ambos compreendessem perfeitamente a situação, embora nenhum dos dois tivesse dela a mínima idéia.

Por uma meia hora, Tarzan permaneceu de bruços sobre a cabeça de Tantor. É claro que nenhum dos dois tinha noção do tempo que passava, porque na selva a vida era guiada apenas pela fome, sendo a única preocupação dos seus habitantes terem os estômagos cheios. Para Tarzan a tarefa era mais fácil que para Tantor, porque tendo um estômago menor e sendo onívoro lhe era mais simples encontrar a ração quotidiana. Quando não encontrava alimento de uma qualidade, tinha sempre ao alcance uma refeição de outra espécie. O seu apetite era muito menos exigente que o de Tantor, que só se alimentava da casca de certas árvores e da madeira de outras, enquanto que em outras só o atraíam as folhas e isto mesmo conforme a estação do ano.

Tantor precisava passar a maior parte do seu tempo enchendo o seu vasto estômago, para fazer face às enormes exigências de seu formidável corpo musculoso. Isto, aliás, acontece com todos os animais inferiores ao homem. A sua vida é por tal forma absorvida pela necessidade de procurar alimento, que não lhes resta lazer para outras preocupações que lhes permitam desenvolver as suas faculdades superiores. Não pode haver vislumbre de dúvida de que a essa circunstância é devido exclusivamente o fato de não poderem pensar e ficarem assim inibidos de desenvolver-se rapidamente como o homem.

Certamente estas coisas não preocupavam muito Tarzan e delas nem sequer cogitava Tantor. O homem-macaco sabia apenas que se sentia feliz na companhia do

elefante. Não sabia porque. Ignorava que sendo um ser humano normal e sadio tinha necessidade de aplicar o seu afeto a uma forma qualquer de vida. Os seus companheiros de infância, os antropóides da tribo de Kerchak, eram agora macacos adultos, abrutalhados e rabugentos, que não inspiravam afeto, nem o sentiam por ninguém. Tarzan gostava ainda de brincar de vez em quando com os macacos jovens da tribo. Mas embora amando-os à sua maneira selvagem, não encontrava neles satisfação e repouso para a sua ânsia de afetuosidade. Tantor era uma verdadeira montanha de calma, equilíbrio e estabilidade. Descansando sobre a possante cabeça do paquiderme, o homem-macaco sentia-se tranqüilo e repousado. E quando murmurava as coisas que emergiam do seu cérebro às grandes orelhas que pareciam mover-se, exprimindo compreensão das suas palavras, ia satisfazendo o desejo de sociabilidade característico da sua espécie e de que ele próprio não tinha entretanto consciência. Entre todos os habitantes da selva, Tantor era por certo o que mais afeto inspirava a Tarzan, desde que perdera Kala. Por vezes o rapaz sentia curiosidade em saber se o elefante correspondia ao seu afeto. Seria difícil dar-lhe uma resposta.

Afinal, a fome, o supremo imperativo da selva, fez Tarzan deixar o amigo para trepar de novo às árvores em busca de alimento. Tantor continuou o seu vagaroso passeio em direção oposta.

Durante uma hora Tarzan ocupou-se com o seu repasto. Um ninho que foi encontrar em um dos mais altos galhos de uma árvore proporcionou-lhe o seu predileto petisco quente e tenro. No cardápio do jantar figuraram ainda frutas, amoras silvestres, brotos de palmeiras. Mas estas coisas Tarzan só as ia comendo, quando encontrava no caminho. Nunca as procurava, porque para ele o único manjar delicioso era carne, carne, sempre carne, que Tarzan dos Macacos buscava ansiosamente quando a fome o aguilhoava. Mas muitas vezes, como lhe acontecera naquela tarde, a carne que encontrava não era bastante e via-se obrigado a completar a refeição com os outros alimentos, que desprezava sempre que a caçada era abundante. Enquanto Tarzan vagava pela galhada da selva frondosa, o seu espírito não se preocupava apenas com a procura do alimento. Tinha o costume de reconstituir mentalmente os fatos ocorridos nos últimos dias e revivia com maior intensidade ainda os episódios das últimas horas. Assim, recapitulou o seu encontro com Tantor e pensou muito na cena a que assistira, dos negros cavando o grande buraco e cobrindo-o depois de haverem ericado o fundo com paus-a-pique. Relembrando-se de todos os incidentes daquela estranha operação que o deixava tão perplexo, procurava encontrar uma explicação e não atinava com o objetivo visado pelos guerreiros negros. Raciocinava, fazia comparações e chegava a conclusões que nem sempre eram certas. Mas em todo caso Tarzan usava o seu cérebro para o fim a que o destinara o Criador e é preciso reconhecer que o fazia com a indiscutível

vantagem de pensar sem sofrer a influência das idéias alheias.

Absorto na meditação do enigma que não conseguia resolver, Tarzan subitamente foi varado por uma idéia que no seu cérebro esboçou vagamente mas com grande intensidade, a explicação do que vira horas antes estarem a fazer os negros de Mbonga. Imediatamente formou-se-lhe no espírito a imagem mental de uma enorme figura corpulenta, que avançava como uma grande mancha cinzento-escura em marcha vagarosa e solene por um trilho da floresta. Tarzan foi sobressaltado por súbito medo e como o homem-macaco não se demorava entre as idéias e a execução delas, pôs-se logo a correr por entre a espessa folhagem do arvoredor, antes mesmo que a finalidade do buraco feito pelos negros houvesse sido bem apreendida pela sua inteligência.

Pulando de um galho oscilante para outro, Tarzan corria vertiginosamente à meia altura da copa da floresta, onde a menor distância entre as árvores lhe permitia encurtar o caminho. Por vezes, quando o chão era livre, o homem-macaco pulava das árvores para correr mais velozmente sobre o tapete de vegetação, subindo de novo à fronde verde, quando o seu caminho era embaraçado pelo matagal rasteiro.

Na sua carreira ansiosa, punha de parte todas as cautelas. A prudência da fera era sobrepujada pela lealdade do homem. E assim, precipitou-se por uma grande clareira completamente desnuda de árvores, sem cogitar do que ali poderia estar ou do que do outro lado à borda da mata viria a tomar-lhe o caminho.

Tarzan tinha percorrido a metade da clareira quando, diante dele, levantaram vôo meia dúzia de periquitos, que se achavam escondidos em uma grande massa de capim alto. O homem-macaco instantaneamente saltou para o lado, porque bem sabia qual era o bicho de cuja presença davam sinal aquelas pequenas sentinelas. Ao mesmo tempo, Buto, o rinoceronte, saltou sobre as suas pernas curtas e avançou contra o inimigo sem direção e como que ao acaso, porque os seus olhos míopes não o auxiliavam no combate. Ninguém sabe dizer se os seus assaltos erráticos são devidos ao pânico que dele se apodera, levando-o a procurar escapar ao inimigo de qualquer modo, ou se tais movimentos desordenados provêm da extrema irascibilidade que geralmente se atribui àquele animal. A questão aliás não é de pouca importância para aquele contra quem Buto investe, porque se for por ele apanhado e sacudido é- muito provável que o assunto não o interesse mais.

Naquela ocasião aconteceu, porém, que Buto avançou diretamente sobre Tarzan, separado dele apenas por alguns metros de capim que dava pelos joelhos do rapaz. Por acaso o rinoceronte partiu na carreira diretamente sobre o homem-macaco e a distância era tão curta que a sua vista fraca lhe permitia fixar bem o inimigo. E com roncões breves e raivosos, precipitou-se sobre ele. Os periquitos esvoaçavam fazendo círculos por sobre o seu gigantesco tutor. Na franja da clareira mais vinte micos

sobressaltados pelos rancos do rinoceronte guinchavam furiosos e assustados, enquanto iam buscar abrigo no alto da copa das árvores. Só Tarzan parecia indiferente e sereno.

Firme ficou à espera do atacante. Não havia tempo de refugiar-se nas árvores que lhe ficavam para trás, nem Tarzan estava disposto a atrasar a sua caminhada por causa de Buto. Não era a primeira vez que encontrava aquela estúpida fera e tinha por ela um supremo desprezo.

Em poucos instantes Buto estava perto dele, com a cabeça abaixada e o longo e forte corno pronto a executar a obra mortífera para que o designara a natureza. Mas quando o rinoceronte alçou vigorosamente a cabeça para ferir o inimigo, este já havia escapado, com um salto de gato, pulando acima do chifre ameaçador e precipitando-se por sobre o corpulento costado do animal. Em um segundo o homem-macaco estava do outro lado e corria velozmente para o abrigo seguro das árvores que bordavam a clareira.

Buto, enfurecido e mistificado pelo súbito desaparecimento da sua presa, avançou freneticamente em uma direção que por acaso não era aquela em que fugia Tarzan. E assim o rapaz chegou ao arvoredor, enquanto a fera o procurava em vão.

Uma vez salvo do perigo, Tarzan prosseguiu aceleradamente na sua carreira através da selva. A uma certa distância além avistou Tantor, que avançava compassadamente pelo seu atalho habitual. Não muito longe do ponto a que chegara Tantor, lá estava um guerreiro negro de cócoras no meio do trilho, escutando atentamente. Mais alguns momentos, e pressentia o ruído pelo qual estava à espreita: o estalido seco que lhe anunciava a aproximação vagarosa de um elefante. À direita e à esquerda, escondidos na floresta, outros negros se achavam igualmente de alcatéia. Uma senha breve passou de um a outro e dentro de poucos segundos o mais afastado deles já estava informado da aproximação da caça. Rápidos, os negros correram para junto do caminho, tomando posição nas árvores do lado donde soprava o vento na direção do ponto por onde passaria Tantor. Esperaram pacientemente e afinal foram recompensados pelo aparecimento de uma tromba e de duas grandes presas de marfim que os sobressaltaram de alegria na antecipação do cobiçado despojo.

Logo que o elefante passou, os negros precipitaram-se dos galhos onde se achavam empoleirados e, chegando ao chão, em vez de continuarem calados prorromperam em gritos e começaram a bater palmas. Tantor, o elefante, estacou por um momento com a tromba levantada, a cauda empinada e as orelhas eriçadas. Após um momento de pausa prosseguiu no seu caminho, agora rapidamente, aproximando-se do buraco coberto e disfarçado, onde as estacas pontiagudas o aguardavam.

Na sua retaguarda, os guerreiros negros o acompanhavam engrossando a gritaria

cada vez mais, para incitar o elefante a correr e diminuir-lhe assim as chances de observar o caminho e descobrir qualquer coisa que o fizesse desconfiar da armadilha. Tantor, que fazendo meia volta poderia arremeter contra eles em uma carga formidável, fugia como um veado, indo precipitar-se em uma morte horrível e torturante.

Mais atrás se aproximava Tarzan, saltando como um esquilo pelos galhos das árvores e apressando-se ainda mais desde que ouvira o barulho feito pelos negros e cuja significação imediatamente compreendera. Para salvar o amigo, o homem-macaco soltou um grito de chamada que repercutiu pela selva. Mas Tantor, tomado de pânico, não o ouviu ou, se o escutou, não parou para atendê-lo.

Poucos metros distanciavam agora o gigantesco paquiderme da morte escondida no seu caminho. Os negros, julgando a partida ganha, davam largas à sua alegria, gritando, dançando e agitando os seus chuços de guerra. Antecipadamente rejubilavam, pensando no marfim que iam conquistar e na abundante comezaina de carne de elefante que lhes estava reservada para aquela noite.

Tão absortos estavam no regozijo da caçada feliz, que não perceberam Tarzan passando por sobre eles na copa das árvores. Tantor também não pressentiu o homem-macaco que insistentemente o chamava, dizendo-lhe que parasse.

Alguns passos mais e o elefante iria cair sobre as lascas afiadas que se ocultavam na armadilha. Tarzan, em um perfeito vôo através da folhagem, emparelhou com o animal, passou-lhe adiante e foi cair sobre o chão exatamente à beira do poço disfarçado. Tantor estava quase a precipitar-se sobre o rapaz, antes que os seus olhos fracos lhe permitissem reconhecer o seu velho amigo.

— Alto! exclamou Tarzan e o elefante estacou com as patas dianteiras no ar.

Com um pontapé, o homem-macaco sacudiu um pouco da folhagem que escondia o buraco e imediatamente Tantor compreendeu o que se passava.

— Prepare-se para lutar, disse surdamente Tarzan. Eles aí vêm atrás de você. Mas Tantor, o elefante, é um feixe de nervos e agora estava empolgado por um terror pânico. Diante dele abria-se o buraco assustador, aos lados estava a selva primitiva. O elefante nervosamente volveu à direita e com um ronco angustioso arremeteu pela mata, abrindo caminho por entre árvores que teriam sido barreira impenetrável a qualquer outra criatura do seu porte, que não possuísse como ele a força irresistível, com que Tantor foi abatendo obstáculos em uma carreira ruidosa.

Tarzan ficou de pé à borda do buraco, sorrindo da fuga vergonhosa do seu amigo. Os negros não tardariam a chegar. Era tempo de Tarzan dos Macacos sair dali. Mas quando ia mover-se apoiando no pé esquerdo o peso do corpo, a terra à beira do buraco cedeu e o homem-macaco perdeu o equilíbrio. Em um esforço hercúleo

tentou lançar-se para diante, era porém tarde. Caindo de costas, foi parar ao fundo por entre as aguçadas pontas dos paus.

Chegando alguns momentos, após, os negros viram logo que Tantor os tinha ludibriado, porque o pequeno buraco aberto na cobertura da armadilha não podia ter dado passagem ao corpo de um elefante. A princípio julgaram que o animal metera uma das patas, mas descobrira em tempo o buraco e retrocedera. Chegando, porém à beira do buraco, viram com assombro que no fundo jazia imóvel o corpo de um gigante branco.

Alguns dos negros já haviam visto de relance na floresta aquele deus e recuaram cheios de temor diante da presença daquele ser estranho, a que se haviam habituado a atribuir poderes milagrosos e demoníacos. Outros, mais corajosos e pensando apenas na presa que tinham feito, avançaram e, descendo à cova, levantaram Tarzan e o trouxeram para fora.

O corpo do homem-macaco não apresentava ferimentos, nem contusões. Nenhuma das pontas aguçadas o havia ferido. Apenas um grande calombo na base do crânio indicava a natureza da lesão que sofrera. Ao cair, a sua cabeça batera de raspão em uma das estacas e o choque o fizera perder os sentidos. Os negros verificaram logo isto e não perderam tempo em amarrar os braços e as pernas do prisioneiro antes que ele recobrasse os sentidos, porque se tinham acostumado a ter um grande respeito por aquele estranho animal branco, que costumava andar pelas árvores em companhia dos peludos antropóides.

Os negros carregaram Tarzan para a sua aldeia e não haviam ainda caminhado muito, quando as pálpebras do rapaz estremeceram e ele abriu os olhos, olhando ao redor como que intrigado e procurando compreender a situação em que se encontrava. Sem demora, Tarzan voltou a si e percebeu logo quanto era grave a sua posição. Habitado desde a primeira infância a confiar exclusivamente em si mesmo, o homem-macaco concentrou logo o seu pensamento na procura dos meios de escapar e que ele bem sabia que só podiam estar em si mesmo e nos recursos de que dispusesse.

Teve o cuidado de não experimentar a resistência dos laços que o prendiam diante dos negros, receando que os seus movimentos os fizessem desconfiar e os induzissem a reforçar as cordas.

Logo que os negros perceberam que Tarzan recobrou os sentidos e sentindo preguiça de carregar o prisioneiro até a aldeia, desligaram-lhe as pernas, obrigando-o a caminhar no meio deles, espetando-o de vez em quando com a ponta dos chuços, o que faziam entretanto por entre manifestações de temor supersticioso que a sua presença lhes inspirava.

E quando verificaram que as espetadelas não provocavam nenhuma expressão de sofrimento em Tarzan, o seu temor cresceu, ficando convencidos de que o gigante branco era um ser sobrenatural e, portanto, insensível à dor.

Ao aproximarem-se da aldeia, os negros ergueram os gritos de vitória da tribo, anunciando a presa que haviam feito, de modo que, quando o grupo chegou à abertura da paliçada, se achava reunida uma grande multidão de homens, mulheres e crianças para saudar os guerreiros que chegavam dançando e agitando os chuços e dos quais todos tinham curiosidade em ouvir a narrativa daquela aventura.

Quando a gente da aldeia deu com Tarzan, houve um movimento de assombro. De boca aberta e de olhos esgazeados, os negros não podiam cair em si, estupefatos e não acreditando no que viam. Durante meses, a tribo vivera aterrorizada com as histórias de um demônio branco, que apenas raríssimos dos seus membros tinham conseguido ver de relance e sobreviver para contar apavorados o que se lhes deparara na selva aos olhos espantados. Vários guerreiros haviam desaparecido quase junto à paliçada, sem que ninguém soubesse o que lhes acontecera e como se a terra os houvesse engolido. E à noite os seus cadáveres eram misteriosamente atirados para dentro da aldeia, parecendo cair do céu.

Aquela assustadora criatura havia aparecido por vezes à noite nas cabanas da aldeia, matando e deixando ao lado das suas vítimas sinais curiosos de um estranho senso humorístico.

Era esse inimigo que tanto os apavorava, que agora chegava prisioneiro à aldeia. Estava em poder dos guerreiros negros e não lhes poderia mais fazer mal. Pouco a pouco, no espírito dos selvagens se fez a luz sobre o que sucedera. O demônio branco pertencia-lhes agora.

Gritando, uma mulher avançou e deu uma bofetada em Tarzan. O exemplo foi imitado por outras e dentro em pouco o homem-macaco estava cercado por uma multidão furiosa, que parecia querer dilacerá-lo com as suas unhas. Então apareceu Mbonga, o chefe da tribo, que com o seu grande chuço em riste foi abrindo caminho por entre a sua gente, até afastá-la do prisioneiro.

— Nós o guardaremos até a noite, declarou Mbonga.

Ao longe, no meio da selva, Tantor, o elefante, recobrava enfim a calma. Senhor de novo dos seus nervos que o pânico pusera em sobressalto, o paquiderme com as orelhas esticadas e a tromba ondulando no ar, parecia procurar alguma coisa. Quem o visse ali parado, naquela atitude de ansiosa investigação, teria curiosidade em saber o que se passava nas circunvoluções do seu cérebro selvagem. Estaria ele à procura de Tarzan? Seria Tantor capaz de avaliar o serviço que o homem-macaco lhe prestara? Sobre este último ponto não podia haver dúvida, mas igual certeza não era

possível na verificação dos sentimentos do elefante para com o seu salvador. A gratidão estaria dentro das possibilidades afetivas do gigante da floresta? Teria sido ele capaz de arriscar a vida para salvar o amigo ou seria capaz de compreender o perigo que este correria para impedir a sua morte?

O leitor certamente duvidará disso. Aliás, mesmo quem conhece bem os elefantes poderia mostrar a mesma dúvida. Ingleses que têm caçado muito na Índia com elefantes dirão que nunca viram nenhum desses animais correr em socorro de um homem, por mais amigo que este sempre se tivesse mostrado dele. É, portanto, improvável que Tantor jamais se tivesse disposto a vencer o medo que lhe inspiravam os negros para acudir a Tarzan.

A gritaria dos selvagens em fúria, que na aldeia ululavam diante de Tarzan, chegava aos ouvidos do elefante e já o fazia rodar sobre as patas em preparativos de uma nova fuga. Mas alguma coisa o detinha e sempre com a tromba erguida continuou a andar à roda, dando um grito agudo.

Em seguida parou e ficou atento a escutar.

Na aldeia dos negros, onde a autoridade severa de Mbonga aquietara a sua gente, o grito de Tantor não foi ouvido pelos selvagens. Mas a Tarzan dos Macacos não passou despercebido e o prisioneiro compreendeu bem o que ele significava.

Os negros conduziram o prisioneiro para uma cabana onde, bem guardado, ele ficaria à espera da orgia noturna que lhe deveria anunciar a morte sobrecarregada de tormentos. Ao ouvir o grito distante de Tantor, Tarzan respondeu com um brado terrível que repercutiu pela aldeia, levando o medo aos negros supersticiosos e fazendo com que os seus guardas se afastassem atemorizados dele, apesar de seus braços se acharem solidamente amarrados.

E enquanto o rapaz parava imóvel procurando ouvir alguma coisa, os selvagens se conservavam a distância com os chuços em riste. Instantes após, um ronco longínquo respondeu ao grito de Tarzan, que evidentemente satisfeito prosseguiu no seu caminho para a cabana onde o iam encarcerar.

A tarde foi-se passando e o homem-macaco ia percebendo na aldeia a azáfama dos preparativos para a festa noturna. Pela porta da cabana via as mulheres arranjando as fogueiras e enchendo d'água os caldeirões de barro, mas os ouvidos de Tarzan perscrutavam, por entre todos esses barulhos, os ruídos mais distantes que o deviam advertir da aproximação de Tantor.

Entretanto, Tarzan não acreditava muito que ele viesse. Conhecia Tantor melhor que o elefante se conhecia a si mesmo. Bem sabia como era tímido o coração encravado naquele corpo de gigante. Não ignorava o terror pânico que o cheiro dos Gomanganis despertava no peito robusto do seu amigo das selvas. E à medida que a

noite foi caindo, o homem-macaco foi perdendo a esperança e com o estoicismo calmo de verdadeiro animal da selva resignou-se a enfrentar o destino que lhe estava reservado.

Durante toda a tarde havia trabalhado nos laços que lhe prendiam os punhos. Pouco a pouco eles estavam cedendo. Talvez conseguisse soltar as mãos, antes do momento em que os negros o viessem buscar para massacrá-lo. Ah! se ele o conseguisse! E pensando nisso Tarzan lambia os beiços e expandia a fisionomia em um sorriso frio e sarcástico, sentindo antecipadamente sob os seus dedos a carne macia dos seus inimigos e prelibava as dentadas com que rasgaria as suas gargantas. Antes que os negros o subjugassem, teriam tido uma amostra da sua cólera.

Afinal os selvagens chegaram, pintados e enfeitados com penas, mais hediondos ainda do que a natureza os fizera. Empurraram Tarzan para fora da cabana e quando o gigante branco surgiu no meio da aldeia, os negros reunidos começaram a ulular como feras.

Encaminharam o prisioneiro para a fogueira a que o iam amarrar solidamente e em torno da qual em breve começaria a dança da morte, quando Tarzan com um movimento brusco dos seus músculos enrijados se desvencilhou do laço que lhe prendia as mãos. Rápido como o pensamento, Tarzan dos Macacos arremessou-se com um pulo por entre os guerreiros negros que mais perto se achavam dele. Com um murro atirou um deles por terra, rugindo e arreganhando os dentes o homem-fera saltou sobre o peito de outro negro. Os dentes de Tarzan já estavam cravados no pescoço do adversário, quando uns cinquenta selvagens, criando coragem, se atreveram a arremeter contra ele e o atiraram ao chão.

Mas o homem branco não se intimidou, erguendo-se, dando pontapés e murros e metendo as unhas nos negros, lutou com a bravura que os seus antepassados lhe haviam incutido no sangue e com a fúria desesperada de uma fera acuada. A força, a agilidade, a coragem e a inteligência do homem branco tomavam-no capaz de enfrentar com vantagem, em luta corpo a corpo, meia dúzia de negros. Mas nem Tarzan dos Macacos era capaz de levar a melhor em um combate com meia centena de selvagens.

Pouco a pouco a multidão foi contendo Tarzan. Mais de vinte já se achavam fora de combate com ferimentos sérios e dois jaziam por terra imóveis pisados pelos combatentes.

Subjugar o homem-macaco era possível, mas amarrá-lo de novo era coisa mais difícil. E ao cabo de meia hora de luta, os negros se convenceram de que não o conseguiriam fazer. Então, Mbonga, que conforme o costume dos governantes tinha tido o cuidado de ficar na retaguarda a bom recato, deu ordem a um guerreiro que fosse liquidar Tarzan a golpes de chuço. Com dificuldade e abrindo caminho por

entre a multidão, o negro aproximou-se do terrível inimigo da tribo.

Com o chuço em riste acima da cabeça, à maneira da esgrima dos selvagens, o guerreiro observava Tarzan à espreita do momento em que pudesse desfechar o golpe sobre um ponto vulnerável do seu corpo, sem o risco de ferir alguns dos negros que com ele lutavam. Sempre atento, o selvagem andava à roda cada vez mais próximo do grupo de combatentes. Os rugidos do homem-macaco provocaram arrepios no guerreiro negro, que receava desfechar um golpe em falso e ficar assim à mercê daquelas mãos robustas e daqueles dentes temíveis.

Finalmente encontrou uma oportunidade. Levantando ainda mais o chuço, com os músculos intumescidos sob a sua pele de ébano, o negro ia desfechar o golpe. Mas exatamente nesse momento um ruído formidável como o trovão partiu da selva por trás da paliçada. As mãos que sustinham o chuço baixaram instantaneamente e os olhos do guerreiro, bem como os de alguns dos negros que lutavam com Tarzan e os de todos aqueles na aldeia que não estavam empenhados na refrega, voltaram-se para o ponto donde saía aquele estrondo inesperado.

Com espanto os selvagens viram ao clarão das fogueiras um vulto enorme que se lançava contra a paliçada, na qual imediatamente se formou logo uma grande saliência. Segundos após um estalido anunciava estar a paliçada cedendo, como se as rijas estacas que a formavam não fossem mais que fios de palha. Os negros estavam ainda assombrados diante do que se passava e já Tantor, o elefante, arremetia furiosamente contra eles.

Os selvagens, aterrorizados, fugiam para a direita e para a esquerda e os seus gritos davam bem a idéia do pânico que deles se apoderara. Alguns que se achavam nas linhas exteriores do grupo que pelejava com Tarzan, puderam compreender o que se passava em tempo de conseguirem escapar. Mas uma meia dúzia de negros estavam por tal forma empolgados pela fúria do combate, que não viram a aproximação do gigante trombudo. Sobre estes Tantor avançou roncando colericamente. Mas ao chegar ao grupo o elefante estacou, oscilando a tromba. Sentira o cheiro de Tarzan ensangüentado, mas ainda combatendo valentemente.

Um dos guerreiros levantou a cabeça e aos seus olhos se deparou a gigantesca figura do paquiderme com os seus olhinhos faiscantes de raiva e de ardor combativo. O negro deu um grito, mas antes que os outros percebessem o que acontecia, a possante tromba já o havia enrolado e Tantor, depois de balançá-lo no ar, o atirava a distância na direção da multidão que fugia.

E o elefante metodicamente foi apanhando um a um os negros que se engalfinhavam com Tarzan, arremessando-os à direita e à esquerda. Dentro em pouco uns gemiam angustiosamente, outros estavam quietos, porque a morte tomara conta deles de repente ou em agonia esperavam a sua chegada.

À distância, Mbonga arrebanhava os seus guerreiros. Os olhos cobiçosos do chefe negro estavam fascinados pelas poderosas presas de marfim. Passado o primeiro momento de pânico, Mbonga incitava os negros a atacarem o elefante com os seus chuços mais pesados e especialmente destinados à caça do paquiderme. Mas, quando os selvagens se dispunham a cumprir as ordens do chefe, Tantor ergueu Tarzan na tromba e, colocando-o sobre a possante cabeça, bateu em retirada, passando pelo grande rombo que abrira na paliçada, e desapareceu na selva com o homem-macaco.

Aqueles que estão habituados a caçar com elefantes poderão continuar a dizer que nunca viram aquele paquiderme socorrer um homem. Mas para Tantor, Tarzan não era um homem, mas um companheiro da selva, um animal como os outros que viviam na floresta.

E assim, Tantor, o elefante, pagou a sua dívida para com o homem-macaco, consolidando ainda mais a amizade que entre os dois se formara, desde o dia em que Tarzan ainda menino cavalgara o seu gigantesco costado pela selva enluarada e sob as estrelas da zona equatorial.

CAPÍTULO 3

O combate pelo balu

Teeka já era mãe. O fato interessava muito mais a Tarzan dos Macacos que a Taug, o pai do pequeno antropóide. Tarzan gostava muito de Teeka. As preocupações da maternidade não haviam abafado na macaca a alegria da sua mocidade exuberante. E Teeka continuava a ser uma boa companheira de folguedos, embora já tivesse atingido a idade em que as outras fêmeas da tribo de Kerchak tomavam os ares carrancudos de maturidade. Ela mostrava ainda o mesmo interesse infantil pelo jogo do pega-pega e do esconde-esconde, que a imaginação fértil de Tarzan havia inventado.

Brincar de pega-pega nos galhos mais altos das árvores é um dos passatempos mais animados que se pode conceber. Tarzan continuava a achar um grande divertimento nesse jogo que, entretanto, já não interessava mais aos macacos adultos, seus antigos companheiros de meninice. Teeka tomara também parte muito ativa naquele brinquedo que tanto encantava o homem-macaco, até as vésperas do nascimento do seu bebê. Mas depois do nascimento do primogênito, ela também passou a não gostar mais de saltar pelos galhos nas fugas e nas caças animadas do pega-pega.

Tarzan ficou profundamente magoado ao verificar a mudança que se operara em Teeka. Uma bela manhã Tarzan descobriu Teeka acorada em um galho baixo de uma das grandes árvores tendo aconchegada ao peito felpudo uma coisa pequenina que ela sacudia com um ritmo compassado, movendo suavemente todo o corpo. O homem-macaco aproximou-se movido por essa curiosidade que caracteriza todos os seres dotados de um cérebro e que no mundo das formas vivas passaram do plano dos organismos microscópicos.

Teeka voltou os olhos na sua direção e logo que deu com Tarzan apertou mais fortemente contra o peito o pequenino objeto que tinha nos braços e afastou-se zangada, mostrando os dentes ao seu antigo companheiro de brinquedo. Tarzan dos Macacos ficou surpreendido e atônito. Em toda a sua longa convivência com Teeka, a macaca nunca lhe arreganhara os dentes, a não ser por brincadeira, mas agora ela estava com cara de poucos amigos. A surpresa desconcertou-o. Com os dedos morenos mergulhados na cabeleira negra, com a cabeça inclinada, ficou imóvel, fixando o olhar na macaca. Em seguida avançou um pouco pelo galho até chegar a uma posição em que, curvando o pescoço, podia observar melhor o que era aquilo que Teeka embalava tão cuidadosamente.

A macaca levantou outra vez o lábio superior em um arreganho que indicava bem

a sua atitude ameaçadora e combativa. Tarzan aproximou-se e estendendo o braço procurou tocar cuidadosamente no que Teeka guardava com tanto mistério junto ao seu peito. Mas a macaca com um uivo feroz precipitou-se sobre ele. E antes que o rapaz pudesse escapar, os dentes afiados já haviam encravado na carne macia do seu antebraço. Tarzan desvencilhhou-se e bateu em retirada por entre o arvoredor, perseguido até certa distância pela enfurecida macaca que, sobrecarregada com o seu bebê, não pôde, entretanto apanhá-lo de novo. Quando se encontrou a distância e livre da sua perseguidora, Tarzan parou e voltou-se estupefato para observar a sua companheira de outrora, cujos modos lhe causavam verdadeiro assombro.

Que teria acontecido que modificara por tal forma a meiga Teeka? Até então a macaca ocultara tão cuidadosamente o que tinha nos braços, que Tarzan não conseguira ver o que tanto o intrigava. Mas ao investir contra ele, os movimentos de Teeka tinham descoberto o bebê e o homem-macaco, ao voltar-se, pôde apreciá-lo perfeitamente.

E apesar da dor que lhe causara a dentada de Teeka e do desgosto que ela lhe trouxera, Tarzan sorriu, porque não era a primeira vez que ele observava a nervosidade de uma jovem mãe. Em poucos dias, Teeka estaria menos desconfiada. Mas apesar disso, o homem-macaco sentia-se ofendido. Teeka não podia ter medo dele. Por que iria ele fazer algum mal a ela ou ao seu *balu*, palavra que na língua dos antropóides quer dizer bebê?

Entretanto, fazendo esquecer a dor e sobrepujado o seu orgulho, predominou nele um desejo ainda mais irresistível de aproximar-se e de ver de perto o filho de Taug. O leitor poderá perguntar porque um lutador tão forte e experimentado, como Tarzan dos Macacos, fugira do ataque de uma fêmea ou, ainda, qual a razão que o levava a hesitar em vir diretamente satisfazer a sua curiosidade, quando lhe seria tão fácil subjugar a enfraquecida mãe do recém-nascido macaquinho. Mas essas perguntas mostrariam apenas desconhecimento do que todos os macacos sabem muito bem. Entre estes, somente um macho em estado de delírio seria capaz de bater em uma fêmea, a não ser para castigá-la muito suavemente. Há exceções, como as existem também entre os homens. Mas são muito raros os macacos que gostam de bater na companheira por ser ela menor e mais fraca que ele.

Assim, Tarzan aproximou-se de novo da jovem mãe, tendo o cuidado de verificar primeiro que a sua linha de retirada estava bem garantida. Teeka rugiu outra vez ferozmente e o homem-macaco exclamou:

— Tarzan dos Macacos não é capaz de fazer mal ao *balu* de Teeka! E avançando um pouco, acrescentou: Deixe-me vê-lo.

A macaca mostrou-se intransigente:

— Vá embora, vá embora, vociferou, senão eu o matarei.

— Deixe-me ver o *balu*, insistiu Tarzan.

— Vá embora, retrucou a fêmea. Taug vem aí. Ele vai mandar você embora. E é capaz de matá-lo, porque este *balu* é filho de Taug.

Mal havia a macaca dado esse conselho prudente e um uivo selvagem vinha mostrar a Tarzan que Taug realmente se achava na vizinhança. O macaco ouvira os gritos da sua companheira e vinha socorrê-la.

Sem dúvida, Taug e Teeka eram companheiros de infância do homem-macaco e haviam sido sempre excelentes camaradas nos brinquedos. Também era certo que Tarzan uma vez salvara a vida de Taug, mas não se pode confiar muito na gratidão de um macaco, quando se acha excitado o seu sentimento paternal. O homem-macaco medira forças com o antropóide e o vencera. Este fato de que Taug poderia ter uma recordação seria capaz de contê-lo. Entretanto, era bem provável que ele se dispusesse a correr o risco de uma nova derrota para defender o seu primogênito. Isto dependeria da sua tempera no momento e os gritos ferozes que chegavam aos ouvidos de Tarzan mostravam claramente que Taug estava em condições de bater-se pelo *balu* de Teeka.

É claro que Tarzan não tinha medo de Taug e também a lei da selva não lhe prescrevia que evitasse combate com qualquer macho, a não ser que razões pessoais o dissuadissem da luta. O homem-macaco gostava de Taug e não tinha contra ele queixa alguma. Além disso, o homem compreendia coisas que o cérebro do antropóide não podia deduzir. A atitude combativa de Taug era bem apreciada por Tarzan, que percebia não ser o ódio que movia o macaco, mas apenas o instinto natural que o levava a combater em defesa da sua companheira e da sua prole.

Tarzan não tinha vontade de brigar com Taug, mas por outro lado o sangue dos seus antepassados ingleses não o inclinava a conformar-se com a fuga. Entretanto, quando o macaco arremeteu sobre ele, ágilmente saltou para o lado, o que encorajou o antropóide a fazer uma nova investida. Talvez mesmo a lembrança da derrota que Tarzan uma vez lhe infligira estimulasse o macaco a tirar uma desforra. A circunstância de Teeka estar presente concorria talvez ainda mais para excitar Taug. Todos os machos da selva são grandes egoístas, que se comprazem em dar provas da sua audácia quando têm espectadores femininos.

Ao ombro do homem-macaco estava pendurada a corda de cipó, que outrora fora um brinquedo nos combates simulados, mas que neste momento era uma arma temível. E quando Taug avançou pela segunda vez, Tarzan sacudiu o laço por sobre a cabeça do antropóide, assustando-o ao mesmo tempo que ágilmente com um salto escapava ao bote do adversário. E antes que Taug se voltasse de novo, o homem-

macaco já trepava pelas árvores, para ir colocar-se nos galhos mais elevados.

O antropóide em um acesso frenético de cólera seguiu-o. Teeka de baixo espreitava atentamente. Seria difícil deduzir da sua atitude se ela estava realmente muito interessada no combate. Taug não podia trepar com a rapidez de movimentos do homem, assim este atingiu os últimos galhos da árvore, antes que o pesado macaco o apanhasse. E do alto Tarzan fazia caretas ao antropóide, dizendo-lhe todos os nomes feios sugeridos pelo seu cérebro ativo de homem.

Quando o macaco chegou ao auge da cólera, espumando enraivecido e em tal estado de excitação que se punha literalmente a dançar no galho debaixo daquele em que se achava Tarzan, este deixou cair o laço bastante aberto para abranger o corpo de Taug, apertando-o em seguida à altura das pernas peludas do antropóide.

A inteligência lenta do macaco não o deixou perceber logo o intuito do inimigo. Fez um esforço para desvencilhar-se, mas neste momento o homem-macaco dava um puxão tremendo na corda e Taug resvalava do galho, ficando suspenso no ar com a cabeça para baixo a uma altura de uns dez metros do chão.

Depois de amarrar a corda a um galho bem grosso, Tarzan desceu até a altura em que se achava suspenso o macaco.

— Taug, você é tão estúpido como Buto, o rinoceronte. Agora você ficará aqui pendurado até criar um pouco de juízo nessa cabeça dura. E daí você vai assistir a minha conversa com Teeka.

O antropóide rugiu ameaçadoramente, mas Tarzan apenas arreganhou os dentes e desceu lesto aos galhos de baixo onde a macaca se achava com o seu *balu*. Dirigindo-se de novo na esperança de que lhe seria agora mais fácil examinar de perto o recém-nascido, encontrou a mãe na mesma atitude de combate a arreganhar-lhe os dentes e a rugir zangada. Procurou acalmá-la, repetindo-lhe insistentemente que não queria fazer mal nenhum e que o deixasse ver o macaquinho. Mas a fêmea resistia tenazmente parecendo estar cada vez mais convencida de que Tarzan tinha más intenções sobre o seu *balu*. Em Teeka a maternidade era ainda uma coisa tão nova e tão forte, que o instinto de defesa da prole primava sobre tudo mais e inibia qualquer rudimentar raciocínio que o seu cérebro primitivo pudesse desenvolver.

Mas compreendendo entretanto que não lhe era possível lutar com Tarzan, a macaca cuidou apenas de escapar-se com o seu bebê. Saltando ao chão, Teeka correu para a pequena clareira em que muitos membros da tribo estavam a comer enquanto Tarzan desistia do seu intento de ter nas mãos e de observar de perto o *balu* que lhe despertara tanta curiosidade. Aquele pequenino ser que Teeka aconchegava ao peito, fizera surgir no coração do homem-macaco um estranho desejo. Sentia como que a necessidade de acariciar aquela criaturinha. Era o

primeiro filho de Teeka e sobre esta havia Tarzan fixado os seus primeiros afetos juvenis.

Tarzan dos Macacos pensava confusamente em tudo isso, procurando entender sentimentos que ele próprio não compreendia, quando a sua atenção foi atraída pelos roncões de Taug. O antropóide já não ameaçava, os seus uivos eram apenas súplicas. O nó apertado constringia-lhe as pernas, embaraçando a circulação e Taug começava a sofrer dores que o faziam gemer. Vários macacos estavam ao redor dele, muito interessados na sua triste sina. Mas Taug não gozava de grande popularidade na tribo. Muitos e entre eles alguns dos circunstantes haviam provado o peso das suas mãos robustas e o corte dos seus afiados dentes. Agora, as vítimas do brutal antropóide tiravam a sua vingança, dirigindo-lhe motejos cruéis sobre a situação em que se achava.

Teeka, logo que viu Tarzan voltar para o arvoredo, agachou-se no meio da clareira, aconchegando muito o seu *balu* e olhando desconfiada para todos os lados. Com o nascimento do filho, o mundo em que até então vivera despreocupada, povoara-se de inimigos para a macaca. Em Tarzan, que até agora fora um amigo, ela via um inimigo implacável. Até a pobre Munga, quase cega e desdentada, que lá estava a procurar minhocas debaixo de um tronco derrubado, era encarada por Teeka como um espírito maligno sequioso de sangue dos bebês.

E assim ela ia criando inimigos imaginários que a sua maternidade exaltada fazia surgir por todos os lados, sem prestar atenção a dois olhos esverdeados que a fixavam tenazmente por entre um cerrado de arbustos do outro lado da clareira.

Varada de fome, Sheeta, a pantera, pregava o seu imóvel olhar cobiçoso sobre um bom pedaço que ali estava quase ao seu alcance. Mas a presença um pouco mais além de um grupo de grandes macacos fazia hesitar o esfomeado felino.

Ah! se a macaca e o seu *balu* chegassem um pouco mais perto! Bastaria um pulo e ela teria apanhado a presa e fugido com ela para a mata, antes que os macacos pudessem intervir.

A ponta da cauda acastanhada movia-se nervosamente em rápidas sacudidelas, a mandíbula inferior abaixava-se escancarando a boca e deixando ver a língua espessa e as formidáveis presas amareladas. Teeka não viu nada disso, como também não o viram os macacos que por ali estavam comendo ou descansando. E Tarzan, que se achava no alto de uma árvore, também não suspeitava a presença tão próxima da pantera.

Os insultos dirigidos pelos antropóides ao pobre Taug que não tinha meio de reagir irritaram Tarzan, que subiu aos galhos onde eles estavam. Um dos macacos se debruçava para chegar perto do infeliz que, pendurado, balançava suavemente. E era

um inimigo pessoal de Taug e que, lembrando-se de umas terríveis dentadas que ele lhe dera uma vez, queria agora aproveitar a ocasião para tirar desforra. O seu plano era aproximar-se de Taug até poder lançar-lhe a mão. E feito isso, o antropóide iria sentir a força dos seus dentes e teria a paga do que lhe fizera. Tarzan viu o que o macaco ia fazer e ficou encolerizado. O homem-macaco gostava de assistir a um combate, mas o que o antropóide ia fazer ao outro lhe repugnava. A felpuda manopla vingativa do covarde já agarrara Taug, quando Tarzan com um grito raivoso de protesto saltou ao galho e, com um só murro vigoroso, precipitou dali o macaco que, por um momento, pairou no ar, escapando da queda desastrosa com um movimento ágil, que lhe permitiu agarrar-se a um galho inferior.

Desapontado e furioso, o antropóide, logo que recobrou o equilíbrio, só pensou em subir ao galho em que se achava Tarzan para desforrar-se do golpe que ele acabara de desfechar-lhe. Mas o homem-macaco estava no momento preocupado com o outro assunto e não queria ser interrompido. Estava explicando mais uma vez a Taug como era profunda a estupidez do antropóide e fazendo-lhe sentir que Tarzan dos Macacos era maior e mais poderoso que Taug ou qualquer outro membro da tribo de Kerchak. E prosseguindo na preleção, disse que acabaria restituindo a liberdade a Taug, mas que só o faria depois de ter o mono compreendido bem a sua inferioridade.

Neste momento saltou ao galho o macho louco de raiva, que pouco antes fora dali tão sumariamente precipitado. Imediatamente Tarzan deixou de ser o rapaz alegre que com bom humor se divertia à custa do pobre macaco pendurado, e tornou-se de novo a fera roncadora e bravia. Os cabelos em pé, o lábio arreganhado e a dentadura pronta para entrar em ação. Não aguardou o ataque do adversário, porque qualquer coisa nos modos deste o fez sentir o violento ímpeto belicoso que o animava. E com um grito em que não havia uma nota humana, Tarzan dos Macacos deu um salto, indo de frente agarrar com as suas mãos fortes a garganta do atacante.

O ímpeto do pulo e força viva do seu corpo precipitaram para trás o antropóide pelo meio da folhagem e agarrando a ele caiu também Tarzan, cujos dentes se cravaram no pescoço do inimigo. E assim vieram por uns cinco metros, até tombarem em um grosso galho. O antropóide bateu com as costas em cheio e pousou alguns segundos sobre o galho, tendo ainda agarrado ao peito o homem-macaco. Este imediatamente sentiu o desfalecimento do antropóide logo que este bateu com as costas no galho. E destramente conseguiu equilibrar-se e agarrar-se à árvore, descendo pelo tronco, enquanto o corpo do macaco se precipitava diretamente como um pedaço de chumbo sobre o chão.

Então Tarzan dos Macacos, fixando o corpo inerte do seu último adversário, ergueu a cabeça, dilatou o peito e batendo sobre ele com a mão aberta, soltou o

estranho grito vitorioso dos macacos da tribo de Kerchak.

O grande grito repercutiu pela selva e até Sheeta, agachada à espreita da sua presa, entre os arbustos à beira da clareira, moveu-se inquieta, olhando nervosamente para todos os lados, como a verificar se o caminho da retirada estava livre.

— Sou Tarzan dos Macacos. Grande caçador e grande lutador. Em toda a selva não há ninguém tão forte como Tarzan! exclamou o homem branco, orgulhoso de si mesmo e em cujo espírito raiara a consciência do seu domínio sobre todas as criaturas da floresta.

E satisfeito do seu triunfo e orgulhoso com o reconhecimento da sua ascendência de senhor da selva, o jovem descendente de lordes ingleses penetrou de novo no arvoredo e foi ter ao galho junto ao qual balouçava o corpo de Taug. Da clareira, Teeka acompanhara atentamente tudo que se passara nas árvores. Tal era a sua curiosidade e tão grande o seu interesse em tudo apreciar, que depusera o seu precioso *balu* na relva para ver melhor e de mais perto as proezas de Tarzan. Seria que ainda no mais íntimo do seu coração ela continuava a encantar-se pela pele macia e glabra do homem-macaco? E isso a teria enchido de soberba, como se compartilhasse das glórias de Tarzan vencendo o mono? Somente ela poderia responder a estas perguntas.

Enquanto a mãe extremosa se distraía empolgada pelo combate, Sheeta, a pantera, percebera de entre os arbustos onde se ocultava que o *balu* ficara sozinho no meio da relva. A vizinhança do apetitoso manjar que a fascinava restituiu ao grande gato da floresta a coragem que pouco antes desfalecera sob a impressão assustadora do grito vitorioso de Tarzan. A pantera avançou em um movimento cauteloso. Alguns minutos tinham sido precisos para que os seus nervos sobressaltados recobrassem o equilíbrio. Agora Sheeta, fustigada pela fome, se atrevia a entrar pela clareira, disposta a apanhar a sua presa diante dos gigantes antropóides.

Entretanto, Tarzan, sem pressentir o que se ia passar na clareira, subia ao alto galho a que estava amarrada a corda donde pendia Taug. Desatou-a cuidadosamente, foi baixando o macaco que oscilava no espaço, até que ele conseguiu agarrar-se a um dos ramos baixos da árvore. Empoleirado ali, Taug logo que se sentiu equilibrado tratou de desvencilhar as pernas do laço que as constringia. O macaco não sentia por Tarzan nenhum reconhecimento, nem mesmo lembrando-se do castigo que ele dera ao inimigo covarde, de cujas mãos o salvara. Taug só pensava, rancoroso, na humilhação que lhe fora infligida pelo homem-macaco. Mas as suas pernas ainda estavam tão doloridas e fracas que era obrigado a adiar a vingança para ocasião mais oportuna.

Tarzan no topo da árvore enrolava calmamente a sua corda de cipó, enquanto ia

com bom humor aconselhando mais uma vez Taug que não tivesse mais a pretensão estulta de querer medir as suas fracas aptidões físicas, intelectuais com o poder de quem era superior a ele. Teeka, junto à árvore, olhava curiosamente para cima. Sheeta, a pantera, caminhava furtivamente, com o ventre quase a tocar o chão. Mais alguns passos e estaria em plena clareira e a curta distância do *balu*, pronta para dar o bote sobre a presa.

Por acaso Tarzan voltou o olhar na direção da clareira e subitamente a sua fisionomia alegre e o seu ar de satisfação e de jactância cederam lugar a uma atitude grave, que bem exprimia a violenta impressão que alguma coisa lhe causara. Sem dizer palavra e célere precipitou-se pelo tronco até o chão. Teeka ao vê-lo descer tão rapidamente julgou que ele viesse apanhar o *balu* deixado por ela na relva e dispôs-se logo a enfrentá-lo em luta. Mas Tarzan correu, deixando para o lado a macaca que, voltando-se para persegui-lo, percebeu logo o que se passava e qual o motivo da descida brusca de Tarzan. A muitos metros de distância estava o seu pequenino *balu*, à mercê da pantera, que vagorosamente dele se aproximava.

Teeka deu um grito de terror e seguiu no encalço de Tarzan. A pantera entretanto vira também o homem-macaco e, pensando que ele vinha apoderar-se da sua presa, avançou rugindo e mais depressa para apanhar o *balu* antes de Tarzan.

Taug, tendo ouvido o grito lancinante da companheira, correria em seu socorro. Outros macacos também acudiram. Mas todos estavam a uma grande distância do *balu*, junto ao qual Tarzan dos Macacos e Sheeta, a pantera, chegaram quase simultaneamente. Ali o homem e o felino estacaram, encarando-se mutuamente, ambos arreganhando os dentes e rugindo cada um a seu modo.

A pantera hesitava em agarrar o macaquinho, porque o instinto a advertia do perigo de ser nesse momento atacada com vantagem pela criatura que lhe disputava a presa. Por seu lado Tarzan não estendia a mão para apanhar o *balu*, porque sabia que quando se abaixasse para pegar o filhote de Teeka, a pantera saltaria incontinenti sobre ele. Enquanto isso, a macaca aproximava-se mais devagar à medida que se avizinhava da pantera, porque, apesar dos seus extremos de mãe, o instinto de conservação a fazia temer o terrível inimigo da sua tribo.

Por trás de Teeka vinha mais vagaroso ainda Taug, uivando e arfando. E outros grandes macacos seguiam-se agitados e soltando os seus estranhos e ferozes guinchos de desafio. Sheeta fixava os seus olhos esverdeados em Tarzan, mas de quando em quando os relanceava terrivelmente para a multidão de antropóides da tribo de Kerchak, que vinham fazendo em torno dela um verdadeiro movimento envolvente. A prudência começava a aconselhar a pantera a bater em retirada. Mas o animal estava varado de fome e a proximidade da presa não a deixava desistir da aventura. A tentação da carne atraente do *balu* tornou-se irresistível. Sheeta levantou

uma das patas dianteiras para agarrar o macaquinho. Com um selvagem grito gutural, Tarzan precipitou-se sobre a fera.

Esta, ouvindo o brado do homem-macaco, recuou para fazer frente ao ataque. E preparou logo um golpe de garras, que teria arrancado a face de Tarzan se o tivesse atingido. Mas a pancada errou o alvo, porque Tarzan dos Macacos já pulara para o lado e avançava contra a pantera, empunhando a sua faca de caça, aquela faca que ele herdara de seu pai, um pai que nunca conhecera e do qual não podia mesmo formar uma idéia.

A pantera já se esquecera do *balu*. O instinto de conservação, despertado pelo perigo, calara o impulso da fome. O animal concentrava agora todas as suas energias na luta com o homem. O seu único objetivo era despedaçar a sua carne com as garras das suas patas formidáveis e enterrar nela as suas presas temíveis. Mas Tarzan dos Macacos não estava lutando pela primeira vez com uma fera armada de garras e de dentes. E dos seus combates nem sempre saía incólume. Avaliava bem os riscos que corria, mas, acostumado ao espetáculo do sofrimento e da morte, não fugia à dor, nem ao aniquilamento, porque não conhecia o medo.

No mesmo instante em que escapava ao golpe da pata de Sheeta, Tarzan já estava a pular pelo traseiro da fera, deitando-se sobre ela com os dentes cravados no seu pescoço e apertando-lhe com uma das mãos a goela branca, enquanto com a outra empunhava a faca que sangrava o flanco da pantera.

O felino e o homem que a ele se agarrava rolaram pelo chão, Sheeta fazia esforços desesperados para desembaraçar-se do adversário ou pelo menos para apanhar uma parte qualquer do seu corpo ao alcance dos seus dentes ou das suas garras.

Logo que Tarzan entrara em luta com a pantera, Teeka correu e, levantando da relva o *balu*, foi trepar a uma das árvores, colocando-se em um dos galhos mais altos donde agora assistia ao combate. Embalando carinhosamente o filhote, a macaca não perdia, entretanto uma peripécia da luta empolgante e com gritos lancinantes concitava os antropóides a irem auxiliar Tarzan.

Assim excitados, os grandes macacos acercavam-se da pantera, procurando assustá-la com os seus uivos horríveis. Mas a fera estava tão absorvida na luta com o homem, que nem ouvia o vozerio dos antropóides. Um movimento mais forte do felino desalojou Tarzan parcialmente, de modo que uma das suas pernas ficou suspensa e por um segundo exposta aos golpes temíveis da pata traseira de Sheeta. Foi o bastante para que antes que o rapaz retomasse a posição anterior, a sua coxa fosse rasgada do quadril ao joelho por uma garra afiada.

Foi talvez ao verem o sangue de Tarzan e ao sentirem-lhe o cheiro, que os macacos chegaram ao auge da exaltação frenética, mas foi certamente Taug que os

levou a fazer o que eles em seguida fizeram.

Taug, ainda cheio de ressentimento do que Tarzan pouco antes lhe fizera, assistia ao combate a uma pequena distância. Seria difícil dizer o que se passava pelo cérebro do antropóide. Estaria ele com os seus olhos vermelhos e cheios de maldade gozando aquele espetáculo e comprazendo-se com a posição pouco invejável em que se achava Tarzan? Teria ele o desejo de ver as presas de Sheeta cravadas no pescoço macio do homem-macaco? Ou aquela inteligência rudimentar seria capaz de avaliar o ato de abnegação e de coragem do homem, precipitando-se com risco de vida para salvar o *balu* de Teeka, que era também o seu filhote? Será a gratidão um predado exclusivo do homem ou co-participarão desse sentimento também os outros animais?

Ao ver espirrar o sangue de Tarzan, Taug deu uma resposta a esta pergunta. Com todo o peso do seu corpo avantajado atirou-se sobre a pantera e foi logo mordendo-a na garganta. Com os seus dedos de aço, começou a arrancar a unhas o pêlo macio de Sheeta, que dentro em pouco ia sendo levado pela brisa.

O exemplo de Taug removeu as últimas hesitações dos outros antropóides. Avançaram em massa. Em poucos instantes o corpo da pantera estava coberto pelo grupo de atacantes que a mordiam ferozmente, e, imitando Taug, lhe dilaceravam a unhas o belo pêlo sedoso. E no meio do assalto, soltavam os gritos terríveis que ecoavam pela selva, enchendo de pavor os outros animais.

Era um espetáculo impressionante o daquela luta dos antropóides e de Tarzan dos Macacos com Sheeta, a pantera, o tradicional inimigo dos monos da tribo de Kerchak. Pela primeira vez os antropóides se empenhavam em uma luta corpo a corpo com o temível felino, que para eles como para os seus antepassados fora sempre o causador de um terror pânico. A grandeza do acontecimento era avaliada pelas fêmeas empoleiradas a bom recato nos galhos altos das árvores. Todas gritavam exprimindo ao mesmo tempo medo e outro sentimento, que nos homens seria o entusiasmo. Teeka dirigia o coro das animadoras dos combatentes. Mas todas gritavam, até Taka, Munga e Kama, velhas desdentadas e quase cegas, que pareciam subitamente remoadas por aquela cena épica.

Mordida e dilacerada pelas unhas dos macacos, Sheeta lutava desesperadamente. Mas as probabilidades da luta eram evidentemente contra ela. Até Numa, o leão, teria hesitado em aceitar combate com tantos antropóides juntos e agora, a algumas centenas de metros no meio da selva, assustado com o alarido tremendo que irradiava da floresta, o rei dos animais, inquieto e desconfiado com o que se estava passando, tratou de afastar-se prudentemente.

Dentro em pouco Sheeta cessou de lutar. O seu corpo foi agitado por movimentos convulsivos e em seguida ficou inerte. Mas os macacos continuavam a arrancar-lhe

o pêlo, descarnando-a em um frenesi de fúria delirante. Afinal os antropóides ficaram exaustos e só então abandonaram a presa. O corpo ensangüentado de um gigante branco ergueu-se ao lado do animal morto, firme e reto como uma flecha em uma esplêndida atitude de vitória.

E com um dos pés pisando a pantera, Tarzan levantou para o céu azul a fronte manchada de sangue e fez ecoar pela selva o retumbante grito de vitória dos antropóides.

Um a um, os grandes macacos da tribo de Kerchak repetiram o grito vitorioso. As fêmeas desceram céleres dos galhos onde se haviam refugiado para assistir ao combate e agora batiam e insultavam o cadáver de Sheeta. Os macacos jovens, possuídos de uma exuberante alegria, reproduziam em combates simulados a grande luta que haviam presenciado.

Teeka aproximou-se muito de Tarzan. Este estendeu as mãos em um gesto de tomar o *balu*, que Teeka aconchegava muito ao peito felpudo. O homem-macaco esperava ver mais uma vez a sua antiga companheira de brinquedos arreganhar-lhe os dentes zangada. Mas Teeka prontamente entregou o filhote a Tarzan e, chegando-se ainda mais perto dele, agachou-se e começou a lamber-lhe as feridas abertas pelas garras da pantera.

Taug, que saíra da luta, tendo sofrido apenas algumas arranhaduras, avizinhou-se também de Tarzan e depois de contemplá-lo por algum tempo, pôs-se também de cócoras e acabou por auxiliar Teeka, limpando as feridas do homem-macaco.

O Deus de Tarzan

ENTRE os livros deixados por seu pai na pequena cabana à beira da enseada apertada pela terra na franja da selva, Tarzan encontrou muita coisa para deixar perplexa a sua cabeça juvenil. À custa de muita paciência e também de não pouco trabalho, conseguiu descobrir o que significavam aqueles traços e formas, que como pequeninos insetos pareciam correr pelas páginas de papel impresso. Afinal descobriu que aquelas figurinhas ajuntando-se em combinações, que de quando em quando reapareciam, deviam exprimir em uma linguagem silenciosa e estranha alguma coisa que o seu cérebro não compreendia. Mas o que o rapaz-macaco não podia entender excitava-lhe a curiosidade e estimulava nele a ânsia de aprender outras coisas além das que a sua experiência selvagem lhe ensinava.

Um dicionário tornou-se para Tarzan fonte de inestimáveis conhecimentos novos, desde que, ao cabo de muitos anos de infatigáveis esforços, pôde afinal resolver o enigma da finalidade daquele livro e do modo de utilizá-lo. Assim, veio ele a inventar um jogo em que muito se divertia, seguindo a pista de uma nova idéia através do labirinto das várias definições que encontrava para cada nova palavra que ia procurar no dicionário. Essa pesque:, tinha para o rapaz o mesmo encanto que se lhe deparava em seguir por entre o emaranhado da selva a pista da caça. E Tarzan era um caçador infatigável.

Certas palavras provocavam-lhe uma curiosidade maior que outras. Eram palavras que por um motivo ou por outro excitavam a imaginação de Tarzan. Havia uma, por exemplo, cuja significação lhe era extremamente difícil apreender. A palavra *God*, Deus em inglês, impressionava particularmente o homem-macaco, não somente por ser curta, como por começar por um dos tais bichinhos de tamanho maior. Um G macho, porque Tarzan considerava machos as letras maiúsculas e fêmeas as minúsculas. Mas o que o intrigava mais era o aparecimento de bichinhos machos no começo de várias palavras contidas na definição do vocábulo Deus. Assim, ele via e revia perplexo as palavras Suprema Divindade, Criador e Sustentador do Universo que se seguiam na definição do misterioso nome, que tão profunda e empolgantemente atraía o seu espírito. Tarzan achava que devia ser uma palavra muito importante e que para entender o que ela significava lhe seria preciso muita atenção e muito trabalho. De fato, muitos meses decorreram sem que ele conseguisse esclarecer-se sobre o que poderia querer dizer aquele vocábulo que o deixava atônito.

Por mais estranho que possa parecer ao leitor, Tarzan não se fatigava e encontrava

um extraordinário prazer nessa caçada do conhecimento, em que ele tinha freqüentemente sensações muito agradáveis quando, na procura da significação de um vocábulo, vinha encontrar uma palavra que já lhe era conhecida. E notou que pouco a pouco esses encontros de velhos conhecidos se tornavam mais freqüentes nas suas expedições pelo dicionário. E assim, a sua reserva de conhecimentos lingüísticos ia insensivelmente se tornando cada vez maior.

Mas a significação da palavra Deus continuava a ser um enigma para o homem-macaco. Uma ocasião, depois de concentrar muito o pensamento, teve a idéia de que Deus poderia ser um poderoso chefe, talvez o grande chefe de todos os Manganis. Mas uma objeção lhe surgiu imediatamente no espírito. De todos os Manganis, nenhum era mais poderoso que ele Tarzan. E o homem-macaco, que não reconhecia ninguém igual a si na selva, não se conformava com a existência de um chefe que o sobrepujasse.

Obsedado quase por esses pensamentos, Tarzan folheava em vão os livros, em uma ansiosa procura de uma figura que representasse Deus. A sua busca dava sempre resultados negativos. Uma vez encontrou o desenho de uma casa em que Deus era cultuado. Mas pintura de Deus não havia meio de achar. Então, o homem-macaco começou a perguntar a si mesmo se Deus não seria um ser diferente dele. Afinal, torturado pela impossibilidade de obter uma solução a todas as suas questões e dúvidas, resolveu começar a procurar Deus.

Tarzan começou as suas pesquisas interrogando Munga, que certamente deveria ter visto muitas coisas curiosas e estranhas em sua longa vida. Mas Munga, como aliás todos os macacos, só fixava na memória as coisas banais que lhe tocavam muito de perto. Lembrava-se muito melhor de ter uma vez visto Gunto ser picado por um inseto que ele julgara ser um inocente bichinho comestível, que todas as manifestações da grandeza de Deus por ela presenciadas sem as compreender e que nem mesmo lhe haviam causado grande impressão.

Numgo, outro macaco que se achava perto, começou a prestar atenção à conversa, chegando a distrair-se da caçada de pulgas em que estava seriamente empenhado. Revelando capacidade cerebral evidentemente superior à comum aos membros da tribo de Kerchak, o antropóide, depois de ter por algum tempo ouvido as perguntas que Tarzan dirigia à velha macaca, formulou uma hipótese sobre a natureza do ser que tanto interessava o rapaz. A força que fazia o relâmpago, a chuva e a trovoadas devia provir de Goro, a lua. E como argumento em apoio de sua teoria, Numgo lembrou que o Dum-Dum se dançava sempre ao luar. O raciocínio do antropóide, embora convincente tanto para ele como para Munga, não satisfez Tarzan. Contudo, a teoria sugerida pelo macaco lhe vinha dar uma base para prosseguir nas suas investigações. Começaria agora a dirigir a sua atenção para a lua.

Naquela noite mesmo, Tarzan trepava até o pináculo do mais alto dos gigantes da selva, e de lá pôs-se a contemplar a lua. Era lua cheia e no céu equatorial um grande e glorioso disco lunar espalhava a sua luz suave por cima da floresta. O homem-macaco, equilibrando-se em um frágil galho que balançava, levantou a sua fronte bronzeada para o orbe prateado. A primeira observação que ele fez e que o impressionou foi que embora estivesse no pináculo da mais alta árvore da floresta, Goro, a lua, continuava a estar tão distante dele como quando a observava do chão.

Raciocinando sobre o caso, Tarzan pensou que a lua procurava esquivar-se, afastando-se à medida que ele dela se aproximava.

— Vem, Goro! exclamou. Tarzan dos Macacos não te fará nenhum mal.

Mas a lua permaneceu à mesma distância. Tarzan prosseguiu no seu apelo:

— Dize-me, Goro, és tu o grande rei que manda Ara, o raio, que faz o grande barulho nos céus, que espalha os fortes ventos e lança a água sobre os habitantes da selva nos dias escuros e frios? Dize-me, Goro, és tu Deus?

É claro que Tarzan não pronunciou a palavra Deus como a teriam pronunciado os seus antepassados ingleses, porque ele não sabia articular os sons da língua, cujos caracteres escritos encontrara nos livros e no dicionário que tanto lhe serviam para desenvolver a inteligência e aumentar o seu patrimônio de idéias. Mas o homem-macaco tinha inventado um nome para cada um dos pequeninos insetos que formavam o alfabeto. Lendo as palavras encontradas nos livros de seu pai, Tarzan aprendia cada uma delas integralmente, mas quando pronunciava qualquer dessas palavras dava-lhe um som correspondente à combinação dos sons que inventara para cada uma das letras, dando em geral a todas elas um prefixo que indicava o gênero.

Para o vocábulo Deus, Tarzan fizera uma palavra imponente.

As letras da palavra *GOD*, Deus em inglês, encerravam os seguintes sons inventados pelo homem-macaco: — Ia, tu e mo, respectivamente correspondentes a g, o, d. E como ele classificava as letras em machos e fêmeas, antepunha a cada uma delas, conforme o seu sexo, os prefixos bu e mu, que na língua dos antropóides exprimiam o primeiro o masculino e o segundo o feminino. Assim, a palavra *God* era pronunciada por Tarzan Bulamutumumo, pronúncia que escrita em inglês tomaria a forma estranha de he-she-o-sheeá-d, e adaptada ao português a de ele-g, ela-o, ela-d.

Aplicando o mesmo método, o homem-macaco inventara a representação gráfica do seu próprio nome. Tarzan é formado por duas palavras da língua dos antropóides — Tar e zan, a primeira sílaba significando branco e a segunda pele. Fora Kala, a macaca que o criara, que lhe dera esse nome. Quando Tarzan escreveu o seu nome na língua dos seus antepassados, ele não havia ainda encontrado no dicionário inglês nenhuma das duas palavras *white* (branco) e *skin* (pele). Mas em um livro de leitura

primária Tarzan encontrara a figura de um menino e, de acordo com o seu método, escreveu bumudemuto-muro, o que para ele queria dizer menino.

Mas acompanhar o estranho método gráfico de Tarzan não seria apenas enfadonho. Seria também sem nenhuma vantagem para a compreensão das suas aventuras. Por este motivo, depois das explicações que aí ficam, voltaremos a traduzir sempre as suas palavras em linguagem corrente. Realmente, seria apenas fatigante ao leitor ser obrigado a se estar lembrando a todo o momento que para Tarzan do significava b, tu correspondia a o, ro a y e assim por diante.

Voltemos pois ao caloroso apelo que Tarzan do cimo da árvore dirigia à lua. A indiferença do astro acabou por encolerizar o homem-macaco. Estufando o peito e ameaçando o satélite da Terra com um punho fechado, fêz ecoar pela selva o grito de guerra dos Manganis.

— Tu não és Bulamutumumo, exclamou, tu não és o rei da floresta, não és tão grande como Tarzan, poderoso lutador e forte caçador. Ninguém é tão grande como Tarzan. Se existe um Bulamutumumo, Tarzan pode matá-lo. Desce, Goro, grande covarde, e vem lutar com Tarzan! Tarzan dará cabo de ti. Eu sou Tarzan, o matador.

A lua não respondeu às fanfarronadas do homem-macaco. E quando pouco depois uma nuvem se interpôs ocultando-a, Tarzan ficou convencido de que o astro, amedrontado, se escondia dele. Desceu orgulhoso do alto da árvore, indo acordar Numgo para dizer-lhe que o Goro fugira do céu com medo de Tarzan, que o fizera tremer com o seu desafio.

O homem-macaco falava da lua como de um ser masculino, porque para os antropóides tudo que era grande e forte não podia deixar de ser macho.

Numgo não ficou muito impressionado com o que lhe dizia Tarzan e como estivesse com muito sono, aconselhou-o a ir-se embora e a deixar em paz os que eram superiores a ele.

Mas o rapaz não estava disposto a renunciar à procura de Deus. Sem deixar adormecer de novo o grande macaco, perguntou-lhe:

— Você, Numgo, é muito velho, deve ter portanto visto muita coisa na sua vida. E se Deus existe, é impossível que você não o tivesse encontrado alguma vez. Digame, que cara tem ele? Onde vive?

Numgo, evidentemente impacientado com a inoportuna curiosidade de Tarzan, respondeu-lhe apenas:

— Eu sou Deus, vá dormir e não me amole.

Por alguns minutos o homem-macaco fixou atentamente o antropóide e depois sacudiu a cabeça. E subitamente, arreganhando os dentes atirou-se cheio de raiva

sobre o dorminhoco, pregando-lhe uma dentada na espádua felpuda e apertando-lhe o pescoço com os dedos vigorosos. E após umas duas sacudidelas, largou o mono.

— Você é mesmo Deus? gritou Tarzan.

— Não, respondeu Numgo. Sou apenas um pobre macaco velho. Deixe-me em paz e vá fazer as suas perguntas aos Gomanganis. Eles são pelados como você e sabem muita coisa e poderão talvez responder-lhe.

Tarzan deixou Numgo e foi-se embora. O conselho que o antropóide lhe dera de procurar os guerreiros negros parecia-lhe razoável. E embora as relações de Tarzan com a gente da aldeia do chefe Mbonga fossem positivamente o oposto de uma boa camaradagem, ele bem poderia espionai os seus inimigos negros e verificar assim se eles tinham qualquer contato com Deus.

E foi cheio de ansiosa curiosidade que Tarzan dos Macacos se encaminhou para as árvores que beiravam a aldeia dos negros, na esperança de descobrir o Ser Supremo, o Criador de todas as coisas.

E enquanto seguia, não se descuidava de inspecionar as condições do seu armamento. Examinou cuidadosamente a sua preciosa faca de caça. Contou as flechas que tinha consigo e verificou se a tripa do arco estava nova e bem elástica. Esgrimiu um pouco com o chuço de que despojara uma vez um guerreiro negro e guardava não apenas como troféu, mas também como arma, cujo valor ofensivo imediatamente compreendera.

Assim Tarzan dava o balanço dos seus recursos para um encontro com Deus. Nunca se pode estar bem seguro de que um laço de cipó, um chuço ou uma seta envenenada sejam armas eficazes no combate com um inimigo que se vai enfrentar pela primeira vez. Mas depois da_ inspeção do seu arsenal, Tarzan dos Macacos ficou tranqüilo, certo de que não haveria dúvida sobre o desfecho da luta, se Deus se dispusesse a pelejar com ele. Muitas eram as perguntas que Tarzan pretendia fazer ao Criador do Universo e entretinha a esperança de que Deus não fosse uma divindade belicosa. Mas a sua experiência da vida e dos seres vivos lhe havia ensinado que todas as criaturas providas de poder ofensivo e defensivo não deixam de provocar uma briga quando estão de mau humor.

Era noite quando Tarzan dos Macacos chegou à aldeia de Mbonga, e silencioso e cauto foi colocar-se no seu posto habitual de observação em um dos galhos da grande árvore, cuja frondosa ramagem se estendia por sobre a paliçada. Na rua da aldeia viu homens e mulheres, notando que os homens se achavam pintados ainda mais hediondamente que de costume. Por entre os negros andava uma figura grotesca e que ao mesmo tempo tinha alguma coisa de misterioso e de estranho. Era a figura de um homem alto que, apesar de caminhar sobre pernas humanas, tinha uma cabeça

de búfalo e uma longa cauda que lhe caía até os tornozelos. Em uma das mãos trazia um rabo de zebra e com a outra empunhava um feixe de pequenas flechas.

Tarzan teve um choque. Seria possível que ele tivesse tido a sorte de ver tão depressa o Deus que procurava? Certamente aquilo não era nem homem nem animal e não podia, portanto, ser outra coisa senão o próprio Criador do Universo. O homem-macaco começou a observar atentamente todos os movimentos daquele ser estranho. Notou que os negros, tanto as mulheres como os homens, recuavam ao aproximar-se a figura misteriosa, como se estivessem aterrorizados diante do seu poder.

Dentro em pouco a divindade começou a falar e todos os Gomanganis, em completo silêncio, começaram a escutar o que dizia a estranha figura de pernas humanas e cabeça de búfalo. Tarzan convenceu-se de que ninguém senão Deus seria capaz de atemorizar tanto os negros e impor-lhes silêncio, sem precisar recorrer a chuços e setas. Um dos motivos que levava Tarzan a desprezar os Gomanganis, era exatamente a sua incessante parolagem. O rapaz verificara que os pequenos macacos e os micos estavam sempre tagarelando e eram muito covardes, ao passo que os antropóides da tribo de Kerchak, sempre capazes de brigar, falavam muito pouco. Numa, o leão, não era também loquaz e na selva ninguém combatia mais que ele. Daí o homem-macaco induzira uma teoria de que as criaturas muito faladoras não mereciam grande respeito.

Naquela noite Tarzan dos Macacos assistiu a cenas estranhas cuja significação não conseguiu descobrir. E por não tê-las entendido, concluiu que se devia tratar de coisas do Deus que ele não podia compreender. Três jovens negros receberam os chuços das mãos do fantástico feiticeiro, que conseguiu dar à cerimônia grotesca um aspecto impressionante e atemorizador.

Imensamente interessado, Tarzan viu o feiticeiro chibatar com o rabo de zebra os três adolescentes e, depois, o curioso ritual da troca de sangue entre eles e Mbonga, o chefe, em um ato sacramental de confraternização pelo sangue. Em seguida o feiticeiro mergulhou o rabo de zebra em um caldeirão cheio d'água, sobre a qual fez passes mágicos, dançando e pulando em roda. Completada esta cerimônia, aspergiu com o líquido encantado a fronte e o peito dos três jovens noviços. Pudessem o homem-macaco saber o que significava aquela cerimônia, isto é, ter ela por objetivo tornar invulnerável aos golpes do inimigo e dar ao indivíduo coragem para enfrentar qualquer perigo, e certamente teria saltado à rua da aldeia de Mbonga para pegar do rabo de zebra e de um pouco do líquido contido no caldeirão.

Mas Tarzan não conhecia o sentido do que presenciava e por este motivo, sem entender aquela cena, acompanhava-a absorto e sentindo ao longo da espinha arrepios que bem indicavam a estranha emoção de que se achava possuído e para a

qual por certo concorria a mesma ação hipnótica que o feiticeiro exercia sobre os negros, empolgados por uma exaltação mística, levada quase ao ponto de provocar neles uma crise histérica.

Quanto mais Tarzan observava o feiticeiro e o que ele fazia, maior era a sua convicção de achar-se diante de Deus e mais intenso o desejo de dirigir a palavra à divindade. Mas para Tarzan dos Macacos entre o pensamento e a ação não havia distância.

Os negros de Mbonga haviam agora atingido o mais alto ponto de excitação. Os seus nervos achavam-se por tal forma afinados ao ritmo exaltado a que os levava a macabra palhaçada do feiticeiro, que muito pouco bastava para provocar-lhes uma descarga violenta da força nervosa mantida em alta tensão.

Um leão que vagueava pela selva aproximou-se da paliçada e subitamente rugiu no tom alto e impressionante com que a grande fera quebra o silêncio noturno da floresta. Os selvagens tiveram um sobressalto e emudeceram em atitude quase angustiosa quando se fez ouvir de novo o ronco trovejante que lhes era tão conhecido, mas que sempre os aterrorizava. O próprio feiticeiro interrompeu um passo complicado da sua dança ritual e ficou imóvel como uma estátua, enquanto o seu espírito astuto procurava um meio de tirar partido da emoção dos circunstantes, aproveitando a oportuna interrupção para reforçar ainda mais o seu domínio sobre a gente da aldeia de Mbonga.

A noite corria admiravelmente bem para o feiticeiro. Três cabras seriam a paga que lhe cabia pela iniciação dos três jovens. Além disso, já recebera vários presentes de cereais e de contas e mais um pedaço de fio de cobre, óbolos oferecidos pelos membros mais atemorizados do auditório sobre o qual exercia o seu prestígio.

O rugido de Numa ainda repercutia nos nervos tensos dos negros, quando uma gargalhada lancinante de mulher quebrou o silêncio solene da aldeia. Foi este momento que Tarzan aproveitou para saltar do galho da árvore para o interior da paliçada. E ali, intrépido no meio dos seus sanguinários inimigos, o homem branco de pé, mais alto que muitos guerreiros da tribo de Mbonga, ficou ereto como as flechas dos selvagens e com a possante musculatura que lembrava a força de Numa, o leão.

Por alguns segundos Tarzan encarou fixamente o feiticeiro. Todos os olhares fixaram-se sobre ele, mas ninguém se atrevia a fazer um movimento, porque o terror paralisava os negros. Mas quando o rapaz avançou para o feiticeiro, os selvagens chegaram a tal ponto de terror, que a própria ação paralisante do medo cessou e, dominados por um indescritível pavor pânico, puseram-se a gritar, correndo vertiginosamente para as suas cabanas.

Há muitos meses pairava sobre a aldeia o terror criado pelo estranho deus branco da selva. Dos próprios lugares centrais da aldeia desapareciam setas misteriosamente furtadas. Guerreiros negros haviam sido mortos inexplicavelmente nos atalhos da selva e à noite os seus cadáveres caíam na aldeia como se tivessem tombado do céu.

Alguns selvagens haviam conseguido ver de relance na floresta aquele inimigo sutil e assustador. As narrativas por eles feitas sobre a figura do deus da selva permitiam agora a toda a aldeia reconhecer em Tarzan o seu implacável e misterioso perseguidor. De dia e em outras circunstâncias os negros teriam tido sem dúvida coragem de enfrentar o homem-macaco. Mas à noite e sobretudo naquela noite em que as artimanhas do feiticeiro lhes excitaram os nervos de modo tão agudo, o terror os dominava de modo a torná-los incapazes de aproximar-se do estranho visitante.

Em poucos instantes, os negros espavoridos abrigavam-se nas cabanas e apenas o feiticeiro ficara na rua diante de Tarzan. O primeiro, meio sugestionado pela sua própria arte charlatanesca, sentia-se com força para medir-se com o novo demônio, que o vinha ameaçar no exercício da sua lucrativa profissão.

— Você é Deus? perguntou-lhe Tarzan.

O feiticeiro, sem ter idéia do que significavam aquelas palavras, fêz uns estranhos passos de dança e, depois de andar à roda, deu um salto para trás, curvou-se quase até o chão e, espalhando os pés e arremetendo com a cabeça para o homem-macaco, como se lhe quisesse dar uma chifrada, gritou-lhe: “Boo!” O berro era evidentemente destinado a assustar Tarzan e a pô-lo em fuga. Mas o feiticeiro teve a desagradável surpresa de verificar que a manobra falhara por completo.

O rapaz estava resolvido a encontrar Deus e nada neste mundo seria capaz de detê-lo. Aproximou-se ainda mais do feiticeiro que, vendo o insucesso dos seus métodos ordinários, resolveu apelar para recursos mais poderosos de magia. Afastando-se cautelosamente de Tarzan, o bruxo cuspiu sobre o rabo de zebra que continuava a empunhar, enquanto descrevia sobre ele círculos com as setas que tinha na outra mão, pronunciando ao mesmo tempo umas palavras rituais.

O feiticeiro não tinha tempo a perder, o seu encantamento precisava ser de ação rápida, porque o inimigo já estava muito perto dele. Assim, os círculos mágicos foram traçados no ar com a cauda de zebra em movimentos rápidos e nervosos. E logo que o cerimonial ficou completo, o feiticeiro traçando uma linha imaginária no espaço que o separava de Tarzan assumiu uma postura imponente.

Certo de que inspiraria temor ao adversário, dirigiu-se assim a Tarzan:

— Não passe daí. A linha que tracei você não a pode transpor, porque o encantamento que fiz é muito forte. Se você avançar morrerá, logo que o seu pé

tocar neste ponto. Minha mãe era uma *voodoo* e meu pai era uma cobra. Eu me alimento de corações de leão e de entranhas de pantera. Como bebês ao almoço e os demônios da floresta são meus escravos. Eu sou o mais poderoso feiticeiro do mundo. Nada temo, porque não posso morrer.

Mas o bruxo não concluiu a sua impreciação. Em vez disso, virou-se e pôs-se em fuga ao ver que Tarzan transpusera a linha mágica e avançava resolutamente sobre ele. O encantamento falhara. O homem-macaco não morreria e o feiticeiro só cuidava agora em livrar-se do inimigo, contra o que era impotente a sua magia. Vendo a maneira como o bruxo fugia, Tarzan estava a pique de perder a paciência e arrebatarse pela cólera. Deus não podia agir por aquela forma, pelo menos uma tal covardia não se coadunava com a idéia que Tarzan formava da divindade.

— Pare! exclamou Tarzan. Não quero fazer nenhum mal.

E assim concitava a figura em que tinha esperança de encontrar o Deus que procurava a vir conversar com ele e satisfazer-lhe a ansiosa curiosidade. Mas o feiticeiro já nem ouvia a voz do homem-macaco. Espavorido diante do fracasso da suprema operação mágica a que recorrera, tinha agora um único pensamento: fugir e escapar ao inimigo, contra o qual as suas armas maravilhosas se mostravam tão ineficazes. E como um louco corria pela aldeia, esbarrando nos caldeirões e tropeçando nos tições fumegantes das fogueiras quase apagadas, que projetavam a sua luz mortíça sobre as cabanas dos selvagens. Na carreira alucinada em busca do refúgio, o pobre feiticeiro, apesar da velocidade que o medo lhe imprimia, ia perdendo distância de Tarzan, cuja carreira faria inveja a Bara, a corça.

E assim, exatamente quando ia transpor o limiar da sua cabana, o fugitivo foi alcançado e agarrado por Tarzan. Em poucos instantes, o homem-macaco, que segurara o feiticeiro pelo ombro, o despojava da pele de búfalo e com surpresa verificava que, em lugar da figura estranha e misteriosa que tanto o impressionara, tinha diante de si apenas um negro nu.

Era aquele Gomangani igual a todos os outros da aldeia de Mbonga que Tarzan julgara poder ser o Deus, o Criador do Universo. Em um acesso de cólera, arreganhando os dentes, arrastou para fora da cabana o negro que se tinha ido encolher na semi obscuridade e veio examiná-lo mais atentamente à luz do luar.

O feiticeiro tentou ainda escapar, debatendo-se e metendo as unhas no adversário. Mas alguns murros na cabeça bastaram para convencê-lo de que era inútil resistir. E dentro em pouco, o mágico que dominava pelo terror a aldeia de Mbonga, jazia por terra cruelmente pisado pelo homem-macaco.

— Então você é Deus? Se você é realmente Deus, então Tarzan é maior que Deus. E levantando a voz bradou: — Sou Tarzan, em toda a selva e acima dela, na

água da chuva, nas águas que correm, nas grandes águas e nas pequenas águas, nada é igual a Tarzan. Sou maior que os Manganis e mais forte que os Gomanganis. Com as minhas mãos matei Numa, o leão, e Sheeta, a pantera. Não há ninguém igual a Tarzan, que é maior que Deus. Vejam!

E agarrando o corpo do feiticeiro, apertou-o e sacudiu-o violentamente, arremessando-o em seguida para o lado, onde o pobre negro foi cair desmaiado. E calcando o pé sobre o pescoço do infeliz, Tarzan dos Macacos ergueu orgulhosamente a fronte para a lua e fez repercutir pela aldeia e pela selva o terrível grito de vitória dos grandes macacos da tribo de Kerchak. Depois abaixou-se e arrebatando o rabo de zebra das mãos do feiticeiro desacordado, pôs-se a caminho com um passo altivo de triunfador.

Escondidos em suas cabanas, os selvagens observavam paralisados pelo medo o homem branco que assumia para eles as proporções aterradoras de um ser sobrenatural. Mbonga, o chefe, fora uma das testemunhas da cena que acabava de passar-se diante da cabana do feiticeiro. O chefe estava profundamente impressionado. O velho patriarca negro nunca tivera senão uma crença muito relativa no poder mágico do bruxo. E à medida que a idade lhe dera, como a experiência da vida, maior sabedoria, o seu ceticismo ainda aumentara. Mas como bom governante, Mbonga sabia avaliar bem a utilidade do feiticeiro e da sua magia, como meio de tornar mais dóceis os seus governados. Frequentemente o velho chefe tirava partido do medo supersticioso da sua tribo para encaminhá-la de acordo com os seus próprios objetivos e interesses e nisso o feiticeiro representava para ele um elemento de decisivo alcance.

Mbonga e o bruxo agiam sempre de comum acordo e repartiam entre si os proventos do domínio do mágico sobre o espírito supersticioso dos selvagens. O chefe rapidamente compreendeu que se a aldeia viesse a saber o que ele acabava de presenciar, as bases do seu sistema de governo ficariam seriamente comprometidas. A presente e a futura geração dos Gomanganis perderiam completamente a fé no poder dos feiticeiros e nenhum chefe conseguiria mais manter a ordem e a disciplina.

Mbonga sentia a necessidade de fazer imediatamente alguma coisa que neutralizasse a influência maléfica da vitória do demônio da floresta sobre o feiticeiro da tribo. E empunhando o seu pesado chuço, saiu da cabana no encalço do homem-macaco que se retirava majestosamente da aldeia. Calmo e displicente como se estivesse rodeado pelos seus camaradas, os grandes monos da tribo de Kerchak, e não tivesse em volta de si toda a população hostil da aldeia de Mbonga, Tarzan caminhava aparentemente distraído.

Mas aquela indiferença era apenas aparente. O homem-macaco aplicava todos os seus sentidos para observar o que se passava em torno dele. Mbonga, experimentado

em avançar sub-repticiamente para surpreender os animais de ouvido mais agudo da floresta, caminhava deslizando sutil nas pegadas de Tarzan. Nem Bara, a corça, tão fina em perceber com as suas grandes orelhas os mais ligeiros ruídos, teria pressentido os passos do chefe dos Gomanganis. Mas Mbonga não seguia no encalço de um veado, mas de um homem. E por isto só cuidava em evitar barulho.

Já estava perto do homem-macaco e preparava o chuço para o golpe, alçando-o acima da cabeça e bem para trás do ombro. Em breve estaria livre para sempre daquele aterrador inimigo e também livre ficaria o seu povo do cruel perseguidor que o atormentava. Não pouparia esforço para dar, certo, o golpe a fundo, de modo que o demônio branco não escapasse mais uma vez.

Mas Mbonga cometera um erro. Convencido de estar no encalço de um homem, não fizera entrar nos seus cálculos o fato muito importante de que Tarzan, se era homem, não deixava de ser também um animal da selva. Todos os seus sentidos tinham a agudeza finíssima dos órgãos de percepção dos seres inferiores. Quando o homem-macaco dera as costas aos seus inimigos, atendera a uma coisa em que nunca pensaria Mbonga ao caçar um homem. Tarzan observava a direção do vento. Este soprava no mesmo sentido em que ele caminhava e assim lhe trazia às narinas sensíveis todos os odores que vinham no seu caminho. Desse modo, o homem-macaco percebeu que estava sendo acompanhado, porque a sua maravilhosa sensibilidade olfativa lhe permitia distinguir uns dos outros os inúmeros cheiros que emanavam dos diversos pontos da aldeia africana e localizar cada um deles com rigorosa precisão.

Assim, Tarzan percebeu que um homem lhe vinha no encalço e a sua inteligência lhe fez compreender logo qual poderia ser o intuito de quem o seguia. E quando Mbonga já estava a distância conveniente para lançar o chuço, o homem-macaco fez meia volta tão bruscamente, que o chefe negro, sobressaltado, desfechou o golpe precipitadamente, errando o alvo. O chuço passou por sobre a cabeça de Tarzan que se inclinara e logo em seguida saltou sobre Mbonga. Mas antes de ser agarrado, o chefe já se achava em fuga para a cabana mais próxima, gritando aos guerreiros que acudissem e matassem o temível inimigo.

Debalde Mbonga pedia socorro. Tarzan corria no passo rápido de um leão que avança sobre a presa. E a tempera do homem-macaco era bem naquele momento a de Numa enfurecido. Mbonga ouvia os passos e os rugidos do perseguidor e tinha a impressão de que no seu encalço vinha a grande fera da floresta, sentindo já o sangue gelar-se-lhe nas veias ao contato aterrador das garras temíveis.

Os guerreiros negros também ouviram aqueles roncões e nas cabanas em que se abrigavam empunhavam os pesados chuços. Contra o leão não teriam hesitado em precipitar-se destemidos, para salvar o seu velho chefe. E não teriam também

hesitado em enfrentar número muito superior de outros guerreiros negros para salvar a vida de Mbonga. Mas diante daquele estranho demônio branco, a sua coragem desfalecia. Não eram humanos os rugidos que irrompiam do peito daquela criatura misteriosa, nem eram também de homem os dentes que vislumbravam ao luar na boca arreganhada do inimigo que os aterrorizava. E os guerreiros

Gomanganis, petrificados de medo, deixaram-se ficar na aparente segurança das suas cabanas, enquanto viam Tarzan agarrar-se às costas do velho Mbonga.

Este caiu ao chão e, transido de pavor com o inimigo a calcar-lhe o corpo, nada mais fazia que gritar com toda a força dos seus pulmões. Tarzan voltou Mbonga pondo-o de costas e depois de observar-lhe por alguns momentos a fisionomia, apontou sobre a sua garganta a grande faca, a faca de caça que seu pai, John Clayton, Lorde Greystoke, trouxera muitos anos antes da Inglaterra. A ponta afiada da lâmina estava a tocar a pele do negro que, cada vez mais apavorado, pedia misericórdia em palavras que Tarzan não entendia.

Pela primeira vez o homem-macaco teve ocasião de observar de perto a fisionomia do velho chefe africano. À claridade do luar viu a sua pele engelhada, o pescoço ressequido e o aspecto de velho pergaminho daquela cara enrugada lembrou a Tarzan os pequenos macacos que ele conhecia tanto na selva. Nos olhos de Mbonga transparecia um terror, que o homem-macaco nunca encontrara em nenhum dos animais que haviam sucumbido às suas mãos, nem também jamais se lhe deparara em nenhuma criatura um apelo tão angustioso por misericórdia.

Tarzan hesitou em desfechar o golpe, sem compreender que sentimento detinha o seu braço. Nunca relutara em dar cabo de um inimigo que acabava de subjugar. Parecia-lhe que o negro se ia encolhendo e reduzindo a um feixe de ossos sob a pressão da sua força. Aquele espetáculo de abatimento abjeto provocava em Tarzan um movimento de desprezo. Mas logo no seu coração surgiu outro sentimento, que até então lhe era completamente desconhecido. Pela primeira vez, Tarzan sentia piedade. A situação daquele desgraçado velho incapaz de defender-se despertava na alma do homem-macaco uma onda de bondade humana.

Tarzan levantou-se e deixou Mbonga sem lhe fazer mal algum. Com a cabeça erguida e passo firme, Tarzan caminhou até à árvore cujos ramos se projetavam por sobre a paliçada e, saltando a um dos galhos, desapareceu dos olhos ainda esgazeados de pavor dos habitantes da aldeia.

Em todo o percurso até chegar às árvores em que os antropóides da tribo de Kerchak faziam o seu dormitório, Tarzan meditava sobre aquele estranho sentimento que o tinha impedido de matar o velho Mbonga. E tinha a impressão de que alguém superior a ele lhe dera ordem de poupar a vida do velho chefe dos Gomanganis. Esta idéia repugnava entretanto ao homem-macaco. Porque se habituara a julgar que

ninguém tinha poder sobre ele para ditar-lhe o que devia fazer ou o que devia deixar de fazer.

A noite já ia muito avançada, quando Tarzan foi empoleirar-se na forquilha de um ramo acima dos galhos em que dormiam os macacos. E ainda se achava absorvido por aquelas cogitações obsedantes, quando o sono dele se apoderou.

O sol já estava alto quando o rapaz acordou. Os macacos estavam em franca atividade à procura de alimento. Do alto galho em que dormira, Tarzan languidamente observava os antropóides que esgaravataavam a argila lamacenta em busca de cascudos, baratas e minhocas ou trepavam pelas árvores à caça de lagartas e de ninhos para comer os ovos e os pequenos passarinhos.

Sobre a cabeça de Tarzan dos Macacos uma orquídea aquecida pelos raios de sol abria pouco a pouco as suas pétalas delicadas. Não era a primeira vez que Tarzan presenciava aquele formoso milagre da natureza. Milhares de outras orquídeas haviam expandido diante dos seus olhos o esplendor da sua florada gloriosa. Mas naquela manhã, o quadro tão familiar para ele apresentava-lhe aspecto inteiramente novo. Tarzan evidentemente atravessava uma crise espiritual em que a infinidade de coisas que até então o deixavam indiferente, começavam a apresentar-lhe um interesse absorvente e a suscitar problemas de que antes nunca cogitara.

O que faz abrir as flores? O que é que transforma um pequeno botão em uma grande flor? Por que é que existia flor? Por que existia ele próprio Tarzan? Onde vinha Numa, o leão? Quem plantou a primeira árvore? Como é que Goro, a lua, subia ao céu para de lá projetar a sua claridade sobre a assustadora escuridão noturna da selva? E o sol? Estaria ele ali por um simples acaso?

Por que todos os habitantes da selva não seriam árvores? E por que as árvores não seriam qualquer outra coisa? Por que Tarzan era diferente de Taug e este também diferente de Bara, a corça e Bara não era igual a Sheeta, a pantera, e, ainda, por que Sheeta não se parecia com Buto, o rinoceronte? Onde e por que maneira tinham surgido todas essas coisas — as árvores, as flores, os insetos, as inumeráveis criaturas da selva?

Inesperadamente uma idéia emergiu no espírito de Tarzan. Em uma das suas pesquisas pelo dicionário inglês em torno da palavra *God* (Deus), ele encontrara entre as definições desse vocábulo o termo “criar” e, procurando depois o sentido desta última palavra, se lhe deparara a expressão “causar a existência de alguma coisa, formar do nada”.

Tarzan estava quase a completar um pensamento em torno dessas cogitações, quando um choramigar distante o veio despertar da meditação e trazê-lo ao contato da realidade presente. A choradeira vinha da selva e partia de um ponto a pequena

distância da forquilha em que se empoleirava Tarzan, que não tardou em reconhecer o choro de Gazan, o *balu* de Teeka. Esse nome havia sido dado ao *balu*, porque o seu pêlo era muito ruivo e na língua dos antropóides Gazan significava pêlo vermelho.

Ao choramingar, seguiu-o logo depois um grito de positivo terror escapado dos pulmõezinhos do pequeno macaco. Tarzan em um instante estava pronto para a ação e célere como uma seta lançada do arco correu pelas árvores na direção donde partira o grito do *balu*. À frente dele já corria Teeka e pelos rugidos de pavor e de raiva da macaca, bem se podia avaliar do perigo que corria o filhote. Correndo por sobre galhos que se encurvavam e saltando de uma árvore para outra, o homem-macaco avançava à meia altura dos troncos em demanda do local donde a gritaria chegava agora a ser ensurdecadora.

Os macacos, atraídos pelos gritos do *balu* e de Teeka, acudiam de vários pontos e cada um que chegava era mais uma voz a engrossar o coro atroador.

Tarzan, mais veloz que os seus companheiros de maior peso, adiantou-se deles e foi o primeiro a chegar à cena que provocava todo aquele alarido. O que viu provocou um arrepio de terror em todo o seu corpo de gigante. O inimigo que ali estava era a criatura mais odiada e repulsiva da selva.

Enroscada em uma árvore lá estava Histah, a serpente, enorme, grossa e escorregadia. Nas dobras do seu abraço mortal ela já apanhara Gazan, o *balu* de Teeka. Entre todas as criaturas da selva, Histah era aquela que pelo seu hediondo aspecto inspirava a Tarzan um sentimento que se aproximava do medo. Os grandes macacos também tinham pelo terrível réptil uma repugnância invencível e o temiam ainda mais que a Sheeta, a pantera, e a Numa, o leão. De nenhum outro animal tinham os antropóides tanto cuidado em se afastar, como da serpente.

Tarzan sentia um horror extremo por aquele silencioso e repulsivo inimigo. Foi portanto grande o seu espanto ao ver a macaca precipitar-se sobre a cobra e deixar-se envolver por ela na mesma espiral muscúlosa, em que Gazan já ia sendo constringido e da qual Teeka procurava livrá-lo, fazendo esforços evidentemente inúteis.

E o homem-macaco quase duvidava do testemunho dos seus olhos, não podendo compreender como Teeka, apesar do terror que lhe inspirava Histah, se houvesse lançado sem hesitação sobre o réptil. E Tarzan tanto mais se admirava quanto o medo que lhe causava Histah não era muito menor que o inspirado à macaca pela serpente. O homem-macaco nunca pegara em uma serpente sem repugnância. O nojo e certamente também o medo entravam como elementos naquela repulsão, que representava no homem-macaco as influências ancestrais acumuladas durante inúmeras gerações e às quais se juntava provavelmente ainda o peso hereditário dos

remotos terrores de milhares de gerações de criaturas semelhantes a Teeka, que transmitiram aos humanos o terror primitivo do flexuoso e sutil ofídio.

Entretanto, Tarzan não hesitou mais que a macaca em pular sobre Histah, como se estivesse agarrando Bara, a corça, em uma caçada para buscar alimento. Assim assediada, a serpente movia horripelantemente o seu corpo ágil, enroscando-se e desenrolando-se nervosamente. Mas na luta o réptil não abandonava as presas que já tinha capturado e às quais se juntava agora Tarzan, também enleado no terrível caracol da cobra, logo que sobre ela pusera as mãos. Sempre agarrada à árvore, Histah apertava no ar os seus três prisioneiros, como se não lhes sentisse o peso e assim os constringia em um amplexo cada vez mais estreito, para arrancar-lhes a vida. Tarzan sacou da faca, que tantos serviços já lhe prestara, e cravou-a no corpo da serpente. Mas os apertões com que a cobra o esmagava pareciam tirar-lhe a esperança de ferir mortalmente o réptil, antes que ele o matasse. Contudo, o homem-macaco nem uma vez pensou em escapar. A sua idéia fixa era matar a serpente e livrar Teeka e o seu *balu*.

Irritada pela dor, a serpente com a boca escancarada voltava a cabeça para Tarzan. A enorme goela pela qual passaria com a mesma facilidade um coelho ou um bode chifrudo, abria-se ameaçadora diante do rapaz. Mas ao voltar a sua atenção para Tarzan, Histah expusera a sua cabeça aos golpes da faca empunhada pelo homem-macaco. Imediatamente com uma das mãos apoiada com força nas escamas variegadas junto à cabeça do réptil, Tarzan dos Macacos enterrou vigorosamente até o cabo a lâmina que foi atingir o encéfalo da cobra.

Em movimentos convulsivos, Histah relaxava e contraía alternadamente o corpo. O réptil não tinha mais sensibilidade, nem vida, era um cadáver. Mas ainda depois de morta, a grande serpente podia nas suas convulsões dar cabo de uma dúzia de homens ou de macacos.

Rápido, Tarzan desvencilhou Teeka e atirou-a ao chão. Em seguida libertou o *balu* e lançou-o aos braços da macaca, já pronta a apará-lo.

Histah continuava a apertar o homem-macaco que, após uma dúzia de tentativas mal sucedidas, conseguiu afinal escapar e saltar ao chão, pondo-se fora do alcance das terríveis contrações, em que se agitava o corpo da serpente morta.

Os antropóides, formando círculo, haviam assistido cheios de interesse às impressionantes peripécias do combate de Tarzan com o réptil. Mas logo que o homem-macaco escapou das roscas da cobra, os macacos, dando o espetáculo por acabado, voltaram às árvores para continuar a refeição interrompida. A própria Teeka, parecendo desinteressada de tudo a não ser do seu *balu*, lembrou-se de que antes de ser alarmada pelo incidente, descobrira, engenhosamente oculto na folhagem de uma árvore, um ninho em que encontrara três ovos em perfeito estado.

Tarzan já não se interessava também pela batalha terminada e lançando um olhar de despedida para o corpo de Histah ainda agitado pelos últimos tremores, caminhou descuidadamente para o pequeno banhado, em que neste ponto da selva a tribo se ia abastecer d'água. O homem-macaco não encerrara o combate lançando como de costume o seu grito de vitória. O fato era estranho e ele próprio talvez não soubesse explicar o motivo dessa omissão, que estava tão fora dos seus hábitos de combate. Mas a verdade é que Tarzan não considerava Histah um animal, o réptil se lhe afigurava, por um motivo que ele não percebia bem qual fosse, uma criatura diferente de todos os outros habitantes da selva. A única coisa de que tinha consciência, era do seu ódio profundo à serpente.

Chegando ao banhado o homem-macaco bebeu abundantemente e em seguida deitou-se à sombra das árvores. Então em seu espírito se foi reconstruindo a cena da luta com o réptil e Tarzan perguntava a si mesmo o que teria levado Teeka a atirar-se sobre o monstro, apesar do horror que Histah sempre lhe inspirara. E por que ele próprio Tarzan teria vencido a sua repugnância e mesmo o medo que a cobra lhe causava, para arriscar a vida em defesa da macaca e do seu filhote? Nenhum dos dois lhe pertencia, eram ambos de Taug. Não compreendia a razão do seu ato. Histah não lhe serviria também de alimento e não fora, portanto a fome que o impelira a atacar o repulsivo réptil.

Pensando agora sobre o que acontecera, o rapaz chegou à conclusão de que agira sob a pressão de uma força que não vinha dele próprio. E o seu gesto arremetendo contra a serpente parecia-lhe agora determinado pela mesma causa que na noite precedente o fizera sustar o golpe sobre o pescoço do velho chefe dos Gomanganis.

O que o teria feito agir assim? Se praticava atos contrários a tudo que nele o impelia a agir, era porque existia alguma coisa mais forte que ele e que lhe impunha a sua vontade.

— Todo-Poderoso é Deus, assim o dizem os bichinhos que formam as palavras, pensava Tarzan. Foi, pois, Deus que me fez fazer estas coisas que eu nunca teria feito pela minha própria vontade. E foi também Deus quem impeliu Teeka a atirar-se sobre Histah em defesa do seu *balu*, porque ela nunca teria coragem de fazer semelhante coisa. E foi Deus que susteve o meu braço, impedindo-me de matar Mbonga. Deus opera grandes coisas, porque ele é Todo-Poderoso. Eu não posso ver Deus, mas sei que ele existe, porque a sua vontade me faz agir contra os meus próprios desejos. E o que faz Deus, nenhum Mangani, nenhum Gomangani ou nenhum Tarmangani consegue fazer. E as flores — quem as faz desabrochar? Ah! agora tudo está explicado para mim. As flores, as árvores, a lua, o próprio sol e tudo que vive na selva são coisas feitas por Deus, criadas por ele do nada.

E Tarzan, deslumbrado pelo que se ia revelando ao seu espírito, prosseguia na

meditação, cada vez mais empolgado por uma curiosidade que o arrastava a aprofundar-se no mistério.

— Mas o que seria Deus? pensava ele. Com que coisa se parecerá Deus?

Sobre este ponto não encontrava uma idéia que o satisfizesse. Mas sentia cada vez mais firme a convicção de que tudo que era bom vinha de Deus e por ele havia sido criado. De Deus viera a força que o impedira de matar o pobre Gomangani indefeso. E também de Deus viera o impulso de Teeka arrostando a morte para salvar o seu *balu* e o próprio ato que ele praticara, arriscando a vida para livrar dos apertões terríveis da serpente a macaca e o seu filhote. E as flores e as árvores eram belas, haviam sido criadas por Deus. E fora ele também que criara os outros seres da floresta para que cada um tivesse alimento para sustentar-se e viver. Deus fizera Sheeta, a pantera, com o seu magnífico pêlo. E Numa, o leão, com a sua nobre cabeça e juba hirsuta. Criara ainda Bara, a corça, tão linda e graciosa.

Tarzan encontrara Deus. O resto do dia passou-o recapitulando mentalmente as coisas boas e formosas em que via o sinal da benevolente ação criadora. Mas subsistia em seu espírito uma dificuldade que não conseguia superar. O conceito de Deus, que surgira radioso no seu espírito, não se reconciliava com o aparecimento de Histah, a serpente. Tarzan não podia compreender como Deus, o Criador das coisas belas e benéficas, fizera aparecer na selva a forma hedionda do monstruoso réptil. E obcecado por esse problema que lhe perturbava a harmoniosa revelação da divindade, Tarzan dos Macacos perguntava ansioso:

— Mas quem criou Histah, a serpente?

Tarzan e o negrinho

TARZAN dos Macacos estava sentado junto a uma grande árvore trançando uma nova corda de cipó. Ao seu lado estavam os pedaços da que fora arrebitada e cortada pelas presas e garras de Sheeta, a pantera. Ali estava apenas a metade da velha corda que Tarzan apanhara enrolada aos arbustos, quando o grande gato fugira enfurecido e levando ainda a outra metade com o laço passado ao pescoço.

E o rapaz sorria, recordando-se dos esforços desesperados da pantera para livrar-se dos arbustos a que a prendia a corda enleada. Lembrava-se dos rugidos estranhos do felino, cheio de ódio e de raiva, mas tomado também de susto. O quadro daquele inimigo em situação tão desagradável reconstituía-se-lhe no espírito, divertindo-o e ao mesmo tempo fazendo-o saborear o prazer de novas aventuras, quando estivesse com outra corda pronta para lançar a presa.

Tarzan estava preocupado em fazer agora uma corda mais forte e pesada que todas as outras de que até então se utilizara na caça. O espetáculo de Numa, o leão, a debater-se em vão depois de apanhado pelo laço, enchia de entusiasmo o jovem caçador. A alegria de Tarzan era completa naquele momento, porque as suas mãos e seu cérebro se achavam em plena atividade. Contentes também estavam os seus companheiros, os macacos da tribo de Kerchak, empenhados em procurar alimento na clareira e nas árvores das cercanias.

Os antropóides não eram perturbados por ansiedades sobre o futuro e a sua memória fraca apenas lhes trazia vagas recordações de fatos recentes. Todos se sentiam estimulados pelo prazer primário de encher os estômagos e assim patenteavam uma alegria ruidosa e brutal. Depois do repasto iriam dormir. E assim gozavam a vida ao seu modo, como nós o fazemos à nossa maneira e Tarzan também o fazia à sua. Talvez os antropóides desfrutassem a existência melhor que nós, porque quem dirá que os animais da selva não realizam melhor os objetivos da vida, que o homem fazendo incursões por campos estranhos e infringindo tantas vezes as leis da natureza? Nada traz tanta alegria e tanto contentamento, como a realização do próprio destino.

Enquanto Tarzan trabalhava, Gazan, o pequeno *balu* de Teeka, brincava ao lado dele. A macaca, bem como Taug, já não entrelinha suspeita alguma sobre as intenções do homem-macaco e assim, descuidosa, deixava junto a ele o filhote e ia buscar alimento do outro lado da clareira. Depois de ter-se o homem-macaco batido com a pantera para salvar o *balu* e de haver-se arremessado no turbilhão mortal dos apertões da serpente, Teeka não podia duvidar mais de que ele só quisesse fazer

bem ao seu *balu*. Agora a confiança da macaca chegava ao ponto de Tarzan ver-se frequentemente investido das funções de ama-seca do pequeno antropóide, ocupação que aliás não lhe desagradava, porque o homem-macaco gostava sempre de qualquer forma nova de atividade e encontrava prazer em todas as diversões.

O macaquinho começava a sentir a atração pelas árvores e exercitava-se em subir aos galhos o que, digamos de passagem, era para ele muito útil naquele período da vida, quando tinha de contar mais com a sua agilidade para fugir, do que com os músculos ainda mal desenvolvidos e com os dentes de combate incapazes por enquanto de fazer muito mal ao inimigo. Recuando uma meia dúzia de metros do tronco da árvore, a cuja sombra Tarzan trabalhava no preparo da corda, Gazan deu uma corrida e destramente subiu pelo tronco indo enganchar-se orgulhoso nos primeiros galhos. Em seguida pulou ao chão e alegre repetia várias vezes a mesma proeza. De vez em quando o *balu*, como um bom macaco, se interessava por outras coisas. Uma lagarta, uma baratinha ou um camundongo despertava-lhe o instinto de caça e o fazia pôr-se no encalço da presa. As lagartas eram invariavelmente apanhadas, as baratas, às vezes não conseguiam escapar, mas quando se tratava de camundongo, Gazan era sempre mal sucedido.

No meio dos seus folguedos, o *balu* descobriu a ponta da corda de cipó que Tarzan trançava. Em um momento de distração do homem-macaco, Gazan puxou com a mãozinha a corda que tanto o interessava e saiu a correr, arrastando-a pela clareira.

Tarzan levantou-se logo e correu atrás do macaquinho, sem que entretanto houvesse traço de mau humor ou de zanga nos gritos com que reclamava a corda. Mas o *balu* já tinha chegado perto da mãe e o homem-macaco logo após ele. Teeka, que estava ocupada na sua refeição, ao ver chegar o filhote às carreiras e “ouvindo o tropel de alguém que o perseguia, voltou-se imediatamente, arreganhando os dentes e já em atitude de combate. Mas verificando que era Tarzan que vinha no encalço do *balu*, voltou-se tranqüilamente e continuou a procurar alimento. E quando Tarzan agarrou o macaquinho tomando-lhe a corda, o que provocou gritos agudos de Gazan, a macaca apenas volveu um olhar para o que se passava, sem revelar qualquer ansiedade. Evidentemente Teeka não tinha mais o mínimo receio de que o homem-macaco pudesse fazer qualquer mal ao seu primogênito. Depois de ter visto duas vezes Tarzan salvar a vida do *balu*, arriscando a sua própria, a macaca compreendera que dele nada tinha a recear, quanto ao filhote.

De posse da sua corda, Tarzan voltou para junto das árvores e recomeçou o trabalho. Mas daí em diante sentiu

a necessidade de prestar muita atenção às travessuras do endiabrado *balu*, que decididamente se encantara pelo cipó e estava resolvido a furtá-lo de novo, desde

que surpreendesse distraído o animal sem pêlo, em quem provavelmente via um parente próximo.

Apesar de atrapalhado freqüentemente pelo *balu*, Tarzan chegou ao termo do seu trabalho, tendo preparado a melhor e mais forte corda de laçar de que até então dispusera. Terminado o trabalho, o homem-macaco deu a Gazan o pedaço da corda velha, não apenas para que o macaquinho se divertisse, como também porque já vinha formando o plano de educar o pequeno antropóide, ensinando-lhe, à medida que fosse crescendo, os seus próprios métodos de caçar e de combater. Desde logo a tendência inata de Gazan à imitação lhe ia facilitando a aprendizagem dos métodos de Tarzan. Assim, enquanto este andava pela selva com o seu laço em busca da caça, o macaquinho corria pela clareira, procurando apanhar com o seu pedaço de cipó os antropóides e puxá-los no meio de alegre brinquedo. O homem-macaco afeiçoara-se tanto ao *balu* de Teeka, que mesmo nas suas expedições em busca de alimento ou em procura de algum inimigo nobre, em que pudesse experimentar a força do seu novo laço, o pensamento freqüentemente se voltava para o macaquinho que deixara com a tribo.

O carinho de Tarzan pelo pequeno antropóide provinha, sem dúvida, em parte da circunstância de ser filho de Teeka, a quem o homem-macaco consagrara os primeiros e indecisos sentimentos de amor. Mas além disso havia naquele afeto uma inequívoca expressão da tendência inata em todos os seres do gênero humano a procurar uma criatura viva para objeto da afetividade que lhes é inerente. O sentimento que o homem-macaco consagrava a Gazan foi-se tornando tão forte, que já sentia ciúmes de Teeka. Indiscutivelmente o macaquinho correspondia calorosamente à amizade de Tarzan, preferindo-o muito ao seu rabugento pai. Mas quando o *balu* tinha medo ou sentia alguma dor, quando estava fatigado ou tinha fome, não era a Tarzan e sim a Teeka que procurava. Nessas ocasiões o homem-macaco sentia profundamente o seu isolamento. Precisava encontrar alguém que o procurasse antes e acima de todos para auxílio e proteção.

Taug possuía Teeka e esta tinha Gazan. Quase todos os machos e fêmeas da tribo de Kerchak tinham também alguém que os amasse e a quem podiam amar. É claro que o homem-macaco não formulava o seu pensamento nas palavras em que acabamos de o exprimir. Mas sentia intensamente a necessidade de um objeto para o afeto que vinha do seu coração e julgava-se privado de uma coisa possuída por quase todos que o cercavam. No seu espírito a idéia do que tão ardentemente desejava se relacionava vagamente com o que em nossa linguagem chamaríamos de relações de sangue. Assim, Tarzan queria ter um *balu* que lhe pertencesse, como Gazan pertencia a Teeka.

Ele vira Sheeta, a pantera, com a sua companheira e a família de três filhotes.

Mais para dentro da selva, lá para as colinas pedregosas, onde nos dias de grande calor era agradável deitar-se no bosque espesso e intrincado, que um grande pedregulho protegia dos raios do sol, Tarzan descobrira a cova de Numa, o leão, e de Sabor, a leoa. Ali observara o casal em companhia dos filhotes, pequenos e graciosos *balus*, malhados como leopardos. Em outras ocasiões vira Bara com a sua corçazinha e Buto, o rinoceronte, acompanhado pela sua desajeitada cria. Todas as criaturas da selva tinham filhos. E somente a ele Tarzan isso era negado. E pensar no seu isolamento tornava o homem-macaco triste e melancolicamente oprimido pela solidão.

Todos esses pensamentos sombrios foram dentro em pouco varridos do espírito moço de Tarzan. O cheiro da caça não o deixava mais em atitude de meditação. E engatinhando como um felino, o homem-macaco caminhou por um grande galho inclinado, sobre um atalho que ia terminar na lagoa, onde desde tempos imemoriais costumavam ir beber as criaturas selvagens daquela floresta bravia.

Quantos milhares de vezes aquele galho não se curvara ao peso da forma selvagem de um sanguinário caçador à espreita do animal incauto que a sede impelia para o bebedouro habitual! Tarzan, o homem-macaco, Sheeta, a pantera, Histah, a serpente, conheciam todos bem aquele posto de alcatéia. A casca do velho galho estava bem polida pelas inúmeras passagens dos mais temíveis caçadores da selva.

Desta vez era Horta, o javali, que vinha pela velha pista passar por debaixo do vigilante inimigo. As formidáveis presas e o diabólico mau gênio de Horta o protegiam na floresta contra a maioria dos animais de presa. Somente os mais ferozes e esfomeados dos grandes carnívoros se atreviam a atacar o javali.

Mas para Tarzan, carne era carne. Nada que fosse apetecível ou mesmo apenas comestível, poderia passar diante do homem-macaco em hora de fome, sem ser provocado e atacado. Aguilhoado pela fome ou estimulado pela cólera, Tarzan dos Macacos tornava-se mais selvagem que os mais bravios animais da floresta. Tarzan não conhecia o medo nem compaixão. Este último sentimento apenas nele se manifestara em raras ocasiões, quando o seu furor era detido por uma força que o homem-macaco não podia explicar porque, não conhecendo a sua origem, não sabia quais as tendências humanitárias e civilizadas que lhe pertenciam como legítimo patrimônio hereditário.

E Tarzan naquele dia, sem esperar prudentemente a passagem de caça menos formidável, lançou o seu laço de cipó sobre Horta, o javali. Era uma excelente experiência em que punha à prova a força da sua nova corda. O animal furioso saltava de um lado para outro. Mas a corda resistia bem e Tarzan amarrou-a a um galho forte acima daquele em que se achava. Cada vez mais enraivecido, o javali arremetia contra o gigante da floresta, metendo as presas no seu tronco rijo e

descascando-o aos pedaços. O homem-macaco saltou ao chão, empunhando a grande faca, a sua velha companheira cujo valor descobrira no dia em que sangrara Bolgani, o gorila, salvando-se assim da morte certa, a que não escaparia o seu corpo nas mãos possantes daquele temível macaco.

Sem medir as conseqüências do ato de loucura que ia cometer enfrentando um inimigo tão formidável como Horta, o javali, Tarzan avançou para o terrível animal que nesse momento, fazendo uma volta, se preparava para o ataque. Por um momento, o javali encarou o rapaz com os olhos faiscantes de raiva, sacudindo a cabeça abaixada.

— Comedor de lama, bradou o homem-macaco. Vives mergulhado na imundície. Hoje hei de comer o teu coração, valentão de grandes presas, e isto dará um vigor selvagem àquilo que pulsa por trás das minhas costelas.

Horta não entendia nada do que escutava, mas nem por isso o irritavam menos os gritos de Tarzan. O javali via apenas o homem nu, com a pele glabra e músculos que nada valiam diante dos seus formidáveis tendões e sem hesitação arremeteu contra o adversário.

Tarzan dos macacos, firme, esperou o assalto do animal que lhe teria rasgado uma das coxas com as terríveis presas, se um movimento ágil não o afastasse o bastante para escapar ao golpe. E com uma rapidez, diante da qual se diria que o próprio raio era vagaroso, cravou a faca que lhe legara seu pai, levando a ponta da longa lâmina até o coração de Horta, o javali. Com um salto rápido afastou-se da caça ferida, a fim de escapar aos golpes que o animal moribundo lhe poderia ainda desfechar nas vascas da agonia. Alguns momentos após o coração ainda quente de Horta já estava nas mãos vencedoras de Tarzan, que o devorou sofregamente.

Saciada a fome, o homem-macaco não procurou um pouso para dormir, como costumava fazer. Prosseguiu na caminhada pela mata em busca de novas aventuras, porque naquele dia a inquietação não o deixava descansar. E assim se foi avizinando da aldeia de Mbonga, o chefe negro, cujo povo Tarzan odiava implacavelmente, desde o dia em que Kulonga, o filho do chefe, matara Kala, a macaca que o criara.

Um rio corria fazendo uma volta ao lado da aldeia dos Gomanganis. O rapaz chegou até a margem em um ponto donde distinguia algumas cabanas destacadas. Aquele rio era uma das coisas que mais fascinavam Tarzan. Ali se divertia observando as manobras desajeitadas de Duro, o hipopótamo, e achava vivo prazer em atormentar Gimla, o crocodilo, preguiçosamente estirado ao sol. Outra diversão que o homem-macaco muito apreciava à margem do rio era

assustar as mulheres e as crianças dos Gomanganis, agachadas à beira d'água, as

mulheres lavando os seus trapos e a pequenada distraíndo-se com os seus brinquedos primitivos.

Naquele dia Tarzan encontrou uma mulher com o filho, mais rio abaixo que de costume. A negra procurava uma espécie de molusco que vivia na lama junto à barranca do rio. Era uma mulher ainda moça que poderia ter uns trinta anos. Tinha os dentes afilados e pontiagudos, mostrando bem que a sua raça era antropófaga. Do lábio inferior, furado, pendia um grande anel de cobre, que ela usava certamente havia muitos anos, porque o seu peso já tinha dobrado o beijo, de modo a deixar à mostra as gengivas da maxila inferior. O nariz, também furado, era atravessado por um pequeno cilindro de pau. Ornamentos metálicos pendiam-lhe das orelhas e da fronte, bem como das bochechas. O queixo e a extremidade livre do septo nasal estavam cobertos de tatuagens, cujas cores o tempo tinha desbotado. A negra estava nua, tendo apenas ao redor da cintura um saiote de capim. A seu modo aquela figura selvagem era bela. Este pelo menos era o juízo que a negra formava a seu respeito e do mesmo modo pensavam os homens da aldeia de Mbonga. Ela não era dos Gomanganis. Fora feita prisioneira de guerra ainda mal entrada na puberdade e trazida como troféu pelos guerreiros de Mbonga.

O pequeno que estava com a negra era seu filho, menino de uns dez anos, ágil, esbelto e podia ser considerado um belo tipo de criança africana. Tarzan, oculto pela folhagem de um arbusto próximo, observava interessadamente os dois selvagens. Teve a idéia de pregar-lhes um grande susto, dando um grito que os faria fugir precipitadamente, mas de repente outro pensamento atravessou-lhe o espírito. Ali estava um *balu*, cujas formas afinal de contas eram as mesmas que as dele. Sem dúvida, a pele do menino era preta e a de Tarzan branca. Mas que importava isso? Tanto quando ele sabia, era o único ser na terra que tinha aquele estranho colorido. Tarzan foi pensando e, rápido, chegou à conclusão de que o negrinho estava em ótimas condições para ser o seu *balu*, a pequena criatura a que ele se poderia dedicar como o afeto de Teeka ao seu *balu*. Ele trataria do negrinho cuidadosamente, o alimentaria bem, o protegeria como somente poderia fazê-lo Tarzan dos Macacos. E iria ensinando-lhe tudo que formava a sua consciência meio humana e meio bestial e assim o pequeno aprenderia os segredos da selva desde o que se passava nas camadas de vegetação apodrecida do solo, até as folhas dos últimos galhos que formam o terraço superior da floresta.

Tarzan desenrolou a sua corda de cipó e preparou-se para atirar o laço. Os dois selvagens, inteiramente alheios à próxima presença do apavorante inimigo, continuavam descuidosos na procura dos moluscos, cavando a lama com pedacinhos de pau.

Tarzan firmou o pé e alçando o braço direito arremessou o laço que por uma

fração de segundo pairou por sobre a cabeça do negrinho absorto e despreocupado, vindo a cair-lhe até os ombros, quando um puxão do homem-macaco o apertou, prendendo a criança pelos braços. Um grito de terror do pequeno selvagem sobressaltou a negra que, voltando-se, viu o filho arrastado por um gigante branco, que se achava de pé junto ao tronco de uma árvore a pouco mais de uma dúzia de passos.

Com um rugido de pavor e ao mesmo tempo de raiva a mulher destemidamente avançou para Tarzan. No aspecto da negra, Tarzan percebeu bem que ela estava disposta a não recuar nem diante da morte para defender o filho. Mesmo com a fisionomia calma, tinha a mulher um aspecto assustador, mas com a face convulsionada pela emoção, tornara-se horrível e diabòlicamente apavorante. O próprio homem-macaco que não sabia o que era medo, recuou, não amedrontado, mas cheio de irreprimível repugnância daquela figura hedionda.

Mordendo e esperneando lá se foi o negrinho debaixo do braço de Tarzan, que se internou na selva subindo às árvores em tempo de escapar à mãe enfurecida que o perseguia para arrebatá-lo a presa. E enquanto seguia pela selva carregando o prisioneiro que ainda se debatia, Tarzan meditava sobre as possibilidades dos Gomanganis, raça em que as fêmeas eram tão valentes como os machos.

E quando se viu a uma distância bastante grande da negra, cujas ameaças já não eram mais por ele escutadas, Tarzan dos Macacos parou e pousou em um galho o negrinho que estava agora tão aterrorizado que já não mais gritava, nem resistia ao seu raptor. O selvagenzinho encarava Tarzan, rolando os olhos em uma atitude de pânico.

— Sou Tarzan, disse o rapaz na língua dos antropóides. Não te farei mal algum, serás o *balu* de Tarzan. Serás protegido e bem alimentado por ele, comerás o que há de melhor na selva, porque Tarzan é um grande caçador. Não deves ter medo de nada, nem de Numa, o leão, porque Tarzan é um forte lutador. Ninguém é maior que Tarzan, filho de Kala. Não temas nada.

A criança entretanto, não compreendendo palavra do que o homem-macaco lhe dizia, choramingava e tremia ao ouvir as vozes desconhecidas da linguagem dos antropóides, tendo a impressão de que Tarzan rugia e latia como um animal feroz. O negrinho também ouvira contar na aldeia histórias aterradoras do deus branco da floresta. Fora ele quem matara Kulonga e outros guerreiros de Mbonga, o chefe. E à noite muitas vezes entrara sub-repticiamente na aldeia para furtar setas e veneno, assustando as mulheres e crianças e metendo medo até aos guerreiros. Por certo este deus terrível comia crianças. Porventura tantas vezes sua mãe, quando ele fazia travessuras, não o ameaçara de entregá-lo ao deus branco da floresta? O pequeno Tibo, assim se chamava o negrinho, tremia como se estivesse com um acesso de

febre.

— Estás sentindo frio, Gobu-balu? perguntou-lhe Tarzan, dando-lhe já o nome do menino negro arranjado a seu modo, de acordo com os vocábulos equivalentes do idioma dos macacos. O sol está tão quente, por que estás tremendo?

Tibo continuava a não entender patavina e chorando chamava pela mãe, prometendo ao mesmo tempo ao deus branco que seria um menino muito bem comportado, se ele o deixasse ir-se embora. Tarzan sacudia a cabeça. Ele também nada compreendia do que lhe dizia o prisioneiro. Não, aquilo não estava certo. E Tarzan formulava o plano de ensinar quanto antes o negrinho a falar uma linguagem que se pudesse entender. O homem-macaco estava convencidíssimo de que o papaguear do menino pão era linguagem, nem coisa que com isso se parecesse. Aquilo lhe soava aos ouvidos como se fosse a gritaria sem sentido de um bando de periquitos. O melhor, pensava Tarzan, era levar quanto antes o pequeno Gomangani para o meio dos macacos da tribo de Kerchak, onde, ouvindo os antropóides falar uns com os outros, aprenderia em pouco tempo a exprimir-se em uma linguagem inteligível. Tarzan pôs-se de pé no galho em que parará e deu ordem ao menino para que o acompanhasse. Mas Tibo agarrava-se ao tronco da árvore chorando. Como bom negrinho africano, Tibo sabia trepar às árvores e o fazia com muita satisfação. Mas correr pela selva pulando de galho em galho, como ele vira com assombro e pavor fazê-lo o seu raptor quando o arrebatara da companhia da mãe. era coisa que o enchia de terror.

Tarzan suspirou, reconhecendo que o *balu* que acabava de arranjar tinha de fato muito a aprender. Era uma pena realmente que um *balu* tão crescido e tão forte estivesse ainda tão atrasado. Tentou ainda ensinar ao pequeno Gomangani a saltar de um galho para outro. Mas a criança não se atrevia a dar o pulo e o homem-macaco não teve remédio senão pôr o pequeno às costas e levá-lo assim pela floresta. Tibo já não esperneava, nem mordia, convencera-se enfim de que era impossível escapar. E mesmo que o pudesse fazer agora, compreendia que lhe seria muitíssimo difícil encontrar o caminho para voltar à aldeia. E ainda quando conseguisse descobrir a direção da aldeia, correria o risco de encontrar os leões, os leopardos e as hienas que, como Tibo muito bem o sabia, gostavam imenso da carne tenra dos meninos negros.

Até então o assustador deus da floresta não lhe fizera mal algum e ele não podia esperar a mesma consideração dos temíveis comedores de carne humana, cujos olhos verdes a sua imaginação evocava com horror. Entre os dois males, o negrinho sensatamente escolhia o menor. E sem debater-se e sem morder, deixava-se agora transportar pela selva sobre os ombros do homem branco.

Entretanto, a viagem não lhe era muito agradável. Tarzan corria, saltando de galho

em galho e Tibo sentia calafrios quando olhava para baixo e via a altura em que se achava. Para evitar a vertigem e diminuir o susto, o negrinho fechou os olhos e agarrou-se mais fortemente aos ombros do seu raptor. Nunca o pequeno selvagem sentira tanto medo, mas à medida que o tempo passava, uma estranha sensação de confiança e de segurança começou a dominá-lo. Tibo observava a destreza com que Tarzan pulava de um ramo para outro, correndo por sobre a galhada da selva como se estivesse no chão. E o negrinho foi pouco a pouco sentido-se feliz por estar tão alto e tão acima da terra por onde andavam os leões e as panteras.

Afinal Tarzan saltou na clareira cheia de antropóides, que na forma do costume andavam a comer. O repasto da tribo foi interrompido pela surpresa da chegada do homem-macaco, com o seu *balu* agarrado aos ombros. Mas Tarzan já se achava no meio dos monos, quando Tibo percebeu onde se encontrava. E somente então os antropóides também verificaram que o rapaz não estava só. Logo que compreenderam tratar-se de um pequeno Gomangani, os macacos acercaram-se cheios de curiosidade, arreganhando os dentes com ares de pouco amigos.

Tibo, que pouco antes passara os momentos mais atrozes da sua vida, ao ver agora aqueles animais peludos e mal-encarados, achou que tudo quanto sofrera pouco antes na floresta, era um brinquedo diante do quadro horroroso que agora se lhe deparava. Por que estaria o gigante branco tão despreocupado no meio daqueles monstros? Por que não fugiria ele antes que aqueles peludos habitantes das árvores os reduzissem a pedaços? Então surgiu no espírito do negrinho uma vaga recordação. Lembrou-se de ter ouvido muitas vezes falar na aldeia de Mbonga que aquele tremendo gigante da selva não era mais que um macaco pelado, que costumava ser visto pelas árvores em companhia dos monos.

Tibo, com os olhos esgazeados pelo pavor, via aproximarem-se os antropóides. Observava-lhes as fronte achatadas, os dentes ameaçadores e os olhos maldosos. Percebia os seus músculos possantes contraindo-se por debaixo do pêlo hirsuto. Todas as atitudes e expressões dos macacos tinham um aspecto ameaçador. Tarzan, que também percebia os modos hostis dos antropóide, pegou o menino e colocando-o diante de si disse:

— Aqui está o Gobu-balu de Tarzan. Quem fizer mal a ele, será morto por Tarzan.

E voltando-se para o macaco mais próximo, arreganhou os dentes significativamente. O antropóide retrucou:

— É um Gomangani, deixe-me matá-lo. Os Gomanganis são nossos inimigos, deixe-me matá-lo.

Já um pouco irritado, o homem-macaco em tom imperioso gritou:

— Vá embora, Gunto. Já te disse que este é o *balu* de Tarzan. Vá embora ou

Tarzan dará cabo de você. E acompanhando as palavras com um princípio de ação, avançou na direção do mono. Este, compreendendo a gravidade da situação, foi-se pondo ao fresco empertigado e altaneiro, como um cão que encontra outro e recua, não querendo dar o braço a torcer e ao mesmo tempo receoso de dar as costas ao adversário.

Logo após chegou Teeka movida pela curiosidade. Ao seu lado saltitava o pequeno Gazan. Estavam ambos cheios de assombro como os outros macacos, mas Teeka não arreganhava os dentes. Tarzan observou isto e fêz-lhe sinal para que se aproximasse.

— Tarzan tem agora o seu *balu*, disse ele. O *balu* de Tarzan e o *balu* de Teeka podem brincar juntos.

— É um Gomangani, observou a macaca, ele vai matar o meu *balu*, tire-o daqui, Tarzan.

O homem-macaco, rindo, respondeu:

— Ele não é capaz de fazer mal a Pamba, o rato, é um *balu* pequeno e muito medroso. Deixe-o brincar com Gazan.

Entretanto, Teeka continuava receosa, porque os grandes macacos, apesar da sua ferocidade, são tímidos. Mas afinal a confiança absoluta que ela agora depositava em Tarzan deu-lhe ânimo e, empurrando Gazan para diante, mandou-o brincar com o negrinho. O pequeno macaco, movido pelo instinto, recuou para junto da mãe, arreganhando os dentes e dando gritos de medo e de raiva.

Por seu lado Tibo não mostrava desejos de um contato íntimo com Gazan e assim Tarzan teve de adiar o seu projeto de tornar camaradas o balu de Teeka e o pequeno Gomangani.

A semana seguinte passou-a o homem-macaco muito ocupado e preocupado. O seu *balu* acarretava-lhe responsabilidades maiores do que havia previsto. Nem um momento podia deixá-lo. Exceto Teeka, em quem podia confiar, toda a tribo de Kerchak estava disposta a matar o indefeso negrinho, e se não o fazia era exclusivamente porque Tarzan nunca afrouxava a vigilância. Quando ia caçar, tinha de levar consigo o Gobu-balú. E Tarzan sentia-se irritado por ver como o pequeno selvagem era estúpido e medroso. Não sabia defender-se nem mesmo das menores e menos temíveis criaturas da selva. O homem-macaco ficava perplexo sem saber como aquele pequeno pudera sobreviver escapando aos inúmeros perigos da floresta. Ao cabo de muitos esforços para educar o filho adotivo, Tarzan teve um raio de esperança ao descobrir que ele já conhecia algumas palavras da língua dos antropóides e que já podia ficar em um alto galho de árvore sem apavorar-se, mas havia na criança uma coisa que aborrecia profundamente Tarzan. Por ocasião das

suas expedições para espionar a aldeia dos Gomanganis, o homem-macaco ficara sempre muito impressionado pela alegria das crianças que ali brincavam, gritando e rindo muito. Mas o seu Gobu-balu nunca ria e isto representava um enigma indecifrável e perturbador. É verdade que Tarzan também nunca ria, às vezes sorria mas o seu sorriso era amargo e não se parecia nem de longe com as ruidosas gargalhadas alegres dos guerreiros negros. Entretanto, ponderava Tarzan, o negrinho deveria rir, porque o riso era um costume dos Gomanganis.

Além disso, o menino muitas vezes recusava alimento e de fato ia emagrecendo sensivelmente. Muitas vezes Tarzan surpreendia a criança soluçando baixinho. O homem-macaco procurava então confortar o pequeno, tal qual Kala, a macaca, fazia quando ele próprio era um *balu*. Mas os carinhos do homem branco não conseguiam alegrar o negrinho. A única coisa que o rapaz alcançará», fora fazer com que o pequeno Gomangani não tivesse mais medo dele. De todos os outros seres vivos da selva o negrinho tinha pavor. Temia os longos dias de caçada pela alta ramada das árvores. E à noite o seu medo era ainda mais intenso, quando se sentia mal equilibrado nos altos galhos onde repousava, percebendo no silêncio da floresta os ruídos feitos pelos grandes carnívoros que rondavam por debaixo.

Tarzan não sabia o que havia de fazer. O seu sangue inglês o obstinava na execução do seu plano, mas era forçado a reconhecer que o seu *balu* ficava muito aquém das suas esperanças. Pouco a pouco o rapaz sentia afeição pelo negrinho. Era, entretanto, forçado a reconhecer que os seus sentimentos para com ele não se pareciam nem de longe com o afeto apaixonado e selvagem de Teeka por Gazan e da negra pelo Gobu-balu que ele raptara.

O negrinho evoluíra nos seus sentimentos para com Tarzan, do terror pânico que a princípio ele lhe inspirava até a mais completa confiança e admiração. Do grande deus demoníaco Tibo só recebera carinhos e provas de afeto. Entretanto, o negrinho tinha constantemente ocasião de observar a ferocidade com que o seu bondoso raptor sabia lidar com outros seres. Assistira uma vez ao que Tarzan fizera com um antropóide que teimava em matar o seu Gobu-balu. Vira os fortes dentes brancos do gigante cravarem-se no pescoço do macaco e, transido de medo, assistira à luta, em que os músculos possantes do homem e os do animal se contorciam, enquanto os roncões e rugidos dos combatentes se confundiam por forma a tornarem-se indistinguíveis uns dos outros.

De outra feita presenciara a proeza de Tarzan abatendo um bode selvagem, que subjugara, saltando-lhe ao dorso e enterrando-lhe os dentes no pescoço, como poderia ter feito Numa, o leão. Esse espetáculo impressionara profundamente Tibo. Depois de apavorar-se com as peripécias da luta, entusiasmara-se com a vitória de Tarzan e, pela primeira vez no seu espesso cérebro de negro, raiara o desejo de

imitar as façanhas do seu protetor. Mas havia uma grande distância entre Tarzan e o seu *balu*. Este não possuía a centelha divina da inteligência, que no cérebro do menino branco lhe permitira aproveitar as lições da experiência da selva, evoluindo mentalmente e inventando novos métodos de combate e processos sempre originais para a afirmação da sua vontade dominadora. O negrinho não tinha imaginação e imaginação é apenas um sinônimo de superinteligência.

A imaginação é que constrói pontes, cidades e impérios. Os animais não têm imaginação. Os negros a possuem em escala muito diminuta. Em cem mil homens da raça branca dominadora, apenas um é dotado de imaginação bastante, para que possa conduzir os seus semelhantes e impedir que a humanidade desapareça da terra.

Enquanto Tarzan meditava sobre o que havia de fazer do seu *balu*, o Destino arranjava as coisas de modo que o problema escapasse das mãos do homem-macaco. Momaia, a mãe de Tibo, desolada pelo rapto do filho, consultara sobre o caso o feiticeiro da aldeia, que não lhe soubera dar um conselho aceitável. O encantamento feito pelo bruxo, embora tivesse custado à pobre negra duas cabras dadas como espórtula, fracassou por completo. O menino não voltou, nem Momaia obteve do feiticeiro qualquer indicação que lhe servisse para procurar o filho com alguma probabilidade de êxito. A mãe de Tibo, que era muito irascível e que não pertencia à tribo dos Gomanganis, respeitava muito pouco a sabedoria do feiticeiro da gente do seu marido. Assim, quando o mágico lhe sugeriu a oferta de mais duas cabras gordas com a promessa de que faria um encantamento de êxito absolutamente seguro, a negra perdeu as estribeiras e prorrompeu em tão violentos improperios, que o feiticeiro se julgou feliz quando se viu fora de perigo, com o seu rabo de zebra e o seu pote mágico.

Voltando à calma, Momaia reatou o fio de seus pensamentos, prosseguindo na ansiosa procura de um meio prático de reaver o filho raptado ou pelo menos de saber se ele estava morto ou vivo.

Os negros sabiam que Tarzan não comia carne humana. Em várias ocasiões ele havia morto membros da tribo, sem que jamais tocasse na carne dos cadáveres. Estes haviam sido invariavelmente encontrados, tendo mesmo alguns deles sido lançados dentro da paliçada, como se caíssem misteriosamente do céu. Apoiando-se nessas considerações, Momaia concluía que, se o corpo de Tibo não havia sido encontrado, era porque ele estava vivo. Mas onde estaria?

Foi então que ocorreu a Momaia a idéia de consultar Bukawai, o impuro, que morava em uma caverna na encosta das montanhas para o lado do norte. Ali Bukawai, todos o sabiam, convivia com os demônios, que lhe compartilhavam a sinistra morada. Poucos, talvez mesmo ninguém, seriam bastante temerários para visitar o terrível feiticeiro. Antes de tudo por medo da sua magia negra e das duas

hienas que guardavam a caverna e que, conforme opinião corrente entre os selvagens, eram apenas demônios disfarçados. Mas também havia outro motivo. Era a moléstia repugnante que fizera com que Bukawai fosse excomungado da tribo e que lhe corroia horripelmente a face.

Momaia, raciocinando judiciosamente, chegou à conclusão de que se seu filho havia sido raptado pelo demônio branco da floresta, ninguém senão Bukawai seria capaz de descobrir o seu paradeiro, uma vez que o horripilante feiticeiro era quem mais intimamente convivía com os deuses e com os demônios. O amor maternal da negra mal lhe dava coragem para atravessar a selva, em uma longa viagem até as encostas dos morros, onde na sua caverna se achava Bukawai em companhia dos demônios.

Mas o amor de mãe é uma das paixões humanas, cuja energia chega por vezes às proporções da majestosa grandeza das forças cegas da natureza. Sob os seus impulsos, a carne frágil da mulher pode vibrar ao ritmo dos maiores heroísmos. Momaia, fisicamente, não era fraca, nem tímida. Mas era uma pobre negra ignorante e supersticiosa, como todos os selvagens africanos. Acreditava em demônios, em magia negra e em feitiçaria. Para Momaia os leões e as panteras eram habitantes muito menos temíveis da selva, que os seres invisíveis e diabólicos, cujo poderio para fazer o mal não tinha limites.

De um guerreiro, que uma vez se atrevera a ir até a caverna do Bukawai, a mãe de Tibo obteve informações sobre o caminho a seguir para chegar a uma fonte que corria por uma garganta entre os dois morros, dos quais no oriental se destacava um enorme monólito granítico apoiado sobre o ápice. A colina ocidental era mais baixa que a sua companheira e completamente desprovida de vegetação, a não ser uma grande mimosa que se erguia no esplendor da sua frondosa copa, quase no alto do morro. Esses dois morros, assegurava o guerreiro, podiam ser avistados de longe e eram pontos de reparo para orientar quem procurava a caverna de Bukawai. Contudo, o negro não deixou de aconselhar Momaia a desistir do seu projeto, fazendo-lhe ver os perigos de uma visita ao horrendo bruxo. Ainda mesmo que ela escapasse aos demônios de Bukawai, correria imenso risco de ser devorada por algum dos inúmeros carnívoros que andariam pelo seu caminho na ida e volta da perigosa excursão.

Não tendo conseguido demover a mulher do seu propósito, o guerreiro julgou dever comunicar o caso ao marido que, tendo pouca autoridade sobre a megera que esposara, apelou para Mbonga. O chefe chamou Momaia e proibiu-lhe que fizesse peregrinação tão sacrílega, sob pena dos mais rigorosos castigos. O interesse do velho chefe no caso era um exemplo característico da antiquíssima aliança entre os Estado e a Igreja. Sendo o feiticeiro da tribo conhecedor profundo da magia, não

podia tolerar que qualquer estranho pretendesse fazer, na arte negra, maiores prodígios que ele. A fama de Bukawai não era desconhecida do bruxo da aldeia e muito acertadamente este receava que se o feiticeiro impuro conseguisse fazer com que Momaia descobrisse o filho, o seu prestígio declinaria e as espórtulas seriam no futuro encaminhadas para o rival. Ora, Mbonga recebia uma parte dos óbolos, que os fiéis davam ao bruxo da tribo e como não podia esperar que Bukawai viesse a compartilhar com ele os proventos da sua magia, assumia logicamente uma atitude inflexível ao lado da igreja ortodoxa.

Mas se Momaia era bastante intrépida para afrontar a viagem pela selva e os horrores da caverna de Bukawai, evidentemente pouca impressão podiam produzir sobre ela os futuros castigos com que a ameaçava o velho Mbonga, por quem a negra entretinha um íntimo sentimento de desprezo. Fingindo aceder às ponderações do chefe, Momaia voltou silenciosa para a sua cabana.

Certamente ela preferia partir para a viagem de dia, mas isto era obviamente impossível, porque precisava levar consigo armas e comida e, se saísse da aldeia durante o dia, viria a tornar-se logo suspeita e o caso chegaria sem demora ao conhecimento de Mbonga.

Assim Momaia esperou o anoitecer e antes de serem fechadas as portas da paliçada, esgueirou-se na escuridão e penetrou na selva. A negra estava, sem dúvida, muito assustada. Mas enfrentando resolutamente o norte, avançou com passo firme pela mata adentro, sempre atenta a todos os ruídos e sob a pressão constante do medo dos grandes gatos, que ela bem sabia estarem àquela hora andando pela selva à espreita da presa. Durante horas caminhou Momaia resoluta e corajosamente e prosseguia sem vacilar na sua aventureira caminhada, quando um gemido surdo a fez estacar.

Com o coração palpitando rapidamente e a respiração quase suspensa, a mulher ficou imóvel por alguns instantes. Ao seu ouvido apurado não tardaram a chegar ruídos de galhos partidos e capim recalçado, que lhe não deixavam dúvida sobre a criatura que se aproximava.

Em torno da negra erguiam-se árvores gigantes com a sua copa frondosa, donde caíam como reposteiros os cipós parasitas. Momaia não hesitou. Com a presteza de movimentos do primitivo, agarrou-se a um dos troncos e com a agilidade de um macaco trepou até os primeiros ramos da grande árvore. Por trás dela precipitou-se do chão um vulto corpulento e um rugido tremendo ecoou pela selva. Mas Momaia estava salva e regozijava-se por ter trazido pendurada ao pescoço a orelha seca que lhe dera em criança o feiticeiro da sua tribo, um mágico autêntico, cujos feitiços não eram ineficazes como os do pobre bruxo da aldeia de Mbonga. Bem lhe haviam dito que aquela orelha humana ressequida era um poderoso talismã, que fazia ouvir os

mais subtis ruídos. E contente com o prodígio que se operara, a negra deixou-se prudentemente ficar até o amanhecer no galho da árvore, porque, embora o leão ao cabo de algum tempo tivesse partido em busca de outra presa, ela não se atrevia a continuar a viagem na escuridão, temendo algum ataque, como aquele de que tão milagrosamente escapara. Ao alvorecer Momaia recomeçou a sua caminhada.

Tarzan, tendo-se convencido de que não havia meio de fazer com que o seu *balu* perdesse o medo dos antropóides e verificando também que a grande maioria dos macacos se mostrava sempre hostil ao negrinho, constituindo perigo constante para ele, nunca deixava de levá-lo quando ia caçar. E as suas caçadas eram agora feitas em pontos da floresta, cada vez mais afastados do local onde paravam os antropóides.

Pouco a pouco as suas ausências eram mais longas e tendo avançado para o norte até lugares onde nunca antes chegara, Tarzan encontrou-se em uma zona de selva onde a abundância de caça, de água e de frutas o fazia ter poucas saudades do convívio com a tribo de Kerchak. Realmente o homem-macaco não tinha muito desejo de voltar para lá.

Por seu turno o seu pequeno companheiro parecia melhorar muito com o afastamento dos antropóides. Mostrava-se mais alegre, aprendia as coisas mais facilmente e revelava uma alegria de viver, que aumentava na razão direta da distância que o separava dos macacos. No chão, o negrinho corria acompanhando bem Tarzan e, quando estavam no alto das árvores, fazia o que podia para imitar o seu pai adotivo, nos saltos ágeis de galho em galho. Mas o menino continuava magro e freqüentemente tinha crises de tristeza. Desde que viera viver com os macacos perdera o vigor, porque, sendo um jovem canibal e, portanto, não muito exigente na escolha das comidas, nem por isso podia habituar-se aos alimentos bravios que eram apetitosos petiscos para os epicuristas da tribo de Kerchak.

Seus olhos, que já eram grandes, tinham-se tornado verdadeiramente enormes. As faces estavam encovadas e quem quisesse poderia contar as costelas do pobre negrinho. É bem provável que o constante terror em que vivia a criança tivesse concorrido tanto como o alimento inadequado para o seu estado de depauperamento. Tarzan observava o estado do seu Gobu-balú e andava muito aborrecido por vê-lo assim.

O homem-macaco esperava ver o seu filho adotivo tornar-se forte e sacudido. Estava desapontado com o enfraquecimento do menino. Mas havia um 'ponto que Tibo fazia grandes progressos — era na aprendizagem da língua dos antropóides. Tarzan e o negrinho já podiam conversar satisfatoriamente, suplementando o vocabulário escasso da língua dos grandes macacos com os recursos da mímica. Entretanto, o pequeno Gomangani era muito taciturno, falando apenas para responder

ao que Tarzan lhe perguntava. A criança ainda tinha uma recordação muito próxima e muito forte do que lhe acontecera, para poder tornar-se feliz no novo ambiente em que se achava. O seu pensamento voltava-se constantemente para Momaia. A mim ou ao leitor aquela negra canibal apareceria como uma figura hedionda e repulsiva, mas para Tibo ela era simplesmente a mamãe, a personificação daquele grande amor imune de qualquer traço de egoísmo e cujo calor nunca se extingue.

Nas caçadas, Tarzan, sempre acompanhado pelo seu *balu*, observava muitas coisas novas e desenvolvia cada vez mais a sua capacidade de meditar e de raciocinar. Uma vez os dois passaram num lugar onde, no meio do matagal, Sabor, a leoa, gemia angustiosamente. Ao lado brincavam alegremente dois leõezinhos, que pareciam bolas felpudas, mas a leoa não prestava atenção aos dois filhotes que se divertiam e fixava os olhos sobre o terceiro, colocado entre as suas patas dianteiras, imóvel e que nunca mais brincaria com os seus irmãozinhos.

O homem-macaco percebeu logo a causa da tristeza em que se achava mergulhada a fera, tão agudamente ferida no seu sentimento maternal. Fora exatamente com o intuito de atacar Sabor que Tarzan se dirigira para ali, sabendo ser aquele ponto da selva por ela preferido. Mas, ao deparar-se-lhe a leoa absorta na dolorosa contemplação do filhote morto, o rapaz sentiu mais uma vez aquele impulso compassivo que já o fizera poupar a vida de Mbonga na noite em que penetrara na aldeia dos Gomanganis. E agora esse sentimento era ainda reforçado por outro motivo. Desde que raptara Tibo, Tarzan começara a compreender os encargos e as ansiedades da paternidade, sem dela tirar as alegrias e as recompensas. E a sua própria situação o fazia agora compartilhar da angústia da leoa por uma forma que lhe teria sido impossível algumas semanas antes. E no espírito do homem-macaco, que se habituara ultimamente a um constante exercício da associação de idéias, surgiu logo a imagem de Momaia, com o seu nariz atravessado por um toro de madeira, com o lábio perfurado e abaixado pelo anel de cobre a lançar-se furiosamente em uma tentativa para retomar o *balu* de que ele a despojara. Entre a maternidade encolerizada da negra e a tristeza da leoa, Tarzan encontrou uma analogia que o enterneceu e lhe despertou vagamente sentimentos novos que não podia definir, mas cujo efeito perturbador bem indicava a expansão progressiva da sua consciência.

E prosseguindo na meditação provocada por aquele quadro, o rapaz formou subitamente o quadro mental do rapto de Gazan, o *balu* de Teeka, e pensando na angústia da macaca se lhe arrebatassem o filhote, teve um sobressalto e involuntariamente rugiu, como se já estivesse a entrar em combate para defender de um imaginário raptor do *balu* da sua companheira de infância. Ao ouvir o ronco surdo de Tarzan, o negrinho teve um arrepio, julgando que o homem-macaco

pressentira na vizinhança alguma fera, contra a qual se ia lançar como de costume. Sabor também ouvira o rugido do caçador e instantaneamente se pôs de pé, abanando a cauda, os olhos verdes fixos na concentração da atenção e o focinho para o ar à procura do cheiro do inimigo. Os dois leõezinhos, que brincavam, correram para entre as patas dianteiras da mãe e com orelhas entesadas moviam nervosamente as cabecinhas para a direita e para a esquerda.

Afastando o pensamento sombrio que lhe acudira, Tarzan prosseguiu na caçada em outra direção. Mas durante todo o dia, por entre as preocupações do caçador, emergia renitente o mesmo pensamento que lhe despertara o espetáculo de Sabor gemendo sobre o cadaverzinho do filhote. E o homem-macaco era como que obsedado pela visão da leoa angustiada, da negra canibal, apaixonada pelo rapto do filho e de Teeka a quem podiam também arrebataram o *balu*.

E as três figuras se fundiam no espírito de Tarzan, como expressão simbólica da maternidade sofredora.

No terceiro dia, por volta do meio-dia, Momaia avistou enfim a caverna de Bukawai, o feiticeiro impuro e terrível. O velho bruxo havia posto à entrada do seu covil um gradeado de paus toscos para impedir a entrada dos animais de presa. Um espaço aberto deixava entrever a caverna negra, misteriosa e repulsiva. Momaia tremia, como se estivesse soprando o vento frio da estação das chuvas. Nos arredores da caverna não se percebia um sinal de vida, mas apesar da solidão a negra tinha a impressão estranha de que olhos malévolos a observavam atentamente. Tremendo sempre, avançava com dificuldade para a entrada da cova, parecendo-lhe que os seus pés se recusavam a caminhar. Pouco a pouco aos ouvidos de Momaia foram chegando ruídos sinistros que vinham das profundezas da cova. Não eram vozes humanas, nem rugidos de fera, um som desagradável e bravio que se assemelhava a gargalhadas sem alegria.

Com um grito dilacerante de terror, a negra, espavorida, retrocedeu para a selva. E, depois de ter corrido mais de uma centena de metros, sem consciência do que fazia, afinal parou e ficou a escutar. Acalmando-se pouco a pouco, Momaia pensou que, depois dos perigos que correria, atravessando a selva e dominando o terror da solidão e das feras, não devia agora perder os resultados de todo esse esforço. Tentou recobrar ânimo e voltar à caverna. Mas o medo que lhe causara aquele ruído macabro, saindo do abismo negro de Bukawai, foi superior à resistência dos seus nervos. A pobre selvagem reconheceu que as suas forças não bastavam para enfrentar os horrores da caverna.

Triste, desapontada e abatida, encaminhou-se vagarosamente pelo atalho por onde viera e seguiu de volta à aldeia de Mbonga. Os ombros robustos daquela mulher moça curvavam-se agora como os de uma velha que carregasse o peso de muitos

anos, com o seu fardo acumulado de provações e de sofrimentos. O vigor primaveril da mocidade se dissipara do corpo de Momaia.

Assim exausta, movendo-se automaticamente e com o cérebro mais paralisado pelo pavor, a negra caminhou mais uma centena de metros. Subitamente a sua memória evocou o quadro longínquo de uma criancinha que lhe mamava ao peito e logo após a de um menino travesso correndo e brincando em torno dela. A criancinha e o menino esbelto e cheio de vida eram ambos o seu Tibo.

Momaia transfigurou-se. Os seus ombros já não estavam mais encurvados como os de uma velha. A mocidade retomara posse do seu corpo. Ereta, firme, com a cabeça erguida, a negra, sobranceira e resoluta, voltou-se de novo para a caverna do bruxo repugnante e com passo rápido e seguro caminhou até a entrada do covil.

Os ruídos sinistros das gargalhadas, que não eram risadas humanas, sobressaltaram mais uma vez os nervos da canibal. Agora ela reconhecia bem naquele som horripilante o grito macabro da hiena. Sem tremer mais, a negra chamou em altas vozes Bukawai, não sem ter o cuidado de empunhar o chuço que trazia para enfrentar qualquer eventualidade.

Em vez do feiticeiro, apareceu na sombra do tenebroso corredor a cabeça hedionda de uma hiena. Momaia espetou o animal com a ponta do chuço e a fera covarde recuou roncando e fugiu para o interior da cova. A negra chamou de novo o bruxo e de dentro teve como resposta uma voz mal articulada, que não parecia mais humana que o latido da hiena.

— Quem procura Bukawai? perguntava do fundo da caverna aquela voz sinistra.

— É Momaia, da aldeia de Mbonga, o chefe.

— Que queres tu?

— Quero um feitiço, um bom feitiço, melhor que os do feiticeiro de Mbonga. O grande deus branco da selva carregou meu Tibo e eu quero um feitiço para recobrá-lo ou para descobrir onde posso ir buscá-lo.

— Quem é Tibo? perguntou Bukawai.

A negra explicou-lhe de quem se tratava e o bruxo respondeu, fazendo reclame dos seus encantamentos e assegurando o sucesso que teriam no caso as suas operações mágicas. Mas bruxarias tão eficazes custavam caro e Bukawai fez o seu preço em tom firme de quem conhece bem o valor da sua mercadoria.

— Cinco cabras e uma esteira nova, declarou o feiticeiro, é pouca coisa em troca dos serviços da minha magia.

Momaia, em quem as angústias maternas não abafavam o espírito regateador de todos os selvagens africanos, dispôs-se logo a negociar com o bruxo.

— Duas cabras são paga suficiente.

A ânsia de obter o melhor preço possível induziu Bukawai a vir até à entrada da caverna. Momaia teria preferido que o feiticeiro se deixasse ficar no fundo do seu antro. Há coisas demasiadamente hediondas, horríveis e repulsivas para serem descritas. A cara do bruxo pertencia a essa categoria de monstruosidades indescritíveis. Quando a negra o viu, compreendeu porque a sua voz era quase ininteligível.

O horripilante negro caminhava ladeado pelas duas hienas que, segundo diziam na aldeia dos Gomanganis, eram os únicos seres vivos que faziam companhia a Bukawai. Era um trio repugnante, em que duas formas animais nojentas se juntavam a uma asquerosa figura humana.

— Cinco cabras e uma esteira nova, nada menos que isso, disse o feiticeiro em tom peremptório.

— Duas cabras gordas e uma esteira, retrucou Momaia com a firmeza de quem não quer fazer um mau negócio. Mas o bruxo mostrava-se intransigente. Insistiu no preço e a negra, também resolvida a não se submeter à imposição, argumentava com todos os recursos de persuasão que o seu cérebro de selvagem lhe podia suprir. Assim, decorreu uma boa meia hora, durante a qual a discussão prosseguia, enquanto as duas hienas rosnavam, uivavam e latiam horivelmente em uma sinistra paródia de gargalhadas humanas.

A negra desejava dar tudo que pudesse para que a feitiçaria de Bukawai lhe permitisse reaver o filho perdido. Mas regatear era para ela uma necessidade irreprimível do seu temperamento. Afinal Momaia sugeriu uma fórmula conciliatória que o feiticeiro aceitou. Daria três cabras gordas, a esteira e mais um pedaço de cobre. O feiticeiro fechou o negócio, exigindo porém que o pedaço de cobre tivesse o tamanho do braço de um homem alto, desde o ombro à ponta dos dedos.

— Está bem. Volta com as cabras, a esteira e o pedaço de cobre à noite, quando a lua já tiver estado duas horas no céu. Farei um feitiço forte e o teu filho Tibo voltará ao teu poder.

— Não posso voltar aqui. Quando tiveres feito o feitiço e Tibo estiver de novo comigo, irás buscar à aldeia de Mbonga o que te prometo.

— Não, disse Bukawai sacudindo a cabeça, só farei o feitiço depois de ter recebido as três cabras, a esteira e o pedaço de cobre.

Momaia tentou por todos os meios abrandar o bruxo, mas não conseguiu demovê-lo da sua resolução inabalável. Desapontada e triste, a negra deu as costas ao covil de Bukawai e entrou de novo pela selva a caminho da aldeia de Mbonga. A obstinação do feiticeiro criava para a pobre mulher uma situação difícil. Como

poderia ela trazer da aldeia distante até as montanhas três cabras, uma esteira e o pedaço de cobre, exigidos por Bukawai como pagamento adiantado dos serviços da sua magia? Mas Momaia, agora mais que nunca, estava disposta a todos os sacrifícios e a todos os heroísmos para reaver o filho que o gigante branco raptara. Ela regressava à aldeia certa de que de um modo ou de outro conseguiria resolver o problema e trazer ao hediondo mágico o que ele queria para realizar a operação, de que a sua ingênua fé supersticiosa esperava o milagre da volta de Tibo.

Tarzan, que vagueava pela selva em companhia do pequeno Gobu-balu, sentiu de repente o cheiro de Bara, a corça. O homem-macaco apreciava particularmente a carne do gracioso corredor da floresta. Nada estimava tanto o seu paladar e nunca perdia o ensejo de obter caça tão apreciada. Mas acossar o veado em companhia do trôpego negrinho era evidentemente impossível. Tarzan deixou o seu *balu* empoleirado em um galho em posição em que a folhagem ocultava o menino, diminuindo portanto os riscos que ele correria sozinho na floresta. E sem perder tempo, lançou-se no encalço de Bara.

Tibo, quando se via a sós no meio da selva, ficava ainda mais aterrorizado que quando se achava entre os antropóides de que tinha tanto medo. Os perigos reais assustam em geral muito menos que os riscos puramente imaginários. Neste particular a psicologia dos selvagens não difere essencialmente da dos homens civilizados. Seria difícil dizer qual o poder de imaginação do pobre Tibo, mas certamente era bastante para que, isolado no meio da selva que o apavorava, criasse para si mesmo uma multidão de fantasmas infinitamente mais aterradores que as dentaduras amarelas dos macacos da tribo de Kerchak.

Não se tinha ainda passado muito tempo quando o negrinho, do esconderijo em que o pusera Tarzan, ouviu um ruído de alguma coisa que se aproximava da árvore. O pequeno, cada vez mais assustado, agarrava-se ao galho em que estava assentado, fazendo íntimos votos para que o homem-macaco voltasse quanto antes. Mas Tarzan não reaparecia e Tibo com os olhos muito abertos examinava o arvoredo na direção de todos os quadrantes, ansioso por descobrir a causa daquele estranho barulho.

A criança imaginava todas as possibilidades alarmantes e procurava adivinhar a natureza do perigo que a ameaçava. Poderia ser uma pantera que tivesse sentido o cheiro da sua carne e Tibo sabia que estas feras trepam às árvores com uma destreza que não fica muito longe da dos macacos. Lágrimas corriam pelas faces do negrinho que começava a julgar estarem chegando os seus últimos momentos. Pouco a pouco o ruído dos galhos e folhas secas pisados se foi aproximando e Tibo, atingindo as raiais do pânico, esperava a todo o momento ver, por entre os arbustos e as trepadeiras, a figura apavorante de uma daquelas criaturas da selva, cuja imagem obsedava o seu cérebro de primitivo.

Então, rompendo a cortina da folhagem baixa, uma mulher surgiu enchendo de espanto o negrinho aterrorizado. Soluçando, o pequeno precipitou-se pelo tronco abaixo e correu para aquela inesperada aparição. Aos ouvidos apurados de Momaia não escapou o ruído de alguma coisa que a perseguia e célebre, com o chuço em riste, a negra fez meia volta pronta para defender-se. Um instante após ela atirava a arma ao chão e abriu os braços para agarrar o seu Tibo.

Estreitando ao peito o corpinho emagrecido da criança, a mulher chorava e ria e as suas lágrimas, misturadas às do filho, corriam pelos dois corpos nus que se juntavam.

O barulho feito pela mãe e pelo filho na alegria do inesperado encontro foi despertar Numa, o leão, que repousava a pouca distância. O grande carnívoro aproximou-se e por entre as árvores pôde apreciar a presa que ali estava bem ao seu alcance. Alguns passos e um arremesso bastariam para proporcionar-lhe uma lauta refeição. Numa sacudiu a cauda e suspirou.

Uma brisa à feição trouxera às narinas sensíveis de Bara, a corça, o cheiro de Tarzan. Um sobressalto de músculos, uma fixação atenta das orelhas e uma súbita carreira. Tarzan perdera desta vez a apetecida carne de Bara. Sacudindo irritadamente a cabeça, o homem-macaco retornou aborrecido ao ponto em que deixara o Gobu-balu. Conforme o seu costume, Tarzan vinha sem fazer barulho, e a distância ainda da árvore em que esperava encontrar Tibo começou a ouvir as risadas e os soluços de uma mulher, distinguindo também o choro convulsivo de uma criança. Tarzan apressou-se e quando o homem-macaco queria andar depressa, somente o vento e os pássaros corriam mais que ele.

E quando o rapaz se aproximava do ponto donde partiam as risadas e os soluços, outro ruído veio ferir-lhe o ouvido. Era um suspiro, que passara despercebido a Momaia e a Tibo, mas que não escapara à sensibilidade aguda de Tarzan dos Macacos, que não somente o escutou, mas ficou logo sabendo de quem ele partira. E por isso foi logo empunhando o chuço que trazia pendurado às costas. A manobra não lhe retardou a carreira pelos galhos das árvores, porque Tarzan fazia essas manobras saltando de um ramo para outro com a mesma despreocupação, com que um de nós puxaria do bolso o lenço em um passeio descuidado pelas mais tranquilas das estradas da roça.

Numa, o leão, não arremeteu subitamente por entre as árvores. Dir-se-ia que no cérebro da fera se desenvolvera um raciocínio. A presa estava garantida, não valia, portanto, a pena precipitar-se. Avançou vagarosamente por entre as árvores e arbustos e surgiu majestoso, fixando os seus olhos terríveis e duros sobre Momaia e o filho.

A negra viu logo a fera, e com um grito agudo agarrou mais o filho ao peito. Ter

encontrado a criança e vir a perdê-la logo em seguida, foi o pensamento atroz que varou o espírito da mulher. Levantou o chuço que trazia consigo, pondo-se na posição de ataque, com o braço para trás de acordo com as regras de esgrima dos selvagens. Numa rugiu e adiantou-se vagarosamente. Momaia atirou o chuço. A arma atingiu a fera na omoplata, penetrando na carne. Espicaçado pela dor, o carnívoro, em uma crise violenta de fúria, deu um bote sobre a mulher e a criança.

Momaia quis fechar os olhos, mas não o conseguiu, porque as suas pálpebras contraíram-se em um espasmo diante da morte terrível que a defrontava. Paralisada, viu o leão enorme que arremetia contra ela e contra o filho. Mas neste momento a negra viu também outra coisa. Do alto, como se viesse do céu, saltava imponente um gigante branco. Na sucessão vertiginosa da impressão que Momaia recebia naquele momento de suprema tensão nervosa, o vulto daquele deus inesperado se destacava no meio da sombra da floresta coberto de manchas douradas, que a luz equatorial filtrada através da folhagem espalhava sobre o seu corpo. Viu o deus branco erguer o braço musculoso, empunhando o chuço que logo dardejou pelo ar, indo ferir o leão entre as ancas.

Numa, rugindo atordoadoramente, apoiou-se sobre as patas traseiras e nesse movimento forçou sobre o chão o cabo do chuço que se lhe enterrou no corpo, até a ponta emergir do peito. Os choques que a fera dava na arma encravada na sua carcaça, curvavam-na e torciam-na, de modo a aumentar cada vez mais as lesões mortais que iam dando cabo do animal. Tarzan, gatinhando, aproximou-se da fera que atingira um estado de furor frenético. Momaia, com os olhos esgazeados e como que petrificada, acompanhava cheia de assombro aquela cena, que excedia tudo que a negra contemplara na sua acidentada vida de selvagem canibal.

Apesar de ferido Numa ainda se achava com forças para lutar valentemente. Em um súbito arremesso saltou sobre o homem-macaco, mas este, destro, se desviou do inimigo, recuou para logo precipitar-se no seu encalço, empunhando a faca de caça. Duas vezes a lâmina luziu aos raios coados por entre as árvores e duas vezes a ponta acerada cravou-se no dorso do leão, que já começava a esmorecer pelo efeito da ponta do chuço que chegara às vizinhanças do seu coração. A segunda facada tocou a coluna vertebral da fera, que foi sacudida por movimentos convulsivos, deu alguns passos sem direção e caiu inerte e agonizante.

Depois que Momaia partiu do seu covil, Bukawai, receoso de perder o que a negra lhe prometera, pôs-se a caminho com o intuito de induzi-la a dar-lhe como adiantamento da paga dos seus serviços mágicos, os ornamentos de cobre e de ferro que a mulher trazia consigo. Aquilo correspondia apenas a uma parte do pagamento exigido pelo feiticeiro. Mas este formava da sua arte um juízo que o fazia procurar sempre obter da clientela o máximo que podia, antes de ser posta à prova a eficácia

dos seus feitiços. E Bukawai contava também que Momaia fosse tentada a fazer com ele uma espécie de contrato de opção, que lhe garantisse desde logo os serviços de mágico.

O feiticeiro prosseguiu no encalço da mãe de Tibo, quando se lhe deparou a cena grandiosa da luta de Tarzan e o leão. Bukawai parou e profundamente impressionado assistiu às últimas peripécias do combate. Antes da visita de Momaia à sua caverna já lhe haviam chegado vários rumores sobre o demônio branco que andava pela selva e agora não tinha dúvida de que o heróico matador de Numa não era outro senão o poderoso ser sobrenatural que se tornara o terror de todos os selvagens dos arredores.

O leão estava morto e já não podia fazer mal à negra ou ao seu filho. Com a presteza em esquecer, tão característica da mentalidade primitiva do selvagem, Momaia em vez de pensar que Tarzan salvara a ela e a Tibo da morte iminente, voltava agora a encarar o demônio branco com o antigo terror. Não fora ele que raptara o menino? Por certo, viria agora arrebatá-lo de novo à criança. Apertando estreitamente Tibo ao peito, a canibal estava decidida a lutar desta feita até a morte para não deixar que o homem-macaco lhe levasse outra vez o filho.

Tarzan contemplava em silêncio aquela cena e os soluços da criança que quisera transformar em seu *balu* o encheram de um melancólico sentimento de solidão. Não havia no mundo nada que se agarrasse assim a Tarzan, tão sôfrego pelo amor de alguém, fosse um ser humano ou animal da selva.

Afinal Tibo, notando o silêncio que os cercava, voltou-se e deu com Tarzan. O negrinho não mostrou a menor inquietação diante do homem-macaco. E dirigindo-se a ele na língua dos antropóides que já ia falando sofrivelmente, disse-lhe em tom angustioso:

— Não me tomes outra vez de minha mãe. Não me leves mais para a tribo dos felpudos que me metem tanto medo. Deixa-me com Momaia, ó Tarzan, deus da selva! Eu não quero mais estar perto de Taug, Gunto e dos outros que me assustam. Deixe que eu fique com Momaia, minha mãe, e eu e ela até o fim dos nossos dias te abençoaremos e poremos sempre comida à porta da aldeia de Mbonga, para que nunca passes fome.

Tarzan suspirando, respondeu com tristeza:

— Vai, volta para a aldeia de Mbonga e Tarzan te acompanhará até lá, para que nenhum mal te aconteça.

Tibo traduziu as palavras do homem-macaco na linguagem dos Gomanganis. A negra e o filho deram as costas a Tarzan e puseram-se em marcha para a aldeia. Momaia sentia ainda medo, mas também se apoderara dela um grande sentimento de

exaltação. Era a primeira vez na vida que andava em companhia de um deus e sentia-se orgulhosa e feliz. Apertando o filho reconquistado, dava-lhe satisfeita piparotes nas bochechas flácidas. Tarzan observava as carícias da negra ao pequeno e suspirava cheio de melancolia.

Teeka tem o seu Gazan, Sabor tem os seus *balus*. A mulher Gomangani, Bara, a corça, Manu, o mico, e até Pamba, o rato, todos têm quem lhes faça companhia. Só

Tarzan dos Macacos não tem ninguém ao seu lado. Mas assim deve ser, porque Tarzan é um homem e o homem tem que andar só.

Bukawai viu-os partir. E da sua face ulcerada e repulsiva partiu uma praga. O feiticeiro jurava que, custasse o que custasse e fosse como fosse, ele havia de ter as três cabras gordas, a esteira nova e o pedaço de cobre do tamanho de um braço de homem alto, do ombro às pontas dos dedos.

O feiticeiro procura vingar-se

LORDE GREYSTOKE caçava faisões ou, para sermos mais exatos, disparava tiros em Chamston-Hedding. Corretissimamente vestido, até as últimas minúcias da sua indumentária, Lorde Greystoke era um verdadeiro figurino da moda. Achava-se entre os atiradores da primeira linha, não porque fosse um bom fuzil, mas por compensar em elegância o que lhe faltava em pontaria. Sem dúvida, no fim do dia, seriam lançados a seu crédito numerosos faisões e para isso ele dispunha de duas espingardas e tinha ao seu lado um bem posto e destro valete para carregar rapidamente as armas. Apareceria assim como caçador de muito mais aves que ele poderia comer em um ano, mesmo que estivesse com fome, o que não lhe sucedia porque pouco antes saíra da mesa do primeiro almoço.

Vinte e três batedores com as suas impecáveis jaquetas brancas tocavam os faisões para um matagal de urzes e já os cercavam do lado oposto, a fim de que os pássaros voassem na direção dos caçadores. Lorde Greystoke estava tão entusiasmado, quanto as conveniências do bom-tom lho permitiam.

Ninguém poderia negar que havia uma atmosfera de vibrante exuberância, envolvendo todos que se entretinham no *sport*. À medida que os batedores se aproximavam das aves, Lorde Greystoke sentia o sangue ferver-lhe nas veias. Como sempre lhe ocorria nessas ocasiões, Lorde Greystoke estava empolgado por um vago sentimento que ele estupidamente mal compreendia. Parecia-lhe estar regredindo a um tipo pré-histórico e que no seu sangue agitado pulsava a alma de um antepassado remoto de um longínquo ascendente peludo que em tempos imemoriais vivera da caça.

Nessa mesma hora, muito longe, no meio de uma selva equatorial, outro Lorde Greystoke, o autêntico Lorde Greystoke, também caçava. Tanto quanto ele sabia, os seus trajes de caça estavam também na moda, pelo menos na moda dos primitivos antepassados que caçavam, antes de haver sido executado o primeiro despejo judiciário. Como o dia estivesse abafado, não trouxera a sua pele de leopardo. O verdadeiro Lorde Greystoke não dispunha de duas espingardas, nem mesmo de uma. E não tendo arma de fogo, evidentemente não precisava do prestimoso valete para renovar a munição. Mas possuía coisas infinitamente mais eficientes que fuzis, valetes para carregar as armas e vinte e três batedores com impecáveis jaquetas brancas para levantar a caça. Eram um apetite tremendo e tinha arte venatória sutil e quase diabólica, a cujo serviço estavam músculos que mais pareciam cordas de aço.

Naquele dia, na Inglaterra, um Lorde Greystoke iria comer abundantemente caça

que ele não tinha matado e beberia o conteúdo de garrafas ruidosamente desenvolhadas. Limpava os seus lábios com guardanapo de linho alvo como a neve, para remover imperceptíveis restos da sua refeição. E não teria idéia de que era um impostor, ignorando inteiramente que o legítimo dono do seu título estava àquelas horas acabando também o seu repasto em uma distante floresta africana. O autêntico Lorde Greystoke não tinha alvo guardanapo de linho para limpar os beijos. Passava pela boca o antebraço moreno e enxugava nas coxas os dedos tintos de sangue. E concluído o almoço iria beber no banhado em que saciavam todos os animais, entrando de quatro pela água para matar a sede, como o faziam os seus companheiros, as outras feras da seh'a.

Quando Tarzan dos Macacos acabava de beber, outro habitante da floresta aproximou-se. Era Numa, o leão, forte e de rija musculatura, com a juba escura, que chegava rosnando e rugindo. Muito antes de chegar a fera à beira d'água, Tarzan já tinha escutado os sinais da sua aproximação. Mas sem perturbar-se, continuou a beber até matar a sede. Depois levantou-se, na postura dominadora que condizia com o sentimento de dignidade que lhe era inato.

O leão estacou ao ver o homem de pé no próprio lugar em que o rei da floresta se dispunha a beber. Com a boca escancarada e os olhos brilhando cruelmente, Numa rosnava ao mesmo tempo que avançava vagorosamente. O rapaz, rosnando também, pulou para o lado, fixando os olhos sobre a fera a observar-lhe não a cabeça, mas a cauda. Se esta se pusesse a abanar, seria o caso para ficar alerta, se porventura de repente se empinasse na vertical, só havia a escolher entre o combate e a fuga. Mas desta vez Numa nem agitou o rabo, nem o ergueu como sinal de luta. Assim, Tarzan apenas recuou e o leão foi beber a menos de vinte metros de distância do ponto em que se achava o homem-macaco.

Amanhã estariam os dois empenhados em luta de vida ou de morte. Mas como tantas vezes acontece entre os inimigos perpétuos que vivem na selva, uma trégua fora firmada entre Tarzan dos Macacos e Numa, o leão. Ambos haviam almoçado lautamente e a saciedade torna pacíficos os homens e as feras.

O leão ainda não havia acabado de beber e já Tarzan entrando na mata, subira às árvores, partindo em corrida de galho em galho na direção da aldeia de Mbonga, o chefe negro.

Uma lua pelo menos já passara desde a última visita do rapaz à aldeia dos Gomanganis. Depois de haver restituído Tibo à sua desolada mãe, Tarzan nunca mais sentira um impulso de encaminhar-se para aquele lado. O caso do negrinho ficara liquidado para Tarzan. Pensara poder fazer daquela criança o mesmo que Gazan era para Teeka, mas a experiência convenceu o homem-macaco da impossibilidade de criar entre ele e o pequeno Gomangani, sentimentos análogos aos

que uniam a macaca ao seu *balu*.

O fato de Tarzan haver por algum tempo tratado Tibo como se ele fosse o seu próprio filho, não alterava no seu espírito os sentimentos de ódio que sempre votara aos negros, a quem não podia perdoar o assassinio de Kala, sua mãe de criação. Os Gomanganis eram seus inimigos mortais e nunca poderiam ser para ele outra coisa. Hoje sentia necessidade de diversão e mais uma vez pensava em pregar algumas das suas peças habituais aos negros de Mbonga.

Ainda não escurecera quando o homem-macaco chegou à aldeia e foi colocar-se no seu posto costumeiro nos galhos da grande árvore que se projetava para além da paliçada. De baixo vinham gritos e lamentações que partiam de uma das cabanas. Aquele ruído soava mal aos ouvidos de Tarzan, irritando-o por forma intolerável. Não podendo suportar por mais tempo a toada daquela desafinada choradeira, o homem-macaco afastou-se, esperando que, ao voltar, o barulho tivesse cessado. Mas não obstante ter estado ausente umas duas horas, a gritaria continuava quando voltou. Impacientado, Tarzan resolveu pôr termo àquilo e com este intuito pulou da árvore para o interior da aldeia, onde, caminhando furtivamente à sombra das outras cabanas, se aproximou daquela donde se ouviam as lamentações. À porta ardia um fogo, como outros que se avistavam junto a diversas cabanas. Algumas mulheres de cócoras faziam coro com os seus roncões tristonhos às lamentações de uma figura principal, que no interior da cabana parecia ser o centro daquela fúnebre reunião.

O homem-macaco sorria, imaginando o susto que ia pregar às mulheres, saltando no meio delas e aparecendo-lhes iluminado pelos clarões da pequena fogueira. E Tarzan completava o seu plano com a idéia de entrar na cabana, dar umas taponas no dirigente do coro e em seguida saltar para a árvore, antes que os negros tivessem podido livrar-se do pânico, para tentar uma ofensiva contra ele.

Muitas vezes Tarzan fizera dessas proezas na aldeia de Mbonga. Sempre que ali penetrava, os pobres negros, supersticiosos, não podendo compreender as suas aparições misteriosas, ficavam tomados de indizível terror. E embora o homem branco repetisse as suas brincadeiras, os Gomanganis nunca se habituavam às suas visitas. Era exatamente esse terror que inspirava aos negros que constituía para Tarzan o supremo prazer daquelas aventuras. Matar apenas não era bastante para o homem-macaco. Acostumado a enfrentar a morte, Tarzan não via na destruição do inimigo prazer que satisfizesse por completo o seu ódio. Há muito que vinha vingando a morte de Kala, por cuja vida já haviam pago muitos negros. Mas matando guerreiros Gomanganis, o homem branco também descobrira uma fonte de prazer em atormentá-los e aterrorizá-los. Assim, verificara como podia fazer sofrer os seus inimigos, mesmo sem dar-lhes cabo da vida, e nunca se cansava em persegui-los por todos os modos que a sua engenhosa imaginação lhe sugeria.

Tarzan estava a pique de pular no meio das negras soltando um brado selvagem, quando uma figura apareceu na porta da cabana. Era a carpideira, cuja boca ele viera calar. À luz da fogueira destacava-se o vulto de uma mulher moça, com o nariz atravessado por um batoque, com uma argola suspensa ao lábio inferior, tatuagens pela fronte, pelas bochechas e pelo peito, em cuja cabeça se erguia uma estranha cabeleira que parecia uma armação de barro e de fios de ferro.

Uma reverberação mais forte das chamas iluminou a grotesca personagem de modo que o homem-macaco logo reconheceu nela Momaia, a mãe de Tibo. E o clarão projetando-se também para o canto em que se achava Tarzan, delineou no meio da treva o perfil da sua figura morena. Momaia viu-o e reconheceu-o. Gritando, a negra avançou para o rapaz, que também se adiantou ao seu encontro. As outras mulheres, voltando-se também, deram conta da presença de Tarzan. Mas nenhuma delas se aproximou. Todas começaram a gritar ao mesmo tempo e, levantando-se juntas, juntas também se puseram em disparada.

Momaia, ajoelhada em atitude súplice, dirigia um apelo em palavras, que jorravam em cascata dos seus beijos mutilados, e das quais Tarzan nem uma só podia entender. Tarzan baixou os olhos sobre a mulher prostrada, e embora não compreendesse o que ela dizia, sentiu-se tomado de compaixão. Ele que viera para matar era agora empolgado pela tristeza e pelo respeito à dor violenta daquela pobre canibal. Tarzan dos Macacos não podia suportar por mais tempo aquela cena. Relanceou o olhar pela mulher e para os lados. Não queria matar a mãe de Tibo mas lhe era intolerável ouvir aquele palavreado lamentoso que lhe surgia dos pés, como se partisse de um vulcão de lama. Com um gesto de mau humor, aborrecido por ver estragado o prazer com que contara para aquela noite, o homem branco afastou-se da negra, e, saltando à árvore, desapareceu na escuridão. E ao avançar pela selva ouvia cada vez mais indistintos os gritos pungentes e aflitivos da negra desolada.

E Tarzan sentiu-se aliviado, quando chegou a um lugar em que não mais escutava a toada intolerável das lamentações da africana. Foi então procurar em um galho pouso para um sono sem sonhos, enquanto um leão que por ali rondava gemia e tossia tristonhamente. Lá ao longe, na Inglaterra, outro Lorde Greystoke, depois de despedir-se com a ajuda do seu valete, metia-se entre finíssimos lençóis, praguejando violentamente contra um gato, que se obstinava em miar debaixo da sua janela.

Na manhã seguinte Tarzan, que seguia o rastro de Horta, o javali, topou com as pegadas de dois Gomanganis, um adulto e uma criança. O homem-macaco, habituado como se achava a pensar sobre tudo que atraía a sua atenção, começou logo a procurar decifrar o que significavam aquelas marcas estampadas na lama da pista de caça. Qualquer de nós muito pouco interesse encontraria naquilo, mesmo

quando não nos tivessem passado despercebidas as pegadas que Tarzan logo descobrira. Talvez se alguém nos chamasse a atenção, teríamos notado reentrâncias na lama. Mas essas reentrâncias eram inúmeras e uma se sobrepondo às outras. Tudo isso nos teria parecido não apresentar significação particular. Ao homem-macaco cada uma delas tinha um sentido e oferecia um elemento ao encadeamento do seu raciocínio. Tantor, o elefante, devia ter passado por ali uns três dias antes. Numa, o leão, seguira o mesmo caminho na noite precedente e Horta, o javali, andara pela mesma pista pouco mais de uma hora antes. Mas por entre todas aquelas pistas o que fixava a atenção de Tarzan era o rasto dos Gomanganis. Examinando-o com mais cuidado, o rapaz chegou à conclusão de que na véspera dois selvagens, um homem e um menino, tinham seguido em direção ao norte e que com eles haviam também caminhado duas hienas.

Tarzan cocou a cabeça perplexo e hesitando em acreditar no que lhe acudia ao espírito. Prosseguindo na sua pesquisa, o homem-macaco verificou mais alguma coisa. As duas hienas não haviam caminhado sempre ao lado dos dois negros. Às vezes uma delas estava na frente e outra na retaguarda e ainda em certas ocasiões deviam ter andado as duas juntas atrás ou adiante dos selvagens. Este fato parecia-lhe inexplicável e o que mais o intrigava era a prova encontrada nos rastos que ia examinando de terem as duas hienas em certos lugares caminhado bem junto aos dois negros. Analisando ainda mais cuidadosamente as pegadas dos selvagens nesses pontos em que deviam ter tido as feras bem encostadas a eles, Tarzan observou que as pegadas do menino denotavam que ele tivera medo da hiena do seu lado, porque as impressões revelavam o tremor do caminhante. Ao passo que os sinais dos pés do adulto não indicavam a mais ligeira emoção.

Por algum tempo a pesquisa de Tarzan se concentrava no estudo das relações entre as pegadas dos selvagens e os rastos de Dango, a hiena. Mas passando depois ao exame das próprias pegadas dos Gomanganis, o rapaz teve uma revelação súbita, tão precisa e tão clara como se um de nós, encontrando uma carta no meio da estrada, reconhecesse nela a letra de uma pessoa da nossa intimidade. Tarzan descobriu que a pegada pequena lhe era bem familiar.

— Gobu-balu! exclamou o homem-macaco. E instantaneamente, como se um relâmpago houvesse esclarecido o seu espírito, compreendeu a significação da cena que presenciara na noite antecedente na aldeia de Mbonga. A significação da atitude súplice e angustiosa de Momaia estava agora claramente explicada. As lamentações e o pranto das outras negras que tanto haviam irritado Tarzan, justificavam-se agora diante do que lhe revelara a impressão na lama da floresta, daquele pequeno pé de selvagem. Tibo fora outra vez raptado e desta vez o seu raptor não fora ele. Mas Momaia responsabilizava-o pelo novo desaparecimento do filho e por isto lhe

implorara que o restituísse naquele jorro de palavras, que Tarzan não entendera.

A situação delineava-se com clareza. Mas Tarzan perguntava a si mesmo quem teria sido o raptor de Tibo. E perplexo procurava descobrir o papel das hienas naquele caso misterioso. Mas Tarzan resolveria o problema.

Os rastos eram da véspera e dirigiam-se para o norte. Tarzan começou a seguir a pista. Nem sempre a tarefa era fácil, por vezes as pegadas se achavam obliteradas e confusas pelos rastos dos outros animais. Depois o caminho em muitos pontos era pedregoso e aí nem Tarzan dos Macacos conseguia encontrar os sinais que o orientavam. Mas mesmo aí a excepcional faculdade de observação de Tarzan ainda descobria os sinais deixados pela lama agarrada aos pés dos caminhanes. E desse modo o homem-macaco não perdia nunca o fio condutor que o levava à decifração daquele estranho enigma.

Tudo isso acontecera ao pequeno Tibo, subitamente, no decurso apenas de dois sóis. Bukawai, o impuro, o repulsivo feiticeiro, aparecera com a sua face corroída e ulcerada. Viera de dia e encontrara Momaia com o filho no rio, onde os dois diariamente se banhavam. O bruxo surgira de repente de um matagal, donde estivera por algum tempo espreitando os dois selvagens. A presença da horrenda figura encheu de susto o menino que, gritando, foi abrigar-se nos braços de Momaia. A mulher voltou-se já disposta a bater-se com a ferocidade de um tigre em defesa do filho, mas, dando com Bukawai, tranqüilizou-se, sem contudo deixar de apertar bem Tibo em um movimento de proteção que refletia ainda desconfiança.

— Vim, disse o feiticeiro, buscar as três cabras gordas, a esteira e o pedaço de cobre do tamanho do braço de um homem alto.

— Não tenho cabras, nem esteira, nem fio de cobre a dar-te. Meu filho foi-me restituído pelo próprio deus branco da selva. Não fizeste feitiço algum e, portanto, nada tens a receber.

— É falso, retrucou asperamente Bukawai, cuja voz saía mal articulada das suas maxilas descarnadas, fui eu quem obrigou o deus branco a entregar-te o menino.

Momaia soltou uma gargalhada sarcástica e respondeu em tom enérgico:

— Mentiroso! Vai embora, volta para o teu covil imundo com as tuas hienas e esconde lá a tua cara fedorenta, antes que o sol a veja e, enojado, se esconda por trás de uma nuvem negra.

O bruxo, sem se perturbar, reclamou outra vez a paga dos serviços mágicos que alegava:

— Vim aqui buscar as minhas três cabras gordas, a minha esteira nova e o pedaço de cobre do comprimento do braço de um homem alto. Tens de pagar-me isso como preço ajustado do serviço que te fiz, restituindo-te Tibo.

— Não, interpôs Momaia, a combinação era um pedaço de cobre do tamanho de um antebraço de um homem. Mas não receberás nada, porque nada fizeste. Bem sabes que te recusaste a fazer o teu feitiço antes de receberes a paga. Eu vinha do teu antro, quando o grande deus branco da selva me entregou Tibo, que ele salvou da goela de Numa, o leão. O feitiço do deus branco é um grande e forte encantamento. O teu feitiço de nada vale, velho de cara esburacada.

Bukawai, impassível, recomeçou a mesma frase exigindo o pagamento. Mas Momaia, impaciente, deu-lhe as costas e sempre agarrada ao filho, caminhou para a paliçada da aldeia de Mbonga, o chefe.

No dia seguinte, enquanto Momaia trabalhava com as outras mulheres na lavoura dos selvagens, o pequeno Tibo brincava na orla da selva, exercitando-se com o pequeno chuço e sonhando já com o dia ainda distante em que seria iniciado como guerreiro da tribo. Foi então que Bukawai apareceu outra vez nas vizinhanças da aldeia.

Tibo vira um esquilo a saltar travesso pelo tronco de uma árvore. O animalzinho despertou no espírito do menino os instintos guerreiros e sanguinários da sua raça. Transfigurando mentalmente o inofensivo roedor em um inimigo, Tibo preparou-se para atacá-lo com o chuço, enquanto sua imaginação de criança selvagem evocava a memória das cenas que presenciara em noites de orgia, quando os guerreiros dançavam ao redor dos cadáveres dos inimigos e as mulheres preparavam a lauta ceia.

Mas quando o negrinho, empolgado pelo juvenil entusiasmo belicoso, arremessou o chuço, a sua pontaria foi desastrada. A arma não atingiu nem o esquilo, nem a própria árvore e foi cair no meio de um maciço de arbustos que formavam um pequeno matagal compacto. O ponto em que fora parar o chuço estava apenas a alguns passos da orla da selva, que a disciplina pedagógica dos Gomanganis vedava às crianças da aldeia transpor. Mas não havia ninguém nas proximidades. As mulheres estavam longe, trabalhando no campo. Além disso, os guerreiros estavam vigilantes, a distância que lhes seria fácil acudir em caso de perigo. Tibo criou coragem e entrou na franja da selva para procurar o chuço que não queria perder.

Por trás da cortina de trepadeiras e de arbustos três figuras repulsivas estavam de alcatéia. Um velho negro, preto como carvão, com a cara meio comida pelas ulcerações da lepra que deixavam à mostra pontiagudos dentes de canibal, amarelos e ainda mais repulsivos naquela face onde a boca e o nariz se tinham transformado em um grande buraco, era ladeado por duas fortes hienas. Os animais, feios e nojentos, pareciam estar guardando restos humanos apodrecidos, que estimulavam o seu apetite de covardes devoradores de carniça.

O negrinho só deu conta da presença daquele trio macabro, quando já se

emaranhara entre os arbustos à procura do seu chuço. Era tarde para fugir, Bukawai agarrou-o e tapando-lhe a boca com uma das mãos arrastou-o para dentro da selva, sem se embaraçar com a tentativa vã de resistência do menino aterrorizado.

E assim, sempre amordaçado pelo feiticeiro, Tibo foi arrastado pela escura floresta que o apavorava. As duas hienas escoltavam ora aos lados, ora em frente ou atrás, rosnando e uivando de um modo sinistro, como mais sinistros ainda eram os seus latidos que pareciam estranhas gargalhadas sem alegria.

Para Tibo, a quem o destino condenara a passar em tão pouco tempo por provações a que são sujeitas raríssimas pessoas no decurso de uma longa existência, a viagem para o norte em demanda das montanhas foi um atroz pesadelo. Agora o negrinho sentia saudades do tempo em que andara com o grande gigante branco. Diante dos horrores do segundo rapto de que era vítima, a sua primeira aventura reconstituía-se-lhe no espírito em um contraste que ainda aumentava a sua angústia presente. Como Tibo desejaria agora estar ao lado de Tarzan, ainda que tivesse de passar pelos sustos que lhe causavam os felpudos antropóides! Na selva e entre os macacos da tribo de Kerchak, o menino passara dias angustiosos. Mas tudo aquilo estava muitíssimo longe da situação em que ora se encontrava e que o enchia de um terror como nunca sentira na vida.

O velho feiticeiro em todo o percurso pela selva raras vezes se dirigia a Tibo. Mas todo o tempo o repulsivo leproso monologava em um murmúrio surdo, que ainda mais torturava os nervos excitados da criança. Tibo não compreendia a maior parte das palavras mal articuladas pelo seu sinistro raptor. Mas ouvia-o repetidamente falar em cabras, esteiras, pedaços de cobre. Afinal entendeu que Bukawai insistia em dez cabras gordas. E percebeu assim que esse seria o preço do seu resgate. A angústia do menino chegou então ao máximo. Perdera a esperança de voltar à aldeia e de tornar a ver sua mãe. Onde encontraria Momaia dez cabras gordas ou mesmo magras para livrá-lo das mãos do feiticeiro? Mbonga, o chefe, nunca consentiria em que ela desse dez cabras em troca de uma criança. E Tibo bem sabia que seu pai nunca tivera ao mesmo tempo mais de três cabras na aldeia.

— Dez cabras gordas! suspirava o pobre Tibo. Vou ser comido pelo feiticeiro, porque minha mãe nunca lhe poderá dar o que ele quer. E o negrinho já imaginava tudo que lhe ia acontecer. Morto e devorado por Bukawai e os seus ossos atirados depois às hienas pelo feiticeiro. Cada vez mais aterrorizado, Tibo quase desfalecido mal podia caminhar. Bukawai deu-lhe um puxão de orelhas e o foi arrastando brutalmente.

Após a longa caminhada que parecia infundável ao pequeno Gomangani, chegaram à entrada de uma caverna em uma garganta entre dois penhascos. A entrada era baixa e estreita. Uma grade feita de paus amarrados com tiras de couro cru formava uma

portinhola para impedir a entrada de algum animal que por ali andasse. Bukawai abriu aquela cancela primitiva e empurrou Tibo pelo corredor do covil. As hienas entraram rosnando e passando adiante do menino desapareceram na escuridão da caverna. Depois de fechar novamente a portinhola, o feiticeiro agarrou o negrinho e o foi com brutalidade levando por um corredor estreito e pedregoso. O chão era ali mais ou menos liso, porque as camadas acumuladas de lixo por muito tempo pisadas, acabaram por formar uma espécie de assoalho. O corredor era muito estreito e das paredes saíam pontas de pedra, contra as quais a pobre criança dava encontrões na marcha forçada em que o impelia o feroz Bukawai, que caminhava naquela escuridão com o desembaraço e firmeza com que um de nós andaria em plena claridade. O feiticeiro evidentemente conhecia todos os cantos do seu covil. E caminhava rápido, como se estivesse muito apressado. Entretanto, a pressa não justificava a excessiva brutalidade com que arrastava o negrinho. Mas Bukawai não tinha por certo maneiras de angelical doçura. Era um desgraçado que a sua tribo excomungara em consequência da sua moléstia repelente e vivia afastado de todos, sabendo-se odiado e odiando também tudo que dele se acercava. A natureza fora parcimoniosa para com ele na dádiva dos traços de bondade. E os poucos que possuíra o destino fizera desaparecer por entre as agruras da sua existência trágica. Sagaz, astuto, cruel, impiedoso, Bukawai, o feiticeiro imundo, era uma expressão típica de maldade e de revolta contra o destino.

Histórias aterradoras corriam em murmúrio, acerca das atrocidades por ele praticadas contra as suas vítimas. O seu nome apavorava as crianças e as tornava dóceis e obedientes. Tibo fora também muitas vezes amedrontado pela ameaça de ser entregue ao bruxo. Agora ele colhia dolorosamente os frutos das sementes do terror que sua mãe involuntariamente lhe lançava no espírito. A escuridão, a presença do horripilante bruxo, as dores das contusões, a vizinhança das hienas e acima de tudo o medo do que aconteceria depois conjugavam-se, envolvendo Tibo em um terror que o levava quase à perda dos sentidos. A infeliz criança cambaleava, tropeçava e por fim Bukawai tinha quase que arrastá-la pelo sinuoso corredor do antro.

Afinal Tibo viu diante de si uma claridade. Tinham chegado a uma espécie de câmara circular, frouxamente iluminada pela luz que penetrava por uma fenda no teto de granito. As hienas já se achavam ali postadas e quando o feiticeiro entrou com a criança as duas feras começaram a rosnar e a arreganhar os dentes. Os animais estavam famintos e avançavam para Tibo, tendo mesmo um deles chegado a tocar com o focinho as suas pernas nuas. Bukawai, apanhando no chão um pedaço de pau, deu uma pancada valente na hiena, proferindo ao mesmo tempo palavras coléricas, que pareciam ser bem compreendidas pelo animal que, acovardado, se foi esconder a um canto, uivando e rosnando. Não contente com a paulada que desfechara na fera

o feiticeiro avançou ainda ameaçador para castigar de novo a hiena. Esta com o pêlo eriçado e os olhos faiscantes estava ao mesmo tempo enraivecida e medrosa. Felizmente para Bukawai a covardia na hiena sobrepujava o ódio.

Aproveitando-se do momento em que o bruxo se ocupava da companhia, a outra hiena deu um bote sobre Tibo. A criança deu um grito e correu para Bukawai que, voltando agora os seus cuidados para o segundo animal, lhe deu uma formidável surra de pau, até que a fera, visivelmente machucada, foi encostar-se à parede, gemendo ao lado da companhia.

Mas as duas comedoras de carniça não ficaram tranqüilas por muito tempo. A fome atenuava-lhes a covardia ingênita. Começaram a andar à roda da caverna nervosamente, enquanto o feiticeiro sinistro e repulsivo, como se fosse uma carniça ambulante, investia contra as hienas frenético, dando-lhes pauladas e dizendo-lhes impropérios, em que concitava contra elas deuses e demônios e insultava os progenitores dos asquerosos animais.

De vez em quando uma ou outra das hienas se encorajava e enfrentava o bruxo. Então o terror de Tibo atingia o paroxismo, porque a criança nunca vira em homem ou em fera expressão de ódio tão intenso, como o que transparecia no aspecto horripilante das hienas. Mas a covardia era o traço predominante da índole daqueles animais. Exatamente quando Tibo esperava que um deles ia arremeter sobre Bukawai, este o punha em fuga. Acovardadas e sempre rosnando, as hienas iam esconder-se no corredor, para escapar às pauladas do dono.

Finalmente, cansado de espancar as hienas, Bukawai deixou-as em paz com um último ronco colérico que mal diferenciava dos uivos das feras. Voltando ao ponto em que se achava Tibo disse-lhe que ia à aldeia de Mbonga buscar as dez cabras gordas, a esteira e o pedaço de cobre que Momaia teria de pagar pelo feitiço com que ele lhe restituíra o filho.

— Enquanto eu estiver fora, acrescentou o bruxo, ficarás quieto aqui. Se tentares escapar, as hienas darão cabo de ti. E apontando para o corredor concluiu: — Elas ali ficarão tomando conta de ti.

Tocando para o corredor os dois animais, que se haviam de novo aproximado, com o rabo entre as pernas em uma atitude humilde, Bukawai colocou um gradeado tapando a entrada do antro, de modo que as feras não pudessem ali penetrar. E de fora despediu-se do menino dizendo-lhe mais uma vez que ia buscar a sua paga e que, se Momaia não o satisfizesse, as suas hienas teriam pelo menos alguns ossos para roer. E desapareceu na escuridão do corredor, deixando Tibo a pensar sobre o sentido aliás bem claro das suas palavras cruéis.

Quando o feiticeiro se foi embora, o pequeno Gomangani jogou-se ao chão,

soluçando desesperadamente, atormentado pelo medo e pela solidão. A criança bem sabia que sua mãe nunca poderia dar dez cabras a Bukawai e que, portanto, quando o feiticeiro voltasse ele seria morto e devorado. Sucumbindo à fadiga Tibo adormeceu. Do sono vieram tirá-los depois os uivos das hienas, que do corredor o fixavam assustadoramente através da grade. O negrinho via bem os olhos amarelos que luziam na escuridão. Pouco a pouco as hienas foram se enfurecendo. Os seus uivos vibraram em um tom raivoso. Recuavam e pulavam sobre a grade em um esforço para derrubar o obstáculo que as separava da presa cobiçada. Tibo, tremendo de medo, levantou-se e foi colocar-se no extremo oposto do covil. Daí a criança, cada vez mais apavorada, observava a grade balançar-se ao choque dos arremessos das hienas. Tibo tinha a impressão de que a barreira ia ceder e que dentro em breve estaria à mercê daquelas duas feras repugnantes e esfomeadas.

Vagarosamente foram passando aquelas horas de terror. Chegou a noite e Tibo adormeceu, mas as feras esfomeadas ficaram acordadas. Por trás da grade continuaram a uivar e a latir no seu macabro gargalhar. Pela fresta no alto da caverna o negrinho via de vez em quando uma estrela e também passar a lua. Quando amanheceu a criança sentiu-se aliviada, mas estava muito abatida, porque desde a manhã precedente nada comera e somente uma vez durante a marcha pela selva o feiticeiro lhe permitira matar a sede. Mas o medo o fazia esquecer tudo mais. Pouco depois de ter a claridade entrado no antro pela fresta superior, o menino observou outra abertura na parede da caverna. Achava-se esta colocada exatamente em frente à entrada do corredor, onde as duas hienas continuavam a uivar diante da grade que as impedia de devorar Tibo. Este pensou que aquela estreita passagem por onde agora via entrar a luz, podia ser um caminho que o levasse à liberdade. A criança, olhando para a escuridão que se abria na direção donde via o raio de luz, não fez mais que tatear, sem ter coragem de avançar. O seu cérebro de selvagenzinho trabalhava em um raciocínio que o levava à conclusão de que Bukawai nunca teria deixado aos seus prisioneiros um meio de escapar. Aquele estreitíssimo corredor deveria não ter saída ou, se a tivesse, seria por certo para um lugar ainda pior.

No antro em que o deixara o feiticeiro, a escuridão e as hienas não eram as únicas causas do terror da criança. Tibo não podia livrar-se da perseguição obsedante dos perigos imaginários que a imaginação rudimentar da gente

da sua raça criava para aumentar os horrores da selva. Desde muito pequeno se habituara a ouvir na aldeia de Mbonga as histórias dos seres terríveis que mesmo de dia tornavam a floresta sinistra e cujo poder maléfico se multiplicava na escuridão da noite equatorial. Eram esses inúmeros fantasmas com que os pobres africanos tornavam mais atroz as angústias da sua vida primitiva, como se leões, panteras, serpentes, hienas e insetos malfazejos não bastassem para fazer da mata tropical o

inferno torturante. O negrinho, além dos perigos reais que o cercavam, era atormentado por outros que por serem imaginários não lhe eram menos assustadores. Não se atrevia a entrar por aquele corredor, onde talvez estivesse uma esperança de libertação, porque temia que Bukawai houvesse postado, em algum dos cotovelos da passagem estreita, algum demônio como sentinela, muito mais perigoso e cruel que as próprias hienas.

Mas não tardou que o perigo real assumisse proporções que calaram no espírito da criança os temores dos demônios e dos fantasmas. O retorno do sol parecia ter acirrado a fome das hienas. Agora as duas feras estavam num estado tal de fome que passaram a fazer um esforço desesperado para derrubar o obstáculo que lhes interceptava a presa cobiçada. Firmando-se nas patas posteriores, as hienas atiravam-se contra os paus que rangiam ao choque violento do corpo dos animais. Tibo, transido de medo, contemplava aquele espetáculo pavoroso e pressentia que a grade não resistiria por muito tempo ao assalto impetuoso das duas feras. De fato, esta já começava a ceder, afastando-se sensivelmente da saliência da rocha em que se apoiava. O negrinho tremia como em um acesso de febre, porque já não podia duvidar de que o fim estava próximo.

Encostado à parede da caverna tão longe das hienas quanto lhe era possível, Tibo esperava o que agora sentia ser inevitável. O gradeado cedia cada vez mais. Os animais esfomeados pareciam compreender que se aproximavam do objetivo dos seus esforços frenéticos e acompanhavam os movimentos violentos contra a grade com uivos furiosos e gargalhadas satânicas. Tibo viu a goela escancarada de uma das hienas meter-se já por uma das bordas do gradeado prestes a cair. Mais alguns momentos e o seu pobre cor-pinho estaria sendo devorado por aqueles animais esfomeados e repulsivos que lhe triturariam os ossos e brigariam na disputa dos pedaços da sua carne.

Bukawai chegara até a paliçada da aldeia de Mbonga. Momaia, vendo o bruxo, retrucou em um movimento de repugnância, mas logo em seguida avançou precipitando-se encolerizada sobre o asqueroso negro. Bukawai, ameaçando-a com o chuço, a pôs a distância.

— Onde está o meu filho, onde está o meu Tibo? bradou a canibal.

Abrindo muito os olhos em uma expressão de fingido espanto, o feiticeiro respondeu:

— Teu filho? Como posso eu saber dele? A única coisa que sei é que o salvei do grande deus branco e que ainda não me deste a paga devida pelo meu serviço. Aqui vim para buscar as cabras, a esteira e o pedaço de cobre do tamanho do braço de um homem alto, do ombro às pontas dos dedos.

— Carniça para hiena! Meu filho foi raptado e foste tu, pedaço podre de homem, que o levaste. Entrega-me o menino ou te arrancarei os olhos dessa cara esburacada e darei o teu coração para que o comam os porcos-do-mato.

— Nada sei do teu filho, disse Bukawai sacudindo os ombros. Se alguém o roubou, nada tenho a ver com isso. Fui eu porventura que o raptou da outra vez? O deus branco, que já o carregou um dia, foi com certeza quem o levou de novo. Não tenho culpa disso. Da primeira vez fui eu que restituí o menino e por esse serviço ainda não fui pago. Se quiseses agora que eu obrigue outra vez o deus branco a entregar teu filho, eu o farei, mas exijo de ti como paga dez cabras gordas, a esteira e dois pedaços de fio de cobre do comprimento de um braço de homem alto, desde o ombro até as pontas dos dedos. Se fizermos o negócio, eu não te falarei mais nas três cabras gordas, na esteira e no pedaço de cobre que me debes pelo primeiro feitiço.

— Dez cabras gordas! exclamou Momaia. Nem em dez anos eu te poderia dar dez cabras gordas.

— Dez cabras gordas, a esteira nova e dois pedaços de cobre do tamanho de... repetia impassivelmente Bukawai, quando a negra o interrompeu com um gesto impaciente.

— Espere aí quieto, disse Momaia, enquanto eu vou chamar o meu homem. Ele tem três cabras e talvez seja possível fazer uma combinação.

Bukawai sentou-se debaixo de uma árvore. Estava satisfeito com a marcha dos acontecimentos. Obteria a paga ou tiraria vingança. Não tinha medo de sofrer violência por parte daquela gente de uma tribo diferente da sua, embora estivesse certo de que os homens de Mbonga o temiam e o odiavam. Mas bastaria a lepra que lhe corroia as carnes, para que ninguém tivesse coragem de pôr-lhe as mãos no corpo. E além da moléstia repugnante, Bukawai contava também com o prestígio da sua profissão. Sabia muito bem que os selvagens africanos têm muito medo de fazer mal aos feiticeiros. Por estes motivos o bruxo, muito calmamente, estava esperando o seu plano para abiscoitar as dez cabras e o resto da paga que pleiteava, quando Momaia voltou, trazendo em sua companhia três guerreiros negros. Eram eles Mbonga, o chefe, Baba Kega, o feiticeiro da aldeia e Ibeto, o pai de Tibo. Nenhum dos três tinha aparência agradável, mesmo em condições normais, mas com a expressão de cólera que traziam estampada nas faces, a sua fealdade era de molde a levar o susto a qualquer um. Bukawai, porém, ficou impassível, se o aspecto truculento dos três selvagens o assustou, ele não deu o menor indício de emoção. Recebeu-os com um olhar insolente como se quisesse inspirar-lhes logo respeito.

— Onde está o filho de Ibeto? interrogou Mbonga.

— Como posso eu saber onde ele está? Certamente foi o grande deus branco quem o raptou. Se me pagarem farei um feitiço seguro e descobrirei onde ele está e conseguirei que ele seja trazido para aqui. Foi o meu feitiço que o fez voltar da outra vez e agora acontecerá o mesmo. Ainda não recebi a minha paga do primeiro serviço.

Cheio de dignidade e ostentando a consciência da importância das suas funções de chefe da tribo, Mbonga declarou em tom solene:

— Para fazer feitiços, tenho o meu feiticeiro.

Bukawai com um ar displicente retrucou:

— Muito bem, então manda o teu feiticeiro descobrir onde está o filho de Ibeto e trazê-lo para aqui.

Ditas estas palavras o bruxo imundo deu as costas e caminhou para a orla da selva. Mas antes de penetrar na mata, Bukawai voltou-se zangado, bradando em altas vozes:

— O feitiço do teu feiticeiro não fará voltar o menino. Tenho certeza disso e estou também convencido de que quando ele achar será muito tarde, porque o menino já estará morto. Sei isto, porque agora mesmo a alma da irmã de meu pai acaba de aparecer-me para dar-me essa informação.

Mbonga, o chefe, e Raba Kega, o feiticeiro, não tinham muita confiança na magia, tanto quanto feita por eles mesmos, como quando empregada por estranhos. Mas no espírito dos dois potentados, que representavam na aldeia o poder político e o poder espiritual, havia no meio do ceticismo um resto de crença na eficácia da feitiçaria, sobretudo quando esta era praticada por outros. Mbonga e Raba Kega tinham um certo respeito por Bukawai. Acreditavam nas histórias de que o feiticeiro impuro entretenha comércio com os demônios e achavam mesmo provável que demônios disfarçados fossem as duas hienas que viram na caverna em companhia do mágico leproso. Mas o chefe e o feiticeiro eram homens equilibrados e não estavam dispostos a aceitar precipitadamente condições impostas pelo temível e repelente bruxo. O preço reclamado era exorbitante, Mbonga pensava sobre o caso e achava inadmissível dar dez cabras gordas em troca de um menino, que bem poderia vir a morrer de varíola, antes de chegar à idade de prestar serviços à tribo como guerreiro.

— Vem cá, disse Mbonga a Bukawai. Senta-te aqui e mostra-me como fazes o teu feitiço. Eu verei se ele me inspira confiança. As mesmo tempo Raba Kega, o meu feiticeiro, fará também a sua magia. Depois de ver quem é mais forte na arte, discutirei o preço.

— O meu preço já está estabelecido. São dez cabras gordas, uma esteira nova, dois fios de cobre, cada um do tamanho de um braço de homem alto, do ombro às

pontas dos dedos. O preço será pago adiantado. As cabras serão levadas à minha caverna. Então farei o feitiço e o menino será entregue à sua mãe no dia seguinte. Não é possível andar mais depressa, porque um feitiço dessa natureza toma muito tempo.

— Bem, disse Mbonga, antes de mais nada vamos ver o teu feitiço.

— Traga-me fogo e eu farei aqui uma pequena mágica, respondeu Bukawai.

Momaia foi mandada buscar o lume e Mbonga entabulou negociações com Bukawai sobre o preço do serviço. O chefe negro começou por insistir sobre a exorbitância do que era reclamado pelo bruxo. Dez cabras eram um despropósito por um menino que nenhum serviço ainda prestara à tribo. Depois Mbonga chamou a atenção de Bukawai para a circunstância de que o seu povo era pobre. A gente da sua aldeia lutava com muitas dificuldades e para eles dez cabras eram uma fortuna. Duas cabras seriam um preço razoável. E quanto à esteira e aos pedaços de cobre era melhor nem falar nisso. O feiticeiro, porém, mostrava-se intransigente. Discorria sobre o valor da sua magia e observava ao chefe Gomangani que o feitiço requerido por aquele caso era muito dispendioso. Os deuses que o ajudavam exigiam para semelhante operação nada menos de cinco cabras, que lhes tinham de ser sacrificadas. O chefe e o feiticeiro continuavam a discutir, quando Momaia voltou trazendo o fogo.

Bukawai pôs algumas brasas diante de si e lançou sobre elas uma pitada de um pó tirado de uma bolsa que trazia pendurada a tiracolo. Logo uma nuvem espessa de fumo irrompeu das brasas em uma pequena explosão. O feiticeiro fechou os olhos e recuou, começando a fazer movimentos rítmicos para diante e para trás. Depois deu uma volta e caiu, fingindo estar desmaiado. Mbonga e os outros circunstantes ficaram evidentemente impressionados com a cena. Raba Kega começou a ficar preocupado. O seu prestígio de mago da tribo estava evidentemente periclitando. Era preciso uma providência imediata para salvar a sua autoridade espiritual. No boião trazido por Momaia havia ainda algumas brasas. Raba Kega, aproveitando um momento de distração da assistência, atirou no boião umas folhinhas secas que trazia consigo, dando em seguida um grito estridente que atraiu para ele a atenção de todos. O próprio Bukawai saiu do êxtase, mas verificando o que se passava desmaiou de novo, em tempo de não descobrirem os outros negros a sua manobra fraudulenta.

Raba Kega, sentindo-se senhor da situação e vendo que Mbonga, Ibeto e Momaia estavam muito interessados na sua operação de magia, soprou o fogo de modo que as folhas se foram queimando e uma fumaça escura começou a subir. O feiticeiro tivera o cuidado de não deixar ninguém perceber que havia folhas no boião, de modo que os três negros atribuíram a fumaça à ação exclusiva do sopro de Raba Kega.

Mbonga e os outros dois negros estavam visivelmente impressionados pela demonstração do poder do feiticeiro da aldeia. Este, satisfeítíssimo com o seu sucesso, não teve mais meias medidas. Pôs-se a gritar e a saltar, fazendo medonhas caretas. Em seguida colocou a cara sobre a boca do boião na atitude de quem estivesse em comunicação com os espíritos aprisionados dentro do vaso.

Bukawai, que não podia mais reprimir a curiosidade, resolveu sair do transe e veio observar o que fazia Raba Kega. Agora ninguém mais prestava atenção ao bruxo imundo. O feiticeiro da tribo reconquistara plenamente o seu prestígio. Disposto a não se deixar vencer pelo rival, Bukawai, piscando o único olho que lhe restava na cara carcomida, começou a agitar espasmodicamente os braços e as pernas em um esforço desesperado para atrair a atenção dos circunstantes. Quando notou que Mbonga se voltara para ele, Bukawai simulando um estado convulsivo pôs-se a bradar:

— Estou vendo o menino. O grande deus branco não foi quem o levou. O pequeno está sozinho e correndo grande perigo. Mas se me derem já as dez cabras e as outras coisas, eu ainda chegarei a tempo de salvá-lo.

Raba Kega ouviu atentamente as palavras do seu colega. Mbonga, voltando o olhar para o seu feiticeiro, mostrava-se perplexo. O chefe não sabia qual dos dois feiticeiros era mais poderoso. Após alguns momentos de silêncio, interpelou Raba Kega:

— Que é que a tua mágica te mostra?

— Também eu vejo o menino, disse o feiticeiro da aldeia, mas ele não se acha no lugar em que Bukawai diz que o viu. Está morto no fundo do rio.

Ao ouvir as últimas palavras de Raba Kega, Momaia prorrompeu em soluços e em gritos dilacerantes.

Tarzan, acompanhando o rasto das duas hienas e as pegadas do homem e da criança, chegou afinal à entrada da caverna na garganta espremida entre os dois morros. Aí, encostado ao tapume que Bukawai pusera para interceptar a entrada externa do corredor, o homem-macaco ficou por algum tempo a observar e logo escutou os ruídos amortecidos dos uivos e dos latidos que pareciam macabras gargalhadas. E a este ruídos bestiais não tardou a ajuntar-se um gemido angustioso de criança, que o ouvido apurado de Tarzan distinguiu nitidamente. Não hesitou mais. Arrancando a grade que tapava a entrada, precipitou-se resolutamente no escuro corredor. Qualquer de nós teria de andar tateando naquela completa obscuridade. Mas o homem-macaco, habituado a mover-se nas trevas da noite pelo meio da selva, adquirira a capacidade de visão noturna dos carnívoros com que

convivera desde a meninice.

Assim, caminhava rápido, embora com cautela, porque a passagem lhe era desconhecida e muito tortuosa. À medida que avançava ouvia com maior clareza o rosnar das hienas e o ruído seco das patas das feras batendo contra a madeira. Os gemidos de uma criança percebiam-se também com crescente precisão. Afinal Tarzan reconheceu que aquela voz pungente era a do pequeno Gomangani, que ele pensara um dia em tornar seu filho adotivo.

Aquela situação não provocava em Tarzan emotividade histérica. As condições em que se criara e nas quais sempre vivera, tinham-no acostumado tanto a ver morrer, que nem a morte de uma criatura a ele chegada o podia impressionar muito. Era antes o orgasmo do combate que o estimulava e não o desejo humanitário de salvar uma vida que lhe era cara. Em última análise, Tarzan dos Macacos era um forte animal da selva, em quem o instinto de combatividade a tudo sobrepujara e somente em circunstâncias excepcionais cedia o passo a outro impulsos mais amenos.

Na câmara interior da caverna, o pequeno Tibo, cada vez mais apavorado, encolhia-se junto à muralha de pedra no ponto mais afastado das duas feras, que freneticamente se precipitavam contra o tapume. Este já estava cedendo por forma a tirar ao menino a esperança de poder por muito mais tempo escapar aos furiosos animais. Tibo percebia claramente que dentro em poucos minutos iria morrer em circunstâncias atroz, dilacerado pelos dentes amarelos das nojentas hienas.

Afinal o gradeado não resistiu mais e, diante de um dos arremessos das feras, deslocou-se e caiu com um baque que gelou o sangue nas veias de Tibo. As hienas entraram aos saltos no interior e a criança horrorizada tapou a cara soluçando angustiosamente.

Mas a covardia é o traço mais característico de Dango, a hiena. Ela teme a sua própria vítima. Assim, as duas feras, tendo vencido o frágil obstáculo que protegia Tibo da sua crueldade, pararam desconfiadas, fixando o negrinho com um olhar em que se misturavam a fome, a raiva e o receio. Após muitos segundos de hesitação as hienas aproximaram-se cautelosamente da sua vítima, rosnando coléricas, mas sempre desconfiadas.

Foi nesse momento que Tarzan transpôs o limiar do antro, dirigindo-se para os dois animais com um passo rápido e que seria imperceptível aos ouvidos menos sensíveis que os das hienas. Mas estas deram logo conta da presença do homem-macaco e voltando-se de Tibo, que já se achava quase ao alcance dos seus dentes, enfrentaram em atitude raivosa o recém-chegado, que as encarava com um sorriso. Por um momento as hienas pareceram manter uma atitude agressiva. Mas Tarzan desprezava muito a covardia de Dango para recorrer à sua faca de caça. Com

aquelas feras ele lidava por métodos mais simples. Avançando, o rapaz agarrou uma das hienas pelo felpudo pescoço e arrastou-a na direção do corredor, por onde já fugia espavorida a outra fera.

Então Tarzan apanhou Tibo, que jazia no chão paralisado pelo terror. A criança, espantada com a chegada do homem-macaco, não acreditava no que via. E quando compreendeu que acabava de ser salva por Tarzan, abraçou-se a ele, soluçando nervosamente de alegria, como se o grande deus branco não fosse o ser mais temido da selva.

Quando Tarzan e o negrinho chegaram à extremidade exterior do corredor, já não havia sinal das hienas. Os animais tinham ficado tão assustados que nem se atreveram a rondar as vizinhanças da caverna. O homem-macaco, depois de ter deixado Tibo matar a sede na fonte que jorrava perto, tomou-o aos ombros e pôs-se em marcha rápida para a selva. Tarzan logo que entrou na floresta subiu às árvores e, no seu trote acelerado, foi de galho em galho a caminho da aldeia de Mbonga. O homem-macaco sentia a ânsia de restituir quanto antes a Momaia o filho raptado, porque agora bem compreendia a dolorosa angústia da negra, ao suplicar-lhe na véspera naquele palavreado nervoso que ele não entendia e que tanto o havia irritado.

— O menino não está morto no fundo do rio, afirmou solenemente Bukawai. Que sabe esse sujeito de mágica? Quem é ele para ter o topete de dizer que a arte de Bukawai pode errar?

E assumindo atitude ainda mais imponente e autoritária, como se quisesse robustecer a convicção dos seus ouvintes sobre o poder da sua magia, o repelente feiticeiro acrescentou enfático:

— Bukawai está vendo o filho de Momaia. A criança está sozinha e corre grande risco de vida. Não há tempo a perder. Dêem-me as dez cabras gordas, a...

Mas o bruxo não pôde acabar a frase. Um súbito ruído na folhagem da árvore, debaixo da qual estavam de cócoras os negros, fez com que todos se voltassem para ver o que era. Espavoridos, os cinco selvagens deram com Tarzan dos Macacos que de pé sobre um galho os encarava fixamente. Ao terror que já os impelia à fuga, seguiu-se logo o espanto, quando aos ombros de Tarzan viram a carinha de Tibo sorridente e feliz. Destemido e sereno, o rapaz saltou da árvore no meio dos negros, tendo ainda às costas a criança que salvara. Aproximou-se de Momaia e entregou-lhe o filho. Mbonga, Raba Kega e Ibeto acercaram-se da negra para interrogar Tibo.

Bukawai ficou a distância. E poucos momentos após punha-se a bom recato para livrar-se da fúria da mulher a quem o filho já contara rapidamente a história do seu

rapto. O bruxo imundo, vendo o perigo que corria, embrenhou-se pela selva tão depressa quanto lhe permitiam as suas velhas pernas em busca do refúgio da caverna, onde sabia que nenhum negro se atreveria a ir atacá-lo. Entretanto, Tarzan desaparecera, como sempre o fazia para mistificar os selvagens da aldeia dos Gomanganis. Não tendo podido tirar desforra de Bukawai, Momaia ia ocupar-se agora de Raba Kega. O feiticeiro compreendeu que a sua situação era delicada e tratou de afastar-se. Mas a canibal estava disposta a ajustar contas com ele.

— Então meu filho está morto no fundo do rio, hein? E nesta frase a negra pôs um tom sarcástico, que poderia ser invejado por qualquer grande estrela da alta comédia. — Estava correndo grande perigo sozinho! Grandes mágicos! Agora sou eu que vou fazer a mágica. E pegando de um pau, correu para o feiticeiro alarmado e pregou-lhe uma tremenda paulada na cabeça. E o pau continuou a roncar nas costas do bruxo em disparada pela aldeia, com grande gáudio dos guerreiros, das mulheres e das crianças. Todos ali tinham tido muito medo do feiticeiro. Mas ter medo é odiar. O valente cacete de Momaia representava naquele momento para os selvagens um símbolo de libertação do mágico que os explorava pelo terror.

Naquele dia Tarzan arranjou mais dois inimigos, que meditavam contra ele vingança da humilhação que lhes infligira, desmoralizando e tornando ridícula a magia de que até então tinham vivido em conforto e abundância. Eram contudo inimigos que tinham mais medo do deus branco da floresta, que confiança na eficácia dos seus feitiços. Tarzan, se soubesse o que eles premeditavam, teria simplesmente sorrido. E por isto dormiu um ótimo sono, embora não tivesse teto, nem portas bem fechadas para protegê-lo. De fato, naquela noite, Tarzan dos Macacos, ao relento em plena selva africana, passou muito melhor que o outro Lorde Greystoke entre os seus alvíssimos lençóis na casa senhorial, na longínqua Inglaterra, não podendo conciliar o sono, porque ao jantar comera muita lagosta e bebera vinho demais.

O fim de Bukawai

QUANDO Tarzan dos Macacos era ainda criança, uma das coisas que instintivamente aprendeu nos seus brinquedos foi trançar cordas com os cipós que apanhava na selva. E as cordas trançadas por Tarzan, o pequeno Tarmangani, eram fortes, tendo-se tornado um verdadeiro flagelo para os antropóides da tribo de Kerchak, sobretudo para Tublat, o terrível companheiro de Kala, a mãe de criação do menino branco. Tublat muitas vezes, quando andava a apanhar frutas e lagartas à hora do seu almoço, tinha a refeição interrompida pelos tremendos acessos de cólera provocados pelas travessuras de Tarzan, que cada vez mais destro se tornava no manejo do laço. Nessas ocasiões o furor do grande macaco contra o menino e contra o diabólico instrumento por ele inventado chegava ao auge e teria sido imprudente aproximar-se dele para perguntar-lhe o que pensava daquelas brincadeiras da pequena criatura pelada que, apesar da sua fraqueza, já se ia tornando o futuro dominador da selva.

Nenhuma vez a serpente de cipó agilmente manejada por Tarzan foi lançada sobre Tublat que o antropóide não caísse de modo ridículo, aumentando assim de dia para dia o seu profundo ódio ao menino criado pela companheira e ao seu diabólico espírito inventivo. E Tublat não deixava de ter razão. O travesso filho adotivo da tribo de Kerchak não se contentava em lançar ao chão, com uma laçada, o antropóide. Às vezes Tublat era laçado quando se achava nos galhos das árvores e ficava suspenso no ar em posição extremamente desagradável, pendurado pelo pescoço ou por debaixo dos braços, enquanto Tarzan se divertia em fazer-lhe as mais estranhas caretas.

A corda representou papel muito importante em várias ocasiões. Uma delas proporcionou a Tublat o único prazer que lhe foi dado pelo temível brinquedo do menino. Tarzan, que era tão ativo mentalmente como fisicamente, estava sempre a descobrir novos meios de brincar. Nos seus folguedos foi que aprendeu a maior parte das coisas que mais tarde lhe foram úteis na sua existência selvagem. Um dia, brincando, Tarzan aprendeu alguma coisa em circunstâncias em que milagrosamente escapou à morte, o que, digamos de passagem, desapontou Tublat, que assim teve um pouco prejudicado o prazer causado nele pelo incidente.

O menino, atirando o laço para prendê-lo em um galho, errara a laçada, que apanhara um ramo novo que emergia do tronco. Tarzan fez várias tentativas para tirar a corda do lugar em que ela se prendera. Mas em vez de consegui-lo, apertou o nó. A fim de resolver o caso o menino-macaco subiu pela corda. Mas quando se achava

à meia altura, um macaquinho que estava brincando com ele pegou na ponta do cipó trançado e pôs-se a correr esticando-o. Tarzan gritou ao travesso antropeidezinho para que largasse a corda. Não foi, porém atendido. O pequeno macaco corria de um lado para outro e assim Tarzan começou a oscilar no ar. Era uma sensação nova e o menino acabava de descobrir um novo brinquedo. Entretanto, a sensação não era bastante forte para satisfazer a ânsia que Tarzan tinha de impressões violentas. O rebento a que se prendera a corda estava muito baixo e a altura não chegava para que Tarzan tivesse a sensação forte, que logo previu lhe seria dada se a trança de cipó estivesse agarrada a um galho mais alto. Com a sua presteza em executar as idéias, o menino, depois de ter soltado a corda do ponto em que se achava, subiu a um dos ramos superiores da árvore e ali amarrando o cipó trançado escorregou-se por ele até meia altura e começou a balançar-se gostosamente, a uns dez metros acima do chão. O novo brinquedo de Tarzan causou logo enorme sensação na tribo de Kerchak. Os antropóides agrupados embaixo acompanhavam deliciados e ao mesmo tempo cheios de assombro aquela ginástica que correspondia às suas próprias tendências esportivas. Lá estava também Tublat seguindo com olhos maus as oscilações do corpo moreno da criança e ruminando no íntimo do seu cérebro primitivo o desejo de que ele dali se precipitasse. Tarzan, entretanto tinha nas mãos força para prolongar aquele exercício por um tempo que nenhum de nós, mesmo o mais forte, teria sido capaz de continuar assim indefinidamente. O menino não se sentia fatigado e a agradável sensação parecia renovar-lhe as forças. Já se passara muito tempo e Tarzan continuava a balançar-se suspenso ao galho. O inevitável afinal aconteceu. O laço, no movimento que lhe era impresso pelas oscilações do corpo do menino, foi pouco a pouco se gastando. De repente as últimas fibras do cipó romperam-se bruscamente e Tarzan solto no espaço veio cair como uma flecha sobre o solo. Tublat em um ronco expandiu toda a alegria que o desastre lhe causava. Estava livre de Tarzan e do seu laço.

O antropóide sempre detestara o menino. Não fora a vigilância carinhosa de Kala e ele teria dado cabo do bebê, que com a sua pele glabra lhe parecia uma caricatura de macaco e um opróbrio nos braços da família. Porque Tublat com a sua fraca memória de antropóide já se esquecera completamente das circunstâncias em que Kala adotara Tarzan como *balu*, e, depois de ver o menino-macaco integrado na tribo, não duvidava mais de que ele fosse seu filho legítimo.

Tarzan caíra de uma altura de cerca de dez metros e seu corpo tombara de costas sobre um espesso maciço de matagal rasteiro. Kala chegou primeiro aos arbustos em um estado de grande exaltação e pânico. Do mesmo modo trágico a macaca perdera o seu próprio filho. Agora iria ter o mesmo destino o menino branco que a maternidade da antropóide adotara e que para ela já se tornara um verdadeiro filho.

Quando Kala entrou no matagal, a criança jazia imóvel, enleada no arvoredor e nas trepadeiras. Somente ao cabo de alguns minutos a macaca conseguiu retirá-lo dali, verificando que ele não estava morto e que não apresentava mesmo lesões graves. A massa de arbustos atuara como um pára-choque. Apenas na nuca um pequeno corte assinalava a pancada que Tarzan dera contra o galho proeminente de um dos arbustos. Fora essa pancada que o fizera perder os sentidos.

Passados alguns minutos Tarzan estava refeito e pronto para continuar a brincar cheio de vida e de alegria. Tublat ficou desesperado ao ver que não se livrara de vez do seu odiado perseguidor. E o desapontamento do macaco transformou-se em tanta fúria, que arremeteu sem outro motivo contra o antropóide que lhe estava mais perto. Mas foi infeliz porque se tratava de um grande macaco briguento e no esplendor da sua robustez, que lhe fez pagar caro a insólita agressão.

Tarzan, entretanto, fizera uma grande descoberta e que lhe seria um dia, muito mais tarde, de inestimável valor. Aprendera que a fricção contínua acaba rompendo uma corda de cipó. Esta lição não lhe serviu apenas para mostrar-lhe o perigo de balançar-se por muito tempo suspenso em um galho de árvore. A inteligência do homem-macaco teria de tirar depois outras conseqüências para aplicações utilíssimas da descoberta que, tendo quase lhe custado a vida, viria a ser no correr do tempo o meio de salvá-lo. E isto aconteceria quando fosse um homem, não tendo mais o desvelo maternal de Kala para protegê-lo dos perigos que o cercavam de todos os lados no ambiente hostil da selva africana.

Kala e Tublat tinham morrido. Com a morte de Kala perdera a única criatura que realmente o amara entre todas que conhecera. Mas quando Tublat foi reunir-se aos seus antepassados, o homem-macaco ficou com todos os outros seus inimigos, os outros habitantes da selva que o odiavam não porque ele fosse mais cruel e selvagem que eles. De fato, Tarzan, embora cruel e selvagem como um animal feroz, tinha muitas vezes movimentos de compaixão, o que nunca acontecera aos que compartilhavam com ele a vida da floresta. Mas o principal motivo da aversão que Tarzan sentia por parte das outras criaturas da selva, era a manifestação do senso humorístico que os outros animais não possuíam e muito os irritava por ser inteiramente alheio à sua natureza. O próprio homem-macaco não podia analisar bem aquele traço da sua índole, que se traduzia nas peças que pregava aos seus amigos e nos artificios engenhosos com que atormentava os que lhe eram desafetos.

Entretanto, não era o senso humorístico que lhe granjeara o rancor de Bukawai que contra ele meditava vingança. Na sua sinistra e asquerosa caverna na garganta dos morros lá para o norte da aldeia de Mbonga, o chefe. Bukawai sentia agora uma inveja mortal de Tarzan e seria ele quem o levaria a uma situação mais próxima do aniquilamento que qualquer outra até então defrontada pelo rapaz através da sua

aventurosa existência selvagem. Durante meses, o feiticeiro leproso acariciara a idéia da vingança. Mas já ia perdendo a esperança de tirar a desforra tão ansiosamente desejada, porque Tarzan andava sempre por outras bandas da selva, muito longe do covil do bruxo. Bukawai só vira bem o deus demoníaco da selva, como o chamavam os negros, uma vez, quando Tarzan não só o privara de receber a paga que o feiticeiro já contava como certa, mas ainda cobrira de ridículo a sua bruxaria. Em outra ocasião, quando o homem-macaco salvara Momaia e o filho das garras de Numa, o leão, Bukawai só tivera do gigante branco um golpe de vista rápido e não pudera perceber as suas feições. O feiticeiro impuro não podia esquecer os agravos que recebera de Tarzan, já estava contudo sem esperança de encontrar uma oportunidade para vingar-se.

A ocasião afinal chegou e da forma mais inesperada. Tarzan, como se tornara o seu costume desde que se vinha avizinando a idade adulta, afastara-se em um longa excursão de caça dos seus pousos habituais com os antropóides da tribo de Kerchak. Em uma caçada fora pouco a pouco adiantando-se para o norte contra os seus hábitos. Esses afastamentos da tribo eram explicáveis pela crescente impressão de isolamento que Tarzan tinha entre os antropóides. Até a adolescência sentia prazer em brincar com os macacos jovens. Agora esses companheiros de infância eram todos machos carrancudos e taciturnos ou fêmeas desconfiadas, sempre em guarda dos seus indefesos *balus*. Tarzan-homem não encontrava mais na tribo o ambiente que o satisfizera na meninice e na primeira adolescência. Agora o rapaz encontrava no seu próprio espírito um companheiro que lhe agradava mais que a sociedade enfadonha dos antropóides.

Naquele dia, em que Tarzan caçava para os lados do norte, o céu começou a ficar carregado. Maciças nuvens como que se rasgavam em tiras que corriam baixas, despeitando em Tarzan a idéia de uma semelhança com um bando de antílopes fugindo perseguidos por um leão. Em contraste com a corrida célere das nuvens, a floresta estava imóvel, como se tudo nela se tivesse paralisado. Nem uma folha se movia e um silêncio pesado dava a angustiosa impressão de uma grande massa invisível que estivesse oprimindo a selva. Tudo estava parado. Os próprios insetos pareciam prever uma catástrofe iminente e também imóveis se deixavam ficar as outras criaturas maiores e mais fortes. Assim poderia ter sido a primitiva selva, antes de Deus haver criado a vida na terra e quando tudo era silencioso, porque não existiam ainda ouvidos para escutar.

Por sobre a selva imóvel e calada, pairava entre as nuvens e a terra uma luz pálida e amortecida, de uma tristonha tonalidade amarelada. Tarzan inúmeras vezes presenciara aquele mesmo espetáculo. Mas nunca a ele se acostumara. O medo era para o homem-macaco coisa desconhecida. Entretanto, diante das forças da natureza,

com a crueldade e o seu imenso poderio, Tarzan sentia-se pequeno, muito pequeno e muito isolado, no meio de um mundo em que lhe pareciam estar conspirando contra ele coisas estranhas, colossais e inexoráveis.

Um grande ronco distante fez Tarzan, que contemplava a corrida das nuvens, dizer a si mesmo: “— O leão vem no encalço da presa”. O troar mais próximo e muito mais forte não tardou em fazer-se ouvir. O homem-macaco, até então absorto ante o quadro que se lhe deparava no céu, murmurou: “— Eles estão chegando, são os leões”. E foi abrigar-se na copa de uma grande árvore frondosa. Instantes após, todas as árvores da selva curvavam-se, como se Deus, com a mão aberta sobre a terra, as tivesse calcado. “— Estão passando agora os leões”, disse Tarzan. Um relâmpago ofuscante seguido imediatamente por uma gigantesca detonação, sugeriu a Tarzan outro comentário na mesma ordem de idéias: “— Os leões deram o bote e estão agora segurando a presa”.

Um vendaval violentíssimo sacudiu as árvores em todas as direções e parecia querer dilacerar impiedosamente a selva. Das nuvens a chuva começava a cair, não como a conhecemos em outros climas, mas em torrente, como se no céu se houvessem aberto subitamente cascatas incontáveis. “— É o sangue da caça morta pelos leões que está caindo”, observou Tarzan, aconchegando-se mais ao tronco da grande árvore, onde fora procurar abrigo.

O homem-macaco estava quase na orla setentrional da selva. Pouco antes de desabar a tempestade percebera a distância os dois morros. Mas agora não via mais nada. No meio da tormenta, a imaginação de Tarzan fazia-o explicar a invisibilidade dos dois morros pela ação das torrentes que caíam do céu e os teriam por certo levado de enxurrada. Entretanto, o homem-macaco tinha uma longa experiência das borrascas tropicais. Sabia bem que dentro de alguns minutos o trovão se calaria, o vento ficaria tranqüilo e a chuva cessaria. O sol reapareceria glorioso no céu e na própria floresta tudo estaria como antes, a não ser aqui e acolá um ou outro velho patriarca da selva, cujo caule apodrecido não resistira ao ímpeto do tufão e caíra, para que o seu cadáver enriquecer a fertilidade do solo, onde crescera e vivera durante séculos.

Um desses velhos troncos tombou fragorosamente a alguns metros da árvore ainda nova e viçosa a que Tarzan fora abrigar-se, tendo-a escolhido porque a sua prática da selva já lhe havia ensinado quais eram os pontos mais seguros de refúgio durante as tempestades. Junto à árvore que preferira, o homem-macaco só corria um risco. E a este não escapou desta vez. Um raio fulminou o jovem gigante da floresta, a cuja sombra se achava o rapaz. O tronco vigoroso e estuante de seiva foi lascado de alto a baixo pela centelha do céu. Com estrépito e ruído de madeira partida a grande árvore caiu. E quando o sol reapareceu brilhante sobre a selva refrescada, Tarzan

jazia no solo emaranhado nos destroços da árvore que o devia proteger.

Passada a borrasca, Bukawai chegou à entrada do seu covil. Com o olho que ainda lhe restava o bruxo poderia apreciar a cena magnífica da selva renovada e reverdecida pela chuva, brilhando aos raios do sol agora bem alto no esplendor da sua glória. Mas Bukawai era insensível a espetáculos dessa natureza. O seu cérebro rudimentar de selvagem africano não elaborava em torno das impressões que a natureza lhe ofereceria quaisquer idéias que o pudessem elevar acima do plano de animalidade em que vivia. E mesmo que a moléstia na sua ação devastadora não o houvesse despojado do nariz e privado do olfato, Bukawai não teria nunca sido mentalmente estimulado pelos aromas fortes que da selva se evolavam depois da trovoadas, do vento e da chuva.

Como sempre, ao lado do feiticeiro estavam as duas hienas, suas inseparáveis companheiras. Os animais farejavam o ar. Subitamente um deles pareceu apanhar uma pista e partiu logo correndo na direção da orla da selva. A outra hiena seguiu no encalço da primeira. Bukawai, curioso, pegou de um pesado pau nodoso e foi-se também na direção tomada pelas feras.

As hienas, fungando e rosnando, pararam a pequena distância de Tarzan. Quando Bukawai chegou ao lugar o seu pasmo foi enorme. O bruxo não acreditava no testemunho dos seus olhos. Era o demônio branco que estava ali. Mas julgando que Tarzan estivesse morto, Bukawai teve um acesso de cólera por ver-se privado do prazer da vingança que acariciara por tantos meses.

As hienas acercaram-se do homem-macaco com as goelas escancaradas. O feiticeiro com um grito de cólera espantou as duas feras, desfechando-lhes tremendas pauladas. Bukawai tinha ainda esperança que houvesse vida naquele corpo aparentemente inerte. As hienas enraivecidas afastaram-se do seu cruel dono. A covardia mais uma vez impedia os animais de saltar à garganta apodrecida de Bukawai. A alguns metros mais longe, as feras, acoradas ficaram a rosnar zangadas e esfomeadas.

O feiticeiro abaixou-se e pôs o ouvido sobre o peito de Tarzan. O coração do gigante branco ainda batia. Bukawai rejubilou e as suas feições deformadas e repugnantes exprimiram a alegria odienta do negro. A cara de Bukawai, manifestando alegria, era um dos quadros mais horríveis que se poderia contemplar. Ao lado de Tarzan estava a sua corda de cipó. Bukawai, sem perder tempo, amarrou as mãos do rapaz às costas e em seguida levantou-o e pôs aos seus ombros o corpo do homem-macaco. Apesar de velho e doente, o bruxo ainda tinha muita força. As hienas, sempre fungando e rosnando, acompanharam o feiticeiro que caminhou até a entrada da caverna e dali seguiu pelo tenebroso corredor, levando a sua vítima para as entranhas da terra. Encaminhando-se pelos meandros subterrâneos, Bukawai com o

seu fardo às costas chegou a uma abertura que dava entrada a uma pequena câmara circular, onde a luz chegava do alto em profusão. Aquilo devia ser a cratera de um pequeno vulcão extinto, um desses vulcões que nunca chegam à importância de formar uma montanha e cujas crateras não passam de poços com as bordas revestidas de lava.

As bordas da pequena cratera eram muito íngremes, o único acesso a ela era pela passagem por onde entrara Bukawai. No fundo da antiga cratera tinham crescido algumas árvores mirradas e feias. Do alto quem olhasse para baixo teria a impressão de achar-se diante de um recanto da paisagem do inferno.

Propositadamente deixou o rapaz com as mãos livres. Isto fazia parte do programa de diversões que Bukawai preparava para gozar a agonia do inimigo. Teve ele o cuidado de colocar os nós da corda de cipó em posições a que Tarzan não poderia chegar com as mãos. As hienas nervosamente caminhavam de um lado para outro, rosnando enraivecidas. Bukawai sabia bem como aqueles animais o odiavam e não tinha dúvidas de que um dia, quando ele estivesse tão fraco que não os pudesse conter, eles dariam cabo dele, se antes não o tivessem feito em algum momento em que a raiva e a fome sobrepujassem nas feras o pavor que o feiticeiro lhes inspirava.

Bukawai tinha medo das hienas. Por isto as alimentava muito bem, caçando para elas, quando os animais não encontravam bastante presa. Mas era ainda esse medo que tornava o bruxo tão cruel no tratamento das suas companheiras, que as submetia a um regime de brutal severidade, de acordo com as tendências perversas do seu pequeno cérebro de selvagem, que a moléstia e o infortúnio tornavam ainda mais bestial.

Bukawai apanhara as duas hienas pequeninas e as criara. Elas nunca tinham conhecido outra vida, senão a que levavam em companhia do feiticeiro. Saíam para caçar, mas voltavam sempre à caverna. Ultimamente Bukawai começara a pensar que as hienas não o deixavam menos por hábito, que pelo diabólico instinto que as levava a suportar com paciência todos os maus tratos, à espreita do momento de vingança. E o feiticeiro, por menos imaginação que tivesse, bem percebia qual seria essa vingança. Hoje ele iria ver qual seria um dia o seu fim, mas desta vez outro ainda estaria em seu lugar.

Depois de ter amarrado bem Tarzan, o negro tocou as hienas para o corredor e pôs à entrada do recanto onde dormia, o tapume gradeado, a fim de que pudesse passar a noite sossegado, sem o receio de que as feras chegassem até ele na escuridão. Depois foi até a entrada exterior da caverna para buscar água na fonte próxima. De volta à cratera Bukawai aspergiu com água fresca a face de Tarzan. Os olhos do homem branco piscaram. A uma segunda aspersão, Tarzan recobrava a consciência.

Bukawai com uma hedionda expressão de ferocidade dirigiu-se ao rapaz:

— Deus diabólico, eu sou Bukawai, o grande feiticeiro. O meu poder é maior que o teu. Se os meus feitiços não fossem mais fortes que os teus, não estarias aqui amarrado a esta árvore e à minha disposição, como uma cabra atirada aos leões.

Tarzan não entendia patavina do que lhe dizia o negro. Mas impassível encarava o bruxo, fixando sobre ele os seus olhos azulados com tanta frieza, que Bukawai se sentiu um pouco perturbado. As hienas encolhiam-se por trás da árvore. As duas feras já conheciam aquela cena, porque mais de uma vez o bruxo as alimentara assim. Tarzan, na posição em que se achava, não podia ver as hienas, mas ouvia o seu rosnar e compreendeu logo a situação em que se encontrava. O homem-macaco era um animal da selva, que não conhecia o medo. E por isto enfrentava sereno a morte, cuja certeza o seu cérebro de homem lhe mostrava.

Entretanto, as hienas começaram a ficar excitadas e Bukawai, que não queria apressar a execução do seu plano atroz de vingança, as repeliu. Estas insistiam e entre o bruxo e elas chegou a esboçar-se um princípio de luta, em que Bukawai com dificuldade mantinha a sua superioridade. Tarzan pôde então observar o ódio profundo das duas hienas contra o velho e repugnante negro.

Tendo afinal repellido os animais, o feiticeiro voltou a atormentar Tarzan. Mas reconhecendo que o gigante branco nada percebia do que ele lhe dizia, desistiu e, voltando ao corredor, armou o tapume e trouxe uma esteira para deitar-se à entrada da cratera e poder assim apreciar gostosamente os sofrimentos da sua vítima.

As hienas continuavam a rondar impacientes pelo banquete que lhes estava reservado. Tarzan contraiu os músculos para experimentar os laços que o prendiam. Logo verificou, porém, que a corda que trançara para Numa, o leão, era bastante forte para contê-lo também. O rapaz não desejava morrer. Mas a perspectiva da morte não o intimidava e ele podia enfrentar o fim sem um desfalecimento.

Ao forçar a corda de cipó, Tarzan notou que ela se esfregava à árvore a que ele se achava amarrado. Como uma projeção cinematográfica sobre a tela, iluminou-se-lhe na memória uma recordação da infância. O homem-macaco viu-se ainda menino suspenso por outra corda de cipó ao galho de uma árvore, balançando-se no ar. Embaixo grande número de antropóides olhavam pasmos e interessados. De repente, o laço rebentou e Tarzan caiu em cheio sobre uma massa de arbustos. O rapaz sorriu satisfeito e imediatamente começou a fazer roçar fortemente no tronco da árvore a corda que o prendia.

As hienas que Bukawai prendera na cratera em guarda a Tarzan começaram a encorajar-se. Rosnando muito e mostrando os dentes amarelos, aproximaram-se do homem-macaco, farejando gulosamente. Mas Tarzan com os braços livres fez um movimento violento e os animais assustados fugiram. O homem-macaco sabia bem que a fome acabaria por dar coragem às hienas. Não havia tempo a perder. Com

mais força e mais rapidamente, continuou a esfregar a corda de cipó contra o tronco da árvore.

À entrada da caverna, do outro lado do tapume, Bukawai dormia agora profundamente. O feiticeiro calculara que seria preciso algum tempo para que a fome tornasse as hienas bastante audaciosas para se atirarem ao prisioneiro. Além disso, contava que os gritos deste o acordariam em tempo de poder presenciar bem a cena que preparara. Assim, descansaria um pouco.

Quando o dia amanheceu Tarzan ainda não havia conseguido romper a corda que o amarrava. Para prender Numa o leão, ele fizera um trançado de cipós incomparavelmente mais-forte que aquele que se gastara ao atrito do galho da árvore, quando se balançava em menino. Por felicidade do homem-macaco, as hienas não estavam bastante esfomeadas para terem ânimo de atacá-lo. Entretanto, as feras iam ficando com fome e a corda de cipó estava também cada vez mais fina. Bukawai continuava a dormir e dormindo foi pelo dia adentro.

Já por volta da tarde, uma das hienas, estimulada pelo apetite que aumentava, fez um arremesso sobre Tarzan. O ronco da fera acordou Bukawai, que se levantou imediatamente para ir observar o que se passava no interior da cratera. A fera pulara para apanhar a garganta do rapaz, que com um movimento rápido agarrou a hiena pela pele do pescoço e arremessou-a a distância. Então o outro animal deu um salto, que quase o fez pegar o ombro de Tarzan. Mas então o gigante branco, contraindo a sua possante musculatura, que se desenhou por sob a pele morena, fez um esforço formidável, sacudindo a árvore. Os restos da corda de cipó, roída por muitas horas de atrito, romperam-se. A tremenda sacudidela fez oscilar a árvore de um lado para outro, como se dentro da cratera tivesse soprado subitamente um violento tufão. Bukawai, assombrado, duvidava ainda do que estava vendo. O deus demoníaco estava livre. Mas seria possível que ele conseguisse levar a melhor naquelas circunstâncias? O rapaz não tinha armas e o feiticeiro tranquilizava-se um pouco, pensando que ao seu lado estavam as duas hienas. Mas Bukawai, o bruxo imundo, não conhecia Tarzan dos Macacos.

Com uma das mãos o homem-macaco agarrou uma das hienas pela garganta, enquanto, ajoelhando-se se defendia com o outro braço do segundo animal que fazia esforços frenéticos para pô-lo por terra. Afinal agarrou-o também.

Vendo que o combate se ia tornando favorável a Tarzan, o feiticeiro correu ao interior da caverna e voltou empunhando o seu pesado cacete nodoso. Mas apenas entrara de novo na cratera, quando Tarzan, já de pé, lhe arremessou à cabeça uma das hienas. A fera e o negro repelente caíram juntos embolados. E sem perder tempo, o homem-macaco atirou a outra hiena para o extremo oposto da cratera, enquanto a primeira, ainda embrulhada com Bukawai, rosnava furiosamente esfregando o

focinho à cara do feiticeiro.

Mas não era este o fim que Tarzan imaginara para Bukawai. Com um pontapé pôs em fuga o animal, que se foi juntar ao companheiro escarmentado pelo trambolhão que sofrera.

Levantando do chão o feiticeiro prostrado, Tarzan o arrastou para junto da árvore, a que até pouco antes estivera amarrado. Bukawai que não perdera os sentidos percebeu nos olhos do gigante branco o que lhe estava reservado e, em um esforço de desespero, arremeteu contra Tarzan com unhas e dentes. O homem-macaco sentiu um nojo, como coisa alguma ainda lhe inspirara, diante da proximidade da face hedionda do leproso. As hienas espavoridas já haviam desaparecido pela abertura da rocha no interior da caverna. Sem grande dificuldade, Tarzan subjugou e amarrou o negro à árvore, à mesma árvore a que o prendera antes Bukawai. Mas o rapaz teve o cuidado de atá-lo por forma a que não pudesse escapar do mesmo modo que ele próprio o conseguira. E deixando o negro, atravessou a caverna e o corredor. As hienas tinham desaparecido.

— Elas voltarão, murmurou Tarzan sarcasticamente.

Na cratera, solidamente amarrado à árvore, Bukawai, transido de terror, tremia como se estivesse em um acesso de febre. O feiticeiro também, em um grito dilacerante de angústia, exclamava como que ecoando as palavras de Tarzan dos Macacos que ele não ouvira, nem as entenderia se as tivesse ouvido:

— Elas voltarão!

E realmente as hienas voltaram, rosnando esfomeadas. Chegara afinal o dia que por tanto tempo Bukawai previra cheio de medo. As hienas toaram a sua desforra.

CAPÍTULO 8

O leão

NUMA, o leão, estava agachado entre arbustos espinhosos, a pouca distância da água em que os animais da selva costumavam ir beber, no ponto em que o rio se curvava e fazia um remanso. Naquele lugar o rio dava vau e nas duas margens abriam-se atalhos que se perdiam na selva. Por ali havia séculos que todos os animais da floresta e das planícies que ficavam para além vinham matar a sede, os carnívoros, altivos na sua bravia majestade e os herbívoros, tímidos, hesitantes e sempre prontos a fugir ao primeiro sinal de perigo.

O leão estava com fome, com muita fome mesmo. Isto o tornava silencioso. Antes de chegar à beira d'água, a fera rugira e uivara bastante. Mas agora, de alcatéia, à espreita de Bara, a corça, de Horta, o javali, ou de qualquer outra presa que, incauta, viesse beber ao remanso, Numa continha-se de modo a não dar nenhum sinal da sua presença. A sua aparência era terrível. Os olhos ameaçadores faiscavam. O abanar nervoso da cauda dava bem a medida da tensão em que se achava o rei da selva.

Paço, a zebra, foi a primeira criatura a chegar à beira d'água. O leão ia roncar raivosamente, mas susteve o rugido, porque bem sabia que entre os animais da planície não há nenhum tão arisco como Paço, a zebra. Atrás do belo animal, elegante e lépido, com o seu pêlo listrado de negro, vinham umas trinta ou quarenta éguas e potros nédios e bravios. O cabeça do rebanho, ao aproximar-se do rio, passou do trote à marcha cautelosa, espetando as orelhas e sondando o ar com o focinho, para verificar se a brisa lhe trazia o cheiro de algum dos temíveis comedores de carne.

Numa agitava-se inquieto, a fera parecia coordenar as suas forças para dar o bote sobre a presa. Os seus olhos faiscavam ainda mais em uma expressão de cólera e os possantes músculos tremiam, contraídos para um grande esforço.

Paço estacou a uma pequena distância do remanso, fungou um pouco e subitamente girou sobre as patas e pôs-se a galope na direção oposta. Alguns momentos após, ouvia-se apenas o ruído surdo dos cascos batendo no chão atapetado da selva. Numa não se surpreendeu, nem ficou desapontado. A grande fera conhecia bem os hábitos de Paço, a zebra. Sabia que voltaria e tornaria a fugir várias vezes, até criar coragem para conduzir o seu harém e a sua prole ao bebedouro. Podia acontecer que Paço se fosse embora de vez. O leão já tinha experiência disso e para evitar que o rebanho listrado voltasse à planície, desistindo de beber, Numa ficou ainda mais imóvel e silencioso.

Paço não se foi embora. Em companhia da família voltou várias vezes até o

mesmo lugar, para fugir em seguida a galope. Mas de cada tentativa, a zebra se aproximava mais da água, até que afinal mergulhou no rio o seu focinho aveludado. O rebanho imitou o gesto do patriarca e em breve as éguas e os potros estavam a beber, não sem terem primeiro espetado as orelhas e fungado ainda desconfiados. Numa, depois de passar em revista o rebanho, escolheu uma égua esbelta e gorda. Quando os seus olhos se fixaram sobre a presa, luzia neles a sensação antecipada de prazer, porque Numa prefere a carne da zebra à de todos os outros comedores de capim, talvez porque a caçada de Paço seja a mais difícil.

Vagarosamente o leão levantou-se e ao mover-se um graveto estalou sob uma das suas patas acolchoadas. Como se fosse um tiro de fuzil, disparado sobre o alvo, Numa pulou em cima da égua. Mas o ruído do graveto partido bastara para sobressaltar as zebras. E ao mesmo tempo que Numa dava o bote, o rebanho partia a galope. O último a fugir foi o garanhão. Numa atirou-se sobre ele como uma catapulta. Chegou, contudo, atrasado uma fração de segundo para apanhá-lo em cheio. A zebra escapara, tendo apenas nos quadris os sulcos ensangüentados que lhe abriram as garras do leão. O graveto partido fizera Numa perder o seu jantar.

O desapontamento aguçou furiosamente a fome do grande carnívoro. Irritado, Numa deixou a margem do rio e penetrou na selva esfomeado e raivoso. Agora o leão não escolhia mais a sua presa. Tudo lhe serviria, até a carne de Dango, a hiena, seria apetecida por aquele estômago vazio e voraz. Foi nesse estado, que Numa foi cair sobre os antropóides da tribo de Kerchak.

Não é costume encontrar-se o leão àquelas horas da manhã, em que ele ainda está a dormir ao lado dos restos da caça apanhada durante a noite. Mas Numa fora mal sucedido na véspera. Rondara pela selva em vão e até agora estava em jejum, sentindo fome, como talvez nunca em sua vida.

Os antropóides andavam preguiçosamente pela clareira, satisfeitos com a boa refeição matinal que os reconfortara. Muito antes de ali chegar, Numa já farejara os macacos. Em outra ocasião o leão teria seguido em busca de outra caça, porque até o rei da selva tinha algum respeito pelos músculos rijos e pelos dentes vigorosos dos monos da tribo de Kerchak. Mas a fome o impelia hoje e, rosnando e excitada, a grande fera encaminhou-se diretamente para a clareira.

Chegando a um lugar em que avistou os macacos, sem hesitar arremeteu contra eles. Umas dez ou doze felpudas figuras de aparência humana puseram-se em precipitada fuga, ao verem Numa sair ameaçador de entre as árvores. Trepado a um galho estava um jovem de pele glabra e morena que vira chegar o leão e a debandada dos antropóides, que espavoridos pisavam os pequenos *balus*, entretidos ali nos seus brinquedos. Enquanto os machos procuravam refúgio nas árvores, uma das macacas, ainda nova, em vez de fugir, ficou na clareira disposta a enfrentar o

leão. O instinto maternal a impelia a sacrificar-se, para que o seu primeiro filho pudesse escapar à ferocidade voraz de Numa.

Tarzan saltou da árvore, ao mesmo tempo que gritava, concitando os macacos em fuga e os outros que se achavam pelos galhos a enfrentar o leão. Realmente, se a tribo não se deixasse tomar de pânico e se dispusesse a uma contra-ofensiva, Numa recuaria, a não ser que estivesse louco de raiva e morto de fome. Mas mesmo que a fera não batesse em retirada imediata, dali não sairia ilesa.

Se os macacos ouviram o apelo de Tarzan, não tiveram muita pressa em atendê-lo. Numa apanhou a macaca, e carregando-a desapareceu na floresta, sem que os antropóides tivessem acudido em defesa da sua companheira. Mas Tarzan, irritado pela covardia dos macacos, prorrompeu em gritos zangados e os antropóides afinal criaram coragem e com os dentes à mostra e em atitude de combate penetraram nas brechas em perseguição de Numa. À frente dos antropóides ia Tarzan dos Macacos. A caçada era difícil por entre os arbustos e ervas altas, as barreiras de trepadeiras, que tornavam a floresta um verdadeiro labirinto. O rapaz capitaneava cuidadosamente a coluna perseguidora. Junto ao solo a relva é tão escura, mesmo quando o sol está alto, que é preciso confiar mais no ouvido e no olfato que nos olhos.

A pista era entretanto fácil de seguir-se, porque o corpo da vítima deixara um rastro de sangue que, mesmo quando não era visível, podia ser acompanhado pelo cheiro. Qualquer de nós teria conseguido seguir aquela pista e para os macacos da tribo de Kerchak a coisa era tão fácil como se estivessem andando por uma calçada asfaltada.

Tarzan já sabia que o leão estava muito próximo, mesmo antes de ter ouvido um raivoso rugido a pequena distância. Concitando os macacos ao ataque, o rapaz assumiu o comando da carga. Em poucos momentos, o grupo assaltante tinha trepado às árvores e Numa via-se cercado por adversários que estavam fora do alcance das suas garras e dentes, embora estivessem bem à vista dele. O carnívoro, assentado sobre

os quadris, tinha as patas dianteiras sobre o corpo da presa. Tarzan verificou logo que a macaca estava morta. Mas no seu espírito formou-se clara a idéia de que era necessário arrebatá-la da fera aquele corpo inútil e castigar o leão.

Dirigindo insultos a Numa, o homem-macaco foi arrancando galhos e atirando-os sobre o animal. Os antropóides imitaram o exemplo e dentro de pouco o leão, bombardeado de todos os lados e não podendo reagir contra os seus inimigos, sentiu que a sua posição se tornara insustentável. Estava esfomeado, mas evidentemente lhe era impossível devorar ali a sua presa.

Se os macacos estivessem sós, não se teriam dado ao trabalho de incomodar Numa, depois de terem verificado que a companheira estava morta. Diante do fato consumado, voltariam tranqüilamente para as vizinhanças da clareira e enquanto o leão estivesse devorando o corpo da pobre macaca, a tribo estaria provavelmente fazendo também a sua refeição pelas árvores. Mas Tarzan era um homem e no seu espírito a situação se apresentava sob outros aspectos, não lhe permitindo solução tão simples e tão cômoda do caso. Para ele, a questão agora era punir Numa. O leão precisava aprender por uma dura lição que, mesmo quando matasse um Mangani, não conseguiria devorar o seu cadáver. Os antropóides encaravam o episódio de um ponto de vista exclusivamente imediatista. O cérebro humano de Tarzan fazia com que ele apreciasse o caso pensando no futuro. Os macacos, livres de um ataque de Numa, não cogitavam nos meios de impedir que a fera reincidisse. Tarzan tinha a idéia da necessidade de castigar, para que Numa sentisse os inconvenientes, os perigos e a inutilidade de vir matar a fome nas carnes tenras dos antropóides de Kerchak.

Convencido da necessidade de dar ao leão uma lição de mestre, insistiu com os macacos para que continuassem a bombardeá-lo. A fera ia ficando cada vez mais furiosa. Os galhos se juntavam sobre ela e prendiam-se-lhe à juba. Numa, em rugidos, exprimia significativamente o seu protesto contra a tática desleal do inimigo que, pondo-o fora do alcance das suas garras e dentes, o impedia de saciar-se na vítima que ali estava bem perto dele. Devia ser um terrível suplício para o animal esfomeado não poder comer a presa que tinha nas garras. Mas Tarzan observou que o bombardeio, embora irritasse ao extremo a fera, não lhe causava contudo nenhuma lesão séria. Achou, portanto, conveniente recorrer a projéteis mais eficientes. E não lhe foi difícil encontrar a munição que desejava.

A pouca distância do lugar em que se achava o leão, havia um bloco de rocha granítica em decomposição. Tarzan compreendeu logo que pedaços arrancados daquele bloco meio amolecido seriam de efeito muito mais decisivo que os galhos e cocos. Pedindo aos macacos que vigiassem atentamente a fera, o rapaz desceu da árvore para municiar-se no arsenal, que providencialmente encontrara ao seu alcance. O homem-macaco sabia que pelo exemplo conseguiria dos antropóides o que eles nunca fariam em obediência a uma ordem, porque então Tarzan dos Macacos não era ainda o rei da tribo. Anos mais tarde, seria investido dessa realeza. Por enquanto era apenas um rapazinho que alcançara uma posição de destaque e de influência entre os animais felpudos e de figura humana, em cujo convívio o destino o lançara. Naquela época Tarzan era ainda objeto da hostilidade dos macacos mais velhos, que o consideravam um intruso e viam nele um inimigo, porque era um estranho. Os antropóides jovens, que haviam sido companheiros de brinquedo de Tarzan, conheciam-no pelo cheiro, como a qualquer outro dos membros da tribo.

Não desconfiavam dele, nem lhe eram hostis. Mas não o amavam, porque os antropóides só conheciam um amor, que era aquele que lhes inspiravam as fêmeas na estação do consórcio. Entre os machos surgiam também naquele período ódios suscitados pelas rivalidades nos galanteios às macacas. E esses ódios persistiam em rancorosa animosidade até a seguinte estação amorosa. De um modo geral, todos os membros da tribo eram rabugentos e briguentos. Havia algumas raras exceções. Era, por certo, aqueles em quem germinavam traços humanos, certamente uma reversão ao tipo ancestral do longínquo antepassado, que emergiu do nível da sua espécie para tornar-se homem, ao andar sobre as mãos posteriores e ao descobrir que com as dianteiras podia fazer outras coisas e melhores.

Assim, Tarzan conduzia, porque ainda não podia comandar. O rapaz descobrira nos macacos a tendência à imitação e utilizava-se desse traço da mentalidade rudimentar dos antropóides, sempre que os queria levar a fazer alguma coisa.

Mais uma vez o seu método deu o resultado previsto. Com satisfação, Tarzan viu que os macacos desciam dos galhos e se iam armar com torrões de granito em decomposição, tal qual ele o fizera.

Durante a suspensão do bombardeio, enquanto Tarzan e os antropóides se municiavam com projéteis de maior poder ofensivo, Numa dispôs-se a começar a refeição. Mas o leão não chegou a ter tempo de iniciar o repasto. Mal havia colocado a presa em posição conveniente para devorá-la e um pedaço de rocha, atirado pela mão destra do homem-macaco veio bater-lhe em cheio à borda da boca.

Um rugido de cólera e de dor foi seguido por uma descarga de pedradas, que partiam de vários pontos das árvores. O leão, cada vez mais enfurecido, não desistia, entretanto da presa. Para livrar-se do bombardeio agora mais sério, porque os calhaus se juntavam aos galhos, Numa arrastou o corpo da macaca para um maciço mais espesso de arbustos. Mas mesmo ali o perseguiram os projéteis e a fera, torturada pela fome, ia pouco a pouco levando para além a presa, sem que os seus perseguidores afrouxassem o bombardeio.

Entre os atacantes destacava-se, preeminente, a figura glabra do homem-macaco, que temerariamente se aproximava cada vez mais do rei da selva para atingi-lo com pontaria mais certa. Numa, irritado, arremetia de vez em quando contra o seu perseguidor, que agilmente conseguia escapar ao bote da fera. Entretanto o leão se ia enfurecendo ao ponto de esquecer-se da fome e deixar por algum tempo abandonada a sua presa, enquanto procurava apanhar Tarzan que continuava a atormentá-lo tenazmente com implacável bombardeio.

Os macacos acompanhavam o rapaz na caça à fera, que se foi sempre afastando até chegar com a presa a uma clareira, onde se dispôs a enfrentar os seus inimigos. Numa colocou-se em posição a uma distância bastante grande das árvores para não

ser atingido pelas pedradas mal dirigidas dos antropóides. Tarzan, contudo, mesmo de longe, fazia uma boa pontaria.

Vendo-se agora um pouco aliviado da perseguição, Numa, que era apenas de quando em quando atingido pelos projéteis de Tarzan, preparou-se para começar a refeição já tão retardada. O homem-macaco não se conformava em deixar que o leão aproveitasse os resultados do seu ataque à tribo e coçando a cabeça pensava em um meio de ataque mais eficaz, para impedir a fera de devorar a sua vítima. Os antropóides não se preocupavam senão com o episódio atual. Mas o espírito previdente do homem branco mostrava-lhe o perigo de deixar que o leão aprendesse a comer os macacos. Uma vez verificando que lhe era fácil fazer presa ali, o leão se tornaria um visitante habitual e a tribo passaria a viver em constante pesadelo. Era imprescindível castigar Numa, para dissuadi-lo de repetir a proeza. Punido severamente e não tirando vantagem da agressão, a fera ficaria sabendo que não valia a pena incomodar mais os antropóides. Tarzan compreendia bem que somente os extremos da fome teriam levado aquele leão, provavelmente um animal já velho e portanto menos ágil na caçada, a atacar os macacos. Mas ainda assim seria grave consentir em que Numa se habituasse àquele gênero de caça. Um só leão bastaria para exterminar a tribo ou pelo menos para forçá-la a viver em condições de permanente terror.

— Que ele vá comer os Gomanganis, pensava Tarzan, eu lhe ensinarei que é menos arriscado atacar os guerreiros negros, que se meter com os Manganis.

Mas a primeira coisa a fazer era arrebatrar das garras da fera o cadáver da macaca. Atingir este objetivo não era fácil. Um plano ocorreu, entretanto, ao rapaz. A idéia envolvia riscos que teriam dissuadido qualquer outro que não fosse Tarzan dos Macacos. E ele próprio não deixava de reconhecer que o seu plano era muito arriscado. Mas Tarzan sentia sempre fascinação por tudo que envolvia perigo. E esta era sem dúvida uma das razões que o induziam a fazer o que nenhum de nós teria tentado para ludibriar um leão esfomeado e enraivecido.

O plano ideado por Tarzan requeria para a sua execução o concurso de um auxiliar tão bravo e tão destro e ativo como o homem-macaco. Conhecedor dos elementos de que podia dispor, o rapaz escolheu Taug, que depois de haver sido o seu companheiro de infância se tornara seu rival e inimigo, mas que sob a influência de outras vicissitudes acabara por ser entre os antropóides o único capaz de entreter no seu cérebro primitivo um sentimento de amizade por Tarzan. Além disso, Taug era muito corajoso, ágil e dotado de formidável força muscular.

— Taug, gritou Tarzan ao macaco, que no momento procurava arrancar um galho seco de uma árvore que fora fulminada pelo raio. Vá bulir com Numa e irrite-o até que ele se enfureça e ataque. Afaste-o tanto quanto puder do corpo de Mamka.

Taug que se achava do lado oposto da clareira fez um gesto de assentimento e, acabando de arrancar o galho seco, saltou para o chão e avançou para Numa, rugindo e proferindo os piores impropérios da língua dos antropóides. A fera pôs-se de pé e Taug, vendo-o abanar a cauda, tratou logo de fugir, porque sabia que aquilo era sinal de bote imediato. Por trás do leão já vinha correndo Tarzan na direção do corpo de Mamka. Numa, preocupado agora exclusivamente com Taug, não percebeu a aproximação do homem-macaco. Arremetendo contra o antropóide, o animal enfurecido esteve a um triz de apanhá-lo. Quando Taug conseguiu chegar a uma árvore onde encontrou refúgio, o leão distava dele apenas poucos metros. Com a destreza de um gato, o macaco trepou pelo tronco e Numa, cada vez mais furioso, ainda se precipitou para agarrá-lo, mas as suas patas bateram na árvore a poucos centímetros do ágil antropóide.

Desapontada, a fera ficou rugindo por alguns momentos debaixo da árvore, em que Taug se refugiara, em seguida voltou-se para ir de novo tomar conta da sua vítima. Instantaneamente Numa pôs-se outra vez em posição de carga e partiu ainda mais raivoso que ao atacar Taug. O leão acabava de ver o homem-macaco correndo para as árvores do lado oposto da clareira com a carcaça da sua presa às costas.

Empoleirados nos galhos, os macacos em grande exortação acompanhavam a corrida do rapaz e da fera, proferindo insultos ao leão e animando Tarzan com a sua gritaria. O sol iluminando a clareira punha em nítido relevo as figuras dos dois protagonistas daquela cena impressionante. Os espectadores por entre a folhagem seguiam atentos as peripécias da carreira de vida ou de morte. O corpo moreno e esbelto do homem branco com a macaca às costas e a pele tingida pelo sangue que pingava da carcaça delineava-se à claridade da luz tropical. No encalço daquela figura atlética, galopava Numa, com a sua juba negra, eriçada, a cabeça baixa e a cauda empinada, um esplêndido espécime da sua raça valorosa e temível.

Tarzan sentia-se em um momento de suprema exaltação. Aquilo era a vida! Correndo perseguido pela mais forte das feras da selva, o homem-macaco estava empolgado pelo delírio de alegria e de entusiasmo de que os civilizados só têm um reflexo pálido nas emoções arrebatadoras dos grandes momentos esportivos. Mas conseguiria chegar às árvores antes de Numa tê-lo apanhado no abraço mortal das suas garras?

Em um galho bem defronte a Tarzan, Gunto vociferava, avisando Tarzan da aproximação cada vez maior do leão.

— Segura! gritou Tarzan, levantando o corpo da macaca morta. E com as peludas mãos traseiras Gunto agarrou o cadáver de Mamka, erguendo ao mesmo tempo o rapaz, até que este conseguiu segurar-se a um dos primeiros galhos. Debaixo o leão deu um salto. Mas Gunto, apesar da sua aparente falta de destreza, era tão ágil como

Manu, o mico, e pôde assim livrar-se do terrível golpe que só o pegou de raspão, deixando em uma das mãos felpudas do antropóide o vergão ensangüentado de uma garra.

Tarzan carregou o cadáver de Mamka até um galho alto, onde nem Sheeta, a pantera, seria capaz de ir buscá-lo. O leão, roubado da sua presa e não tendo podido tirar desforra, expandia agora toda a sua ferocidade em rugidos selvagens. Mas Tarzan realizara o seu objetivo. Numa aprendera ser inútil atacar os antropóides. Estes, depois de vaiarem estrondosamente a fera desapontada e de terem-lhe ainda arremessado alguns galhos, foram-se de árvore em árvore, em ruidosa gritaria, satisfeitos pelo epílogo do incidente.

Tarzan encontrou nesta aventura assunto para muitas cogitações. Antes de tudo pensava nas conseqüências graves que teriam advindo do insucesso do seu plano. Realmente, se Numa se habituasse a vir caçar antropóides, a existência da tribo de Kerchak, o grande macaco, se tornaria muito precária. Mas Tarzan, reconstituindo a cena da chegada do leão à clareira e da debandada dos macacos para as árvores, sentiu aguçado o seu senso humorístico. A vida na selva não deixa de ter “humor”, mas este é sempre pungente e cruel. Naquele caso em que o homem-macaco achava um tema humorístico na fuga espavorida dos antropóides e no furor do leão desapontado, a brincadeira redundara na morte da pobre Mamka e pusera em risco de vida alguns membros da tribo. Mas Tarzan desde a meninice sentira acentuar-se nele uma tendência a transformar em assunto de pilhéria todos os incidentes que ocorriam na selva, mesmo quando neles tivesse perigado a sua vida.

Poucas semanas haviam decorrido após o episódio do leão, quando Sheeta, a pantera, arrebanhou um *balu* que a mãe deixara em um galho, ao andar à procura de alimento. O felino carregou a sua presa, sem ter sido molestado. Tarzan ao saber do fato, encolerizou-se muito e verberou os antropóides, lembrando-lhes que em uma só lua dois membros da tribo haviam sido devorados.

— Acabaremos sendo comidos todos. Caçamos sem prestar atenção a qualquer inimigo que se aproxima. Nenhuma criatura da selva procede assim, nem o próprio Manu, o mico, é tão imprevidente. Há sempre dois ou três micos vigiando, enquanto os companheiros procuram frutas e lagartas. Paço, a zebra, e Wapi, o antílope, têm sempre as suas sentinelas, enquanto estão comendo. Somente nós, os grandes macacos, não tomamos essa precaução. E tal descuido permite que Numa, Sabor e Sheeta venham aqui quando querem e nos levem para alimentar os seus *balus*.

Mungo apenas resmungou ao ouvir o que Tarzan dizia. Taug, porém, mostrou-se mais interessado e perguntou:

— Mas que havemos de fazer?

— A mesma coisa que os outros fazem, respondeu Tarzan, termos sempre dois ou três vigiando, para dar alarme quando se avizinhar Numa, Sabor ou Sheeta. Estes são os únicos inimigos que temos a temer, além de Histah, a serpente. Mas se tivermos sentinelas para ver se Numa, Sabor ou Sheeta andam perto, elas poderão também dar sinal de Histah, embora a cobra venha sempre muito silenciosamente.

Assim, por iniciativa de Tarzan, a tribo de Kerchak adotou a prática de pôr três sentinelas vigilantes, enquanto os antropóides andavam a caçar, o que eles passaram a fazer concentrando-se mais, em vez de ficar dispersos como fora seu hábito e o que mais os expunha aos ataques dos inimigos.

Mas o homem-macaco continuou a caçar sozinho a grandes distâncias, sem se preocupar com os riscos de que protegera os seus felpudos companheiros. Para Tarzan a vida na selva tinha exatamente o seu grande encanto na infinidade de perigos que o cercavam por todos os lados e a todos os momentos. Enquanto as outras criaturas da floresta eram movidas apenas pelo instinto da nutrição e pelo impulso para o amor, o homem branco procurava alimento e alegria. O primeiro lhe era fácil encontrar e saciar o clamor do seu estômago. Mas a ânsia de alegria não tinha limites e nunca se satisfazia. Cada aventura trazia a Tarzan dos Macacos o desejo de uma nova experiência mais intensa e que fizesse vibrar com mais força ainda o seu cérebro e os seus nervos, que o distinguiam tão profundamente de todos os outros habitantes da selva.

Um dia o homem-macaco andava em uma das suas excursões para os lados da aldeia de Mbonga, a negra mancha de canibalismo no meio da selva primitiva. Tarzan, dos galhos que se estendiam por cima da paliçada, observava o que faziam os selvagens e viu mais uma vez Raba Kega, o feiticeiro da aldeia, paramentado como de costume com a cabeça e o couro de Gorgo, o búfalo. O rapaz achava sempre muita graça naquele espetáculo de um Gomangani disfarçado em Gorgo. Mas o caso não lhe oferecera nunca interesse especial, até então. Mas uma pele de leão com a cabeça do animal, que se achava esticada em um dos lados da cabana de Mbonga, o chefe, despertou-lhe uma idéia que fez expandir-se em largo sorriso a sua bela face de jovem fera humana.

Entrando de novo pela selva, Tarzan, empregando mais uma vez a força e a agilidade que a sua esplêndida capacidade de percepção tornava ainda mais formidáveis, não teve dificuldade em arranjar uma boa refeição. Mas agora, depois do que observava na aldeia dos guerreiros negros, a caça já não lhe servia apenas para matar a fome. Um novo instinto desenvolvia-se nele. Colecionar as peles das suas vítimas era coisa que ficava bem a um filho de lorde inglês, embora o bravo homem da selva nada conhecesse dos costumes dos seus antepassados, dos quais também não tinha nenhuma idéia.

Era noite, quando Tarzan voltou ao galho donde observava o interior da aldeia de Mbonga e cuja casca já se achava alisada e polida pelo atrito freqüente do corpo do gigante branco. A aldeia estava silenciosa e escura, apenas pálidos clarões de uma ou outra pequena fogueira iluminando a rua central do povoado selvagem. À noite, para que os negros saíssem das suas cabanas, era preciso que houvesse alguma orgia, o que não se dava naquela ocasião. Os velhos da tribo ao redor dos fogaréus meio apagados contavam histórias. Os casais jovens escondidos na sombra cochichavam misteriosamente.

Tarzan pulou do galho para o interior da aldeia e sub-repticiamente esgueirando-se pela escuridão chegou até a cabana de Mbonga, o chefe. O velho guerreiro cercado por um grupo de negros conversava, sem suspeitar da presença do temido deus branco da selva. Os outros selvagens também não deram conta da chegada de Tarzan e não o viram apoderar-se do que ele cobiçara. O rapaz, de posse do precioso troféu do chefe Gomangani, saltava pouco depois aos ramos da grande árvore e desaparecia na floresta.

Nessa noite, confortavelmente empoleirado no gancho de um galho, Tarzan contemplava Goro, a lua, os grandes planetas brilhantes e as estrelas que piscavam no céu e sorria na antecipação de um grande prazer. Lembrava-se do espetáculo ridículo da debandada dos antropóides espavoridos no dia em que o leão aparecera de repente e carregara Mamka para a selva. Entretanto, os grandes macacos eram incontestavelmente destemidos, o que tornava Tarzan pensativo, sem poder compreender como, sendo valentes, eram sujeitos àqueles acessos de pânico. O rapaz não atinara ainda em que as crises de medo dos monos da tribo de Kerchak eram causadas pelo choque determinado sobre os seus nervos pela inopinada ocorrência do perigo. Dentro em breve, Tarzan iria verificar o que ainda não compreendera. Adormeceu, tendo estampado na face um sorriso que lhe alargava a boca, deixando à mostra os dentes alvos.

O homem-macaco foi despertado pela manhã por Manu, o mico, que de um galho mais alto lhe atirava favas na cara. Tarzan acordou e pôs-se a rir. Não era a primeira vez que o mico lhe interrompia o sono por aquela forma. Entre o rapaz e Manu havia uma boa camaradagem.

Muitas vezes o mico vinha ao amanhecer chamá-lo, para dizer-lhe que Bara, a corça, andava comendo pela vizinhança ou que Horta, o javali, dormia entre uns arbustos próximos. Em paga desses serviços, Tarzan partia as nozes e frutos mais duros, dando-os a Manu ou afastava Histah, a serpente, e Sheeta, a pantera, que muito assustavam os micos.

A tribo dos antropóides já estava de pé em busca de alimento e o mico, com um gesto acompanhado por uns gritinhos que Tarzan bem entendia, indicou ao homem-

macaco a direção em que haviam seguido os seus felpudos companheiros.

— Venha, Manu, disse o rapaz, e você verá uma coisa que o fará dançar de alegria e torcer em caretas gostosas a sua carinha engelhada. Venha, acompanhe Tarzan dos Macacos.

E pôs-se a caminho, na direção indicada por Manu, enquanto, seguindo-o nos galhos mais altos, o mico pulava e guinchava em exuberante alegria de criança que vai para uma festa. Ao ombros o homem-macaco levava o que roubara na véspera na aldeia de Mbonga, o chefe.

Os antropóides faziam a sua refeição nas árvores junto à clareira, em que Tarzan arrebatara de Numa, o leão, o corpo ensangüentado da pobre Mamka. Alguns dos membros da tribo haviam pulado das árvores e andavam catando alimento pela clareira. Os macacos comiam tranquilos e despreocupados. Agora, seguindo o conselho de Tarzan, tinham nestas ocasiões sentinelas avançadas em vigilância nas árvores. O homem-macaco andava havia muitos dias longe caçando e visitando a cabana junto à enseada, como era aliás o seu costume. Mas os antropóides não se tinham esquecido do que Tarzan lhes ensinara e mantinham sempre as sentinelas nos seus postos. Assim, iam formando um hábito e dentro em breve aquele costume se integraria definitivamente como uma instituição da tribo.

Mas Tarzan dos Macacos que conhecia melhor os seus companheiros, que eles próprios se conheciam a si mesmos, calculava que na sua ausência se tivessem esquecido do que lhes ensinara. Contava, pois, não somente divertir-se à custa dos antropóides, como também dar-lhes uma lição sobre a necessidade dos preparativos de defesa, que na selva primitiva são ainda de mais vital importância que na vida civilizada. Se existimos hoje, nós outros civilizados, devemos-lo às precauções que em tempos imemoriais do período oligocênico foram tomadas para a sua defesa pelos nossos hirsutos antepassados da floresta. Por certo, os monos da tribo de Kerchak não se descuidavam de medidas desse gênero. A inovação que Tarzan lhes ensinara de pôr sentinelas avançadas durante as refeições, era apenas mais um meio de defesa com que os antropóides reforçavam a sua segurança por entre os inúmeros perigos da selva.

Naquele dia Gunto havia sido um dos destacados para vigiar. Trepado a um ramo do plano superior de uma árvore gigante, descortinava uma extensão considerável da mata. E foi o primeiro a perceber a aproximação do inimigo. Um sussurro no matagal baixo da selva chamou a atenção do macaco. Observando o lado donde vinha o ruído, Gunto não tardou em ver de relance uma juba escura e hirsuta e um dorso de uma tonalidade amarelo acastanhado. O vulto suspeito sumiu-se logo entre as ervas e arbustos. Mas o que vira bastava a Gunto, e célere deu o brado de alarma: “Kreeg-ah!” o que na linguagem dos antropóides da tribo de Kerchak significa “alerta” ou

“perigo”.

Cada macaco, ao ouvir o brado de Gunto, o repetiu várias vezes e dentro de alguns segundos os “Kreeg-ha” ecoavam pela selva, enquanto a tribo aceleradamente subia às árvores.

Então Numa, o leão, surgia majestoso e formidável na clareira. Do seu peito em tons profundos e cavernosos, irrompiam aqueles rugidos roucos e o rosar atroador, que costumavam eriçar o pêlo dos antropóides, como se uma corrente graciosa lhes descesse da nuca pela espinha abaixo.

No meio da clareira o leão parou. Sobre ele chovia uma saraivada de galhos e de pedras, que os macacos haviam apanhado como munição ao subirem às árvores. Depois de terem atingido a fera com uma boa dúzia de projéteis os antropóides vieram ao chão buscar mais pedras e prosseguiram implacavelmente no bombardeio.

Numa fez meia volta para pôr-se em fuga, mas ao chegar à orla da clareira foi recebido por um ataque violento dos macacos que se achavam nas árvores, um dos quais com pontaria certa o atingiu em cheio com um bloco de pedra do tamanho de uma cabeça de homem. O atirador fora Taug e o leão pôde avaliar o vigor do braço musculoso do antropóide. O rei da floresta, aturdido pela tremenda pedrada, caiu por terra.

Gritando furiosamente como se estivessem latindo, os antropóides saltaram das árvores e avançaram bravamente para a fera prostrada. Antes de recobrar os sentidos, Numa estaria dilacerado pelos seus inimigos enraivecidos. Um montão de carnes esfaçalhadas e de ossos fraturados seria tudo que restaria do temido rei da floresta.

As mãos possantes e as dentaduras vigorosas dos monos da tribo de Kerchak iam começar o seu trabalho destrutivo, quando de uma árvore saltou uma figurinha curiosa, com uma carinha risonha enquadrada por uma barbicha em costeletas, que ágilmente veio saltando e pousou sobre o corpo inerte do leão. Era Manu, o mico, que, guinchando e gesticulando desesperadamente, procurava sustar a fúria dos antropóides. Estes estavam atônitos. Que significava aquilo? Como seria possível que Manu, o tímido macaquinho da selva, estivesse ali no meio dos Manganis a pular sobre o corpo de Numa, o mais temido de todos os habitantes da mata? E que o faria estar a pedir para não darem cabo do leão?

E quando os macacos estupefatos pararam, curiosos, diante da cena inexplicável, Manu, agarrando uma das orelhas da fera e fazendo o máximo esforço a que podia chegar a sua débil musculatura, foi levantando a cabeça majestosa de Numa. Os grandes macacos, cada vez mais intrigados, observavam atentos, quando ainda mais assombrados viram aparecer o perfil de Tarzan.

Alguns dos antropóides mais velhos estavam dispostos a levar por diante o massacre. Mas Taug pulou para o lado de Tarzan ainda inconsciente e fez recuar os companheiros, que desistiram do seu propósito, diante da atitude resoluta do robusto valentão disposto a defender o seu camarada de infância. E Teeka não tardou em vir postar-se também ao lado do marido, arreganhando os dentes e pronta a bater-se com quem quisesse molestar o homem-macaco. Outros macacos moços imitaram o exemplo do casal e dentro em poucos momentos Tarzan estava cercado por uma guarda de amigos, que não deixariam ninguém tocá-lo.

Alguns minutos mais tarde, Tarzan dos Macacos recobrava os sentidos. Aprendera uma lição, que o tornaria mais cauteloso para o futuro.

Ao voltar completamente a si e percebendo bem afinal o que se passara, o homem branco exprimiu em um grande sorriso a sua satisfação. Estava bem machucado: o valente bombardeio dos antropóides lhe havia causado muitas contusões. Mas o bem que adivinha da sua aventura compensava-o amplamente das dores que o atormentavam. Verificara que os macacos haviam aprendido a lição que lhes ensinara e descobrira também que tinha amigos entre os antropóides da tribo de Kerchak, nos quais até então nunca suspeitara sentimentos dessa natureza. E pudera ainda ver que Manu, o mico pequenino e tímido, fora capaz de arriscar a vida para salvá-lo.

Ter descoberto estas coisas tornava-o alegre. Mas a outra lição que aprendera o enrubescia de vergonha. Até então fora o único humorista da selva. Ao ver-se agora todo machucado e envolto na pele do leão, tinha ímpetos de fazer um juramento solene de nunca mais repetir semelhantes brincadeiras. Mas esse juramento certamente ele não o cumpriria com rigor.

CAPÍTULO 9

O pesadelo

Os NEGROS da aldeia de Mbonga, o chefe, estavam em festa, enquanto, oculto na folhagem de uma árvore que sombreava a paliçada, Tarzan dos Macacos, com fome, observava terrível, amargo e com inveja o banquete dos selvagens em orgia. A caça fora pobre naquele dia, porque até para os mais fortes e destros caçadores da selva há também dias magros e dias gordos. Muitas vezes o rapaz ficava de sol a sol sem nada apanhar para comer. E já lhe acontecera mesmo, embora raramente, passar uma lua toda quase em um estado que não se distanciava muito da inanição.

Assim, uma vez uma peste devastara por tal forma os animais herbívoros da região, que nas planícies não se encontrava quase caça.

De outra feita, a fecundidade dos grandes felinos fez com que se aumentasse por tal forma a população carnívora da selva, que a caça mal chegava para ela, o que criava grandes dificuldades a Tarzan, cuja presa era a mesma procurada pelos leões, panteras e outros devoradores de carne.

Isto, porém, só sucedia raramente e o homem-macaco em geral arranjava as suas refeições sem maiores dificuldades.

Naquele dia tudo corra mal a Tarzan. Um após outro, haviam falhado os seus golpes contra as vítimas que lhe proporcionavam o repasto habitual. Agora, sentindo as agruras da fome, estava ele do alto do galho assistindo ao banquete dos negros e naquelas condições o ódio que sempre votara aos selvagens ainda se avolumava mais violento em seu peito. Irritado cada vez mais pela fome, o gigante branco ia ficando desesperado ao ver os negros se empanturrarem de bifes de elefante em tal quantidade, que se diria estarem os seus estômagos prestes a estourar.

Tarzan fora sempre um bom camarada de Tantor, o elefante, e nunca provara a carne do paquiderme. Os guerreiros negros evidentemente tinham morto um desses animais e estavam saboreando gostosamente a caça. O rapaz, apesar das suas simpatias pela vítima, não entretinha naquele momento escrúpulos morais sobre o que faria se tivesse também oportunidade de apanhar um bocado do petisco tão apreciado pelos seus inimigos.

O homem-macaco errava, contudo, ao pensar que a orgia dos negros era a celebração de uma grande caçada feliz. Mal sabia ele que os selvagens haviam encontrado a carcaça daquele elefante, morto já há muitos dias. Se o soubesse teria por certo perdido o desejo de compartilhar do banquete, porque Tarzan dos Macacos não comia carne de cadáveres já em via de decomposição. Mas a fome oblitera os

requintes gastronômicos de qualquer epicurista.

Naquele momento, ele era apenas um grande animal feroz esfomeado e detido apenas pela prudência, porque ao redor do grande caldeirão em que fumegava a carne de Tantor estavam reunidos tantos guerreiros, que nem o próprio Tarzan dos Macacos podia esperar romper-lhes as fileiras ileso. Só restava ao esfomeado rapaz esperar que os negros comessem até ficar entorpecidos pelo opíparo banquete e então, se alguma coisa ainda restasse no caldeirão, ir cear tão bem quanto pudesse. Mas ao impaciente Tarzan parecia que os Gomanganis rebentariam antes que se dispusessem a deixar no caldeirão alguma migalha da iguaria. Em um dado momento, os guerreiros negros interromperam a comezaina para executar uma dança de caça. Mas o exercício lhes estimulou a digestão e, depois de dançarem, os insaciáveis comilões volveram ao repasto interrompido com o apetite de quem houvesse jejuado desde a véspera. Entretanto, a capacidade alimentar mesmo de um selvagem africano tem limites. Empanturrados de carne de elefante e tendo ingerido abundantes doses de uma espécie de cerveja por eles preparada, os negros afinal começaram a ficar tontos e sonolentos. Alguns já não se podiam levantar e jaziam inconscientes perto do caldeirão.

Já passava muito de meia-noite, quando Tarzan verificou que a orgia estava quase terminada. Apenas poucos guerreiros ainda não haviam sucumbido aos efeitos da embriaguez e das espantosas quantidades de carne de elefante que tinham ingerido. Mas os que ainda se mantinham firmes comendo junto ao caldeirão, não se achavam mais em condições de oferecer resistência séria ao homem-macaco. Este compreendeu que facilmente poderia enfrentá-los e trazer uma porção de carne para matar a fome, que cada vez mais o aguilhoava. Mas Tarzan não se contentava com um bom bocado. Sentia que para encher o estômago vazio, que já o atormentava com câibras, precisaria fartar-se com tudo que ainda restasse do banquete dos Gomanganis.

E o rapaz esperou, até que só ficou um negro a comer. Era um velho selvagem, cuja barriga a idade enchera de pelancas, mas que agora, sob a pressão do estômago atulhado, se expandia redonda e lisa como um tambor. O negro macróbio já não se podia pôr de pé, mas de joelhos acercava-se do caldeirão, a fim de apanhar mais um pedaço de carne. Em seguida deitava-se de costas, roncando e empurrando com a mão o alimento, que parecia já não encontrar lugar para abrigar-se nas repletas vias digestivas.

Tarzan, observando aquela estranha cena, concluía que se o negro não morresse subitamente fulminado, continuaria a comer, enquanto no caldeirão houvesse algum resto de elefante. O espetáculo enojava o homem-macaco, que com repugnância sacudia a cabeça.

— Que criaturas repulsivas são estes Gomanganis, pensava Tarzan. E prosseguindo na meditação inspirada pelo que estava assistindo, o rapaz ia fazendo as suas ponderações: —

Entretanto estes negros parecem-se mais com Tarzan que com qualquer outro animal da selva. Tarzan é um homem. Eles também devem ser homens. Mas entre Tarzan e eles, há a mesma diferença que existe entre Bolgani, o gorila, os Manganis e Manu, o mico. Todos pertencem à mesma família, mas distinguem-se uns dos outros pelo tamanho e pelos hábitos de vida.

Tarzan estava profundamente enojado. Via-se forçado a reconhecer que, entre todos os animais da selva, o homem era o mais repugnante. Somente Dango, a hiena, lhe causava a mesma repulsão provocada pelos costumes dos negros selvagens. Estes e as hienas eram as únicas criaturas da selva que comiam empanturrando-se, até caírem por terra inertes, como ratos mortos. Tarzan vira uma vez uma hiena devorar a carcaça de um elefante já em putrefação, comendo tanto, que não pudera sair do buraco em que se metera. O espetáculo a que estava assistindo, convencia-o de que o homem era capaz de fazer a mesma coisa. Achava também o rapaz que o homem era o mais feio dos animais, barrigudo, de pernas finas, dentes afilados e beiços grossos e vermelhos.

— O homem é mesmo um bicho repugnante, murmurava Tarzan com os olhos pregados sobre o velho negro caído no meio da imundícia.

Mas o selvagem ainda não desistira de comer. Levantando de novo o corpo, aproximou-se do caldeirão, roncando como se estivesse a dormir e foi buscar mais um pedaço que devorou vorazmente. Os roncos não eram entretanto apenas de sono, como sobretudo da afrontação em que se achava o velho, cujo estômago atingira o limite da sua elasticidade. Tarzan não pôde suportar por mais tempo aquela cena. O nojo e a fome o impeliram a agir. Escorregou pelo galho e foi saltar por trás do alarme.

Este, de joelhos diante do caldeirão, arfava angustiosamente, mas os seus olhos continuavam fixos sobre a comida. Tarzan sem fazer ruído chegou até o negro, agarrando-o pela garganta. A luta foi rápida. O homem era velho e as poucas forças que lhe restavam haviam sido absorvidas pelo tremendo trabalho da digestão de tanta carne e de tanta bebida.

Quando Tarzan afrouxou os seus dedos de aço o corpo do negro estava inerte. Depois de ter tirado do caldeirão a carne que ali ainda restava e que era mais que suficiente para saciar-lhe a fome, o homem-macaco agarrou o negro e meteu-o na grande panela.

— Os Gomanganis vão ficar intrigados quando aqui o encontrarem, murmurou o

rapaz com o seu sorriso sarcástico.

Quando ia pular para o galho levando o farnel, encontrou um boião cheio da bebida fermentada que tanto deliciava os negros. Teve curiosidade de prová-la, mas logo que a sentiu nos lábios começou a cuspir enjoado e arremessou ao longe a tosca ânfora. Tarzan pensou que nem o paladar grosseiro de Dango, a hiena, suportaria aquela imunda bebida. E o seu desprezo pelo homem tornou-se ainda maior.

Tendo caminhado pelas árvores da selva até a distância de cerca de um quilômetro da aldeia, Tarzan aboletou-se em um galho para fazer a ceia que o seu estômago vinha tão vivamente reclamando. Logo que começou a comer, o homem-macaco notou que a carne tinha um odor desagradável. Mas atribuiu isso ao fato de ter estado em uma panela cheia d'água sobre o fogo. Não tendo nunca comido carne cozida, o rapaz depois de haver devorado uma boa parte do que apanhara na aldeia dos Gomanganis, sentiu que aquela carne era positivamente repugnante. Para satisfazer o seu apetite bastara muito menos que imaginara.

Saciado atirou ao chão o resto da carne e ajeitou-se confortavelmente ao galho para dormir. Mas o sono custava a chegar. Habitualmente Tarzan adormecia tão depressa, como um cão que se deita no tapete diante do fogo de uma lareira. Mas naquela noite, o homem-macaco remexia-se no seu galho, sem poder conciliar o sono. Sentia no estômago uma sensação esquisita que lhe dava a idéia de que um dos pedaços de carne que engolira queria sair, talvez em busca do elefante. Mas Tarzan mantinha-se inflexível. Contorcia-se e apertava os dentes, não se deixaria roubar assim da ceia pela qual esperara tanto tempo.

Conseguira cochilar, quando um rugido de leão o despertou. Não se sentindo refrescado e reconfortado, como sempre acontecia ao acordar, esfregou os olhos, e procurando ver donde partira o rugido, deu com a grande fera postada ao pé da árvore, e fitando-o esfomeada. Tarzan fez uma careta e com grande espanto seu observou que o rei dos animais trepava pelo tronco. Nunca o homem-macaco vira um leão subir a uma árvore, mas inexplicavelmente já não se surpreendia mais com o fato de aquele leão mostrar a, agilidade de que eram desprovidos todos os seus semelhantes.

Como o leão se aproximasse do galho em que ele se achava, Tarzan procurou trepar aos ramos mais altos. Verificou, porém, que os seus músculos estavam entorpecidos e não conseguia fazer nenhum movimento. Entretanto, Numa cada vez mais se aproximava. O rapaz via distintamente o faiscar dos olhos esverdeados e as presas enormes e aguçadas na bocarra escancarada e pronta para devorá-lo. Agarrando-se à árvore violentamente, Tarzan conseguiu subir um pouco, ganhando assim alguma distância do seu terrível perseguidor.

Afinal se alçou até os ramos finos, ondeseria impossível ao corpulento e pesado Numa chegar. Mas o leão sempre ameaçador avançava, avizinhandose da vítima. O que Tarzan via era incrível, mas era verdade. Tarzan raciocinava, sem compreender como aquilo que ele sabia ser impossível se lhe afigurasse agora como natural e verídico. Toda a experiência que Tarzan tinha da selva e dos costumes dos seus habitantes mostrava-lhe ser inconcebível que Numa, o leão, subisse por uma árvore e sobretudo que conseguisse trepar até o plano mais alto dos ramos, onde nem Sheeta, a pantera, era capaz de aventurar-se. Mas sabendo que aquilo não podia acontecer, o homem-macaco não duvidava, entretanto, da realidade do que estava vendo.

Tarzan já atingira o pináculo da grande árvore e o leão com um aspecto diabólico o acompanhava, rugindo e uivando tristonhamente. Não havia mais para onde subir. No topo da árvore, Tarzan dos Macacos descortinava a floresta e agora nada mais tinha a fazer. O leão trepava sempre, subindo pelos finíssimos ramos a uma altura de uns setenta metros, caminhando tão despreocupadamente, como se estivesse avançando pelo chão da floresta. Tarzan compreendia que não podia lutar naquele lugar com Numa, sobretudo com um Numa que nos galhos mais frágeis da árvore caminhava com tanta agilidade e displicência.

O fim estava próximo. Em poucos instantes as patas formidáveis de Numa cairiam sobre ele para levá-lo até aquela boca assustadoramente armada com presas temíveis. Um estranho ruído que lhe dava a impressão de um turbilhão de som sobre a cabeça, fez o rapaz olhar para cima. Sobre ele voava um enorme pássaro. Nunca Tarzan vira uma ave de tais dimensões. Mas lembrou-se de que aquele pássaro já era seu conhecido. Encontrara-o uma vez nas páginas de um dos livros que lá estavam na cabana à beira-mar e na qual se reunia tudo que fora legado ao jovem lorde inglês pelo pai que nunca conhecera.

A gravura de que Tarzan tão bem se recordava, representava aquele pássaro com as grandes asas abertas e tendo uma criança segura às garras, enquanto se via uma jovem mãe em desespero levantando as mãos angustiosamente. O leão já estava a apanhar o homem-macaco com o golpe de uma das suas patas dianteiras, quando o pássaro cravou as garras nas costas do rapaz. A dor causada pelas unhas da ave não foi viva e ao mesmo tempo Tarzan teve uma sensação de alívio por ver-se salvo do bote iminente do leão.

Com grande ruflar de asas, o enorme pássaro fez-se aos ares suspendendo Tarzan. Este via embaixo a selva afastar-se cada vez mais e a velocidade com que subia o estonteava e o obrigava a conter a respiração. Mas o pássaro gigante voava sempre para mais alto. O homem-macaco fechou os olhos e quando os abriu a selva estava tão longe que aparecia apenas como uma pequena mancha verde. Muito perto e

pouco acima o sol brilhava em todo o seu esplendor. Tão perto se achava o astro, que Tarzan estendeu as mãos para aquecê-las um pouco ao seu calor, pois as tinha já endurecidas pelo frio. Então apoderou-se do gigante branco verdadeiro frenesi de cólera. Para onde iria levá-lo aquele pássaro? Iria submeter-se aos caprichos daquela criatura de penas? Não, Tarzan dos Macacos, o grande batalhador, não se entregaria assim sem lutar, embora se tratasse do mais gigantesco pássaro que existia.

Sacando da faca que trazia à cinta de tanga, cravou-a uma e outra e mais uma terceira vez no peito estufado, contra o qual quase se encostava a sua cabeça. As grandes asas moveram-se espasmodicamente por alguns instante. As garras que prendiam Tarzan afrouxaram e o homem-macaco caiu como uma pedra daquela enorme altura na direção da selva distante.

Pareceu ao rapaz que muitos e muitos minutos tinham passado, antes de ele mergulhar fragorosamente no meio da folhagem verde da floresta. Os altos ramos das árvores serviram-lhe de pára-quedas e ele foi caindo vagorosamente de galho em galho até pousar naquele em que se havia instalado para dormir. Em esforços frenéticos Tarzan procurou equilibrar-se, mas ao cabo de alguns segundos resvalava e teria vindo cair ao solo, se em um desesperado movimento não tivesse conseguido suspender-se ao galho.

Abriu os olhos que conservara fechados, desde o momento em que o pássaro combalido o deixara cair das alturas. Era noite outra vez e o homem-macaco com a sua costumeira agilidade não tardou em repor-se no lugar em que adormecera. Embaixo continuavam fixos sobre ele os mesmos olhos esverdeados, que brilhavam à claridade do luar. Ouvia-se o rugido do leão. O rapaz sentia-se ofegante. E uma dor pungente atormentava-lhe o estômago. Tarzan dos Macacos havia sonhado pela primeira vez.

Por muito tempo esperou ver o leão trepar de novo pela árvore e ficou também atento para escutar o ruflar das grandes asas do pássaro enorme. O homem-macaco encarava o sonho como uma realidade. Custava-lhe acreditar no que vira, mas não podia também duvidar do testemunho das suas sensações. Nunca os seus sentidos o tinham enganado e, portanto, Tarzan depositava neles uma implícita confiança. Cada percepção transmitida ao seu cérebro havia correspondido com mais ou menos exatidão a um fato real, era pois natural que ele considerasse sempre verídicas todas as percepções.

Teria sido inconcebível a Tarzan que a sua estranha e fantástica aventura não tivesse o mínimo fundo de realidade. A sua experiência e os seus conhecimentos não lhe permitiam compreender como uma indigestão causada por carne de elefante apodrecida, um rugido autêntico de leão

e uma gravura vista em um livro haviam formado os materiais da história complicada e emocionante em que fora protagonista.

Entretanto, Tarzan sabia muito bem que os leões não trepam às árvores, que na selva não existia nenhum pássaro como o que figurara no sonho e não ignorava também que, se tivesse caído de uma grande altura, chegaria ao chão despedaçado. Por tudo isto, o homem-macaco ficou perplexo diante de um enigma, que apresentava ao seu espírito contradições irreconciliáveis. Preocupado e sempre incomodado pelas náuseas, Tarzan procurou de novo adormecer.

Pensava ainda nas coisas estranhas que tinham acontecido naquela noite, quando novas e não menos absurdas ocorrências vieram surpreendê-lo. Eram por certo absurdas, mas Tarzan não podia duvidar do testemunho dos seus olhos. Histah, a serpente, enrolava-se pelo tronco da árvore e no movimento coleante do seu corpo flexível alçava-se em demanda do ponto onde se achava o homem-macaco. Mas Histah não tinha a cabeça que Tarzan tanto conhecia e que lhe inspirava sempre horror e repugnância. O corpo da grande cobra terminava com a cabeça do velho negro que Tarzan metera no caldeirão e ao lado dela reluzia estufado o rígido estômago do voraz Gomangani. Quando a face do selvagem com olhos revirados chegou perto de Tarzan, a boca escancarou-se pronta a devorá-lo. O homem-macaco avançou furioso para lutar com o monstro, mas neste momento a aparição dissipou-se.

Tarzan, tremendo e com os olhos esgazeados e assombrado, sentou-se ao galho. Com a sua visão apurada de habitante da selva perscrutou a escuridão, mas nada conseguiu ver. Debalde procurou onde estava o velho guerreiro negro com o corpo de serpente. Tudo desaparecera. Só uma pequena lagarta caindo de um galho veio tombar sobre a coxa de Tarzan que a lançou fora, fazendo uma careta.

E assim a noite se foi passando entre sonhos e pesadelos que se sucediam, pondo os nervos do homem-macaco em um estado que até então não conhecera e que o fazia ter sobressaltos, quando uma brisa mais forte agitava as folhas ou o gargalhar de um hiena quebrava o silêncio da selva. Finalmente o dia raiou pesado e lento. Tarzan, adoentado, ergueu-se preguiçosamente, partindo de árvore em árvore na direção do remanso do rio, o bebedouro tradicional de todas as criaturas da selva.

Todo o seu corpo parecia arder em fogo, as náuseas traziam-lhe alguma coisa à garganta. Tarzan dos Macacos nunca se sentira assim. A cabeça doía-lhe atrozmente e o homem-macaco, acostumado a caminhar de galho em galho, como qualquer de nós passearia pelas calçadas de uma avenida, era agora perturbado por tonturas e as pernas por vezes pareciam prestes a desfalecer. O rapaz achou que ia morrer. E encontrando um denso matagal, em que as ervas, entrelaçando-se, o tornavam impenetrável, resolveu ir acabar ali à maneira dos animais da selva, que quando

sentem a morte próxima procuram esconderijos, onde a sua agonia não seja perturbada por algum carnívoro em ronda pela vizinhança.

Mas Tarzan não morreu. O seu organismo reagiu. O estômago livrou-se da massa ultrajante de carne podre. Uma transpiração abundante eliminou os venenos imprudentemente ingeridos pelo homem-macaco. Após um sono profundo e tranqüilo, acordou à tarde muito fraco, mas não sentindo mais os incômodos que o tinham atormentado.

A sede era intensa e Tarzan foi outra vez beber copiosamente à beira do rio. Depois internou-se pela mata e foi à cabana junto a enseada. Era um velho costume de Tarzan quando se sentia mal ou a solidão o oprimia em excesso, ir procurar refúgio ali, onde podia repousar com uma tranqüilidade que não encontrava em nenhum outro lugar.

Se Tarzan houvesse volvido o olhar quando abria o tosco trinco que seu pai fizera muitos anos antes, teria por certo percebido que, escondido na folhagem, alguém o fitava com dois olhos avermelhados e maus. E não lhe teria também passado despercebida a curiosa frente fugitiva do misterioso emboscado.

Entrando e tendo fechado a porta, o homem-macaco sentiu mais uma vez a deliciosa sensação de tranqüilidade, que desfrutava sempre que se achava na cabana. Ali, se-

parado do mundo selvagem em que vivia, podia devanear livremente. Mais uma vez contemplaria as coisas estranhas contidas naqueles livros, também para ele tão curiosos e enigmáticos. Decifraria como de costume o sentido misterioso das palavras impressas de uma língua, cujos sons lhe eram desconhecidos. Assim, viveria por algum tempo em um mundo maravilhoso, de que não tinha conhecimento fora dos seus livros bem-amados. Numa e Sabor poderiam rugir à vontade lá fora. Aqui dentro, o furor dos elementos não o impediria de entregar-se ao abandono delicioso e despreocupado, no qual se ativavam nele outras faculdades que lhe proporcionavam prazeres, cujo encanto se lhe tornava cada vez mais absorvente.

A gravura do grande pássaro foi a primeira coisa que Tarzan examinou naquele dia. Não havia dúvida, fora aquela mesma ave gigante com asas enormes e agarrando com as unhas aduncas o pequeno Tarmangani, que o suspendera na noite anterior no vôo fantástico, arrebatando-o até as vizinhanças do sol. E a sua convicção robustecia, à medida que uma inspeção mais atenta da gravura colorida confirmava a identificação da ave ali retratada com o seu formidável raptor alado.

Entretanto, Tarzan pôs-se a meditar sobre a sua estranha experiência da noite passada e pouco a pouco começou a reforçar-se no seu espírito a idéia da inverossimilhança de tudo aquilo. Não podia duvidar do testemunho dos seus

sentidos. Vira Numa, o leão, trepar pela árvore, subir até os galhos finos e quebradiços, que não poderiam sustentar nem o corpo de Sheeta, a pantera. Vira também chegar o grande pássaro e carregá-lo no vôo às alturas, onde fora precipitado sobre a selva. Ante os seus olhos aparecera depois Histah, a serpente, com a cabeça do Gomangani que ele metera no caldeirão e com uma barriga que não era sua, mas pertencia também ao velho guerreiro negro.

Tarzan vira tudo isso e não podia duvidar, porque os seus olhos nunca o tinham enganado. Mas uma dúvida tomava corpo no seu espírito. Insensivelmente o homem branco analisava as suas recordações da véspera e confusamente percebia que nelas havia uma mistura de realidade e de ficção. Tarzan já não sabia bem o que havia de real e de imaginário nas ocorrências daquela noite estranha. Teria mesmo estado na aldeia de Mbonga? Teria de fato agarrado e matado o velho Gomangani e roubado do caldeirão a carne de elefante, para vir comê-la depois na floresta? Assim, o rapaz se esforçava por sondar o insondável. A sua inteligência não apreendia ainda o sentido das coisas estranhas que lhe haviam ocorrido. Mas vagamente tinha uma noção íntima de que durante o sono vivera em um outro mundo, cujas impressões subsistiam na sua consciência quando acordara.

Prosseguindo na meditação, o homem-macaco ficou pensativo diante da possibilidade de que aquelas estranhas criaturas aparecidas quando estava dormindo não o matassem. Este receio vinha do fato de o rapaz ter verificado que no estado particular que acabava de descobrir ele não era o mesmo homem valente e robusto que enfrentava, desassombrado, perigos. Tinha uma sensação estranha e perdia as forças para lutar com os inimigos. Em vez de desejar combater como sempre o fazia, naquele estado novo queria apenas fugir como Bara, a corça, o mais tímido dos animais da selva.

Assim, o sonho veio dar pela primeira vez a Tarzan a idéia do medo, coisa para ele inteiramente desconhecida quando acordado. É bem provável que atuasse no homem branco a influência de uma impressão dos seus longínquos antepassados com os quais ocorrera o mesmo fato, gerando no seu espírito idéias e sentimentos transmitidos de geração em geração, a princípio pela superstição e mais tarde pela religião. Aqueles remotos antepassados do homem branco também haviam nos seus sonhos visto seres e formas estranhas, que lhes eram desconhecidos na experiência da vida acordada. Como acontecera a Tarzan, haviam acreditado implicitamente no testemunho dos seus sentidos e raciocinando sobre os sonhos, tal qual o fazia agora o rapaz, tinham constituído mentalmente sistemas primitivos de idéias, atribuindo às misteriosas aparições do sonho poderes formidáveis, concebendo-as como seres de um outro mundo, que dominavam a natureza e que se identificavam com as suas grandes forças destrutivas. Assim, aqueles longínquos ascendentes do jovem lorde

inglês tinham criado no seu cérebro primário as crenças rudimentares, em que as visões do sonho se associavam aos fenômenos da natureza inspiradores do deslumbramento, do assombro e do terror.

Estava Tarzan imerso nas suas ponderações, quando deu com uma gravura de um Bolgani, o gorila, que lhe atraiu a atenção. Em torno do grande macaco estavam muitos brancos, Tarmanganis, como os chamava Tarzan, evidentemente interessados em observar o mono, que lhes arreganhava rabugento a forte dentadura. Como sempre acontecia, Tarzan ficou intrigado com os ornamentos que constituíam a plumagem estranha e aparentemente inútil dos Tarmanganis. Mais uma vez o rapaz perguntava a si mesmo se aqueles animais cobriam o corpo todo por terem vergonha da sua pele desprovida de pêlos ou se o motivo era julgarem que assim se tornavam mais bonitos. Na indumentária dos brancos o que se afigurava mais grotesco e curioso a Tarzan eram os ornamentos colocados sobre a cabeça. Tarzan tinha momentos deliciosos, em que chegava a rir tão gostosamente quanto sabia, contemplando a habilidade com que as mulheres equilibravam as coisas complicadas que punham sobre a cabeça e muita graça também achava nos objetos redondos com que se cobriam os homens.

Vagarosamente o rapaz foi aprendendo a significação das combinações dos bichinhos, como ele continuava a chamar as letras que se enfileiravam nas páginas. E à medida que observava as linhas de caracteres impressos, sentia uma confusão na vista, ao mesmo tempo que os seus pensamentos também se baralhavam. Duas vezes esfregou os olhos com o dorso da mão, mas não conseguiu distinguir senão por um momento as letras com a clareza habitual. Nas páginas tudo se confundia e Tarzan via-se impossibilitado de prosseguir nas pesquisas que tanto prazer lhe proporcionavam. A intoxicação causada na véspera pela carne deteriorada, a febre ligeira que o acometera por algumas horas e a fadiga o tornavam incapaz de concentrar a atenção e não lhe permitiam já ter os olhos abertos.

O homem-macaco não podia mais resistir ao sono e já se dispunha a entregar-se ao desejo de dormir que assumira agora as proporções de uma imperiosa necessidade fisiológica, quando foi sobressaltado pela inopinada abertura da porta da cabana. Ao voltar-se para ver o que havia, Tarzan ficou espantado ao distinguir no limiar a corpulenta figura de Bolgani, o gorila.

De todos os habitantes das brenhas aquele era talvez o que Tarzan menos desejasse ter por companheiro dentro da cabana. Mas o homem-macaco não teve medo, embora nos olhos de Bolgani tivesse logo percebido o faiscar daquele delírio furioso, que em certas épocas empolga os mais temíveis machos da selva. Em geral o gorila não ataca ninguém e vive afastado dos outros animais. Mas quando é provocado, torna-se temível, e também por ocasião das épocas de excitação furiosa

nenhuma outra criatura da selva é bastante audaciosa para lembrar-se então de brigar com ele.

Mas Tarzan não tinha meio de escapar. Bolgani fitava-o com os seus olhos vermelhos e maus. Dentro em poucos instantes precipitar-se-ia sobre ele agarrando-o com a impetuosidade que caracteriza os movimentos do grande símio nos momentos de raiva. O homem-macaco correu para apanhar a faca de caça que deixara sobre a mesa. Mas como os seus dedos não tivessem logo pegado da faca lançou um golpe de vista à sua procura e deu com a gravura de Bolgani, o gorila, no livro que pouco antes estivera folheando. O rapaz não tardou em achar a faca e avançou para o intruso, arreganhando os dentes como habitualmente fazia nos momentos de combate. Entretanto, uma dúvida surgia-lhe agora. Estaria ele ainda no mundo estranho em que vivera a noite anterior? Os fatos anômalos que lhe tinham sobrevindo o tornavam precavido contra certas surpresas. Bolgani bem podia estar em breve transformado em Pamba, o rato, com a cabeça de Tantor, o elefante. Mas desta vez o gorila não se metamorfoseava em outro animal e vagorosamente avançava para Tarzan.

Este observara também que não sentia agora aquele desejo de fugir, que havia sido o traço mais característico das suas atitudes durante as curiosas aventuras da noite anterior. Tarzan sentia-se disposto à luta como sempre lhe acontecia. Mas ainda duvidava de que diante dele estivesse um gorila de carne e osso.

Aquilo se dissiparia dentro em breve ou se converteria em outra coisa. Mas a aparição não se dissolvia e o perfil do gorila delineava-se nitidamente, o pêlo escuro do grande mono a reluzir aos raios do sol que entravam pela janela ao alto da cabana, bem por trás do jovem Lorde Greystoke. Era a mais realística das suas aventuras de sono, pensava Tarzan esperando sempre por uma nova forma burlesca que o acaso em breve iria tomar.

Afinal Bolgani pulou sobre o homem-macaco, que sentiu as mãos do agressor agarrarem-no, viu os dentes arreganhados do gorila bem junto a ele, ouvindo o rosnar zangado, ao mesmo tempo que na face recebia o bafo quente do inimigo. Mas desta vez Tarzan não estava disposto a fazer papel de tolo. Aquilo não era um gorila de verdade, porque Bolgani não poderia ter entrado na cabana uma vez que somente o homem-macaco sabia manejar o trinco da porta. Eram as cenas da noite passada que se repetiam e o rapaz sorria esperando o desfecho.

O grande símio estava perplexo diante da inexplicável passividade daquele macaco sem pêlo. Já tinha quase cravado os dentes no pescoço de Tarzan quando subitamente lhe ocorreu uma idéia. Agarrando o homem branco com a facilidade com que qualquer de nós levantaria uma criancinha colocou-o aos ombros felpudos e partiu às carreiras na direção das árvores.

Agora Tarzan não tinha mais dúvida de que aquilo era um sonho. E sorrindo,

deixou-se carregar sem oferecer a mínima resistência. Em breve acordaria na cabana junto aos livros que estivera folheando. Olhando para trás, o homem-macaco observou que a porta da choupana ficara aberta. Isto não lhe agradou, porque Tarzan tinha sempre muito cuidado em fechar o trinco, para que na sua ausência não entrasse ali nenhum animal. E a precaução era prudente, porque Manu, o mico, por exemplo, seria capaz de causar em poucos minutos uma verdadeira devastação nos preciosos tesouros do jovem Lorde Greystoke. No espírito de Tarzan começou a delinear-se um problema sério. Como poderia saber onde começavam e onde acabavam as suas aventuras no mundo dos sonhos? Estaria realmente a porta aberta? Notava que tudo em torno dele apresentava um caráter normal. Não observava nenhuma das extravagâncias do sonho. O homem-macaco achou que era melhor não correr riscos desnecessários. Não haveria mal em verificar se a porta estava realmente aberta, mesmo que tudo aquilo que se estava passando não estivesse ocorrendo na realidade.

O rapaz tentou escorregar dos ombros do gorila, mas o robusto mono, roncando mal-humorado, apertou-o com mais força ainda. Com um esforço tremendo, Tarzan conseguiu libertar-se, mas logo o gorila enfurecido investiu contra ele, cravando-lhe os dentes no ombro liso.

O sorriso desdenhoso sumiu-se da face de Tarzan ao sentir a dor pungente da dentada de Bolgani e ao ver o sangue correndo pelo seu braço. Começou a suspeitar que não estava sonhando e o instinto de combatividade apareceu-lhe vigoroso. Dormindo ou acordado aquilo não era mais brincadeira. Mordendo-se mutuamente e rosnando furiosos, o homem e o gorila rolaram pelo chão. Bolgani atingira o auge da cólera e estava positivamente em um acesso de loucura. Várias vezes o grande símio soltava o ombro do homem branco e procurava morder-lhe o pescoço. Mas Tarzan dos Macacos já havia lutado com outras feras que também procuram atingir os vasos daquela região, onde um ferimento é facilmente mortal. Assim, sabia defender-se, agarrando a garganta do adversário e colocando desse modo à distância os seus dentes ameaçadores. E contraindo seus músculos ao ponto de eles estufarem embolados por sob a pele morena, o rapaz em um esforço supremo conseguiu afastar de si o tronco felpudo de Bolgani. E quando se desvencilhou do corpo do gorila, Tarzan já tinha a ponta da faca de caça dirigida sobre o coração de Bolgani. Ao primeiro movimento deste para tentar nova luta corpo a corpo, um golpe certo cravou a lâmina no alvo.

O gorila soltou apenas um grito agudo. O seu corpo teve uma contorção. Pondo-se ereto, deu ainda alguns passos sem direção e tombou por terra. Mais alguns movimentos espasmódicos dos membros e o mono estava imóvel e inerte. Tarzan dos Macacos fitou por alguns momentos o inimigo que acabava de matar. Depois

passou a mão pelo cadáver, puxando uma mecha do pêlo negro e lúcido. Os seus dedos ficaram tintos com o sangue do gorila. Tarzan cheirou o sangue, sacudiu a cabeça e dirigindo-se à cabana verificou que a porta estava de fato aberta. Fechou-a com o trinco e voltou a observar Bolgani morto, refletindo por alguns momentos sobre o que se tinha passado e a coçar a cabeça, como se ainda estivesse em dúvida acerca da realidade da sua última aventura.

Se aquilo era sonho, como poderia ele saber o que era realidade? De que meio dispunha para distinguir uma coisa da outra? Quanto teria havido de real e de irreal em tudo que até então lhe acontecera na vida?

E firmando o pé sobre o corpo de Bolgani, Tarzan dos Macacos ergueu a fronte para o céu, dando o grito de vitória dos antropóides. Ao longe um leão rugiu, como a responder ao brado triunfal do rapaz. O ronco da fera era bem real. Mas Tarzan, perplexo, não ficou muito certo disso e embrenhou-se pela mata.

Agora o homem-macaco não tinha mais certeza do que era real e do que era imaginário. De uma coisa, porém estava bem certo. Não comeria nunca mais carne de Tantor, o elefante.

Pelejando para salvar Teeka

ERA um dia esplêndido. Uma brisa fresca atenuava o calor do sol equatorial. Durante semanas a tribo de Kerchak vivera em paz, não tendo nenhum inimigo se aventurado até a zona ocupada pelos antropóides. Ao cérebro dos macacos afigurava-se que aquela tranquilidade seria perpétua e que as coisas passariam sempre do mesmo modo.

As sentinelas introduzidas por Tarzan e que já se haviam tornado uma instituição da tribo, começaram a ser influenciadas pela paz prolongada. A ausência do perigo afrouxava a vigilância, os macacos destacados como sentinelas descuidavam-se de observar os arredores e muitas vezes mesmo, quando os impelia algum capricho, desertavam os seus postos. Naquele dia os antropóides andavam dispersos pelas brechas procurando alimento. Esboçava-se naquele recanto da selva tropical um quadro bem característico dos efeitos da paz e da prosperidade, que corrompem e afrouxam tanto a mais primitiva das sociedades selvagens como as mais adiantadas nações civilizadas.

O que se passava com a coletividade, refletia-se na vida individual de cada um dos seus membros. Os grandes macacos andavam tão despreocupados dos perigos que outrora os assustavam, que se diria que Numa, o leão, Sabor, a leoa, e Sheeta, a pantera, haviam sido eliminados do mundo. As fêmeas e os seus *balus* ficavam vagueando para um lado, enquanto os machos buscavam alimento em outros pontos afastados da selva. Assim, Teeka e o seu pequeno Gazan caçavam lagartas e insetos perto da orla meridional da mata, sem terem em sua vizinhança um único dos valentes macacos da tribo.

Ainda mais para o sul, vagueava a figura sinistra de um corpulento mono, excitado pela solidão e pela derrota que pouco antes sofrera. Uma semana antes, aquela criatura selvagem era o pretendente à realeza de uma tribo distante. Agora, vencido e repudiado, vagabundeava soturno e raivoso, arrastando pela mata os seus rancores de ostracizado. Mais tarde regressaria à tribo, para submeter-se documente à autoridade do felpudo chefe que procurara destronar. Mas por enquanto não se atrevia a voltar, porque não somente se rebelara contra o chefe da tribo, como também tentara apoderar-se das suas esposas. Seria preciso que se passasse pelo menos uma lua, para poder contar com o perdão das suas faltas. Até lá Toog andaria a vagar pelas brenhas com o coração cheio de ódio.

Toog estava nesse estado de espírito, quando avistou uma macaca. Ela não pertencia à sua raça, mas era esbelta, moça e Toog a achou mais bela que as fêmeas

da sua tribo. O felpudo mono saiu logo do atalho por onde caminhava e foi esconder-se entre um maciço de arbustos e de ervas altas, donde, sem ser suspeitado, podia contemplar à vontade a bela criatura que instantaneamente o encantara.

Toog apesar do estado de perturbação em que se encontrava não descurou as precauções que no caso se impunham. Sabia bem que ele e a bela macaca não deviam estar sós ali na floresta. Em todas as tribos, havia sempre machos vigiando as fêmeas e os *balus*, sobretudo os últimos, quando se achavam pelas florestas em busca de alimentos. Quem se dispõe a raptar uma macaca de alguma tribo estranha, precisa estar preparado para enfrentar os dentes e as mãos possantes dos cérberos que a guardam. E Toog não ignorava também que qualquer membro de uma tribo luta em defesa de todas as fêmeas e *balus* com a mesma coragem e resolução com que pelejaria pela sua própria companheira ou pelo seu filho.

Do seu esconderijo o macaco não via nenhum macho da tribo a que pertencia a bela criatura, a cujo lado brincava um *balu*. Com os olhos congestos e perversos fincados sobre as formas encantadoras da macaca, o mono não se preocupava com o *balu*. Uma dentada vigorosa no pescocinho do pequeno macaco bastaria para impedi-lo de dar um inconveniente sinal de alarme.

Toog era um belo espécime da sua raça. Um robusto e corpulento macaco, que dava uma idéia de Taug, o companheiro de Teeka. Entre os dois antropóides havia muitos pontos de contato embora fossem de raças diferentes. Ambos eram musculosos, armados com sólidas dentaduras e dotados de ferocidade em grau pouco comum. Enfim, qualquer deles possuía os atrativos que mais impressionavam uma macaca. Se Toog pertencesse à tribo de Kerchak, Teeka bem poderia tê-lo escolhido por companheiro quando chegou a época de casar-se. Mas pertencia agora a Taug e ninguém tomaria conta dela, sem primeiro vencer em combate o seu companheiro. E mesmo nessa hipótese, Teeka se reservaria ainda o direito de optar pelo esposo. Caso ela não se inclinasse aos galanteios do cortejador, seria bem capaz de tomar parte no combate, como aliada do companheiro. E o seu auxílio não seria de modo algum desprezível porque, embora Teeka não possuísse dentes tão grandes como os de um macho, sabia manejá-los com muita eficiência.

Naquele momento Teeka estava absorvida pela caça de baratinhas e não pensava em mais nada. Distraída, a macaca não avaliava quanto se afastara com o *balu* do resto da tribo e interessada como estava na procura dos insetos não mantinha também a atenção voltada para os perigos da selva, o que em outras circunstâncias certamente o faria. Além de tudo, Teeka sofria as conseqüências da mentalidade que se formara na tribo de Kerchak, depois que as sentinelas introduzidas por Tarzan haviam dado aos antropóides meses de paz e de segurança. A garantia contra o

perigo e a cessação dos ataques a que costumavam ser sujeitos, embotaram nos cérebros de todos os antropóides o instinto de defesa outrora sempre alerta neles. Ocorria com a tribo de Kerchak exatamente o que acontece com sociedades altamente civilizadas que, quando por muito tempo não são atacadas por um inimigo externo, passam a acreditar que nunca mais ninguém virá agredi-las.

Convecendo-se afinal de que a macaca e o seu *balu* estavam sós, Toog saiu de entre os arbustos e avançou para agarrar Teeka. Os sentidos da macaca despertaram, entretanto, em tempo de fazê-la voltar-se e enfrentar o assaltante, antes de ele tê-la apanhado. Toog estacou a alguns passos de Teeka. Diante dos encantos da macaca, que de perto ainda mais o impressionavam, o grande mono aplacou o ímpeto furioso da arremetida e tornou-se galanteador. Começou a fazer uns ruídos com os lábios, como se estivesse dando beijos no ar.

Teeka, porém, respondeu às expressões amorosas do estranho recém-chegado, arreganhando-lhe furiosamente os dentes. E a Gazan, que assustado viera agarrar-se-lhe às pernas, a macaca com um “Kreeg-ah” — o grito de alarme dos antropóides da tribo de Kerchak — ordenou que trepasse a uma árvore. Evidentemente Teeka não tivera uma impressão muito favorável do conquistador. Toog compreendeu a situação e resolveu mudar de métodos. Estufando o seu peito de gigante, deu sobre ele uma pancada violenta com os nós dos dedos calosos e pôs-se a fazer diante da macaca movimentos rítmicos do corpo, inclinando-se para diante e para trás, em uma atitude de grande importância.

— Sou Toog, exclamou. Olhe para os meus dentes e veja como são fortes. Repare nos meus braços compridos e nas minhas pernas robustas. Com uma dentada, sou capaz de matar o macho mais valente da sua tribo. Sozinho já matei Sheeta, a pantera. Sou Toog e Toog quer você para ele.

O macaco ficou à espera do efeito dos seus gestos e das suas palavras. Não teve que esperar muito. Teeka, com uma rapidez que o seu corpo já um pouco pesado não faria prever, voltou-se e partiu às carreiras na direção oposta. Toog ficou furioso e seguiu no encalço da macaca. Mas a fêmea, menor e mais leve, corria mais que ele. Perseguiu-a por alguns metros, mas logo desistiu e em um acesso frenético de cólera deitou-se ao chão e começou a esmurrar a terra.

Do alto de uma árvore o pequeno Gazan observava o enraivecido macaco. Sendo ainda criança e inexperiente, o *balu* supunha-se garantido no galho a que trepara e imprudentemente pôs-se a guinchar, e a dizer a Toog todos os nomes feios que já aprendera. Teeka, depois de haver corrido um pedaço parou. A macaca não queria afastar-se do filho. Aliás, Toog contara com isso e se dispunha a tirar partido da situação. O grande macaco verificou logo que a árvore em que se achava agachado Gazan era isolada e que dela o *balu* não poderia ir juntar-se à mãe, sem descer ao

chão. Toog formulou sem demora o seu plano de ação. Conquistaria a mãe tirando partido do seu amor pelo filho.

Subindo pela árvore em que se refugiara Gazan, o macaco foi se aproximando do *balu*. Este cessou os desaforos que vinha proferindo e a expressão travessa da face mudou-se-lhe logo em traços de apreensão, que se tornaram de positivo terror, quando percebeu que Toog vinha apanhá-lo. Teeka, que estava de volta, pôs-se a gritar a Gazan para que subisse aos galhos mais altos, a que não poderia chegar o corpulento e pesado macaco. Toog, entretanto, não parecia desistir do seu plano e continuava a trepar de galho em galho pelo tronco acima. Mas Teeka não receava que ele pudesse chegar aos ramos finos do alto, onde já se empoleirava o seu *balu*. Tranqüilizada a este respeito, a macaca começou a insultar o antropóide com uma loquacidade, que caracterizava o elemento feminino da tribo de Kerchak.

A macaca contudo raciocinava sem levar em conta a índole de Toog. E assim calculava que quando este compreendesse que não podia agarrar-lhe o filho, desceria para persegui-la. E Teeka não tinha dúvida de que escaparia

de novo à perseguição do mono. De fato, a situação inspirava-lhe tão pouca ansiedade que não lhe ocorreu a idéia de dar o grito de alarme que, ecoando pela selva, teria atraído em sua defesa os outros antropóides da tribo, que se achavam pelas árvores e pelo chão da floresta.

Toog atingira o ponto mais alto a que podia chegar com o seu corpo pesado, sem correr o risco de partir um galho e vir desastradamente ao chão. Gazan estava em um ramo, uns cinco metros acima do grande macaco, quando este começou a sacudir violentamente o tronco, fazendo oscilar o ramo, de modo que o *balu* de Teeka perdendo o equilíbrio ia cair, quando conseguiu agarrar-se com as quatro mãos. Mas Toog continuou a agitar a árvore e Teeka, vendo que o seu filhote não conseguiria sustentar-se por muito tempo, não hesitou mais e, apesar da desproporção da luta em que se ia lançar, correu precipitadamente para a árvore, disposta a combater com o formidável mono, na ânsia de salvar a vida de Gazan.

Mas antes de a mãe aflita chegar ao tronco da árvore, Toog, sacudindo ainda com mais força os galhos, conseguiu deslocar o macaquinho do ramo em que com dificuldade se sustinha, e soltando um grito agudo, Gazan veio através da folhagem, tentando debalde agarrar-se a algum galho, cair cm cheio aos pés do To^k^. Gemendo, a magnos abaixou-se para levantar o corpinho inerte e silencioso. Toog já estava atrás dela e agarrou-a com as suas mãos musculosas.

Teeka, debatendo-se e dando dentadas, esperou ainda livrar-se, mas a força do grande mono era tão superior à dela que a inutilidade da resistência se tornou patente. Meio desmaiada a mãe de Gazan foi carregada aos ombros pelo seu brutal raptor, que se dirigiu apressado para o lado do sul, na direção da parte da selva

donde viera. Os raios do sol, que estava prestes a chegar ao meridiano, coando-se pela folhagem, cobriam de manchas douradas o corpinho que jazia imóvel no lugar em que caíra aos pés de sua mãe. Pouco depois, um animal feio e repelente, como se tivesse o pêlo coberto de uma espécie de lepra, surgiu por entre os arbustos com o focinho alçado e evidentemente seguindo uma pista. Era Dango, a hiena, que pressentira ao longe o corpinho de Gazan. Alguns momentos depois, o asqueroso focinho do devorador de carniça metia-se pela folhagem e dois olhos cruéis cravavam-se no *balu* de Teeka.

Cedo pela manhã, Tarzan fora para a cabana, onde costumava passar muitas horas em ocasiões como aquela, quando a tribo andava vagando pela vizinhança. No chão jazia o esqueleto de um homem, tudo que restava de Lorde Greystoke, que ali mesmo caíra vinte anos antes, quando o deixara sem vida Kerchak, o grande macaco que capitaneava a tribo. Há muito tempo que as formigas e os pequenos roedores haviam limpado aqueles ossos. Durante anos Tarzan vira aquele esqueleto, sem atribuir-lhe maior importância que a tantos outros ossos espalhados nas brenhas pelos lugares que costumava freqüentar.

Sobre a cama se achava outro esqueleto menor que o primeiro e ao qual também o homem-macaco não prestava maior atenção. Como poderia saber que este era o esqueleto de sua mãe e o outro o de seu pai? E quando olhava para os ossinhos que estavam no fundo do berço, feito com tanto carinho por seu pai, certamente nunca lhe poderia ocorrer a idéia de que aquele craniozinho viria a servir um dia de prova dos seus direitos a uma fortuna e a um título de nobreza. Tal coisa estava tão remota dos pensamentos de Tarzan dos Macacos, como se acham distantes de nós os satélites dos sóis da constelação do Órion. Eram ossos apenas que não interessavam a Tarzan, porque não tinham mais carne e não o incomodavam também, porque ele não se utilizava da cama, e muito naturalmente passava por cima do esqueleto atirado ao assoalho da cabana.

Naquele dia Tarzan andava muito excitado e inquieto. Folheou vários livros, que já examinara aliás muitas vezes e cujos desenhos lhe eram conhecidos em todas as suas minúcias. Pegava de um livro e de outro, para atirá-los em seguida ao longe. Pela milésima vez, é bem possível, deu uma grande busca no armário. Dali tirou um saco cheio de peças redondas de metal. Examinou-as, como já o fizera inúmeras vezes. Depois colocou-as todas no saco e foi cuidadosamente repor este na mesma prateleira donde o tirara. Neste, como aliás em tantos outros casos, ocorria um dos interessantes exemplos da maneira curiosa como as influências hereditárias se manifestavam em Tarzan. Descendente de uma raça metódica, o homem-macaco, no meio da vida selvagem das brenhas, compartilhando com os brutos as condições primitivas da existência animal em plena natureza, tinha encontrado surpreendentes

hábitos de método e de ordem em tudo que fazia. Os antropóides deixavam os objetos que mais os interessavam em qualquer lugar — no gramado de uma clareira, nas concavidades dos troncos das árvores e mesmo no meio dos arbustos e ervas da selva. Somente por acaso os podiam encontrar depois. Assim não procedia Tarzan. Tudo que lhe pertencia era por ele colocado em lugares certos, onde sem dificuldade ia procurar qualquer dos objetos, sempre que deles carecia.

Aqueles discos de metal interessavam muito a Tarzan, que freqüentemente ia buscá-los para observá-los com atenção. De cada lado das rodinhas havia desenhos em relevo que o rapaz não podia compreender bem o que significavam. As peças metálicas eram brilhantes e Tarzan se interessava muito em vê-las reluzir. Naquele dia o rapaz, quando estava a arranjar um dos seus prediletos mosaicos, deixou cair uma das peças — uma libra esterlina — que foi rodando para debaixo da cama, em que repousavam os restos da que fora em tempos a formosa Lady Alice.

Metódico como sempre, Tarzan foi logo procurar a peça que caíra e pôs-se de joelhos ao lado da cama. Poderá parecer estranho, mas o fato é que era a primeira vez que o homem-macaco inspecionava aquele lado da cabana. Tendo encontrado a moeda, achou também uma caixa de madeira com a tampa solta. Depois de repor a peça metálica com as outras no saco, colocando em seguida este na competente prateleira do armário, Tarzan voltou a apanhar debaixo da cama a caixa que acabava de descobrir. Ali encontrou uma grande quantidade de pequenos tubos de metal com uma das extremidades pontiagudas e a outra achatada e com a beira circular saliente. Os pequenos cilindros estavam esverdeados pelo azinhavre que se acumulara sobre eles.

Tarzan tomou um punhado daqueles objetos e ao cabo de um exame muito atento, descobriu que, esfregando um no outro, a camada verde desaparecia, deixando ver o fundo lúcido. E notou mais que dois terços dos pequenos tubos eram de uma cor amarela, ao passo que a parte restante e de forma cônica tinha um colorido cinzento sem brilho. Prosseguindo no exame, limpou com um pedacinho de pau um dos cilindros, verificando com prazer que eles se tornavam assim brilhantes, particularidade que muito agradou a Tarzan.

Contente com esta descoberta, resolveu guardar alguns daqueles cilindros para divertir-se em poli-los. E tomando um punhado, meteu-os na bolsa que trazia a tiracolo. Era um troféu tirado de um dos inúmeros guerreiros negros que Tarzan matara. Em seguida pôs o resto dos pequenos tubos na caixa de madeira, que foi colocar por baixo da cama, precisamente no mesmo lugar em que a encontrara, partindo em seguida da cabana para juntar-se à tribo.

Não tardou que aos ouvidos de Tarzan chegasse o ruído distante da algazarra dos antropóides. Gritos das fêmeas, guinchos agudos dos *balus* e brados zangados dos

grandes machos formavam um coro atordoante, que ecoava pela selva, dando bem a idéia da emoção que a iodos dominava. No meio do vozerio distante, o homem-macaco percebeu os repetidos “Kreeg-ah”, que indicavam bem ter ocorrido alguma coisa séria aos seus companheiros. Apressou-se, portanto, ansioso por chegar o mais depressa possível ao lugar em que se achavam.

Enquanto Tarzan estivera na cabana remexendo as coisas deixadas por seu progenitor, Taug com a barriga cheia voltara satisfeito à clareira, sentindo o desejo de encontrar Teeka. Não vendo ali a companheira nem o filhote, o antropóide indagou dos outros mas nenhum o informou do paradeiro de Teeka e de Gazan, porque não os tinham visto.

Os macacos, como aliás todos os animais, não são dotados de grande imaginação. Não formam assim quadros mentais de ocorrências possíveis, como o fazemos nós outros. E por esse motivo, Taug não tinha idéia de que alguma coisa desagradável houvesse ocorrido à companheira e ao seu filhote. Sentia apenas falta de Teeka porque, estando com o estômago repleto, teria prazer em tê-la ao seu lado para coçar-lhe as costas enquanto fizesse digestão. Movido por este desejo o antropóide andou à procura da macaca, mas debalde, porque não conseguiu achar nenhum sinal dela ou de Gazan.

Taug já estava irritado e planejava castigar Teeka por se ter afastado tanto da tribo. E acariciando o seu projeto de punir asperamente a companheira, foi caminhando para o sul por um atalho da floresta, onde as palmas calosas e as juntas duras das suas mãos não faziam ruído sobre o tapete de folhas e de gravetos apodrecidos. O macaco seguia observando atentamente à direita e à esquerda, quando por entre a folhagem viu o perfil de Dango, a hiena. A fera não deu conta da vizinhança de Taug, porque toda a sua atenção se fixava sobre outra coisa que lhe estimulava o apetite e a fazia sustar a respiração, em uma atitude cautelosa para verificar se poderia saciar a fome sem perigo.

Taug costumava andar sempre com as precauções indispensáveis a quem vive nas brenhas e está disposto a não ser aniquilado. Dango não lhe inspirava medo, mas o antropóide queria saber o que estava interessando tanto a hiena. Movido talvez mais pela curiosidade que pela prudência, desviou-se um pouco para espiar o que havia na pequena clareira. E quando dos galhos a que subira pôde observar o objeto das atenções de Dango, Taug rugiu ferozmente e no seu brado não havia apenas cólera, mas sobretudo a expressão de uma dor angustiosa. O macaco reconhecera o corpo do filho, sobre o qual já se ia precipitar a hiena.

Em poucos momentos Taug estava ao lado da fera que, pressentindo-o, deixou o corpinho de Gazan, para avançar rosnando raivosamente sobre o recém-chegado. Mas em luta com Taug não tinha Dango maior probabilidade de êxito, que um pardal

enfrentando um gavião. O antropóide com as mãos robustas agarrou o pescoço da hiena e sob a pressão dos dedos de aço as vértebras se desarticularam. Instantaneamente estrangulada, a fera com algumas convulsões era um cadáver, que Taug desdenhosamente atirou ao longe.

Removida a hiena, Taug deu o grito de chamada pela companheira, mas não obteve resposta. Em seguida abaixou-se para observar melhor o corpinho do filho. Entre os animais, sobretudo nos que se acham superiormente colocados na escala zoológica, há um esboço bem caracterizado do sentimento paternal. Realmente se tal sentimento não existisse e se a prole dos animais tivesse apenas para protegê-la o forte instinto materno, a sobrevivência das espécies seria extremamente precária nas condições de constante perigo que cercam os habitantes da selva.

E no caso particular de Taug não somente o instinto de proteção, como a capacidade de afeto eram muito desenvolvidos, por ser aquele antropóide um indivíduo extraordinariamente adiantado intelectualmente. Taug era de fato um dos espécimes mais inteligentes da tribo dos grandes macacos semelhantes ao homem de quem os negros selvagens de Gobi falavam em murmúrios supersticiosos e que nunca haviam sido vistos por um homem branco, que sobrevivesse para dar deles notícias, até a época em que Tarzan dos Macacos viveu em companhia deles.

Assim, Taug sofria a mesma dor que qualquer pai diante da morte de um filho. Para qualquer de nós Gazan poderia parecer uma criancinha hedionda e repulsiva. Mas para Taug e Teeka, ele era tão bonito e engraçadinho, como para nós outros seria uma Mariazinha, uma Joaninha ou uma Isabelinha. E Gazan era o primeiro e único filho e era também um varão, o que bastava para torná-lo a menina dos olhos de qualquer pai.

Em comovente postura de angustioso sofrimento, o antropóide abaixou-se e acariciou o pêlo do filhote por entre gemidos, em que vibrava uma nota inconfundivelmente humana. Depois, os fortes instintos combativos de Taug sobrepujaram as doçuras do seu coração bravio e erguendo-se, dominado já pelo sentimento exclusivo da vingança, prorrompeu em “Kreeg-ah”, conclamando a tribo e lançando o brado encolerizado de desafio dos grandes macacos quando enfrentam um inimigo.

Em resposta ao clamor de Taug, a tribo correu célere aos gritos, que haviam sido ouvidos ao longe por Tarzan. Ao chegar, o homem-macaco encontrou na pequena clareira numerosos antropóides rodeando Taug e observando uma coisa que se achava no chão. Taug freneticamente soltava os seus gritos de desafio. Mas ao ver Tarzan, abaixou-se e apanhou o corpinho de Gazan, alçando-o para que o rapaz o visse. Entre todos os macacos, Taug era o único que tinha verdadeira amizade a Tarzan. Além disso, considerava o homem branco mais astuto que os seus

companheiros e depositava nele implícita confiança. Era pois a Tarzan, seu antigo parceiro de brinquedos juvenis e depois aliado em tantos combates perigosos, que Taug vinha pedir auxílio para vingar a morte do filho.

Quando o homem-macaco viu o corpinho inerte de Gazan nos braços do pai, um rugido de dor e de cólera irrompeu-lhe do peito, porque Tarzan queria muito bem ao *balu* de Teeka.

— Quem fez isto? perguntou, e volvendo os olhos ao redor, interrogou, ainda: — Onde está Teeka?

— Não sei, respondeu Taug. Encontrei-o aqui e Dango ia devorá-lo, mas não foi Dango que o matou, porque no corpo não há nenhum sinal de dentada.

Tarzan aproximou-se e pôs o ouvido ao peito do macaquinho.

— Não está morto e pode ser que não morra.

Abaixando-se depois, o homem-macaco levou algum tempo a examinar cuidadosamente o terreno. Afinal deu um grito, que foi logo entendido por Taug e pelos outros antropóides e pôs-se de pé. Todos compreenderam que Tarzan achara o rastro do que estava procurando.

— Aqui esteve um macaco estranho. Foi ele quem machucou Gazan e raptou Teeka.

Taug e, como ele, todos os antropóides se puseram a rosar e a fazer gestos ameaçadores. Mas ficaram nisso. Se o raptor estivesse ali, eles por certo lhe dariam uma lição de mestre, reduzindo-o a farrapos. Mas aos antropóides não ocorria a idéia de ir procurar o culpado para puni-lo. Tarzan, porém, era um homem e não se conformava com o fato consumado.

— Se tivessem conservado as três sentinelas como aconselhei, isto não teria acontecido. Mas sem as sentinelas, as fêmeas e os *balus* ficam sem proteção contra todos os perigos que existem na selva. É preciso nunca deixar de pôr as três sentinelas. Agora Tarzan vai procurar Teeka, a fim de trazê-la de novo para a tribo.

A idéia agradou aos antropóides que responderam em coro:

— Iremos todos.

— Não, retrucou Tarzan, vocês não podem ir comigo. Quando se vai caçar e combater não se levam fêmeas e *balus*, que só serviriam para nos atrapalhar. E se os deixarmos sós correremos o risco de perdê-los todos.

Os antropóides cocaram a cabeça. Reconheciam a sabedoria das ponderações de Tarzan, mas não compreendiam como tendo de combater um inimigo, castigar o raptor de uma macaca e fazer a vítima voltar ao seio da tribo, esta não fosse operar em conjunto. Os antropóides tinham o instinto da coletividade profundamente

enraizado na sua mentalidade, através das influências acumuladas pelos hábitos e pela hereditariedade em um longo lapso de tempo. No plano mental em que ainda se achavam aquelas criaturas semi-humanas não podiam compreender a ação individual.

A luta com um inimigo só a entendiam pela ação coletiva, a tribo congregada em formação compacta e pelejando de acordo com os únicos métodos táticos que conheciam. Mas Tarzan era um homem e um homem branco, e do seu ponto de vista encarava a situação de modo completamente diferente. O rapaz, pela inspeção do local, chegara à conclusão de que a violência contra Gazan e o rapto de Teeka haviam sido obra de um só indivíduo, um grande macaco de alguma tribo estranha. Para lutar com um só antropóide não era preciso a tribo inteira. Dois indivíduos destros e fortes bastariam para subjugar o inimigo e retomar Teeka.

Até então, quando Numa, o leão, Sabor, a leoa, ou Sheeta, a pantera, ou ainda algum macaco vagabundo de outra tribo apanhava e carregava uma fêmea donzela ou matrona, sem que ninguém tivesse dado por isso, a tribo ao tomar conhecimento do caso nada fazia. Ninguém jamais se lembrara de ir procurar a vítima. Era um membro da tribo desaparecido e nada mais havia a fazer. Se a raptada tinha um companheiro, este por algum tempo ficava a lamentar a perda e depois, se era forte e valente, ia pleitear outra noiva entre as jovens da tribo. No caso contrário, metia-se pelas brenhas a ver se conseguia também raptar alguma fêmea de outra tribo.

Até então, Tarzan condescendera em tolerar esse hábito, porque os membros da tribo desaparecidos misteriosamente não o interessavam pessoalmente. Mas desta vez se tratava de Teeka, que fora o seu primeiro amor e de Gazan, por quem o homem-macaco entretinha um afeto como se ele fora o seu próprio filho. Anos antes Tarzan já quisera tirar vingança. Tratava-se então da morte de Kala, vítima de Kulonga, filho de Mbonga, o chefe da aldeia dos guerreiros negros. Naquela ocasião, o homem-macaco sozinho perseguiu o culpado e tirara vingança. Moviam-no agora sentimentos análogos, embora menos intensos que no caso do assassinio de Kala, sua mãe de criação.

— Deixe Gazan com Mumga, disse Tarzan voltando-se para Taug. Ela é velha e desdentada, mas poderá tomar conta do *balu*, até que eu e você voltemos trazendo Teeka. E dirigindo-se depois a Mumga em tom imperativo, observou-lhe: — Se quando eu voltar Gazan estiver morto, eu a matarei.

— Para onde vamos? perguntou Taug.

— Vamos procurar Teeka onde ela estiver e dar cabo do macaco que a roubou. Acompanhe-me.

Sem perder tempo, o homem-macaco partiu rápido, seguindo a pista que os

sentidos apurados o haviam feito descobrir. Taug entregou o filho a Mumga, lembrando-lhe ainda ao despedir-se que Tarzan a mataria se não encontrasse Gazan vivo. Em um trote vagaroso Tarzan avançava acompanhando sempre o rastro do raptor de Teeka. Atrás dele vinha Taug, que fixava com atenção a silhueta morena do homem branco, destacada no meio da sombra esverdeada da floresta.

Nenhum antropóide da tribo de Kerchak era capaz de seguir uma pista com a segurança com que o fazia Tarzan, porque nenhum deles tinha como o homem branco os sentidos tão apurados pelo desenvolvimento superior da inteligência. Enquanto os macacos precisavam examinar minuciosamente um rastro, Tarzan contentava-se com os principais pontos de referência, dispensando detalhes para ele supérfluos pela previsão do rumo natural que devia ter seguido a criatura em cujo encalço estava. Naquele caso, as pegadas de Toog eram para ele tão claras, como seriam para nós os caracteres impressos nas páginas de um livro.

Atrás e bem junto a Tarzan dos Macacos seguia o pai de Gazan. Ambos caminhavam em silêncio, como duas sombras, por entre as inúmeras sombras da selva. O rapaz trazia alerta tanto os seus olhos e ouvidos, como o seu bem talhado nariz aristocrático. O rastro era ainda fresco e agora que Tarzan se afastara da atmosfera sobrecarregada pelo cheiro da multidão de antropóides da tribo, podia no ar puro sentir com muito maior clareza a catinga do inimigo, à qual as suas narinas sensíveis juntavam a percepção do cheiro particular de Teeka, que tanto ele como Taug facilmente percebiam por estarem com ele muito familiarizados. Dentro em breve Tarzan e o seu companheiro de expedição já se haviam acostumado também ao cheiro forte de Toog.

Seguiam os dois rapidamente e já haviam percorrido uma grande distância, quando de repente nuvens pesadas encobriram o sol. Tarzan acelerou o passo, saltando de árvore em árvore com a destreza de um esquilo, sempre pelo mesmo caminho que pouco antes fizera Toog. Mas o rapaz e o marido de Teeka andavam muito mais depressa, porque não levavam como Toog um fardo às costas. Deviam estar muito próximos do ponto em que se achavam Toog e a macaca raptada, porque tanto Tarzan como Taug sentiam o cheiro tornar-se mais forte de momento a momento. Foi exatamente então que um relâmpago rasgou vivamente o céu em fulgurante linha sinuosa e um estampido formidável repercutiu pela floresta, parecendo abalar o chão. A chuva não tardou. Não era a chuva que conhecemos nos climas temperados. Era uma avalanche d'água que se precipitava não em gotas, mas em toneladas de líquido, que caíam pesadamente sobre as árvores, espalhando o pânico por entre as criaturas das brenhas que por ali andavam.

A chuva fez o que Tarzan já previra. Apagou o rastro, deixando-o sem o fio condutor que já o levava quase à meta da sua caminhada. Durante meia hora as

torrentes do céu alagaram a floresta. Depois o sol reapareceu brilhante e os seus raios, refletindo-se das folhas molhadas, cobriram a floresta com miríades de pedras preciosas irisadas e faiscantes. Mas Tarzan, que sempre contemplava com alegria aquele espetáculo soberbo da selva rejuvenescida pelo temporal, não prestava atenção às belezas que o rodeavam. Os seus pensamentos concentravam-se exclusivamente em torno do desapontamento que a chuva lhe trouxera, obliterando a pista de Toog e de Teeka.

Um conhecedor da mata como Tarzan ou mesmo como Taug, pode sempre seguir uma pista nas árvores do mesmo modo que a acompanha no chão. Mas quando se trata de rastro deixado por uma criatura que passou pulando de galho em galho, os sinais são mais difíceis de descobrir e de seguir, não só porque a direção varia muito mais, como também porque estando ali a pista mais sujeita à ação dos agentes atmosféricos, desaparece muito mais rapidamente que na terra. Assim, depois da chuva, Tarzan teve de determinar o seu rumo recorrendo à previsão da sua inteligência. Partindo do ponto onde encontrara o último sinal positivo da passagem do macaco estranho, seguiu na direção que lhe pareceu a mais provável tivesse sido tomada pelo inimigo. Mas ao cabo de um pequeno percurso, Tarzan e Taug chegaram a uma forquilha, em que não era fácil determinar por qual dos galhos deveria ter seguido o raptor de Teeka. E da escolha dependia evidentemente a tomada de rumos muito divergentes um do outro.

Mas Tarzan tinha outros recursos. Cheirou o ponto de bifurcação do grande galho e com os seus olhos adestrados examinou a casca da árvore naquele ponto. Assim, verificou em um dos ramos sinais inequívocos de ligeiríssima erosão causada pelas mãos calosas que por ali haviam deslizado. Essa pesquisa era delicada e exigia algum tempo, o que muito incomodava Tarzan por sentir que o inimigo estava ganhando distância e poderia assim ir abrigar-se em algum lugar seguro.

Com os dados que ia colhendo, o homem-macaco prosseguiu, mas agora a caça ao inimigo era muito mais difícil. De momento a momento surgiam dúvidas sobre o rumo a ser preferido e por vezes o problema se apresentava com tais dificuldades, que o próprio Tarzan, pondo em contribuição os seus vastos conhecimentos da técnica da floresta, ficava perplexo e indeciso. Durante mais de meia hora, o homem-macaco e Taug estiveram em busca de uma orientação segura para continuarem a perseguição. Afinal as narinas sensíveis de Tarzan perceberam em uma folha o cheiro característico do macaco que raptara Teeka e que Tarzan havia descoberto nas suas primeiras pesquisas na clareira onde jazia Gazan. A folha roçara o ombro felpudo de Toog e conservava ainda fresca a catinga do mono.

Os dois seguiram a nova pista, mas a tarefa era ingrata, porque perdiam freqüentemente o fio condutor e eram obrigados assim a demoras, cujos efeitos

podiam comprometer irremediavelmente o êxito da expedição. Para qualquer de nós teria sido impossível seguir a pista de Toog mesmo antes da chuva tê-la apagado. Somente se o macaco houvesse andado pelo chão haveria possibilidade de qualquer pessoa razoavelmente observadora descobrir as suas pegadas. Mas nas árvores isso seria coisa possível apenas para criaturas da selva, como Tarzan ou Taug.

Entretanto, o homem-macaco não somente descobria nos galhos os sinais da passagem de Toog, como aprofundava muito mais as suas observações. Pela funda impressão das marcas, Tarzan chegava à conclusão de que o mono trazia um grande peso consigo, por isso que ele sozinho não faria um rastro tão profundo. Além disso, verificou também que os sinais encontrados eram sempre de três mãos apenas, o que provava que o macaco tinha a quarta ocupada em agarrar alguma coisa, que evidentemente não podia ser senão o corpo de Teeka, colocado por ele sobre o ombro felpudo. E em certos lugares, o homem-macaco verificou ainda que Toog mudara o fardo de um ombro para o outro, naturalmente para repousar o primeiro. Isto Tarzan via caracteristicamente no rastro, que indicava quais as mãos com que o antropóide se agarrava às árvores.

Em vários trechos do percurso Toog andara apenas sobre as mãos traseiras, caminhando como o faria um homem. Isto nada tinha, aliás, de surpreendente para Tarzan, porque sabia bem que os antropóides andam perfeitamente sobre as mãos traseiras apenas e com a mesma destreza com que o fazem quando utilizam as quatro. Isto diferencia exatamente os antropóides do chimpanzé e do gorila.

Com esses elementos que iam colhendo pelo caminho, Tarzan e Taug iam ficando habituados a identificar o raptor, mesmo que ele já não estivesse ao lado de Teeka quando o encontrassem. Os métodos da selva armavam Tarzan para essa identificação com uma segurança comparável à dos processos fotográficos e antropométricos de Bertillon, postos ao serviço de um civilizado caçador de homens empenhado em procurar um criminoso.

Mas apesar dos seus sentidos apurados e mantidos em alta tensão, Tarzan dos Macacos e o antropóide não tinham ainda conseguido encontrar Toog no segundo dia da perseguição, quando o sol já ia descambando para o ocaso. Os cheiros eram agora bem perceptíveis, porque haviam ficado impressos nos galhos e nas folhas depois da chuva. Tarzan estava convencido de que não tardaria em achar o ladrão e o seu precioso roubo.

Ao passarem por um ponto da selva, preocupados sempre em orientar-se na perseguição do raptor de Teeka, o homem-macaco e Taug ouviram o tagarelar de Manu, o mico. Era um bando daqueles pequenos macacos que, como de costume, davam vida à floresta com a sua ruidosa algazarra de guinchinhos curtos e alegres. Perto gorjeavam e piavam pássaros de plumagem colorida e brilhante. Insetos

zumbiam por entre a folhagem. Tarzan, no meio das preocupações que o empolgavam, não deixava de apreciar aquele quadro de exuberante vida tropical. Taug mantinha-se indiferente aos micos, às aves e aos insetos e não observou sequer um mico cinzento que, acorado sobre um galho pouco acima da cabeça dos caminantes, curvara a cabecinha, parecendo repará-los com curiosidade. Subitamente o curioso macaquinho cessou de guinchar e pôs-se a correr pulando de galho em galho, como se o animalzinho de rabo comprido tivesse visto Sheeta, a pantera, criar asas para persegui-lo pelos ramos mais altos do arvoredor. Era apenas um mico medroso e ninguém poderia atribuir significação sinistra àquela fuga precipitada.

E o que teria acontecido a Teeka durante todo esse tempo? Teria ela se resignado ao fato consumado e estaria agora fazendo companhia ao seu novo marido, como esposa amável e carinhosa? Um simples golpe de vista ao casal bastaria para dar resposta a estas questões. Teeka estava cheia de contusões e feridas que sangravam como atestado da sua resistência às carícias do raptor. Toog por seu turno apresentava também sinais da capacidade combativa da macaca, que não se acovardara diante da brutalidade do musculoso mono. Mas o antropóide obstinadamente insistia em agarrar-se à prisioneira, apesar de estar sendo forçado a reconhecer a inutilidade dos seus esforços.

Desesperado, Toog pensava apenas agora em voltar à região da selva onde a sua tribo acampava. O antropóide tinha bons motivos para temer a recepção que ali lhe fariam. Mas começava a entreter a esperança de que o seu rei já se estivesse esquecido do ato de rebeldia que cometera. Acontecesse porém o que acontecesse, Toog não podia mais suportar a vida em companhia daquela terrível macaca que fora arranjar. E não deixava de movê-lo a idéia de mostrar à sua tribo a prisioneira que fizera. Talvez mesmo Toog pensasse em impingir ao rei a fêmea raptada e reconquistar assim as boas graças do monarca.

Na sua jornada Toog e Teeka encontraram dois grandes macacos, que procuravam alimento em um formoso bosque cuja aparência lembrava um parque civilizado. Por entre as árvores e meio enterrados na grama, erguiam-se numerosos blocos cênicos de rocha em decomposição. Eram provavelmente monumentos silenciosos que davam testemunho da época glacial, quando as geleiras escorregavam por aquelas terras, agora queimadas pelo sol tropical. Ao avistarem Toog, os dois antropóides arreganharam logo os dentes, dando sinais de preparação para o combate. Mas o recém-chegado reconheceu-os como amigos e gritou-lhes de longe:

— É Toog que vem trazendo uma fêmea por ele aprisionada.

Os dois monos aproximaram-se observando muito atentamente a macaca estranha. Apesar das machucadelas e do sangue pisado pela face, Teeka pareceu-lhes muito

bonita e ambos ficaram cheios de inveja de Toog. Não conheciam Teeka e não podiam imaginar o que fora a vida do raptor durante aqueles dias...

Mal se haviam agachado os dois antropóides para apreciar melhor a prisioneira de Toog quando, em estado de grande excitação, saltou de uma árvore um mico cinzento, agitando a sua longa cauda. O macaquinho vinha muito nervoso e evidentemente trazia notícias graves. Sem demora relatou-as aos três antropóides que o ouviam um tanto sobressaltados.

— Aí vêm dois grandes macacos. Um deles é um Mangani. O outro é um macaco muito grande, pelado e muito feio. Vêm seguindo o rastro de Toog. Eu os vi bem.

Os circunstantes olharam atentos e preocupados na direção donde viera Toog. Assim ficaram por um minuto ou dois, quando o mais forte dos amigos de Toog quebrou o silêncio.

— Vamos esperá-los entre o arvoredado cerrado do outro lado da clareira.

E pondo-se à frente do grupo atravessou a clareira em demanda do lugar que indicara. O mico saltava e guinchava em grande excitação. Aquele animalzinho gostava muito de ver derramar sangue e já prelibava o prazer de assistir ao combate dos antropóides do alto de um galho, onde como torcedor se deliciaria com a luta, bem fora do perigo.

Os macacos ocultaram-se no meio dos arbustos perto do atalho, pelo qual os dois estranhos deveriam chegar. Teeka estava muito emocionada. Ouvira e entendera o que Manu dissera e não tinha dúvida de que o macaco pelado era Tarzan e o Mangani não podia ser outro senão Taug. A pobre macaca nunca sonhara em ser socorrida por aquela forma. A sua única esperança havia sido escapar e achar o caminho para voltar à tribo de Kerchak. Mas mesmo isto lhe parecera muito improvável, tão constante era a vigilância que o raptor exercia sobre ela.

Quando Tarzan e Taug chegaram ao bosque, o cheiro do inimigo podia ser sentido tão fortemente, que os dois se convenceram logo da imediata vizinhança do macaco que perseguiam. Por este motivo, avançaram mais cautelosamente, porque desejavam surpreender o adversário pelas costas, atacando-o antes que ele desse conta da presença dos seus perseguidores. Não imaginavam que o mico cinzento que haviam visto fugir apressadamente tivesse vindo avisar o raptor de Teeka. Nem contavam também que três pares de olhos vermelhos e maus estavam vigiando, para agredi-los de surpresa em posição bem ao alcance dos dedos robustos e dos dentes afiados.

Mas quando do bosque passavam à clareira, para entrar no atalho que se metia pela selva adentro, foram surpreendidos com gritos de “Kreeg-ah”, inconfundivelmente pronunciados pela voz tão conhecida de Teeka. Nos cérebros

pouco desenvolvidos de Toog e dos seus dois amigos não _ surgira a suspeita de que Teeka os pudesse trair. Ao verem-se descobertos pelos gritos da prisioneira, ficaram enfurecidos e Toog desfechou sobre a pobre macaca um soco que a prostrou por terra. Os três partiram em seguida para enfrentar Tarzan e Taug. O mico, no alto de uma árvore, dançava e guinchava deliciado com o espetáculo que ia gozar.

E desta vez, o pequeno torcedor da selva tinha razão para estar contente. Iria assistir a um combate de primeira ordem. Os lutadores prescindiram das formalidades e sem preâmbulos engalfinharam-se. Os corpos rolavam pelo chão no atalho estreito, mergulhando por vezes nos arbustos que o ladeavam. Os contendores mordiam-se, arranhavam-se e apertavam-se em amplexos terríveis. A luta era acompanhada por um ruído horrível de roncoss, de uivos e de gritos. Ao cabo de cinco minutos todos estavam dilacerados e ensangüentados. O mico, no alto, exprimia em guinchos o que seriam os aplausos de um torcedor civilizado. O macaquinho evidentemente desejava que a peleja fosse levada até o extermínio dos combatentes. O mico queria ver alguma coisa morta. Pouco se lhe dava que fosse amigo ou inimigo. Do que ele fazia questão era de sangue e morte.

Taug tomava conta de Toog e de um outro dos macacos. Tarzan debatia-se com um grande antropóide que tinha a força de um búfalo. Nunca o adversário de Tarzan enfrentara uma criatura tão estranha, como aquele animal sem pêlo e que lhe parecia escorregadio. Suor e sangue banhavam a pele lisa e morena do homem-macaco. Várias vezes, o rapaz conseguiu desvencilhar-se do mono e tentou sacar da bainha a faca de caça que trazia à cinta.

Afinal conseguiu o seu intento, e, rápido, com uma das mãos agarrou a garganta do antropóide, enquanto com a outra vibrava três golpes profundos. O grande macaco ferido mortalmente pela lâmina aguçada afrouxou os braços com que apertava o antagonista e tombou inerte para o lado. Imediatamente, Tarzan se desembaraçou do antropóide agonizante, pôs-se de pé e foi em socorro de Taug. Toog viu Tarzan avançar em sua direção e arremeteu contra ele. A faca de Tarzan foi-lhe arrancada da mão e o homem-macaco agarrou-se com o mono em uma luta corpo a corpo. Agora o combate estava equilibrado. Eram dois pugilatos entre dois pares de inimigos em igualdade de condições.

Teeka recuperara os sentidos que perdera ao receber o soco desfechado por Toog. Aproximou-se disposta a fazer o que pudesse para auxiliar os seus salvadores. A macaca, vendo a faca de Tarzan cair ao chão, apanhou-a. Teeka nunca usara aquela arma, mas sabia bem como Tarzan a manejava. Sempre tivera muito medo daquilo que matava os animais mais formidáveis da selva, com a mesma facilidade com que as presas de Tantor, o elefante, aniquilavam os inimigos do grande paquiderme.

A bolsa de Tarzan fora arrancada na luta e jazia também por terra. Com a

curiosidade irreprimível dos antropóides e que mesmo a excitação do perigo não bastava para neutralizar, a macaca abaixou-se e foi também recolher aquele objeto que a intrigava.

Os contendores estavam agora de pé. Se aquilo fosse uma luta regular em um palco, as pranchas do assoalho provavelmente já teriam cedido. Mas o combate travava-se no chão da selva e a terra resistia aos choques violentos. O mico, cada vez mais encantado, chegara a um estado de tensão emotiva em que não podia mais guinchar. A sua carinha barbada contraía-se em uma expressão indescritível de prazer diante daquele espetáculo.

Tarzan e Taug faziam os adversários recuarem para o bosque. Teeka acompanhava a peleja, sem saber o que fazer. Estava exausta pelas emoções e sofrimentos dos últimos dias. Com um sentimento muito feminino, a macaca depositava implícita confiança na força e na bravura do seu companheiro e do outro membro da tribo, não acreditando que Taug e Tarzan precisassem do seu auxílio para dar cabo dos dois adversários.

Os gritos dos combatentes ecoavam pela floresta. Os “Kreeg-ah” de Toog e do seu companheiro foram ouvidos a distância. Pouco depois brados longínquos respondiam, anunciando a aproximação dos macacos da tribo do raptor de Teeka. Esta foi a primeira a avistar uns vinte machos reforçados que vinham socorrer os adversários de Taug e de Tarzan. A macaca com gritos agudos deu o alarme. Os antropóides da tribo de Toog já vinham entrando no bosque, ameaçando os dois campeões da tribo de Kerchak com a sua esmagadora superioridade numérica. O primeiro movimento de Teeka foi fugir. Ninguém a poderia censurar por isto. Principalmente se fosse levado em conta o estado dos seus nervos, ao cabo de dois dias de angústia e de fadiga.

Os grandes antropóides pertencentes à mesma tribo que Toog vinham precipitar-se sobre Tarzan e Taug. Dentro em pouco os dois estariam estraçalhados e reduzidos ao que apenas poderia servir de prato de resistência em uma orgia de um Dum-Dum. Sustando a carreira e vendo o que se passava, Teeka sentiu dentro de si aquele impulso heróico para o martírio, legado à macaca da tribo de Kerchak talvez pela mesma antepassada remota, de quem também ele se transmitira à linguagem das mulheres civilizadas, tantas vezes sacrificadas gloriosamente pelos homens que lhes inspiraram amor.

Gritando desesperadamente com uma voz cabritante, Teeka voltou para perto dos combatentes, misturados em um bolo confuso junto a um dos grandes maciços de rocha, que restavam no bosque como vestígios de longínquos períodos

geológicos. Mas que poderia fazer a pobre macaca diante de tantos e tão fortes adversários? Tinha na mão a faca de Tarzan, mas compreendia que não a poderia

utilizar com grande eficácia, porque além de falta de destreza para manejá-la, não dispunha de força para desfechar golpes mortais, como o fazia o homem-macaco.

Teeka vira muitas vezes Tarzan arremessar projéteis e aprendera a fazê-lo, como ficara sabendo tantas outras coisas ensinadas pelo seu companheiro de infância. Procurou ao redor o que pudesse atirar ao inimigo, estava ansiosa nessa busca, quando casualmente os seus dedos sentiram que dentro da bolsa caída da cinta de Tarzan, havia uns objetos que ao tato lhe pareciam pedrinhas. Rasgando a bolsa, viu que estava cheia de uns tubos brilhantes. Tomou de um punhado deles, achando que para o seu tamanho eram muito pesados e deviam servir portanto de bons projéteis. Com toda a força de que dispunha, a macaca arremessou os pequenos tubos reluzentes sobre os antropóides que atacavam Taug e Tarzan, tendo à retaguarda o bloco cônico de granito.

O resultado surpreendeu tanto Teeka, como os inimigos que alvejara. Uma explosão, acompanhada por um estrondo ensurdecador e de um cheiro acre de fumaça esbranquiçada, causou tal pânico aos antropóides, que por entre gritos de terror se puseram em debandada na direção do acampamento da sua tribo, enquanto Tarzan e Taug, ainda perturbados, procuravam dar conta do que acontecera. Os dois também estariam por certo em fuga se não tivessem visto Teeka ao lado deles empunhando a faca e tendo na outra mão a bolsa.

— Que foi isto? perguntou Tarzan. Teeka sacudindo a cabeça respondeu:

— Não sei, atirei estas coisas sobre os macacos inimigos. E tomando de alguns dos pequenos cilindros afilados em um dos extremos sacudiu-os na mão, mostrando-os a Tarzan e a Taug.

O homem-macaco intrigado cocava a cabeça, como sempre fazia nos momentos de preocupação ou 'de perplexidade e ficou olhando muito atento para aqueles misteriosos pro-

jéteis. Taug, que também observava cheio de curiosidade, interrogou o rapaz:

— Que são estas coisas?

— Não sei, respondeu Tarzan dos Macacos. Encontrei-as e guardei-as por achá-las engraçadas.

O mico, que também fora surpreendido na sua confortável postura de espectador da batalha, correria tanto, que já se achava bem a uns dois quilômetros de distância. O tímido torcedor não sabia que o pai de Tarzan dos Macacos, vinte anos antes, preparara inconscientemente o meio de salvar a vida de seu filho.

E o próprio jovem Lorde Greystoke que ali estava nu, machucado e ensangüentado, ignorava também a quem devia aquele providencial projétil, que tão oportunamente o livrara da morte.

O humorista da selva

O TEMPO raramente custava a passar para Tarzan. Não há monotonia na uniformidade, quando esta consiste em estar sempre evitando a morte sob uma forma ou outra ou em estar constantemente causando a morte de alguém. Há um interesse em semelhante forma de existência e Tarzan dos Macacos ainda o aumentava com as variantes inventadas pelo seu espírito engenhoso.

Tendo chegado agora à idade em que o seu desenvolvimento se completara, o rapaz tinha a aparência de um deus grego com músculos de touro. De acordo com o que se observava no mundo dos macacos em que vivia, ele deveria ser rabugento, taciturno e sorumbático. Mas Tarzan não era nenhuma dessas coisas. O seu espírito parecia não envelhecer, conservava-se no moço chegado à idade adulta com a mesma leveza e graça da primeira adolescência e da infância. Isto era uma causa constante de aborrecimentos para os seus companheiros antropóides. Estes não podiam compreender como Tarzan mantinha os seus hábitos e a alegria dos tempos de menino, porque os grandes macacos antes de saírem da adolescência já se iam tornando pesadões, silenciosos e avessos a toda espécie de brincadeira.

Por seu turno também Tarzan não entendia bem a estranha metamorfose que se dava em certa idade com os seus companheiros de folguedos. Para ele era um enigma o que se passara com Taug, por exemplo. Algumas luas antes o rapaz brincava livremente com o macaco, rolando com ele pela grama ou em combates simulados, que muito divertiam a ambos. Agora quando dava um empurrão no companheiro de infância, este logo se formalizava, arreganhando os dentes e rosnando, pronto a agarrá-lo em uma peleja, que nada teria de semelhante com as suas batalhas infantis.

O homem-macaco esquivava-se ao combate e dentro em pouco Taug, esquecido do incidente, já não mostrava hostilidade. Mas Tarzan compreendia bem que ele não gostava da brincadeira e não tinha ares de brinquedo. O antropóide na idade adulta perde por completo o senso humorístico, que porventura possuía até a adolescência.

Vendo que com os macacos, seus antigos parceiros de divertimentos, não encontrava mais um campo interessante para a sua atividade, o jovem Lorde Greystoke passou a interessar-se por outras coisas. O seu espírito sempre alerta e a engenhosidade da sua imaginação o faziam aproveitar casos banais como pontos de partida para pesquisas, em que exercitava o seu gênio inventivo.

Uma vez um cacho da sua cabeleira escura caiu-lhe sobre os olhos. Sacudindo para trás a cabeça Tarzan penteou-se com a palma da mão. O fato na aparência tão

insignificante fê-lo pensar. Dirigindo-se ao tronco de uma árvore fendida pelo raio e em cuja concavidade o rapaz guardava setas e outras preciosidades reunidas nas suas excursões e aventuras pelas brenhas, tomou de uma pedra chata e polida e de uma concha que apanhara uma vez à beira do mar, perto da cabana de seu pai. A idéia em que trabalhava o cérebro de Tarzan será imediatamente apreendida pelo leitor.

Com grande cuidado e paciência, Tarzan foi passando e repassando a borda da concha sobre a face polida da pedra, exatamente como um barbeiro amola a sua navalha. O rapaz de tempos a tempos verificava os resultados obtidos, experimentando a borda da concha na ponta do polegar. Quando a achou suficientemente afiada, pegou de uma mecha de cabelos da frente e cortou-a com a improvisada navalha. Satisfeito com o resultado, Tarzan pensou nos inconvenientes de um cacho de cabelo que pode cair sobre os olhos em um momento inoportuno, tapando a vista quando dele pode depender a vida ou a morte. Depois de se ter libertado das mechas que na frente tão freqüentemente o incomodavam, pensou em tonsurar a parte posterior da cabeleira que lhe caía pelo pescoço, tornando-se em tempo de chuva muito desagradável ao homem-macaco. Dentro em pouco. Tarzan sentia-se confortado com os efeitos da sua estréia como cabeleireiro. A aparência do jovem lorde inglês não teria por certo satisfeito o padrão estético da clientela de algum elegante salão de barbeiro civilizado. Mas Tarzan dos Macacos não se preocupava com esse aspecto da questão. Na selva o caso tinha de ser apreciado de pontos de vista muito diferentes.

Enquanto se tonsurava, o homem-macaco ia pensando em muitas coisas. Lembrava-se da sua recente aventura, com Bolgani, da qual conservava como vestígios as feridas das dentadas e unhas do gorila, ainda não de todo cicatrizadas. Reconstituía mentalmente as cenas estranhas no mundo novo em que penetrara com os seus primeiros sonhos. Sorria, fazendo humorismo à sua própria custa, a recordar-se do dia em que, enrolado na pele furtada na aldeia dos Gomanganis, fora assustar a tribo de Kerchak fingindo-se de Numa, o leão, e acabara sendo ignominiosamente apedrejado e tendo quase levado a breca estraçalhado pelas mãos robustas dos grandes macacos.

Depois de ter aparado o cabelo, Tarzan resolveu ir até a cabana e correndo pela ramagem das árvores já havia feito uma boa parte da caminhada, quando sentiu o cheiro do rastro de um Gomangani. A curiosidade, traço comum aos homens e aos macacos, impelia sempre o rapaz a investigar tudo que se relacionava com os Gomanganis. Havia em torno dos negros selvagens alguma coisa que sempre despertava o interesse de Tarzan. Provavelmente o que os tornava tão fascinantes ao homem-macaco era a variedade das suas ocupações. Os antropóides viviam para

comer, dormir e propagar-se. O mesmo acontecia a todos os outros habitantes da selva, exceto os Gomanganis.

Os negros dançavam e cantavam, faziam ainda outras coisas que muito intrigavam Tarzan, esgaravavam a terra e a remexiam depois de a terem limpo dos arbustos e das ervas. Observavam as plantas que ali cresciam e em seguida faziam a colheita que recolhiam às cabanas construídas com palha. Modelavam boiões e caldeirões, faziam chuços e setas, preparavam venenos, fabricavam objetos de metal com que enfeitavam as pernas e os braços. Não fossem eles pretos, não tivessem fisionomias tão horrendas e não houvessem matado Kala e provavelmente Tarzan desejaria ser um deles. Este pensamento ocorreu muitas vezes ao homem-macaco. Mas imediatamente sentia uma repugnância invencível que ele não compreendia, nem podia interpretar. O desejo de vingança tornava-se-lhe então mais intenso ainda e Tarzan julgava que teria preferido ser Histah, a serpente, a ser um daqueles horrendos Gomanganis, um dos quais fora o assassino de Kala, sua mãe de criação.

Não obstante, Tarzan sentia-se fascinado pelos guerreiros negros e não perdia ensejo de espiá-los e de observá-los. Aliás o rapaz aprendia com os selvagens muitíssimo mais que ele imaginava. Embora a sua idéia fixa fosse tornar o mais desagradável possível a vida dos negros, os seus contatos com os Gomanganis encerravam sempre as lições mais proveitosas que as brenhas lhe proporcionavam. Atormentar os negros, era o supremo divertimento de Tarzan.

Seguindo o rastro, o rapaz em breve percebeu pela intensidade do cheiro que os Gomanganis estavam próximos e que eram muitos. Avançando cautelosamente, foi ora saltando de galho em galho, ora caminhando por sobre massas de árvores caídas, quando a espessura da trama de ervas altas e de arbustos tornava impossível andar pelos galhos baixos ou pelo chão.

Não tardou Tarzan em encontrar um grupo de selvagens da aldeia de Mbonga, o chefe, empenhados em uma tarefa bem conhecida do homem-macaco, porque muitas vezes observara os negros quando a ela se entregavam. Estavam pondo uma armadilha com a competente isca para apanhar Numa, o leão. Em uma gaiola colocada sobre rodas, tinham posto um cabritinho amarrado, de modo que, quando a fera o agarrasse, a porta cairia imediatamente e Numa ficaria prisioneiro.

Os negros da aldeia de Mbonga haviam aprendido estas e outras coisas no seu antigo habitat, em distantes terras congolenses, donde tinham emigrado. Os Gomanganis, como os chamavam os antropóides da selva, habitaram por muito tempo o Congo Belga, sendo afinal forçados a fugir dali, para escapar às crueldades e violências a que se viam sujeitos no domínio do rei Leopoldo.

No Congo os guerreiros negros tinham estado em contato com mercadores europeus que compravam feras vivas e deles haviam aprendido aqueles métodos,

por meio dos quais era possível apanhar o próprio leão, sem feri-lo, tornando-se também fácil a condução do animal prisioneiro para a aldeia.

Na região onde os selvagens se haviam agora instalado não apareciam europeus para comprar animais. Mas os negros achavam graça em apanhar vivo o leão. A primeira razão para a caça dos leões era a necessidade de varrer da selva os animais comedores de carne humana. De fato, fora somente depois de terem sentido os perigos que a tribo corria com a vizinhança dos grandes carnívoros e particularmente do leão, que os negros haviam começado a organizar as caçadas. Outra razão que os induzia a caçar feras vivas, era o pretexto que a caçada proporcionava para uma orgia noturna, cujos atrativos usuais eram consideravelmente aumentados pela presença de um leão prisioneiro e que seria morto pelos canibais por entre atrozes torturas.

Tarzan assistira algumas vezes dos galhos da árvore junto à paliçada às cenas de crueldade do ritual com que os selvagens torturavam as feras, fazendo-as sucumbir em morte lenta e horrível. Aquele espetáculo sempre lhe causara uma impressão desagradável. Sendo uma criatura bravia, que nunca conhecera senão a vida das brenhas, o homem-macaco não podia sentir diante da crueldade dos negros o que nós civilizados teríamos experimentado. Mas embora fosse um selvagem, Tarzan encarava com repulsão aquelas atrocidades cometidas pelos canibais. O rapaz não podia compreender a causa da sua revolta diante daquelas cenas. Não gostava de Numa e sempre que pudesse não hesitaria em matá-lo. Mas ficava enraivecido, ao ver os negros infligirem torturas e humilhações à fera prisioneira e impossibilitada de reagir. O cérebro de Tarzan não percebia como se cometiam atrocidades que nenhuma outra fera da selva praticava e o homem-macaco ficaria espantado se lhe dissessem que o único animal capaz de cometer tais atos era exatamente aquele que se julgava formado à imagem e semelhança de Deus.

Duas vezes Tarzan soltara Numa da gaiola, antes de os negros chegarem para levar a presa para a aldeia. Estava resolvido a fazer de novo o mesmo, porque já atinara com a sorte reservada ao leão que caísse na armadilha.

Deixando a gaiola com o alçapão armado, em um largo trilho de elefantes, perto do bebedouro habitual dos animais, os selvagens dirigiram-se para a aldeia. No dia seguinte voltariam para verificar o resultado. Ao vê-los partir, o homem branco sorriu com uma expressão irônica, que traduzia bem os traços hereditários de uma casta de que ele próprio não tinha nenhuma idéia. E do seu posto de observação, acompanhou com o olhar os negros que marchavam em fila pelo atalho entre as grandes árvores e as cortinas de trepadeiras que se entrelaçavam pelos arbustos e ervas, formando o fundo verde do quadro, onde desabrochavam as corolas caprichosamente talhadas e coloridas pelas forças misteriosas e insondáveis da

natureza, para colocá-las, ali, bem longe dos olhos do homem civilizado e capaz de apreciar-lhes a infinita beleza.

Quando o último da fila dos guerreiros canibais desapareceu em um cotovelo do atalho, a expressão estampada na fisionomia do rapaz alterou-se subitamente, sob a influência de um pensamento novo que lhe surgia no cérebro. O cabritinho amarrado no interior da gaiola balava tristemente e a sua voz entrecortada e chorosa era como um anúncio que a vítima indefesa estava a fazer da sua presença. Tarzan sorriu, mas desta vez com amargura.

Seguindo o pensamento que lhe ocorrera, saltou ao chão, acercou-se da gaiola, onde entrou, desamarrando o pequeno animal, sem mexer na corda fibrosa que deveria fechar o alçapão. Tomando o cabritinho debaixo do braço, saiu da gaiola e com a sua faca de caça cortou com um golpe certo a veia jugular do animalzinho espavorido. Depois arrastou o cabrito que sangrava pelo atalho afora até a beira do rio, onde os animais costumavam ir beber. À beira d'água, o rapaz abaixou-se e com a faca de caça abriu destramente a carcaça, retirando as vísceras do animal, que enterrou em seguida na lama, porque Tarzan não comia as entranhas da caça. Pondo ao ombro a carcaça, trepou às árvores e foi seguindo na direção em que andavam os negros.

Mais adiante desceu outra vez ao chão para enterrar a sua presa, de modo a pô-la a coberto de alguma investida de Dango ou de qualquer outro comedor de carne. Tarzan estava com fome, mas o cérebro do homem branco achava-se empolgado por um plano que o absorvia completamente e essa preocupação sobrepujava os clamores do estômago vazio. Tarzan podia adiar o seu almoço para depois de ter feito o que projetava,

A carne do cabrito estava armazenada em lugar seguro e o homem-macaco de novo corria para alcançar os selvagens. A uns quatro quilômetros da armadilha os avistou e, trepando aos galhos, foi acompanhando os canibais, à espreita de oportunidade para executar o seu plano.

Entre os negros estava Raba Kega, o feiticeiro. Tarzan dos Macacos odiava todos os Gomanganis, mas deles nenhum lhe merecia rancor tão profundo como o bruxo. Este, mais preguiçoso que os outros selvagens, andava vagarosamente e ia ficando para trás. Ao ver Raba Kega distanciado dos seus companheiros, Tarzan ficou satisfeito e sua face expandiu-se em um grande sorriso, que não deixava de ter um aspecto terrível. Como o anjo da morte, o gigante branco ficou à espera, andando em roda de Raba Kega que, estando já próximo da aldeia e julgando-se livre de qualquer perigo, se sentara um pouco para descansar da caminhada. Repousa, pobre Raba Kega, é a tua última hora de gozar tranqüilo a sombra fresca da mata!

Tarzan, agachado, foi-se movendo sorrateiramente pelos galhos da árvore, a cuja

sombra, recostado e feliz, o feiticeiro da aldeia de Mbonga não tinha a mais ligeira suspeita do perigo que o ameaçava. Oculto pela folhagem e pelas trepadeiras, Tarzan não fazia o mínimo ruído. A floresta tropical era apenas ligeiramente agitada por uma brisa que sussurrava quase imperceptível por entre os arbustos e os galhos baixos das árvores e fazia oscilar suavemente as folhas dos ramos mais altos do grande gigante secular.

Raba Kega encostava-se gostosamente ao tronco da árvore em posição fronteira a Tarzan. Não era exatamente a postura que a implacável fera humana desejaria para executar o golpe planejado. Imóvel, o homem-macaco fitava o feiticeiro. O zumbido de um inseto chamou-lhe a atenção. O caso era sério. Tratava-se de um desses pequenos seres da selva, cujo poder ofensivo é incomparavelmente superior às suas dimensões e à sua fraqueza. Aquele inseto, cuja picada era mortal para animais menores que Tarzan, determinaria nele efeitos bastante graves, para deixá-lo adoentado por alguns dias. O homem-macaco bem sabia disso. Mas para afastar a mosca perigosa correria o risco de dar o sinal da sua presença e alarmar Raba Kega. O rapaz ficou imóvel, acompanhando por um momento com os olhos o vôo do inseto. Um segundo após, fixava de novo a presa cobiçada. A mosca esvoaçou e veio pousar na testa de Tarzan. Nem um só músculo do homem-macaco se contraiu. O inseto moveu-se, descendo pelo nariz, passando sobre os lábios e seguindo pelo queixo até a garganta de Tarzan. Aí retrocedeu, fazendo o mesmo percurso, até desviar-se para a face e subir pela pálpebra inferior, onde começou a tocar as pestanas do homem-macaco com as suas antenas.

Qualquer de nós civilizados, que somos escravos e não senhores dos nossos nervos, temos dificuldade em compreender a imobilidade de Tarzan. Mas ele era uma criatura da selva e tinha como todos os habitantes das brenhas a capacidade de dominar os seus músculos nos momentos em que uma contração compromete o êxito da caçada ou arrisca mesmo a vida do caçador. Por isso, Tarzan estava imóvel, como se a morte o tivesse petrificado. A mosca venenosa poderia ter passeado sobre o globo ocular do rapaz, e é bem provável que ele não tivesse piscado os olhos fitos sobre Raba Kega. Mas o inseto não chegou a tanto. Ficou mais alguns momentos a andar pela pálpebra inferior do gigante branco e depois voou e foi-se embora zumbindo na direção de Raba Kega.

O feiticeiro, ouvindo o zumbido e conhecendo quanto era perigosa a mosca que se avizinhava, tentou dar-lhe com a mão, mas errou o golpe e antes de conseguir matar o inseto, este o havia picado na bochecha. A dor intensa da picada irritou o feiticeiro que, levantando-se bruscamente, partiu na direção da aldeia, deixando as suas largas costas negras voltadas para o terrível animal de presa, que o espreitava, aguardando o momento de dar o bote.

E mal havia Raba Kega dado alguns passos, quando da árvore saltou a figura esbelta de Tarzan, que foi cair em cheio sobre o negro. O ímpeto do assaltante atirou o bruxo por terra. Dentes encravados em mandíbulas de aço pegaram o pescoço do selvagem. Quis gritar pedindo socorro, mas antes de abrir a boca, sentiu-se engasgado pela pressão de uns dedos tão fortes, que o feiticeiro só podia pensar fossem os de um demônio.

Debatendo-se, procurou livrar-se do inimigo, mas nas mãos de Tarzan dos Macacos o robusto guerreiro era apenas uma criança lutando com um homem. Ao cabo de alguns momentos, Tarzan afrouxou os dedos que comprimiam a garganta do negro, mas de cada vez que Raba Kega se preparava para gritar os tentáculos inexoráveis o sufocavam de novo. Qualquer movimento de resistência por parte do selvagem era baldado. Tarzan ajoelhado sobre as costas do prisioneiro, esfregava-lhe a cara na lama do chão todas as vezes que Raba Kega esboçava uma tentativa de erguer-se. Quando o feiticeiro já desistira de resistir, Tarzan amarrou-lhe os pulsos atrás das costas com um pedaço de cipó, pondo em seguida o negro de pé e empurrando-o brutalmente o levou pelo atalho na direção do lugar em que os seus companheiros haviam deixado a armadilha.

Até o momento em que ficou de pé, Raba Kega não sabia quem era o seu agressor. Quando se viu diante do demônio branco da floresta, o terror que se apoderou do negro foi simplesmente indescritível. Mas à medida que ia caminhando pelo atalho sempre empurrado por Tarzan, o feiticeiro, que apesar de tudo não estava muito machucado, foi recobrando o ânimo e começou a entreter esperança. Aquele demônio branco não era afinal de contas tão perverso como parecia. Não raptara ele Tibo, conservando-o consigo na floresta sem lhe fazer mal algum, e não o restituíra depois a Momaia, quando lhe teria sido fácil matar a mãe de Tibo? Era bem possível que aquele deus demoníaco não o quisesse matar.

Raba Kega consolava-se com essa esperança, quando chegou, aos empurrões do homem-macaco, junto à gaiola, que ele e os seus companheiros haviam colocado com a armadilha e a isca para apanhar vivo Numa, o leão. O feiticeiro viu com assombro que o cabritinho posto como isca havia desaparecido e que o alçapão estava aberto. Tudo isto não lhe causou apenas espanto, mas apreensão também. No cérebro rudimentar do negro formava-se uma associação de idéias entre o que via e o que lhe acontecera. Raba Kega começava a suspeitar que o mistério da gaiola se prendia à sua captura pelo deus branco da selva.

O raciocínio do selvagem estava certo, como pôde logo verificar ao ser empurrado brutalmente por Tarzan para dentro da gaiola. O negro transpirava por todos os poros e tremia como em um acesso de febre, enquanto o homem-macaco o amarrava solidamente ao mesmo lugar a que estivera atado o cabritinho. O bruxo

implorava misericórdia e não tendo mais esperança de escapar com vida, pedia angustiosamente a Tarzan que o matasse logo, poupando-o à morte horrível que lhe estava preparada. Mas o negro bem podia guardar as suas súplicas para fazê-las a Numa, porque estava diante de outra fera não menos implacável e que também não entendia uma palavra do que ele dizia.

Entretanto aquele palavreado choroso aborrecia Tarzan, que silenciosamente ia amarrando o feiticeiro. Além de aborrecê-lo, a gritaria do negro poderia atrair a atenção de outros selvagens que porventura andassem pela floresta. O homem-macaco tomou as providências que o caso exigia. Saltando da gaiola, apanhou um punhado de capim, à beira do atalho e foi metê-lo na boca do negro, atravessando-lhe entre os dentes um pedaço de pau, que amarrou com uma tira da tanga do selvagem, de modo a fazer a mais eficiente mordaca. Raba Kega só podia agora rolar os seus grandes olhos de um lado para outro e suar frio por todos os poros. Assina Tarzan o deixou, indo em seguida ao lugar onde enterrara a carcaça do cabritinho. Cavando retirou a carcaça e foi para uma árvore fazer a refeição que, adiada, bem reclamada era agora pelo seu estômago vazio.

Depois foi enterrar os restos do almoço e seguiu para a beira do rio, indo beber a água espumante que vinha em cascata por entre dois penedos. Neste particular o homem-macaco era muito exigente. Outros animais da selva podiam saciar a sede com água estagnada, mas Tarzan não gostava de beber senão água límpida e corrente. Tomando nas mãos água lavou-se para tirar a catinga do Gomangani que se lhe pegara ao corpo e para limpar da cara o sangue do cabrito. E à semelhança de um grande gato preguiçoso trepou a uma árvore e foi aboletar-se confortavelmente, para dormir a sesta. Quando Tarzan acordou já era escuro, embora uma luz pálida iluminasse o céu para o lado do poente. Um leão, uivando e tossindo, passou pelo atalho na direção do rio. O rapaz, meio dormindo, sorriu e voltou a mergulhar no sono profundo e reparador.

Quando os guerreiros negros de Mbonga chegaram à sua aldeia deram por falta de Raba Kega. E como ao cabo de muitas horas o feiticeiro não aparecesse, começaram a julgar que alguma coisa lhe acontecera. A maioria da tribo desejava cordialmente que se alguma coisa tivesse acontecido ao feiticeiro, a ocorrência fosse fatal. Na aldeia Raba Kega não era estimado. Todos o temiam e em geral quem provoca o medo não inspira amizade. Mas Mbonga, como sempre, encarava o caso do ponto de vista do homem de governo. Um guerreiro era um guerreiro e a sua perda representava um prejuízo para a tribo. Assim, o chefe mandou organizar um grupo, para fazer uma batida pela selva. Afora as suas preocupações de chefe da tribo, Mbonga não estava tão sentido pelo desaparecimento de Raba Kega, que a possibilidade da sua morte o tornasse inconsolável. E como de costume, o chefe dos

Gomanganis foi dormir tranqüilamente.

Os jovens guerreiros designados por Mbonga para saírem em procura do feiticeiro avançaram firmes, seguindo o seu objetivo durante meia hora. Mas um desses incidentes, de que tantas vezes depende a sorte de um homem, veio transformar as coisas. Um pássaro conhecido pelo seu hábito de encontrar colméias com mel foi avistado pelos selvagens, em condições que lhes mostraram dever existir pela vizinhança a iguaria silvestre tão apreciada pelos negros. Esqueceram-se de tudo e seguiram o pássaro indicado. O destino de Raba Kega tornara-se irrevogável.

Quando os guerreiros voltaram sem trazer o bruxo e sem nada saber do seu paradeiro, Mbonga ficou encolerizado. Mas logo que os expedicionários lhe apresentaram a grande colméia contendo mel em abundância, o chefe acalmou-se. Tubuto, um negro moço, esperto e perverso, já se estava exercitando na prática da magia negra no caso de uma criança doente, com a esperança de ser o sucessor de Raba Kega, no exercício do cargo e no gozo dos respectivos proventos. À noite as mulheres do feiticeiro estavam a gemer e a uivar atrozmente as suas lamentações. Amanhã ninguém mais se lembraria de Raba Kega. Assim é a vida e assim se dissipam o poder e a fama, tanto nos centros de mais intensa civilização, como no meio da primitiva selva equatorial. Assim é o homem em toda a parte. E muito pouco tem ele progredido debaixo do verniz que o vem cobrindo há seis milhões de anos, desde que para escapar ao tiranossauro foi-se esconder em um buraco entre dois rochedos.

Ao amanhecer do dia imediato Mbonga foi, com os guerreiros que haviam posto a armadilha para o leão, examinar o resultado do seu artifício de caça. Muito antes de chegar ao lugar onde haviam posto a gaiola, os negros começaram a ouvir os rugidos de um leão, o que os encheu de alegria e os fez aproximarem-se por entre exultantes exclamações do ponto onde deviam encontrar a caça desejada.

De fato lá estava preso na gaiola um magnífico leão de juba negra, rugindo em enfurecido protesto contra o seu cativo. Os negros começaram a dar pinotes, expandindo em gritos frenéticos a sua imensa alegria. Mas ao chegarem à gaiola o alarido cessou e os selvagens de boca aberta, revirando os olhos até mostrar todo o branco deles, recuaram atônitos e espavoridos. O leão estava preso na gaiola, mas lá dentro estavam também estraçalhados os pedaços do que até a véspera fora Raba Kega. O leão, apesar de faminto, ficara tão assustado e enraivecido com o súbito encarceramento, que não devorara o corpo do feiticeiro depois de tê-lo matado. Mas nos seus acessos de cólera a fera várias vezes investira contra o cadáver da vítima, que assim se fora pouco a pouco tornando um montão horrível de carnes estraçalhadas.

Empoleirado em uma árvore, Tarzan, Lorde Greystoke, deliciava-se com o

assombro dos selvagens mistificados pela esplêndida peça que lhes pregara. O senso humorístico de Tarzan ficara um tanto mortificado desde o dia da sua desastrada aventura aparecendo coberto com a pele de leão para assustar os macacos da tribo de Kerchak. Fora, sem dúvida, um grande fiasco. Mas Tarzan dos Macacos desforrara-se e tinha razão para estar agora risonho e satisfeito. A sua última pilhéria tivera indiscutivelmente um sucesso colossal.

Passados os primeiros momentos de terror, os negros voltaram para junto da gaiola movidos agora pela raiva e pela curiosidade. Como poderia ter aquilo acontecido? Não havia o menor sinal do cabritinho que fora posto como engodo para o leão. E com espanto e susto, os selvagens observaram que Raba Kega fora amarrado dentro da gaiola exatamente com a mesma corda de cipó com que eles haviam atado o cabrito. Quem poderia ter feito semelhante coisa? perguntavam os negros uns aos outros, entreolhando-se apavorados.

Tubuto tomou a iniciativa de responder. O candidato ao posto de feiticeiro da tribo viera com a expedição, na esperança de uma oportunidade em que pudesse granjear prestígio. A ocasião se lhe apresentava e o pretendente à sucessão de Raba Kega, com a presença de espírito de um adepto da arte negra, afirmou solene e peremptório:

— Eu sei quem o fez. Foi o demoníaco deus branco da floresta. Isto é obra dele.

Ninguém contestou a sentença de Tubuto. Realmente, quem seria capaz de realizar proeza tão surpreendente, senão o grande macaco branco e pelado, que era o terror dos negros da aldeia de Mbonga? E o ódio dos selvagens a Tarzan aumentou ainda, como também cresceu muito mais o pavor que lhes inspirava o gigante branco. No alto da árvore, Tarzan, satisfeito, apertava o peito com os braços em uma atitude de indizível contentamento.

Nenhum dos negros sentia a morte de Raba Kega. Mas cada um deles pensava com horror na possibilidade de o espírito engenhoso do deus branco da floresta descobrir para todos os guerreiros da tribo morte tão diabolicamente terrível, como a que preparara para o feiticeiro. E arrastando a gaiola com o leão prisioneiro pelo largo atalho de elefante em direção à aldeia, os negros caminhavam abatidos e macambúzios, sem darem os sinais de alegria com que costumavam marchar, quando voltavam de uma caçada bem sucedida.

E ao transporem a paliçada fechando imediatamente o portão sentiram-se aliviados, como se acabassem de escapar a um grande perigo. Todos tinham a impressão de que vinham sendo espiados durante a marcha pela selva, embora nenhum houvesse observado alguma coisa que pudesse justificar o medo que os empolgava.

Ao verem entrar a gaiola em que junto ao leão vinham os restos de Raba Kega, as mulheres e as crianças prorromperam em lamentações, atingindo em breve uma violenta exaltação histérica com gritos e risadas, talvez um pouco mais ruidosos, mas que não diferiam em última análise das manifestações com que entre os civilizados o sexo sensível costuma demonstrar o seu pesar pela morte de parentes e estranhos, talvez sobretudo quando se trata dos últimos.

Da grande árvore que sombreava a paliçada, Tarzan assistia a tudo que se passava na aldeia. Ouviu a gritaria histérica do mulherio e viu depois as negras armadas de varas e pedras atormentarem cruelmente o leão prisioneiro. A perversidade que os negros mostravam torturando os animais apanhados vivos despertara sempre em Tarzan um sentimento de profundo desprezo pelos Gomanganis. Se o homem-macaco analisasse esse sentimento, teria dificuldade em compreendê-lo, porque durante toda a sua vida se acostumara a presenciar sofrimento e crueldade. O próprio Tarzan era cruel, como cruéis eram todos os animais da selva. Mas a crueldade dos negros era diferente. Esta era uma crueldade perversa e que se comprazia na tortura dos que não se podiam defender, ao passo que a crueldade de Tarzan e das outras feras das brenhas era uma crueldade imposta pela necessidade ou determinada pela paixão.

Se o homem branco tivesse levado a esse ponto a análise do seu sentimento, ficaria ainda sem saber que a repugnância inspirada pelas atrocidades dos Gomanganis refletia nele uma influência hereditária. Era o sentimento inglês do *fair play*, a idéia enraizada no espírito da raça de só admitir a luta em condições que permitam a ambos os contendores defender-se com probabilidade de êxito, subsistia vigorosa em Tarzan, como um legado de seus pais. Mas disso nada sabia o homem-macaco que continuava a acreditar que sua mãe fora Kala, a bondosa macaca da tribo de Kerchak.

E à medida que o seu desprezo e rancor em relação aos Gomanganis aumentavam, o homem-macaco sentia maior simpatia pelo leão prisioneiro. Sem dúvida, Numa era um velho inimigo, mas Tarzan não tinha amargura na sua hostilidade ao leão e certamente nunca sentira desprezo por ele. Era um inimigo nobre e o homem branco, como todos os combativos, inclinava-se a respeitar e a admirar os adversários corajosos e fortes. Enquanto assim meditava sobre a cena que se passava na aldeia, o rapaz ia formando um plano para salvar a fera encarcerada. Mas Tarzan fazia questão de dar ao seu projeto um feitio que envolvesse com a libertação de Numa o maior incômodo e sofrimento aos negros.

Vendo que os guerreiros selvagens tinham puxado a gaiola para um recanto da aldeia, deixando-a entre duas choupanas, Tarzan concluiu que a fera ficaria ali até a noite, quando os Gomanganis a iriam torturar cruelmente, durante a orgia que celebrariam em sinal de regozijo pela esplêndida caçada. E a circunstância de que

dois guerreiros se tinham postado como sentinelas, afastando da gaiola as mulheres e as crianças, mostrou ao homem-macaco que a fera ficaria tranqüila até a noite, para ser então atormentada por processos diabólicos de tortura para divertir os negros.

O plano de Tarzan baseava-se no conhecimento que tinha do espírito supersticioso dos selvagens e do pavor que a noite lhes inspirava. Assim, esperaria até que fosse escuro, quando estivessem na exaltação histérica a que as danças orgíacas os levavam, para dar então o seu golpe de mestre, pondo em liberdade o leão e infligindo aos negros o terror, cujas manifestações tanto divertiam o homem branco. Entretanto, o rapaz teria tempo de elaborar as minúcias do seu plano, de modo a assegurar-lhe completo êxito.

Tendo depois entrado pela selva à procura de caça para o seu jantar, Tarzan, enquanto andava pelas árvores, acertou afinal nos meios de realizar o seu projeto de libertação de Numa. O plano concebido fê-lo a princípio sorrir satisfeito, mas depois dúvidas o assaltaram ao pensar no que acontecera quando de outra vez recorrera ao mesmo expediente. Entretanto, Tarzan não abandonou a idéia e esquecendo o jantar foi às carreiras até o local onde acampava a tribo de Kerchak.

Como de costume Tarzan apareceu de repente na clareira, só dando sinal da sua presença ao saltar das árvores, gritando de modo a sobressaltar os antropóides. Estes rasparam mais uma vez o susto que infalivelmente lhes causavam as surpresas do homem-macaco, a que nunca podiam acostumar-se. Felizmente para os antropóides o seu organismo sadio e robusto resistia àquelas freqüentes emoções violentas, que teriam provavelmente acabado por tornar cardíacos os civilizados que a elas se vissem habitualmente sujeitos.

Vendo que o recém-chegado era Tarzan, os monos limitaram-se a rosar amuados e voltaram uns ao repasto e outros ao cochilar em que se achavam a fazer a digestão. O homem-macaco seguiu logo a procurar alguma coisa na concavidade da grande árvore fendida pelo raio, onde guardava o seu tesouro cuidadosamente protegido da curiosidade dos seus companheiros da tribo e da bisbilhotice de Manu, o mico. Dali Tarzan tirou a pele de Numa, que uma vez furtara da aldeia de Mbonga e que lhe despertava sempre a lembrança da ridícula e perigosa aventura, em que se disfarçara como leão para assustar os antropóides. Aquela pele fora em tempo propriedade de Raba Kega e era uma peça interessante, que não deixava de honrar a habilidade dos primitivos peleiros da aldeia dos Gomanganis.

Carregando a pele, Tarzan foi cuidar da sua refeição vespertina, dormindo em seguida, de modo que já estava escurecendo quando chegou ao seu galho habitual de observação da aldeia de Mbonga, na árvore que sombreava a paliçada. O leão ainda estava vivo e os dois negros que guardavam a gaiola cochilavam. Um leão não é novidade para os negros que vivem em regiões onde o grande carnívoro é uma das

feras mais freqüentemente encontradas na selva. O interesse despertado na aldeia pela chegada de Numa prisioneiro já havia arrefecido e os selvagens aguardavam agora despreocupadamente as diversões cruéis da orgia noturna.

Esta começou pouco depois do anoitecer. Ao som dos tantas, os tambores usados pelos selvagens, um guerreiro alto e forte saltou para o meio da aldeia junto a uma fogueira, enquanto ao redor se colocavam acorados outros guerreiros e por trás destes as mulheres e crianças. O dançarino estava todo pintado e os gestos e movimentos da dança que executava simulavam a procura do rastro da caça. O negro abaixava-se, como se estivesse a procurar pelo chão a pista da caça. Depois assumia a postura de uma estátua a escutar atentamente. O guerreiro era um belo tipo da sua raça, moço, esbelto, musculoso e ereto como uma flecha. Os reflexos da fogueira punham em destaque as formas belas do seu corpo atlético e salientavam no ébano da sua pele os desenhos grotescos pintados na cara, no peito e no abdome.

De repente deu um grande salto e a expressão de alegria estampada na face indicava o encontro da pista. Dirigindo-se aos guerreiros, anunciou-lhes o que achara e concitou-os a acompanhá-lo à caçada. Tudo isto era feito por mímica. Mas a pantomima era tão perfeita que Tarzan entendia tudo que o dançarino queria exprimir, como se ele lho estivesse contando.

Os guerreiros tomaram então dos seus chuços de caça e juntaram-se ao dançarino-mor na execução de curiosos movimentos coreográficos, indiscutivelmente muito artísticos e impressionantes. Tarzan estava interessado no espetáculo, mas compreendeu que precisava agir com presteza para levar a bom termo o seu projeto. O homem-macaco assistira outras vezes a estas danças e sabia que dentro em breve começaria a mímica da perseguição à caça e logo após a da matança desta. E quando chegasse a este ponto do desenvolvimento coreográfico, a gaiola de Numa estaria cercada de guerreiros e seria portanto inacessível.

Com a pele do leão debaixo do braço, o rapaz pulou da árvore para o interior da aldeia e esgueirando-se pelas sombras por trás das cabanas chegou ao lugar onde Numa se movia nervosamente de um lado para outro, na estreita gaiola em que se achava encarcerado. As duas sentinelas tinham ido tomar parte na dança e a gaiola estava sem guarda.

Atrás da prisão de Numa, Tarzan ajustou sobre si a pele de leão, tal qual fizera no dia memorável, em que os antropóides da tribo de Kerchak o tinham tomado pelo rei da floresta e quase haviam dado cabo dele. Concluído o disfarce, o rapaz seguiu gatinhando por entre as cabanas, até poucos passos de distância dos negros que lhe davam as costas e estavam absorvidos na contemplação da dança.

Tarzan observou que os selvagens tinham atingido o grau de exaltação histérica, em que os seus nervos estavam bem preparados para o golpe do leão. Dentro em

poucos momentos os assistentes abririam alas e os guerreiros iriam buscar Numa para trazê-lo ao centro da assembléia. O homem-macaco aguardava esta ocasião para agir.

O momento esperado não tardou. A um sinal dado por Mbonga, o chefe, as mulheres e as crianças moveram-se e recuaram, deixando aberta uma passagem na direção da gaiola. Ao mesmo tempo que os selvagens abriam alas, Tarzan, soltando o ronco profundo e rouco do leão enfurecido, avançou na direção dos dançarinos em frenesi.

Uma mulher foi a primeira a vê-lo e começou a gritar. O alarma foi imediatamente acompanhado por um pânico geral. Aos clarões da fogueira os negros viram distintamente a cabeça do leão que avançava e, conforme Tarzan previra, acreditaram que a fera tivesse escapado da prisão.

O rapaz caminhou, imitando outra vez o rugido feroz do animal. Os negros pararam a dança. Estavam-se preparando para lidar com um leão engaiolado e a situação que se lhes deparava agora era muito diferente. Os seus nervos não se achavam afinados para semelhante eventualidade. As mulheres e crianças já haviam debandado em busca do abrigo de segurança muito duvidosa, que lhes ofereciam as cabanas. Os guerreiros não demoraram muito em imitar o exemplo e Tarzan dos Macacos viu-se senhor da rua deserta.

Mas não ficou sozinho por muito tempo, nem isto convinha ao plano de Tarzan. Ao cabo de poucos minutos, um, depois outro e mais outro e afinal uns vinte ou mais guerreiros já se achavam às portas das cabanas, à espreita de que o leão os atacasse ou tentasse sair da aldeia.

Com os chuços em punho para receber o assaltante ou para persegui-lo no caso de querer fugir, os negros, tendo recobrado um pouco de ânimo, tomavam atitude de combate. Então o leão se pôs de pé nas suas patas traseiras, desvencilhando-se da pele e os negros cheios de pasmo e de horror viram erguida à luz vermelha da fogueira a figura gigantesca do deus branco da floresta.

Por algum tempo os selvagens ficaram paralisados pelo medo e pelo assombro. Temiam mais o demônio branco que o próprio leão. Mas seriam capazes de atacá-lo e destruí-lo se pudessem dominar a perturbação em que se achavam e recobrar coragem para agir. Entretanto, o pavor supersticioso e também a mentalidade bronca própria do negro detinham os canibais petrificados onde estavam. O homem branco abaixou-se, apanhou a pele do leão e desapareceu na escuridão do outro lado da aldeia. Foi somente então que os selvagens criaram coragem e avançaram com os seus chuços em perseguição de Tarzan. Mas o demônio branco tinha desaparecido.

Enquanto os negros o procuravam no extremo da aldeia por onde se escapara, o

rapaz caminhava rapidamente pelas árvores em sentido oposto, saltando de novo para dentro da paliçada, depois de ter deixado pendurada em um galho a sua pele de leão. Outra vez na aldeia, Tarzan correu ao ponto em que estava o leão engaiolado. Pulando ao alto da gaiola o rapaz levantou o alçapão e em um segundo um autêntico e grande leão, em pleno vigor e furioso, estava livre na aldeia dos Gomanganis.

Os guerreiros de volta da busca que em vão haviam dado para encontrar o deus terrível da floresta, ficaram surpreendidos ao vê-lo à luz da fogueira, caminhando pelo centro da aldeia.

— Ah! lá está o demônio outra vez, fazendo das suas. Será possível que ele pense que em tão pouco tempo pode pregar duas peças aos guerreiros de Mbonga, o chefe? Vamos mostrar-lhe o que valem os.

Havia muito tempo que os selvagens ansiavam por um ensejo de se livrarem de uma vez por todas do temível deus branco da selva. Parecia-lhes ter chegado enfim o momento propício. Impetuosamente se precipitaram sobre Tarzan com os chuços prontos para a obra de destruição que os libertaria do pesadelo em que há tanto tempo viviam.

As mulheres e as crianças saíram das cabanas para assistir à morte do demoníaco deus branco. O leão volveu o olhar faiscante para os lados e partiu em arremesso contra os guerreiros que vinham do extremo oposto. Por entre gritos de alegria selvagem, os negros em atitude de triunfo avançaram com os seus chuços em riste para dar cabo da fera, que julgavam ser o próprio homem-macaco. Mas com um rugido terrível, Numa, o leão, deu o bote.

Os canibais, dando os gritos de combate, dispunham-se a ferir o adversário, mas nos seus cérebros primitivos surgia um temor confuso de que o poderoso deus da floresta ainda

lhes pregasse uma nova peça e os castigasse pela insolência de o terem enfrentado. O leão tinha uma aparência de animal de verdade. Mas os negros estavam convencidos de que por sob a pele do rei da floresta se ocultava a carne macia do homem branco, que não resistiria aos pontapés dos chuços de tantos guerreiros.

À frente dos selvagens avançava um enorme negro. Era moço, robusto e valente. Sem medo, o canibal ria gostosamente, fazendo pontaria para o peito do leão. Com um golpe rápido da pata dianteira, a fera partiu o chuço, como a mão de um homem teria quebrado um graveto seco. Um segundo golpe da pata formidável prostrou ao chão o negro com o crânio esmigalhado. E pulando por sobre a sua primeira vítima, o leão já estava no meio dos guerreiros, que debandavam para todos os lados, fugindo depressa, mas não tão depressa que uma dúzia deles não ficasse por terra

com os corpos esfaqueados pelas patas temíveis e pelas presas formidáveis da grande fera enfurecida.

Em terror, a população da aldeia fugia desordenadamente em todas as direções. Os negros, atingindo o auge do pavor histérico, corriam de um lado para outro, não sabendo onde abrigar-se. Para aquele perigo nunca visto, nenhuma cabana parecia oferecer aos selvagens segurança, enquanto o leão estivesse dentro da paliçada. No meio do pandemônio que agitava a aldeia, a soberba fera permanecia em atitude ameaçadora, como se estivesse gozando o medo que metera aos negros. Enquanto estes continuavam tontos sem parar na sua correria frenética, Numa rugia e rosnava ao redor dos corpos das suas vítimas.

Por fim, um dos selvagens escancarou o portão da paliçada e foi esconder-se entre os galhos nas árvores da orla da floresta. O resto da tribo imitou o exemplo e dentro em breve o leão ficava sozinho na aldeia, onde dos negros só restavam os que haviam sido mortos ou feridos pela fera. Das árvores a que se tinham refugiado, os Gomanganis viram Numa agarrar pelo ombro um dos mortos e arrastá-lo em passo majestoso pela rua da aldeia, transpondo o portão e desaparecendo muito tranqüilamente na floresta. Assistiam àquilo tremendo de medo. Em outra árvore Tarzan dos Macacos

também observava a cena e sorria satisfeito. Mais de uma hora se passou desde a partida do leão com a sua vítima, sem que os negros tivessem coragem de descer das árvores e voltar à aldeia. Os olhos dos selvagens rolavam nas órbitas. E os arrepios da sua pele nua eram de medo e não causados pela friagem noturna da mata.

Murmurando assustados, os selvagens diziam uns aos outros:

— É o deus branco, sempre aquele terrível demônio. Foi ele quem se transformou duas vezes em leão e depois carregou Mweeza e agora o está devorando no meio da floresta.

Um dos negros sentenciosamente falou:

— Não temos mais segurança aqui. Precisamos ir para outro lugar bem longe destas terras por onde anda o demônio branco. Carreguemos tudo que é nosso e armemos outra paliçada à maior distância possível do deus terrível.

Ao amanhecer do dia seguinte os selvagens tinham recobrado a calma. Das cenas da véspera nada haviam aproveitado para procurar defender-se melhor. A única lição dos trágicos acontecimentos que tinham interrompido a orgia noturna, era o robustecimento da crença no poder sobrenatural de Tarzan dos Macacos e na origem divina daquele ser branco, terrível e invulnerável.

E assim, a fama de Tarzan crescia e se difundia por toda a selva, porque o homem

branco se afirmava como a mais terrível das feras da floresta. E realmente ele o era. A sua inteligência multiplicava a força dos seus músculos de gigante e tornava mais eficiente aquela coragem, que não vacilava nem diante dos maiores perigos.

CAPÍTULO 12

A lua salva por Tarzan

A LUA BRILHAVA em um céu sem nuvens, uma grande lua cheia, que parecia estar tão baixo, como se fosse roçar pelo tope dos ramos, no alto das árvores da floresta. Tarzan, o homem-macaco, andava à noite passeando pela selva. Ao saltar pelos galhos na sombra da mata o forte lutador e grande caçador não poderia dizer o que o impelia naquela vagabundagem. Não estava com fome. Naquele dia comera abundantemente e em esconderijo seguro estavam os restos do seu lauto jantar, ao seu dispor, se o apetite lhe voltasse. Talvez fosse mesmo a sensação de bem-estar e a alegria de viver que o tivessem levado a deixar o seu confortável sofá arbóreo para ir correr a floresta suavemente iluminada pelo luar. Aliás, Tarzan sentia sempre um grande prazer em satisfazer a sua insaciável curiosidade e o desejo cada vez mais forte de aprender coisas novas.

A selva que durante o dia é presidida por Kudu, o sol, é inteiramente diferente da selva que nas horas da noite é dominada por Goro, a lua. A selva diurna apresenta aspectos peculiares. Sombras e efeitos de luz, pássaros, flores, animais

e os seus ruídos são as vozes do dia. À noite, as sombras e os efeitos da luz lunar transformam a selva em um mundo diferente, tão diferente quanto se podem imaginar sombras e luzes de um mundo distinto daquele em que vivemos. Os animais da floresta noturna, as suas flores e os seus pássaros não são aqueles que aparecem nas brenhas enquanto Kudu, o sol, impera triunfalmente no céu.

Eram estas diferenças que incitavam Tarzan a investigar os segredos da noite na selva. E a floresta noturna não era apenas diferente da diurna. Era também mais opulenta na variedade dos seus aspectos, mais romântica e mais cheia de perigos. E o perigo era para o homem-macaco aquilo que mais encanto dava à vida. Os ruídos que quebravam o silêncio da noite, os roncoss cavernosos de Numa, o leão, os gritos agudos de Sheeta, a pantera e os latidos que ecoavam pela selva, como gargalhadas sinistras anunciando a aproximação de Dango, a hiena, soavam aos ouvidos de Tarzan à maneira de notas musicais cheias de beleza.

O tropel de macios pés invisíveis, o sussurro das folhas e das ervas entreabertas ao passar de temíveis animais de rapina, o brilho opalino de olhos fulgurando na escuridão, os incontáveis ruídos que atestam a exuberante efervescência da vida que se podia ouvir e cheirar, embora raramente ver, constituíam o grandioso conjunto de atrativos que tornavam a noite na selva tão fascinante para Tarzan.

Naquele noite o rapaz caminhara pelas árvores uma grande distância para leste e depois para o sul e agora estava voltando de novo na direção do norte. Os seus

olhos e ouvidos, bem como as suas narinas sensíveis estavam alerta. Misturados com os ruídos que lhe eram familiares, distinguiram-se outros que Tarzan nunca ouvira, até que Kudu, o sol, mergulhava o seu disco em fogo na borda das grandes águas. Eram os ruídos que só se ouviam nas horas de sombra, quando chegava o domínio de Goro, a lua. Muitas vezes o homem-macaco, intrigado por aqueles ruídos, meditava longamente sobre eles, procurando uma explicação que o satisfizesse. Tarzan não conseguia esclarecer-se, porque, julgando-se conhecedor de tudo que havia na selva, não podia compreender que nela existisse alguma coisa estranha para ele.

Tendo observado que as cores e mesmo as formas apresentavam outro aspecto à noite, o homem-macaco concluiu que a mesma coisa ocorria com os sons. E pensando em tudo isso começou a conjecturar que Kudu e Goro exerciam influência sobre essas transformações, que tão profundamente alteravam a fisionomia da selva. E nada mais natural que essas cogitações o levassem a atribuir ao sol e à lua personalidades semelhantes à sua própria. O sol era um ser vivo que governava o dia, e a lua, dotada de cérebro e de poderes miraculosos, reinava durante a noite.

Por essa forma, o espírito inculto do homem branco ia tateando no meio da ignorância em que se achava mergulhado, para explicar as coisas que não podia tocar, nem cheirar ou ouvir e interpretar as grandes forças da natureza, que escapavam aos seus sentidos.

Vinha Tarzan marchando de galho em galho para o norte a completar o grande círculo da sua excursão noturna, quando sentiu a catimba dos Gomanganis junto ao cheiro acre de madeira queimada. O rapaz apressou-se seguindo a pista, que lhe trazia a aragem. Não tardou em que por entre as árvores percebesse clarões de fogo e quando logo após chegou a uma árvore donde podia observar o que se passava, avistou uma meia dúzia de negros ao redor de uma fogueira. Não havia dúvida de tratar-se de um grupo de selvagens da aldeia de Mbonga, o chefe, que andavam a caçar e tinham sido surpreendidos pela noite na floresta. Em torno, os Gomanganis haviam improvisado um grande cercado circular de paus espinhosos. Desse modo e com o fogo, os negros contavam afastar dali os grandes carnívoros, que àquela hora rondavam pela mata.

Que a esperança não chegara a ser neles uma certeza, podia-se verificar pela expressão de terror que tinham nas faces, enquanto acorados e encostados uns aos outros ouviam os rugidos de Numa, o leão, e de Sabor, a leoa, que se avizinhavam. Além do rei da floresta e da sua companheira, outras criaturas da selva andavam também por perto. Tarzan viu-lhes os olhos amarelos a faiscar e os selvagens, que igualmente os avistaram, puseram-se a tremer de medo. Um dos Gomanganis, mais ousado, pegou de um tição de

brasas e agitou-o diante dos olhos que brilhavam entre as árvores. Os dois olhos ameaçadores desapareceram. O negro voltou para junto da fogueira e o grupo pareceu acalmar-se. Mas Tarzan, da árvore em que se achava, viu ao cabo de alguns minutos reaparecerem os olhos faiscantes e logo em seguida outro par não menos ameaçador. Depois ainda outros surgiram aqui e acolá, fixando todos os canibais sentados ao redor do fogo.

Passado algum tempo chegaram Numa, o leão, e Sabor, a sua companheira, e antes de ouvir o rosnar dos dois grandes felinos, os olhos amarelos que luziam entre as árvores desapareceram às pressas em todas as direções deixando só o casal de grandes devoradores de homens. Os negros ficaram aterrorizados. Alguns estavam tomados de tal pânico, que se lançaram ao chão gemendo angustiosamente. Mas o selvagem que já havia atirado o tição em brasa para afugentar a primeira fera que aparecera, pegou de uma acha de lenha em chamas e arremessou-a sobre o leão. O efeito foi instantâneo. O rei da floresta e a sua companheira puseram-se em precipitada fuga.

Este episódio interessou profundamente a Tarzan. Compreendeu então a razão das fogueiras entretidas à noite pelos Gomanganis e que lhes prestavam outro e ainda maior serviço que o de aquecer, iluminar e servir para cozinhar. As feras da selva tinham medo do fogo e este era, portanto, uma arma para a defesa contra elas. O próprio Tarzan sentia diante do fogo uma impressão estranha de respeito. Uma vez, fazendo pesquisas em uma fogueira meio apagada que os Gomanganis tinham deixado na mata, o homem-macaco pegara em um carvão aceso. Desde então, respeitava muito o fogo. A experiência daquele dia o ensinara para o resto da vida.

Por muitos minutos depois de o negro ter atirado o tição aceso sobre o leão, não se viam nas vizinhanças olhos amarelos arregalados, não obstante Tarzan ouvir constantemente o tropel surdo de patas aveludadas. Entretanto, mais tarde, reapareceram os dois olhos fulgurantes de Numa, o leão, e ao lado deles, em um plano um pouco inferior, os de Sabor, a leoa.

Por algum tempo, aqueles olhos fixos e imóveis brilharam como estrelas na escuridão da floresta noturna. Afinal Numa avançou majestosamente para a cerca improvisada, dentro da qual só um dos negros estava acordado de guarda e este, ao ver o leão aproximar-se, ficou espavorido. Mas, apesar do medo, o negro teve forças para apanhar outra acha em brasa e atirou-a ao focinho do rei dos animais. Como acontecera da primeira vez, o leão recuou imediatamente e foi-se acompanhado pela leoa. Contudo, desta vez não fugiu para tão longe, nem demorou tanto a voltar. Retornando, o casal de leões começou a andar à roda do tosco cercado de emergência, rosnando cada vez mais raivosos, mas olhando desconfiados de quando em quando para o fogo. Como caudatários do supremo potentado da floresta, foram

aparecendo pouco a pouco os carnívoros menores. Em breve reluziam em torno do pequeno acampamento dos canibais uma porção de olhos amarelos, que faiscavam como pontas de fogo.

Repetidas vezes, o negro agitou um tição em brasa diante das duas grandes feras. Mas Tarzan observou que o leão parecia ir perdendo o medo e de cada vez ligava menos importância ao gesto ameaçador do selvagem. O homem-macaco compreendeu que o casal de leões estava esfomeado e concluiu que as feras se achavam decididas a matar a fome com a carne de um Gomangani. Mas se atreveriam os dois grandes animais de rapina a aproximar-se das chamas tão temidas?

Exatamente quando Tarzan formulava a si mesmo esta pergunta, Numa, que até então caminhava nervosamente, parou e fixou o olhar sobre a cerca. Por um momento a fera ficou imóvel, mas agitando nervosamente a cauda. Depois avançou resolutamente, enquanto Sabor continuava a andar de um lado para outro no lugar em que o companheiro a deixara. O selvagem de guarda deu alarma, avisando os outros de que o leão vinha atacá-los. Mas os negros ficaram tão aterrorizados que nada puderam fazer senão gemer ainda mais alto.

O selvagem, que evidentemente possuía uma coragem muito superior à dos outros guerreiros negros do grupo, arremessou um pedaço de pau em chamas à cabeça do leão.

A fera, soltando um rugido terrível, deu um bote, transpondo o cercado. Mas o negro com agilidade não menor que a do grande felino, saiu para o lado, correndo até o outro extremo do cercado e pulando este, trepou à primeira árvore que encontrou.

Numa não se demorou senão alguns segundos dentro do cercado. A vizinhança do fogo não agradava evidentemente ao rei dos animais. Mas ao pular de retorno a barreira trazia consigo um dos negros, que berrava angustiosamente. Indo ao encontro de Sabor, a leoa, Numa partiu em companhia dela para a escuridão da floresta. Ouviam-se ainda por entre o rosar das duas grandes feras os gritos cada vez mais fracos do selvagem que o leão arrastava.

A considerável distância da fogueira e onde já não se percebia o clarão das chamas, o leão parou, rugiu ferozmente em coro com a sua companheira e os gemidos do negro cessaram para sempre. Passado algum tempo, Numa, que não ficara saciado, voltou e mais uma vez pulando a cerca improvisada repetiu a cena com outra vítima, cujo fim foi idêntico ao da primeira.

Tarzan levantou-se do ramo em que assistia ao espetáculo e seguiu despreocupadamente. A diversão já começava a aborrecê-lo. Bocejando e sentindo desejo de dormir, o homem-macaco encaminhou-se para a clareira, onde a tribo de

Kerchak já devia estar toda empoleirada nas árvores próximas e mergulhada em sono profundo.

Mas ao chegar ao seu ponto costumeiro de dormir, Tarzan estava sem sono e ficou recostado a pensar e a de-vanear. Olhando para o céu e observando a lua e as estrelas, procurava entender o que seriam elas e qual a força que as impedia de cair sobre a selva. O espírito de Tarzan estava sempre animado por insaciável curiosidade. Vivia a formular perguntas sobre o que se passava em torno dele. Mas nunca encontrara quem as respondesse. Na infância tivera uma ânsia de saber e agora que era homem feito tinha a mesma curiosidade insatisfeita da criança.

Não se contentava em perceber que as coisas aconteciam, queria saber porque elas ocorriam daquele modo. Sentia a necessidade de compreender a razão de ser dos fatos que o cercavam e que os seus sentidos observavam.

O segredo da vida o interessava imensamente. O mistério da morte não conseguia sondar. A curiosidade irreprimível de Tarzan o levava muitas vezes a examinar o interior do corpo dos animais que matava e em mais de uma ocasião aconteceu-lhe abrir a cavidade torácica das suas vítimas e ver o coração ainda a pular.

A experiência ensinara ao homem-macaco que um ferimento feito com a sua faca naquele ponto quase sempre matava imediatamente o animal, ao passo que podia dar muitas facadas em outros lugares, sem que a caça ficasse sequer incapacitada de combater ou de fugir. Assim, Tarzan chegara à conclusão de que o coração ou “a coisa vermelha que respira”, como ele o chamava, era a sede e a origem da vida.

O cérebro e as suas funções eram absolutamente incompreensíveis ao rapaz. O fato de que as percepções dos sentidos eram levadas ao cérebro e ali traduzidas, estava inteiramente fora da compreensão do homem-macaco. Julgava que os seus dedos pensavam, quando tocavam alguma coisa, que os seus olhos sabiam o que viam e que o mesmo acontecia com os seus ouvidos e as suas narinas.

Considerava a garganta, a pele e os cabelos como a sede das suas emoções. Quando Kala, sua mãe de criação, fora morta pela seta envenenada de um Gomangani, Tarzan sentira na garganta uma constrição forte que o sufocava. O contato desagradável com o corpo escorregadio de Histah, a serpente, provocava-lhe por toda a pele uma sensação peculiar. A aproximação de um inimigo arrepiava-lhe os cabelos.

Imagine-se uma criança maravilhada pelos espetáculos da natureza, querendo resposta a inumeráveis perguntas que lhe ocorrem a todo o momento e cercada apenas por animais da selva, para os quais semelhantes questões eram tão estranhas como se fossem formuladas em sânscrito. Quando Tarzan perguntava a Gunto quem fazia a chuva, o grande antropóide ficava tão sucumbido de pasmo, que nem

entendia o sentido do que lhe dizia o homem-macaco. E voltava ao seu interessante passatempo de catar pulgas, sem se lembrar mais do que lhe fora perguntado. E se indagava de Mumga,

que por ser muito velha deveria saber muitas coisas, mas não as sabia, a razão de certas flores fecharem a corola quando Kudu, o sol, se escondia enquanto outras se abriam exatamente durante a noite, Tarzan verificava que a velha macaca nunca prestara a mínima atenção àquele fato tão interessante, ao passo que podia informar com a mais rigorosa precisão quais os lugares em que se escondiam as mais gordas lagartas.

Para o rapaz aqueles fenômenos eram altamente interessantes, estimulavam a sua inteligência e a sua imaginação. Observava com atenção as flores e as folhas. Via como as corolas se abriam e fechavam. Verificava que certas flores se moviam durante o dia, acompanhando o curso do sol e notava também que havia folhas em movimento quando não soprava a mais ligeira brisa. À sua atenção não escapava a maneira como as trepadeiras subiam pelos troncos das árvores, e, pensando em tudo isso, Tarzan dos Macacos chegava à conclusão de que as flores, as folhas e as trepadeiras eram coisas vivas, porque se moviam. Muitas vezes o rapaz conversava com as flores, com as folhas e com as trepadeiras, como também falava a Goro, a lua, e a Kudu, o sol, e sempre ficava surpreso e desapontado em não obter resposta. Entretanto continuava convencido de que aquelas coisas vivas sabiam falar e estava certo de que o sussurro da folhagem era a conversa das folhas umas com as outras.

O vento era para Tarzan causado pelas árvores e pelas ervas. Julgava que as árvores e ervas quando se balançavam, produziam o vento. Nenhuma outra explicação podia encontrar para aquele fenômeno atmosférico. A chuva era atribuída por Tarzan ao sol, à lua e às estrelas. Mas a sua teoria era não somente muito prosaica, como mesmo pouco poética.

Naquela noite, no curso da meditação em que ia passando as horas de insônia, Tarzan dos Macacos com a sua fértil imaginação concedeu uma explicação para a existência das estrelas e da lua. A descoberta o pôs em grande excitação. Taug dormia em um galho próximo. O homem-macaco levantou-se e foi despertá-lo.

— Taug, Taug, acorda!

O antropóide, estremunhando, abriu os olhos e ergueu-se em sobressalto, julgando que o homem-macaco o vinha advertir de algum perigo, pressentido pelos avisos que surpreendia nas trevas da noite. Mas o rapaz em grande excitação exclamou:

— Olhe, Taug, e apontando para o céu prosseguiu: Veja, são os olhos de Numa, de Sabor, de Sheeta e de Dango. Estão todos no céu cercando Goro para dar-lhe

caça. Não vê os olhos, o nariz e a boca de Goro? Aquele brilho é o clarão da fogueira que Goro acendeu, para afugentar o leão, a leoa, a pantera e a hiena. Todos aqueles pontos luminosos são os olhos deles. Mas não têm coragem de aproximar-se, porque têm medo do fogo. Só os olhos de Numa e os de Sabor estão mais perto de Goro. É o fogo que protege Goro contra a fúria de Numa, o leão. Não está vendo tudo isso, Taug? Qualquer dia Numa estará tão esfomeado e zangado que criará coragem. Então ele irá pular por cima do cercado que rodeia Goro e Goro será comido. Depois disso não teremos mais luz para nos iluminar, quando Kudu fôr descansar na sua cova. A noite será então sempre escura, como é escura quando Goro está preguiçoso e fica dormindo até muito tarde ou quando fica vagabundeando durante o dia, esquecido da selva e dos seus habitantes.

Taug olhou estupidamente para o céu e depois para Tarzan. Um meteoro nesse momento atravessou o céu, fulgurante, deixando atrás de si uma esteira luminosa.

— Veja, Taug! exclamou Tarzan. Goro acaba de atirar uma acha de lenha da fogueira em cima de Numa.

Taug resmungando observou:

— Numa anda pela selva, bem sabe que Numa não caça em cima das árvores. Mas o antropóide estava um pouco inquieto. E começou a reparar nas estrelas.

Era a primeira vez que as examinava, porque embora elas houvessem brilhado todas as noites sobre a selva, Taug até aquele momento nunca as havia observado. Para Taug as estrelas como as flores não eram comestíveis e portanto não o interessavam. O antropóide ficou impressionado com o que Tarzan lhe dissera. Agitado, não podia conciliar de

novo o sono. Fitava as estrelas e olhava preocupadamente para a lua. Realmente, se Goro fosse comido por Numa, os grandes macacos, que nas noites de luar costumavam dançar sapateando sobre a terra, como se ela fosse um enorme tambor de argila, que iriam fazer? Se Goro fosse comido por Numa não haveria mais Dum-Dum. Semelhante perspectiva causava profunda impressão em Taug, que era um grande entusiasta das danças da tribo nas noites de plenilúnio. Olhou para Tarzan meio assustado.

O antropóide continuava a pensar. Por que motivo Tarzan teria umas conversas tão estranhas, dizendo coisas que nunca tinham ocorrido a nenhum outro membro da tribo? Taug, cocando a cabeça muito intrigado, começou a pensar se Tarzan de fato era um companheiro seguro, sendo tão diferente de todos os outros. Mas prosseguindo na meditação tão bem quanto lhe permitia o seu cérebro primitivo, o antropóide observou que Tarzan, embora tão estranho e tão diferente dos outros grandes macacos, lhe havia prestado melhores serviços e dado conselhos mais

acertados que qualquer outro membro da tribo, inclusive os mais fortes e mais sabidos.

Fora Tarzan que uma vez o libertara dos Gomanganis, ao tempo em que ele, Taug, encarava Tarzan como seu rival na disputa de Teeka. Ainda fora Tarzan quem salvara o seu balu. E quem senão o mesmo Tarzan organizara e executara o plano para perseguir o raptor de Teeka e retomar dele a companheira de Taug? O homem-macaco prestara tais serviços a Taug, que o antropóide, apesar de ser um mono bruto, criara por ele um sentimento de dedicação afetuosa, enraizado já como um hábito, quase como uma tradição, e que duraria enquanto Taug vivesse. O antropóide não dava sinais exteriores do seu afeto. Rosnava a Tarzan como a qualquer outro membro da tribo, quando o rapaz se chegava muito perto dele nas ocasiões em que o grande macaco fazia as suas refeições. Mas Taug não hesitaria em deixar-se matar em defesa de Tarzan. Disto o antropóide estava certo e Tarzan também o sabia. Mas não falavam desse assunto, porque o vocabulário da tribo continha expressões para definir atos, mas não encerrava

palavras para qualificar sentimentos. Taug estava entretanto aborrecido e adormecera pensando ainda nas palavras estranhas de seu companheiro.

No dia seguinte, o macaco, ainda impressionado pela conversa noturna e sem vislumbre de deslealdade para com Tarzan, transmitiu a Gunto o que o homem-macaco lhe dissera sobre os olhos de Numa, de Sabor, de Sheeta e de Dango em volta de Goro e acerca do perigo de Numa qualquer noite devorar Goro e a selva ficar assim às escuras. Para os antropóides todos os grandes seres da natureza eram masculinos. Assim, Goro era macho.

Gunto mordeu a ponta de um dos dedos calosos e lembrou que Tarzan uma vez lhe dissera que as árvores conversavam umas com as outras. Ganzo, que estava perto, interveio na conversa, contando que vira uma vez Tarzan dançando com uma pantera ao luar. A história não estava bem contada. Uma vez, Tarzan, tendo agarrado uma pantera, amarrara o animal a uma árvore com a sua corda de cipó e depois se pusera a dançar diante da fera para atormentá-la e enfurecê-la.

Prosseguindo a palestra, os antropóides continuavam a narrar episódios estranhos ocorridos com Tarzan. Tinham-no visto passear pela selva montado em Tantor, o elefante. Lembraram a sua aventura, trazendo para a tribo o pequeno Gomangani. Depois aludiram à sua vida misteriosa na ca-bana à beira da grande água. Os objetos que o homem-macaco ali guardava haviam sempre intrigado profundamente os antropóides. Os livros, sobretudo, causavam-lhes uma estranha impressão. Tarzan os mostrara por vezes aos seus companheiros de tribo, mas verificara que eles não entendiam nem as próprias gravuras.

— Tarzan não é um macaco, disse Gunto. Ele trará Numa para nos devorar, do

mesmo modo que está levando Numa para comer Goro. Devemos matar Tarzan.

— Matar Tarzan! exclamou Taug arreganhando os dentes e tomando logo uma atitude combativa. Antes vocês terão de matar Taug. E com estas palavras o robusto antropóide foi-se em busca de alimento.

Outros membros da tribo acercaram-se de Gunto e foram com ele conspirando contra a vida de Tarzan. Os macacos recordavam várias coisas que o homem branco costumava fazer e que eles não somente não podiam imitar, como não conseguiam compreender. Ao cabo da conversa, Gunto reafirmou a sua opinião de que Tarmangani, o macaco branco, devia ser morto. Os outros antropóides que se achavam excitados pela recapitulação das proezas misteriosas de Tarzan e julgavam agora que ele estivesse planejando a destruição de Goro, a lua, o que era coisa ainda muito mais grave, manifestaram com roncões de assentimento a sua adesão ao projeto de Gunto. Era de fato preciso matar o macaco branco, antes que ele causasse grandes calamidades à tribo de Kerchak.

Entre os presentes estava Teeka que não apoiou a idéia de Gunto, tendo mesmo em sinal de protesto eriçado o pêlo e arreganhado os dentes. Dali a macaca, sempre dedicada a Tarzan, saiu pela mata em sua procura, para avisá-lo do que se premeditava contra ele. Não o encontrou, porém, porque o rapaz andava caçando ao longe. Encontrou-se entretanto com Taug, seu companheiro, a quem informou sobre o que ouvira de Gunto e dos outros membros da tribo. Taug avançou para a clareira onde se achavam os antropóides com os olhos muito congestos, o lábio superior levantado deixando à mostra os dentes formidáveis. O atlético macaco dispunha-se evidentemente para lutar, como já o indicavam de modo inequívoco o pêlo eriçado ao longo da espinha e os rugidos em que exprimia a sua cólera. Mas nessa ocasião um rato entrou aos saltos pela clareira e Taug, deixando em paz os que premeditavam a morte de Tarzan, correu para apanhar o pequeno roedor. Em um segundo, parecia ter esquecido o ódio aos inimigos do seu companheiro de infância. Assim são todos os antropóides.

A alguns quilômetros de distância, Tarzan dos Macacos cavalgava Tantor, o elefante, cocando com um pedaço de pau a base das orelhas do gigantesco paquiderme. E enquanto caminhavam pela selva, o rapaz ia contando a Tantor as coisas que lhe enchiam a cabeça. O elefante não entendia por certo as palavras de Tarzan, mas gostava da sonori-

dade de sua voz e achava um prazer imenso na sensação que lhe davam as cócegas na cabeça. E Tantor sentia também uma atração pelo rapaz, em quem a seu modo via um amigo.

Numa, o leão, cujo faro apanhara a pista de homem, avizinhou-se por entre as árvores. Mas ao deparar-se-lhe o paquiderme, armado com as presas formidáveis de

que o próprio leão tem muito medo, tratou de ir procurar caça em lugar mais seguro.

O elefante percebeu logo o cheiro do leão trazido à tromba sensível pela aragem ligeira que soprava, e foi logo dando a Tarzan o sinal de alarma com um trombetear característico, a que o homem-macaco se achava bem acostumado. Tarzan deitou-se lânguidamente de costas sobre o lombo áspero do elefante. As moscas voavam sobre a sua face, mas com um ramo arrancado de uma árvore, ele as ia preguiçosamente espantando.

A alegria de viver empojava o rapaz.

— Tantor, disse ele, como é bom viver! É bom viver à sombra fresca da floresta, vendo as árvores verdes e as flores de cores brilhantes e tudo mais que Bulamutumumo pôs aqui para nós. Ele é muito bom para nós, Tantor. Ele deu a você folhas tenras e cascas macias das árvores e ervas gostosas para comer, Tantor. A mim, Bulamutumumo deu Bara, Horta e Pisah para que eu me alimentasse com a sua carne e pôs também na selva, para que eu comesse, as frutas, as nozes e as raízes. A cada um, ele dá o alimento que cada um prefere. A única coisa que Bulamutumumo exige de nós é que sejamos fortes e astutos, para encontrarmos e nos apoderarmos do alimento que desejamos. Sim, Tantor, é bom viver e eu destestaria morrer.

Em resposta, o elefante alçou a tromba, para fazer com a ponta uma carícia na bochecha de Tarzan.

— Tantor, exclamou o homem-macaco, volte e vá correndo na direção da tribo de Kerchak, o grande macaco. Tarzan quer aparecer no meio dos macacos montado na cabeça de Tantor, o elefante, em vez de ir andando sobre os seus próprios pés.

O paquiderme obedeceu e foi majestosamente caminhando na direção indicada por Tarzan. De quando em vez parava um pouco para comer folhas verdes ou a casca tenra de alguma árvore à margem do atalho. Tarzan ia de bruços, as pernas apertando o lombo do elefante e os cotovelos firmados sobre o largo crânio do paquiderme, de modo que as mãos lhe apoiassem a cabeça. E assim os dois iam vagarosamente em caminhada alegre para o ponto em que costumavam acampar os antropóides.

Estavam os dois amigos quase a chegar à clareira, vindos do norte, quando do lado do sul nela penetrou uma outra figura. Era um bem posto guerreiro negro que marchava cautelosamente, com todos os sentidos alerta, como convém a quem se acha arriscado aos inúmeros perigos, que de todas as partes espreitam o caminhante na selva. O negro havia passado pela sentinela, que vigiava no extremo sul do acampamento dos antropóides. O macaco deixara passar o Gomangani, sem molestá-lo, porque o vira sozinho. Mas logo que o selvagem penetrou na clareira um estrondoso “Kreeg-ah” fêz-se ouvir e ao brado de alarma da sentinela repetiram-se

inúmeros outros “Kreeg-ah” dos antropóides, que acudiam apressados das árvores em que se achavam.

Ao ouvir o primeiro grito, o guerreiro negro parou e olhou ao redor. Nada viu, mas compreendeu que estava cercado pelos grandes macacos que ele e os da sua raça tanto temiam não somente devido à ferocidade bem conhecida dos antropóides, como talvez ainda mais pelo terror supersticioso que aos negros inspirava a aparência humana daqueles animais da selva.

Mas Bulabantu, assim se chamava o selvagem, não era covarde. Sabia estar cercado pelos macacos e que lhe era provavelmente impossível escapar. Não se intimidou porém e ficou firme com o chuçó em punho, modulando nos lábios trêmulos o grito de guerra da sua gente. Bulabantu, o subchefe da tribo de Mbonga, estava disposto a vender caro a vida.

Tarzan e Tantor vinham muito próximo, quando ecoou pela floresta o primeiro “Kreeg-ah”. Como um relâmpago, o homem-macaco pulou da cabeça do elefante ao galho de

uma árvore e ainda ressoava o grito de alarma de Gazan e ele já estava às carreiras em demanda da clareira. Ao chegar ali encontrou uma dúzia de antropóides cercado um Gomangani. Com um rugido vibrante e capaz de fazer arrepios em quem não estivesse acostumado às vozes braviás da selva, Tarzan atirou-se à refrega. Odiava os Gomanganis e o ensejo de ajustar contas com um deles estimulava-lhe a ferocidade de animal de presa.

— Que fez este Gomangani? Matou alguém da tribo? Foram perguntas feitas pelo rapaz ao primeiro mono com que topou na clareira.

— Não, respondeu o antropóide, Gazan estava vigiando e, ao avistá-lo quando se avizinhava, avisou a tribo. Nada mais aconteceu.

O homem-macaco abriu caminho entre os companheiros que rodeavam o selvagem e que não haviam ainda atingido o grau de exaltação frenética em que teriam coragem para atacar. Foi então que Tarzan pôde ver bem o negro e reconheceu logo que era o mesmo Gomangani, que na véspera enfrentara tão corajosamente Numa, o leão, junto à fogueira. Ali estava um homem bravo e Tarzan dos Macacos admirava sempre entusiasticamente a bravura. Por muito intenso que fosse o seu rancor contra os negros, não era nele uma paixão tão forte, como a atração que lhe inspirava a coragem. Não hesitaria em qualquer outra circunstância em tomar parte no massacre de um Gomangani. Mas aquele negro, pela valentia que Tarzan testemunhara na noite anterior, ganhara a seu ver direito à vida. E é bem possível também que o rapaz na sua consciência de homem branco sentisse surgir mais uma vez a repugnância que lhe causava sempre a luta em condições que impediam um dos combatentes de

pelejar com probabilidade de êxito. Aquele valente negro, sozinho, não podia enfrentar tantos e tão fortes adversários. Combates em tais circunstâncias não agradavam a Tarzan dos Macacos. Voltando-se para os antropóides, disse-lhes imperiosamente:

— Voltem para onde estavam e continuem a comer. Deixem o Gomangani ir em paz para a sua aldeia. Ele não nos fez mal algum e ontem à noite eu o vi enfrentar com o

fogo Numa, o leão, e Sabor, a leoa. Este Gomangani é um bravo. Por que havemos de matar quem é valente e não nos fez mal? Deixemo-lo ir em paz.

Os macacos ficaram descontentes e puseram-se a rosnar.

— Matemos o Gomangani! gritou um deles.

— Sim, acrescentou outro, matemos o Gomangani e matemos também o Tarmangani.

— Matemos o macaco branco. Ele não é macaco, mas um Gomangani que perdeu a pele, exclamou Gazan.

— Vamos matar Tarzan, mata, mata, mata, rugiu enfurecido Gunto.

Os grandes machos da tribo de Kerchak começavam a ficar delirantes de raiva, como acontecia nos momentos em que a sua ferocidade natural os impelia ao combate. A fúria dos antropóides dirigia-se agora mais contra Tarzan que contra o Gomangani. Forçando o caminho por entre os macacos avançou uma forma felpuda que violentamente foi pondo em debandada os grandes monos, como um homem dispersaria um bando de crianças. Era Taug, o grande e feroz Taug.

— Quem falou aqui em matar Tarzan? perguntou enraivecido o antropóide. Quem quiser matar Tarzan, precisa matar primeiro Taug. E quem é capaz aí de matar Taug? Taug reduzirá vocês a farrapos e os atirárá para que sejam comidos por Dango.

— Nós podemos matar vocês todos, porque somos muitos e vocês poucos, disse Gunto. E incontestavelmente Gunto tinha razão. Tarzan compreendia que o macaco dissera a verdade e Taug percebia a mesma coisa. Mas nem um nem outro estariam dispostos a confessá-lo. Os grandes machos da tribo nunca confessavam essas coisas.

— Sou Tarzan, forte lutador e grande caçador. Em toda a selva não há ninguém tão forte como Tarzan.

Em réplica ao desafio, do homem-macaco, os antropóides do partido oposto, cada um por sua vez, afirmaram as suas virtudes e lembraram as suas proezas. E pouco a pouco os combatentes se iam aproximando para a luta corpo a corpo. É assim, com tais bravatas, que os macacos se excitam, até ficarem com ardor furioso para o

combate.

Gunto com as pernas tesas chegou bem perto de Tarzan arreganhando os dentes. O homem-macaco rosnou raivosamente. Estes preliminares que faziam parte da tática poderiam ser repetidos uma dúzia de vezes, antes de os contenedores chegarem às vias de fato. Mas afinal um dos atacantes começaria a lutar e então todo o grupo se lançaria sobre a presa, dilacerando-a com dentadas e unhas.

Bulabantu, o guerreiro negro, estava de olhos esgazeados, desde o momento em que Tarzan surgira entre os macacos. O Gomangani ouvira falar muito do deus branco da floresta, que vivia com os homens felpudos das árvores, mas nunca tivera oportunidade de vê-lo à luz do dia. Conhecia o deus branco pelas descrições dos que tinham podido observá-lo bem e já tivera mesmo ocasião de vê-lo de relance à noite, quando Tarzan penetrava na aldeia de Mbonga para perpetrar as suas tétricas brincadeiras.

Não podia Bulabantu compreender o que se passava entre Tarzan e os antropóides. Mas percebia vagamente que o demônio branco e um outro macaco estavam discutindo com os outros monos. O negro observou ainda que Tarzan e o outro antropeide estavam de costas para ele, enfrentando os outros macacos. Embora a coisa se lhe afigurasse extremamente improvável, Bulabantu teve a idéia de que Tarzan e Taug podiam estar a defendê-lo do resto da tribo. O selvagem lembrou-se que o demônio branco poupara uma vez a vida de Mbonga, o chefe, e que também havia socorrido Tibo e sua mãe, Momaia. Não era portanto impossível que ele protegesse Bulabantu. Mas como ele o conseguiria fazer, era coisa que o selvagem não compreendia, nem outro era o modo de ver de Tarzan, diante do número esmagador de probabilidades que teria contra si na luta.

Gunto e os outros antropóides iam fazendo Tarzan e Taug recuarem para o lugar em que se achava o negro. O homem-macaco apreendia bem a gravidade da situação. Lembrava-se de que pouco antes dissera a Tantor, o elefante, quanto lhe era agradável viver e como detestaria ter de morrer. Entretanto via que não poderia escapar à morte, porque contra ele se avolumava, como uma onda irresistível,

o furor dos antropóides enraivecidos. Estes sempre o haviam odiado, porque ele era diferente deles. Tarzan bem o sabia. Nos livros que encontrara na cabana à beira da grande água, aprendera que era um homem e portanto diferente dos macacos. Esta diferença agradava muito a Tarzan. Mas dentro em breve ele seria um homem morto.

Gunto preparou-se para o ataque. Tarzan conhecia a tática dos antropóides e não ignorava que quando Gunto arremettesse, todos os outros macacos cairiam sobre ele. E então o seu fim teria chegado. Nesse momento na folhagem, à orla da clareira, houve um estranho movimento como se um grande corpo houvesse agitado os arbustos e as ervas. Tarzan notou o que ocorrera e que também fora observado por

Gunto, o qual exatamente então dava o brado de combate e se atirava à luta. Tarzan soltou um curioso grito de chamada que os antropóides não conheciam e preparou-se para receber o ataque de Gunto. Taug pôs-se também em posição de luta e Bulabantu não tendo mais dúvida de que o demônio branco e o outro macaco o estavam defendendo, armou o chuço em riste e saltou entre Tarzan e Taug, pronto a enfrentar Gunto.

Simultaneamente um enorme vulto saiu da mata e avançou pela clareira na direção da retaguarda dos antropóides que iam atacar Tarzan, Taug e Bulabantu. O trombetear do paquiderme, que os macacos conheciam de sobra, dominou a gritaria da turba enfurecida. E não haviam estes ainda compreendido o que se passava e já Tantor, o elefante, rompia caminho por entre os monos para ir em defesa do seu amigo.

Gunto não chegou a tocar no homem-macaco. Nenhuma dentada derramou sangue de parte a parte. Espavoridos com a chegada do elefante, os antropóides saíram em carreira desabrida trepando às árvores, donde prorromperam em uma gritaria estridente de doestos e insultos. Taug também fugira para abrigar-se em uma árvore. Tarzan e Bulabantu ficaram firmes onde estavam. O negro não pensou em fugir, porque viu que Tarzan não se movia. E o valente selvagem não era homem capaz de escapar à morte, deixando em perigo quem arriscara a vida para salvá-lo.

Mas o corajoso negro ficou estupefato ao ver o enorme paquiderme estacar diante do demônio branco e acariciá-lo afetuosamente com a tromba.

Voltando-se para o Gomangani, Tarzan lhe disse na linguagem dos antropóides:

— Vá embora, e com um gesto indicou-lhe a direção da aldeia de Mbonga.

O selvagem não entendeu as palavras, mas compreendeu o gesto e não se demorou em cumprir a ordem. O homem-macaco ficou a observá-lo, até ele desaparecer nas brenhas. Tarzan sabia que os antropóides não o perseguiriam. Depois, voltando-se para o elefante, disse-lhe:

— Tantor, apanhe-me. E o paquiderme alçou na tromba a figura esbelta do homem-macaco, colocando-o sobre a sua larga cabeça.

Com voz forte que ressoou pela clareira o rapaz bradou aos antropóides empoleirados pelas árvores:

— Tarzan vai para o seu covil à beira da grande água. Todos vocês, com exceção de Taug e Teeka, são uns tolos, mais tolos que Manu, o mico. Taug e Teeka poderão vir ver Tarzan quando quiserem, mas os outros não se aproximem, porque Tarzan não quer mais saber da tribo de Kerchak.

E esporeando Tantor com um dos seus artelhos calosos, pôs em movimento o paquiderme gigante, que em marcha compassada atravessou a clareira,

desaparecendo na selva com Tarzan dos Macacos.

Antes de anoitecer, Taug, puxando uma briga com Gunto a propósito da sua agressão a Tarzan, matou o antro-póide que organizara a conspiração contra o homem-macaco.

Passou-se uma lua sem que a tribo tivesse notícias de Tarzan dos Macacos. Muitos provavelmente nunca pensaram na ausência do rapaz, mas entre os membros da tribo alguns havia que sentiam mais falta de Tarzan que este poderia imaginar. Taug e Teeka desejavam muito ver de volta o seu amigo, tendo várias vezes feito o projeto de ir visitar Tarzan em sua cabana. Entretanto, circunstâncias intercorrentes fizeram com que o macaco não realizasse o que desejava e ao cabo de um mês Taug também nada sabia sobre a vida que o homem branco levava no seu isolamento.

Uma noite Taug, sem sono, olhava para o céu, lem-brando-se das coisas estranhas que Tarzan lhe havia dito. O antropóide reconstituía a curiosa teoria do homem-macaco acerca das estrelas e da lua. Taug pensava se realmente as primeiras seriam os olhos reluzentes de grandes carnívoros, que na selva celeste estivessem à espreita para atacar e devorar Goro. Quanto mais Taug pensava sobre esse assunto, maior era o seu estado de agitação.

Perturbado por coisas que assim o lançavam em grande confusão, Taug, olhando mais uma vez para o céu, observou um fato estranho. Goro, a lua, brilhava no máximo do seu esplendor, mas em uma borda do disco notava-se uma chanfradura exatamente como se o corpo de Goro estivesse sendo dilacerado pelas mandíbulas de um possante devorador de carne. E à medida que o antropóide, cada vez mais assustado, fitava a lua, o disco branco ia ficando mais esburacado. Taug não se pôde conter. Ergueu-se aterrado e deu um estrondoso brado de alarme. O “Kreeg-ah” do robusto antropóide ressoou pela selva, pondo em sobressalto toda a tribo de Kerchak, que por entre gritos e vozerio acudiu ao sinal de Taug em uma ânsia de saber o que havia acontecido.

— Olhem, exclamou o antropóide apontando para a lua, está acontecendo o que Tarzan dissera. Lá está Numa, que saltou por cima do fogo e agora começa a devorar Goro. Vocês insultaram Tarzan e o fizeram deixar a tribo. Vejam agora como ele sabia o que dizia. E algum de vocês, que odiavam Tarzan, será capaz de salvar Goro? Olhem para aqueles olhos de fogo em roda de Goro, quem poderá salvar Goro senão Tarzan? Dentro em breve Goro estará devorado por Numa e nós não teremos mais luz quando Kudu se recolher ao seu covil para dormir. E sem a luz de Goro, como havemos de dançar o Dum-Dum?

— Vá buscar Tarzan! gritou um dos antropóides. E todos os outros em coro repetiram a mesma coisa. Um dos macacos ponderou então que Tarzan sem dúvida salvaria Goro, mas que não seria fácil ir buscá-lo agora no meio da escuridão da

selva.

— Eu irei, respondeu resolutamente Taug. E alguns instantes após o corajoso antropóide estava a caminho 'pelo meio da treva que envolvia a floresta, em demanda da cabana à beira da enseada apertada pela terra e junto à grande água.

Enquanto aguardavam o resultado da missão de Taug, os macacos olhavam assustados para a lua. Numa continuava a devorar Goro e metade do disco já havia desaparecido. Todos estavam tomados de uma ansiedade angustiosa. Antes de Kudu aparecer no horizonte, Goro teria sido completamente comido por Numa. Os macacos tremiam ao pensar que de ora em diante as noites seriam para sempre totalmente escuras. Toda a tribo estava agitada. Ninguém dormia. Os macacos moviam-se pelas árvores, acompanhando cada vez mais impressionados o espetáculo do Numa dos céus devorando sôfregamente o corpo luminoso de Goro. E ansiosamente esperavam a volta de Taug trazendo Tarzan.

Goro ia desaparecendo na goela voraz de Numa. Pouco restava a ser comido pela fera celeste, quando Taug e Tarzan chegaram. O homem-macaco em poucos momentos trepava aos últimos galhos da maior árvore que por ali havia e no alto fitou por algum tempo o céu. Tarzan empunhava o arco e trazia a tiracolo um carcás com flechas envenenadas. Tanto o arco como as flechas haviam sido roubados pelo rapaz da aldeia de Mbonga. Subindo ainda mais alto, Tarzan atingiu um ramo do pináculo da grande árvore, donde podia observar melhor o céu. Dali examinou bem Goro e verificou quanto Numa já devorara parte do seu corpo.

Erguendo a fronte para a lua, Tarzan lançou um brado de desafio. Um leão rugia na floresta, ecoando o grito do homem-macaco. Os antropóides, tremendo, diziam uns aos outros: É Numa do céu que está respondendo ao desafio de Tarzan.

Armando uma flecha no seu arco, Tarzan dos Macacos alvejou o coração de Numa que devorava Goro. A flecha subiu pelo espaço, enquanto o arco distendido vibrava com ruidosa trepidação. E mais uma e outra e ainda mais outra flecha foram arremessadas pelo Sagitário que socorria Goro agonizante. Os antropóides da tribo de Kerchak aconchegavam-se uns aos outros aterrorizados.

Foi Taug quem quebrou o silêncio com uma exclamação que fêz todos olharem para a lua quase desaparecida:

— Vejam, vejam. Numa está morto. Tarzan matou Numa. Goro começa a sair da barriga de Numa.

E o que Taug dizia era a pura verdade. Goro estava realmente escapando ao quer que fosse que o estivesse devorando. Se era Numa, o leão, ou a sombra da terra, é outra questão. Mas se algum de nós naquela noite tivesse querido convencer um dos antropóides da tribo de Kerchak que não fora do ventre de Numa, o leão, que o

homem-macaco salvara Goro, a lua, teria perdido o seu tempo e corrido mesmo o perigo de ver-se envolvido em uma briga muito séria.

E assim Tarzan voltou a viver com a tribo, tendo dado naquela noite um grande passo para a realeza que afinal veio a conquistar, porque depois de ter salvo Goro, os macacos passaram a considerá-lo um ser superior.

E em toda a tribo de Kerchak, só havia um indivíduo que entretinha dúvidas de Tarzan haver livrado Goro da voracidade de Numa. Por mais estranho que possa parecer, o cético era o próprio Tarzan dos Macacos.

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1: Primeiro amor de Tarzan](#)

[2: Tarzan capturado](#)

[3: O combate pelo balu](#)

[4: O Deus de Tarzan](#)

[5: Tarzan e o negrinho](#)

[6: O feiticeiro procura vingar-se](#)

[7: O fim de Bukawai](#)

[8: O leão](#)

[9: O pesadelo](#)

[10: Pelejando para salvar Teeka](#)

[11: O humorista da selva](#)

[12: A lua salva por Tarzan](#)